



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS- UFAM
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS-IFCHS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA-DEGEO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA-PPGEOG
DOUTORADO ACADÊMICO EM GEOGRAFIA

DALILA NAIARA COSTA HENRIQUE DA SILVA

GEOGRAFIA LITERÁRIA, VIVÊNCIAS TOPOFÓBICAS E TOPOFÍLICAS DO
SER MIGRANTE: MACABÉA CLARICEANA E AS MACABÉAS DE MANAUS
EM BUSCA DE SEU LUGAR

MANAUS/AM
2026

DALILA NAIARA COSTA HENRIQUE DA SILVA

GEOGRAFIA LITERÁRIA, VIVÊNCIAS TOPOFÓBICAS E TOPOFÍLICAS DO SER
MIGRANTE: MACABÉA CLARICEANA E AS MACABÉAS DE MANAUS EM BUSCA
DE SEU LUGAR

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, do Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Amazonas como requisito para a obtenção do título de Doutor (a) em Geografia. Linha de Pesquisa: Espaço, Território e Ambiente.

ORIENTADORA:
DRA. AMÉLIA REGINA BATISTA NOGUEIRA
PPGEOG-UFAM

MANAUS/AM
2026

Ficha Catalográfica

Elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

-
- S586g Silva, Dalila Naiara Costa Henrique da
 Geografia Literária, vivências toponímicas e toponímicas do Ser migrante:
 Macabéa Clariceana e as Macabéas de Manaus em busca de seu Lugar /
 Dalila Naiara Costa Henrique da Silva. - 2026.
 237 f. : il., color. ; 31 cm.
- Orientador(a): Amélia Regina Batista Nogueira.
 Tese (doutorado) - Universidade Federal do Amazonas, Programa de
 Pós-Graduação em Geografia, Manaus, 2026.
1. Migração. 2. Lugar. 3. Geografia Humanista. 4. Memórias. 5. A hora
 da estrela. I. Nogueira, Amélia Regina Batista. II. Universidade Federal do
 Amazonas. Programa de Pós-Graduação em Geografia. III. Título
-

DALILA NAIARA COSTA HENRIQUE DA SILVA

GEOGRAFIA LITERÁRIA, VIVÊNCIAS TOPOFÓBICAS E TOPOFÍLICAS DO SER
MIGRANTE: MACABÉA CLARICEANA E AS MACABÉAS DE MANAUS EM BUSCA
DE SEU LUGAR

Tese de Doutorado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Geografia, da Universidade Federal
do Amazonas como requisito para a
obtenção do título de Doutor (a) em
Geografia. Linha de Pesquisa:
Espaço, Território e Ambiente.

Aprovada em 30 de junho de 2026

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Amélia Regina Batista Nogueira
Universidade Federal do Amazonas

Profa. Dra. Adriana Carvalho Silva
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Jamescley Almeida de Souza
Secretaria Municipal de Educação de Manaus

Profa. Dra. Paola Verri de Santana
Universidade Federal do Amazonas

Prof. Dr. Marcos Castro de Lima
Universidade Federal do Amazonas

Manaus, 2026

A todas e todos os sujeitos migrantes que se deslocaram em busca de um (re)começo e fizeram da cidade de destino o seu LUGAR.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela oportunidade de chegar a esse momento de conclusão do meu curso de doutorado em Geografia, um sonho que parecia tão distante, mas que Deus em sua infinita graça concretizou em minha vida.

Sou grata ao meu companheiro de vida, Walter Braga da Silva, que em muitos momentos contribuiu com a construção desse trabalho, com suas falas críticas e discussões teóricas dessa temática, também agradeço por sua compreensão nesses momentos finais da elaboração dessa tese, obrigada meu Historiador e Mestre em Ciências Humanas favorito!

Agradeço a paciência e generosidade de meu filho, Jorginho, que sempre me motivou com suas palavras para que eu agilizasse a escrita da tese, obrigada meu filho!

Agradeço a minha mãe, que sempre enfrentou os desafios da vida lançando-se ao mundo e por me trazer para Manaus, fazendo desse o nosso lugar.

Agradeço a minha sogra (*in memoriam*) que sempre estará em meu coração, poder ter convivido com uma mulher tão sábia e tão generosa foi uma dádiva dos céus.

Agradeço a meu padrasto por todo o carinho, a meus primos e primas por todo afeto e amor.

Agradeço aos meus tios e tias pela convivência que tivemos durante minha infância.

Sou grata a meus irmãos por todo o carinho e palavras de incentivo.

Agradeço as minhas cunhadas e cunhados, por todos os momentos de lazer, celebrações e cervejinhas compartilhados.

Agradeço com imenso carinho, a minha Orientadora, Profa. Dra. Amélia Regina Batista Nogueira (UFAM) por mais uma vez, acreditar em minha temática de pesquisa e me permitir fazer parte do seu cotidiano afetuoso e generoso.

Agradeço a todas as Macabéas de Manaus que me ajudaram a construir essa pesquisa, obrigada por seus relatos, nossa caminhada empírica foi fundamental para percebermos como a Macabéa Clariceana ressoa na vida cotidiana.

Agradeço ao Servidor do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) Sr. Adjalma Nogueira Jacques por ter me recebido na sede do IBGE Manaus.

Agradeço, a Profa. Dra. e biógrafa de Clarice Lispector, Teresa Montero por ter me recebido no Rio de Janeiro de forma tão agradável e genuína, por ter me escutado e dialogado diversas vezes comigo sobre Clarice Lispector!

Agradeço a minha banca de qualificação do Doutorado, Prof. Dr. Tiago Vieira Cavalcante da Universidade Federal do Ceará e Prof. Dr. Jamescley Almeida de Souza, Servidor da Prefeitura de Manaus. Obrigada pelo rigor científico com o qual me avaliaram e pelos caminhos apontados durante a qualificação que me conduziram até esse momento.

Agradeço aos momentos de diálogo e amadurecimento epistemológicos compartilhados com o as referências em Geografia Literária no Brasil, Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro, da Universidade Federal de Goiás (UFG); Prof. Dr. Júlio César Suzuki, da Universidade de São Paulo (USP); e pela atenção e esclarecimentos teóricos do Prof. Dr. Felipe Moura Fernandes, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/FFP).

Agradeço aos membros do Grupo de Pesquisa Geolit: Geografia e Literatura da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), pela caminhada epistemológica e fraternal que compartilhamos. Também agradeço à nossa Coordenadora, renomada pesquisadora da Geografia Literária no Brasil, Profa. Dra. Adriana Carvalho Silva, por nos proporcionar um espaço essencial de diálogo e construção coletiva do conhecimento.

Agradeço aos membros que compuseram minha banca de Defesa, pelas reflexões e caminhos apontados durante a arguição. Gratidão à Profa. Dra. Paola Verri de Santana e ao Prof. Dr. Marcos Castro de Lima.

Agradeço a todos os Professores, Pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEOG) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), pela valiosa contribuição em minha formação.

Minha gratidão aos Servidores da Biblioteca da Universidade Federal do Amazonas, cuja dedicação e trabalho contribuíram significativamente para o desenvolvimento desta tese.

Agradeço aos Colegas da minha turma de Doutorado, foi muito bom conviver com vocês!

À CAPES (Código de Financiamento 001), à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM), e ao CNPq pelo apoio financeiro ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFAM (PPGEOG-UFAM).

Sou grata a todos que de forma direta ou indireta me auxiliaram para chegar a esse momento.

Muito obrigada!

TRAVESSIA

Milton Nascimento e Fernando Brant

Quando você foi embora
fez-se noite em meu viver
forte eu sou mas não tem jeito
hoje eu tenho que chorar
minha casa não é minha
e nem é meu este lugar
estou só e não resisto
muito tenho pra falar

Solto a voz nas estradas
já não quero parar
meu caminho é de pedra
como posso sonhar
sonho feito de brisa
vento vem terminar
vou fechar o meu pranto
vou querer me matar

Vou seguindo pela vida
me esquecendo de você
eu não quero mais a morte
tenho muito que viver
vou querer amar de novo
e se não der não vou sofrer
já não sonho
hoje faço com meu braço meu viver.

RESUMO

Esta pesquisa fundamenta-se na perspectiva da Geografia Humanista Cultural, alicerçada na fenomenologia, voltando-se para a compreensão das dimensões subjetivas da migração. Parte-se da concepção do migrante como um ser-no-mundo, constituído por experiências, memórias e vivências singulares, cuja presença na cidade ultrapassa os limites das interpretações fundamentadas em dados demográficos. Nessa perspectiva, buscou-se compreender as trajetórias de vida e as experiências existenciais do ser migrante, evidenciando seus sonhos, esperanças que os motivaram a se deslocar de sua terra natal em direção a uma nova cidade. Assim, a tese desenvolve um diálogo entre Geografia, Literatura e migração, articulando a experiência migrante de Macabéia, protagonista do romance *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, e as narrativas de memória de mulheres migrantes residentes na cidade de Manaus. A partir desse entrelaçamento, buscou-se compreender como as experiências topofóbicas e topofílicas se manifestam tanto na narrativa literária quanto nas vivências das participantes da pesquisa. Inicialmente, o percurso da pesquisa é conduzido pela narrativa clariceana, acompanhando a trajetória de Macabéia, que migra do Nordeste para o Rio de Janeiro em busca da chamada “*cidade maravilhosa*”. Contudo, ao chegar ao destino, a personagem vivencia diferentes formas de exclusão, invisibilidade e não pertencimento, experienciando a topofobia em sua dimensão mais profunda. Ao relacionar essa trajetória às narrativas das mulheres migrantes entrevistadas em Manaus, constatou-se que o primeiro contato com a cidade de destino frequentemente é marcado por estranhamentos, discriminações e manifestações de xenofobia. Entretanto, com o passar do tempo, o sujeito migrante pode vivenciar experiências topofílicas que contribuem para a construção de vínculos afetivos e do sentimento de pertencimento ao lugar. A presente pesquisa foi desenvolvida por meio de uma abordagem qualitativa, orientada pelos pressupostos da subjetividade. Nessa perspectiva, o trabalho de campo não se pautou pela definição prévia de um número específico de participantes, mas pela disponibilidade das mulheres migrantes em compartilhar conosco suas memórias, narrativas e experiências de vida. O percurso metodológico conduziu-nos ao espaço geográfico da cidade de Manaus, onde buscamos conhecer, *in loco* histórias de mulheres que migraram impulsionadas por sonhos e expectativas, mas que encontraram na cidade de destino, desafios, dificuldades e experiências de superação. As colaboradoras da pesquisa foram exclusivamente mulheres migrantes residentes em Manaus, o que possibilitou o entrelaçamento entre a experiência da Macabéia Clariceana e as múltiplas histórias das Macabéas de Manaus, revelando diferentes formas de viver, sentir e construir o lugar a partir da experiência migratória. Com os resultados da pesquisa evidencia-se o sofrimento, a invisibilidade e as múltiplas formas de exclusão vivenciadas pelo ser migrante empobrecido na cidade grande, tanto na narrativa literária quanto nas experiências das mulheres migrantes participantes da pesquisa. Essas narrativas de mundo demonstraram que para além das adversidades, cada sujeito constrói uma trajetória singular, marcada por sonhos e esperança. Nesse sentido, a tese reafirma a importância de reconhecer o migrante em sua condição existencial, valorizando suas experiências, memórias e sentidos de construção do lugar como dimensões essenciais para a compreensão do fenômeno da migração.

Palavras-chave: Migração; Lugar; Geografia Humanista; Memórias; *A hora da estrela*.

ABSTRACT

This research is grounded in the perspective of Humanistic Cultural Geography, based on phenomenology, and is devoted to understanding the subjective dimensions of migration. It is founded on the conception of the migrant as a *being-in-the-world*, constituted by unique experiences, memories, and lived realities, whose presence in the city extends beyond interpretations based solely on demographic data. From this perspective, the study seeks to understand the life trajectories and existential experiences of migrants, highlighting the dreams and hopes that motivated them to leave their homeland in search of new life in another city. Accordingly, this dissertation establishes a dialogue between Geography, Literature, and migration by articulating the migratory experience of Macabéa, the protagonist of Clarice Lispector's novel *The hour of the star*, with the memory narratives of migrant women living in the city of Manaus. Through this interweaving, the study examines how topophobic and topophilic experiences are manifested both in the literary narrative and in the lived experiences of the research participants. Initially, the research follows Clarice Lispector's narrative, tracing Macabéa's journey from Northeastern Brazil to Rio de Janeiro in search of the so-called "*marvelous city*". Upon arriving, however, the character encounters different forms of exclusion, invisibility, and nonbelonging experiencing topophobia in its deepest dimension. By relating this trajectory to the narratives of migrant women interviewed in Manaus, the study found that the first contact with the destination city is frequently marked by estrangement, discrimination, and manifestations of xenophobia. Nevertheless, over time, migrants may develop topophilic experiences that contribute to the construction of emotional bonds and a sense of belonging to place. This research adopted a qualitative approach guided by the assumptions of subjectivity. In this perspective, the fieldwork was not based on a predetermined number of participants, but rather on the willingness of migrant women to share their memories, narrative, and life experiences. The methodological path led us to the geographical space of the city of Manaus, where we sought, *in loco*, to learn the stories of women migrated driven by dreams and expectations but who encountered challenges, hardships, and experiences of resilience in the destination city. The research collaborators consisted exclusively of migrant women living in Manaus, making it possible to intertwine the experience of Clarice Lispector's Macabéa with the multiple stories of the "Macabéas of Manaus" thereby revealing different ways of living, feeling, and constructing a sense of place through the migratory experience. The findings reveal the suffering, invisibility, and multiple forms of exclusion experienced by impoverished migrants in large cities, both in the literary narrative and in the lived experiences of the migrant women who participated in the research. These life narratives demonstrate that, beyond adversity, each individual constructs a unique trajectory marked by dreams and hope. In this sense, the dissertation reaffirms the importance of recognizing migrants in their existential condition by valuing their experiences, memories, and meanings of place-making as essential dimensions for understanding the phenomenon of migration.

Keywords: Migration; Place; Humanistic Geography; memory; *The hour of the star*.

RESUMEN

Esta investigación se fundamenta en la perspectiva de la Geografía Humanista Cultural, sustentada en la fenomenología, y se orienta hacia la comprensión de las dimensiones subjetivas de la migración. Se parte de la concepción del migrante como un ser-en-el-mundo, constituido por experiencias, memorias y vivencias singulares, cuya presencia en la ciudad trasciende los límites de las interpretaciones basadas exclusivamente en datos demográficos. Desde esta perspectiva, se buscó comprender las trayectorias de vida y las experiencias existenciales del ser migrante, poniendo de relieve los sueños y las esperanzas que motivaron su desplazamiento desde su lugar de origen hacia una nueva ciudad. En este sentido, la tesis desarrolla un diálogo entre Geografía, Literatura y migración, articulando la experiencia migratoria de Macabéa, protagonista de la novela *La hora de la estrella*, de Clarice Lispector, con las narrativas de memoria de mujeres migrantes residentes en la ciudad de Manaus. A partir de este entrelazamiento, se procuró comprender como las experiencias topofóbicas y topofílicas se manifiestan tanto en la narrativa literaria como en las vivencias de las participantes de la investigación. Inicialmente, el recorrido de la investigación es conducido por la narrativa clariceana, acompañando la trayectoria de Macabéa, quien migra del Nordeste de Brasil hacia Río del Janeiro en busca de la llamada “ciudad maravillosa”. Sin embargo, al llegar a su destino, la protagonista experimenta diversas formas de exclusión, invisibilidad y falta de pertenencia, vivenciando la topofobia en su dimensión más profunda. Al relacionar esta trayectoria con las narrativas de las mujeres migrantes entrevistadas en Manaus, se constata que el primer contacto con la ciudad de destino suele estar marcado por el extrañamiento, la discriminación y diversas manifestaciones de xenofobia. No obstante, con el transcurso del tiempo, el sujeto migrante puede experimentar vivencias topofílicas que favorecen la construcción de vínculos afectivos y del sentimiento de pertenencia al lugar. La presente investigación fue desarrollada mediante un enfoque cualitativo, orientado por los presupuestos de la subjetividad. En esta perspectiva, el trabajo de campo no estuvo determinado por la definición previa de un número específico de participantes, sino por la disposición de las mujeres migrantes a compartir con nosotros sus memorias, narrativas y experiencias de vida. El recorrido metodológico nos condujo al espacio geográfico de la ciudad de Manaus, donde buscamos conocer, *in situ*, las historias de mujeres que migraron impulsadas por sueños y expectativas, pero que encontraron en la ciudad de destino desafíos, dificultades y experiencias de superación. Las colaboradoras de la investigación fueron exclusivamente mujeres migrantes residentes en Manaus, lo que posibilitó el entrelazamiento entre la experiencia de la Macabéa Clariceana y las múltiples historias de las Macabéas de Manaus, revelando diferentes formas de vivir, sentir y construir el lugar a partir de la experiencia migratoria. Los resultados de la investigación evidencian el sufrimiento, la invisibilidad y las múltiples formas de exclusión experimentadas por el ser migrante empobrecido en la gran ciudad, tanto en la narrativa literaria como en las experiencias de las mujeres migrantes participantes de la investigación. Estas narrativas de vida demostraron que, más allá de las adversidades, cada sujeto construye una trayectoria singular, marcada por sueños y esperanza. En este sentido, la tesis reafirma la importancia de reconocer al migrante en su condición existencial, valorando sus experiencias, memorias y sentidos de construcción del lugar como dimensiones esenciales para la comprensión del fenómeno migratorio.

Palabras clave: Migración; Lugar; Geografía Humanista; Memorias; *La hora de la estrella*.

ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 1 - ARCABOUÇO TEÓRICO CONCEITUAL.....	31
FIGURA 2 - CONCEITOS ESSENCIAIS DA PESQUISA.....	58
FIGURA 3 - EXPERIÊNCIAS DO LUGAR NA VIVÊNCIA MIGRANTE.....	62
FIGURA 4 - GEOGRAFICIDADE E AS EXPERIÊNCIAS TOPOFÓBICAS E TOPOFÍLICAS.....	66
FIGURA 5 - VIVÊNCIAS DA MACABÉA CLARICEANA.....	92
FIGURA 6 - CARTAZ DO FILME A HORA DA ESTRELA, 1985.....	96
FIGURA 7 - MACABÉA VISLUMBRANDO A BAÍA DE GUANABARA, NO RIO DE JANEIRO.....	99
FIGURA 8 - MACABÉA CLARICEANA E GLÓRIA, LANCHANDO JUNTAS.....	105
FIGURA 09 – PRINCÍPIOS NORTEADORES NO ESTUDO DA GEOGRAFIA E LITERATURA.....	109
FIGURA 10 – MACABÉA CLARICEANA EM CONSULTA COM MADAMA CARLOTA.....	113
FIGURA 11 – ESTÁTUA DE CLARICE LISPECTOR NO RIO DE JANEIRO.....	118
FIGURA 12 – FEIRA DE SÃO CRISTÓVÃO, ZONA NORTE DO RIO DE JANEIRO.....	121
FIGURA 13 – REGIÃO PORTUÁRIA DE MANAUS.....	127
FIGURA 14 – O IR E VIR NA REGIÃO PORTUÁRIA DE MANAUS.....	128
FIGURA 15 – ENTRADA DA FEIRA MANAUS MODERNA.....	131
FIGURA 16 – DINÂMICA COTIDIANA SOCIAL NA FEIRA MANAUS MODERNA.....	132
FIGURA 17 – ENTRADA DA FEIRA DO PRODUTOR.....	133
FIGURA 18 – INTERIOR DA FEIRA DO PRODUTOR.....	133
FIGURA 19 – FACHADA EXTERNA DA FEIRA DA COMPENSA, ZONA OESTE DE MANAUS/AM.....	134
FIGURA 20 – AMBIENTE INTERNO DA FEIRA DA COMPENSA, ZONA OESTE DE MANAUS/AM.....	135
FIGURA 21 – MACABÉA DA INFÂNCIA SUBTRAÍDA.....	143
FIGURA 22 – MACABÉA DO ALVORECER.....	148
FIGURA 23 – MACABÉA DO FARDO.....	150
FIGURA 24 – MACABÉA DO CUIDADO PATERNO.....	160
FIGURA 25 – INTERIOR DO LOCAL DE TRABALHO DA MACABÉA DAS RAÍZES ANCESTRAIS.....	163
FIGURA 26 – MACABÉA DAS RAÍZES ANCESTRAIS.....	168
FIGURA 27 – MACABÉA DAS ERVAS DA AM.....	173
FIGURA 28 – MACABÉA DAS LETRAS.....	181
FIGURA 29 – MACABÉA INSUBMISSA.....	195
FIGURA 30 – MACABÉA INSUBMISSA E SEUS FUNCIONÁRIOS.....	195
FIGURA 31 - BANCA DA MACABÉA DAS AMARRAÇÕES AMOROSAS.....	196
FIGURA 32 – BARCOS NO PORTO DE MANAUS/AM.....	215

ÍNDICE DE QUADROS

QUADRO I – MACABÉAS DE MANAUS E SEU LUGAR NATAL.....	130
QUADRO II – PILARES DO DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA.....	206

SUMÁRIO

ESTAÇÃO INICIAL DAS MACABÉAS.....	17
PRIMEIRA TRAVESSIA: PLURALIDADE EPISTEMOLÓGICA: GEOGRAFIA LITERÁRIA E MIGRAÇÃO.....	37
1.1. Caminhos Interpretativos na Geografia Literária.....	38
1.2. Migração: Experiência Vivida e Construção do Sentido de Lugar.....	46
1.3. Conceitos Espaço e Lugar na Geografia Humanista Cultural.....	51
1.4. Vivência Migrante e Geograficidade.....	64
1.5. Vivência Migrante e Memória.....	69
SEGUNDA TRAVESSIA: MACABÉA CLARICEANA E O DESEJO POR UM LUGAR TOPOFÍLICO.....	78
2.1. As Dificuldades Existenciais da Macabéia Clariceana.....	82
2.2. Esperança e Topofilia na Vivência Migrante da Macabéia Clariceana.....	97
2.2.1. Macabéia Clariceana e Glória: Reconhecimento da Existência da Nordestina.....	101
2.2.2. Macabéia Clariceana: Esperança, Ilusão e Morte.....	107
2.3. Clarice Lispector e a Construção do Mundo de Macabéia.....	117
TERCEIRA TRAVESSIA: MACABÉAS DE MANAUS: MEU LAR É ONDE ESTOU.....	125
3.1. MACABÉAS QUE MIGRARAM PARA ESTUDAR EM MANAUS.....	135

3.1.1. Trajetória de Vida da Macabéa da Infância	
Subtraída.....	135
3.1.2. Trajetória de Vida da Macabéa do	
Alvorecer.....	144
3.1.3. Trajetória de Vida da Macabéa do	
Fardo.....	149
3.2. MACABÉAS QUE MIGRARAM ACOMPANHANDO PAIS E	
MÃES.....	155
3.2.1. Trajetória de Vida da Macabéa do Cuidado	
Paterno.....	155
3.2.2. Trajetória de Vida da Macabéa das Raízes	
Ancestrais.....	162
3.2.3. Trajetória de Vida da Macabéa das Ervas da	
AM.....	171
3.3. MACABÉAS QUE MIGRARAM EM BUSCA DE	
AUTONOMIA.....	178
3.3.1. Trajetória de Vida da Macabéa das	
Letras.....	178
3.3.2. Trajetória de Vida da Macabéa	
Insubmissa.....	186
3.3.3. Trajetória de Vida da Macabéa das Amarrações	
Amorosas.....	196
QUARTA TRAVESSIA: MACABÉA CLARICEANA ECOA NAS MACABÉAS DE	
MANAUS.....	205
4.1. Geografia Literária e a Vivência	
Migrante.....	208
4.2. Ser Migrante e a Cidade: Espaço de	
Exclusão.....	212
4.3. Ressonância e Repercussão na Vivência Migrante: Macabéa Clariceana Ecoa nas	
Macabéas de	
Manaus.....	217
ESTAÇÃO FINAL DAS MACABÉAS.....	222
REFERÊNCIAS.....	227

ANEXOS.....	231
--------------------	------------

ESTAÇÃO INICIAL DAS MACABÉAS

A presente tese buscou compreender os aspectos subjetivos do fenômeno “*migração*”, analisando o deslocamento dos indivíduos pelas cidades a partir da perspectiva da Geografia Humanista Cultural em diálogo com a *fenomenologia*. Pretendeu-se refletir sobre a experiência migrante na cidade por meio da interface da Geografia Literária. Nesse sentido, refletimos inicialmente sobre a migração através da obra *A hora da estrela*, interligando Geografia, Literatura e o mundo da vida, para posteriormente dialogarmos com as vivências de mulheres migrantes na cidade de Manaus.

A pesquisa se desenvolveu a partir de concepções epistêmicas, (re)conhecendo a essência humana por meio de simbolismos, signos, sentimentos, significados e das singularidades vivenciadas pelo ser migrante, que muitas vezes têm sua existência evidenciada através dos dados estatísticos, sendo esquecido enquanto sujeito.

Nossa reflexão teve como ponto de partida a personagem Macabéia, protagonista do livro *A hora da estrela*, da escritora Clarice Lispector. Macabéia é uma jovem migrante que sai de Alagoas para o Rio de Janeiro, carregando consigo sonhos e esperanças.

Desse modo, buscamos estabelecer uma aproximação entre a experiência migrante de Macabéia e as experiências de mulheres migrantes em Manaus. Nesse sentido, ressaltamos que a pesquisa articulou duas dimensões: a personagem clariceana, tomada como referência literária e simbólica, e as mulheres migrantes com as quais dialogamos durante o trabalho de campo.

A escolha por dialogar apenas com mulheres decorreu da intenção de relacionar o universo literário clariceano às vivências, às dificuldades e às formas de (re)significação da experiência migrante. A pesquisa trata de uma realidade marcadamente feminina fundamentada na sensibilidade, na escuta e na experiência das migrantes.

As mulheres migrantes entrevistadas compartilharam memórias, trajetórias e experiências de vida, sendo identificadas no decorrer da pesquisa como “Macabéas de Manaus”, que assim como a Macabéia Clariceana, chegaram ao lugar de destino e encontraram uma realidade distinta daquela que as motivou a migrar. A experiência migratória revelou-lhes processos de estranhamento, adaptação e (re)construção do lugar, dessa forma, a pesquisa também se desenvolveu no cotidiano da cidade de Manaus.

No percurso de desenvolvimento da tese, a pesquisa passou por redefinições teóricas e metodológicas. Inicialmente, nossa proposta consistia em refletirmos sobre a temática da migração a partir da interface entre Geografia, Literatura e Ensino, ainda tomando como

referência a obra *A hora da estrela*. Naquele momento, pretendíamos desenvolver o estudo na Escola de Ensino Básico na qual eu atuava. Nessa perspectiva inicial, os sujeitos da pesquisa seriam pais, mães e responsáveis dos alunos e que fossem migrantes em Manaus. Assim, relacionaríamos as experiências desses indivíduos adultos que constituem a comunidade escolar ao mundo vivido da personagem Macabéa, a pesquisa partiria do seguinte questionamento existencial: *Manaus é seu lugar?*

Entretanto, ao longo do doutorado, com o amadurecimento teórico e metodológico da pesquisa, associado às leituras e releituras de obras, especialmente de *A hora da estrela*, nos conduzimos por outras abordagens interpretativas. Assim, ao imergirmos de maneira mais intensa na Geografia Humanista Cultural e na Geografia Literária, percebemos a possibilidade de compreender a experiência migrante para além do espaço escolar e direcionamos o olhar para o cotidiano da cidade e para as subjetividades presentes no mundo vivido das mulheres migrantes. Desse modo, estabelecemos uma aproximação existencial entre a personagem Macabéa e a realidade de mulheres migrantes que fizeram de Manaus seu lugar.

Assim, ao relacionarmos Geografia e Literatura voltamo-nos para a realidade da cidade de Manaus, interligando a condição existencial do migrante narrada na obra *A hora da estrela*, com nossa leitura da realidade.

Portanto, entrelaçamos Geografia e Literatura para compreender a realidade do ser migrante em Manaus, refletindo tanto nas migrações internas ou interestaduais, compreendidas como o deslocamento físico de pessoas provenientes de diferentes Estados e cidades do Brasil, para Manaus, quanto nas migrações interioranas, ou seja, os amazonenses nascidos em municípios do interior do Estado que se deslocaram para a capital.

Guiadas pela narrativa clariceana, construímos um diálogo entre a ciência geográfica e a Literatura, com o objetivo de identificarmos migrantes que assim como Macabéa Clariceana, buscaram reconstruir seu lugar topofílico na cidade de destino.

Diante dessas multiplicidades de reflexões ontológicas percebemos durante o campo, que as Macabéas de Manaus, atualmente, sentem-se pertencentes a esta cidade, mas nem sempre foi este o sentimento que a cidade lhes transmitia. No percurso de chegada, a cidade se apresentou indiferente e estranha, refletindo-se como um *espaço* repleto de desafios; experiência semelhante à vivida por Macabéa, na narrativa clariceana.

Portanto, pautamo-nos nesta obra para descrever as relações cotidianas entre os migrantes e os indivíduos que nasceram na cidade de Manaus, os manauaras, todavia, essa relação entre esses sujeitos expõe experiências de exclusão e discriminação, revelando o sentido

topofóbico de lugar, como ressalta Edward Relph (2014): “[...]. É importante lembrar que lugar pode ter um lado muito feio” (Relph, 2014, p. 29).

Ao chegar à cidade, o migrante sonha com um espaço de acolhimento, de pertencimento, idealizando essa cidade como o *lugar* onde concretizará seus sonhos no entanto¹ quando passa a viver na cidade que idealizou, o ser migrante percebe que esse *espaço* o rejeita, o discrimina, fazendo sentir-se um estranho, alguém que não pertence a esse lugar.

Através da obra *A hora da estrela*, somos convidados a pensar na condição existencial do migrante, que se desloca de seu lugar de origem e se depara com um cotidiano de exclusão, marcado pela topofobia, ou seja, sua relação cotidiana com aquela cidade não revela amor, ou afeto, mas lhe faz experienciar o medo, a exclusão e a discriminação sociocultural. Macabéa vivencia constantemente essas situações de forma dolorosa e silenciosa.

Neste sentido, podemos afirmar que ao chegar o sujeito migrante encontra uma cidade desconhecida, compreendida nesse estudo como *espaço*, entretanto, com o passar do tempo, essa experiência inicial pode se modificar e o *espaço* estranho da cidade pode transformar-se em *lugar* para o ser migrante.

Ao redigir estas páginas, percebo que o fenômeno geográfico “*migração*” novamente conduz minha pesquisa. Tanto no mestrado quanto no doutorado, esse conceito tem sido essencial na tessitura teórica do meu percurso acadêmico, abordado a partir da perspectiva qualitativa.

No mestrado, me concentrei na compreensão das manifestações culturais trazidas pelos migrantes para Manaus, tendo como princípio norteador o entendimento de que o migrante não se desloca sozinho: carrega consigo suas memórias, histórias, sotaques, religiosidades, músicas e outras expressões simbólicas que representam sua cultura e seu lugar de origem, especialmente os gêneros musicais.

Essas manifestações repercutem nas vivências culturais do ser migrante na cidade, configurando uma paisagem sonora polissêmica em Manaus, onde podemos ouvir cotidianamente, brega paraense, carimbó, forró nordestino, samba, funk, reggae... A partir desta pesquisa publiquei o livro *Migração e Música: Memórias afetivas revividas pelas canções dos lugares*. Dessa forma, me aproximei do estudo da migração inspirada por sua dimensão cultural, guiada pela abordagem da Geografia Humanista Cultural.

^{1.} Não nos utilizaremos da vírgula na conjunção adversativa *no entanto* assim como Clarice Lispector fazia em suas obras.

Em minha trajetória migração é mais que um conceito, mais do que um fenômeno, mais do que uma temática de pesquisa que me acompanha há quase uma década. Esse deslocamento físico, humano e social, que conduz pessoas a diferentes cidades, estados, paisagens e lugares, também faz parte da minha vivência, pois aos quatorze anos de idade, minha mãe e eu migramos definitivamente do Estado do Pará para Manaus, após o assassinato de meu pai no garimpo de Itaituba /PA.

Portanto, no sentido da realidade da vida, esse fenômeno também foi experienciado por mim, como nos diz Maurice Halbwachs: “O primeiro testemunho que podemos recorrer será sempre o nosso” (Halbwachs, 2006, p.29). Ao me propor a trabalhar com memórias na perspectiva social do fenômeno migração, recorro a minha experiência de vida, como migrante na cidade de Manaus, conhecendo e me (re)conhecendo nas diferentes narrativas desta trajetória.

Todavia, este estudo não se volta para minha trajetória pessoal, mas para as histórias de pessoas que vivenciaram os desafios da migração e conseguiram reconstruir o seu lugar topofílico em uma nova cidade de moradia. As protagonistas desta pesquisa, compartilharam conosco suas experiências, memórias e trajetórias, permitindo-nos compreender como se dá o processo de formação de vínculos afetivos com o lugar. Percebemos que o sentimento que essas mulheres nutrem pela capital do Estado do Amazonas é permeado por amor, afeto e pertencimento. Mas, desenvolver esse vínculo com a cidade foi fácil? Foi imediato?

Ao refletirmos sobre as narrativas compartilhadas durante a construção deste estudo, a resposta é simples: NÃO. A adaptação dessas mulheres migrantes nem sempre foi fácil, antes de se sentirem parte desta cidade, sentirem que pertencem a este lugar, as Macabéas de Manaus, enfrentaram discriminações por serem paraenses, maranhenses ou do interior do Amazonas, essa experiência xenofóbica é semelhante daquela vivida por Macabéia na cidade do Rio de Janeiro.

O cotidiano do migrante empobrecido na cidade grande por vezes é permeado por crueldade, experiências xenofóbicas, discriminações econômicas e socioculturais. Ao vivenciar o Rio de Janeiro, a Macabéia Clariceana percebeu que aquela não seria uma “*cidade maravilhosa*” para ela, a jovem migrante constantemente chamada de “*a nordestina*” por Clarice Lispector, era frequentemente criticada, humilhada, desvalorizada e desqualificada por todas as personagens de seu cotidiano. Aos olhos dos outros, embora Macabéia tivesse apenas dezenove anos, ela era um ser cansado, sem brilho e sem vida.

Macabéa era uma jovem doente, de saúde bastante debilitada, seu corpo era murcho, seco, não radiava saúde, alegria ou felicidade, características físicas próprias da juventude. Talvez, por isso Macabéa tenha sofrido tanto no Rio de Janeiro, ela não comovia as pessoas de seu convívio social, pois em um mundo tão difícil para as mulheres, esta personagem não tinha beleza física, assim, ninguém se compadecia do seu sofrimento, ninguém a ajudava, nem mesmo Olímpico de Jesus, seu namorado (Lispector, 2017).

Para as demais personagens de *A hora da estrela*, Macabéa não possuía relevância, suas opiniões, seus gostos, sua maneira simples de se vestir, seu sotaque e sua origem, não tinham importância alguma, parecia não existir, ela era alguém?

Nem mesmo a própria Macabéa se reconhece como um sujeito; ela era “*despreparada para a vida*”, a descreve Clarice Lispector. Ao andar pelas ruas, a *nordestina* tornou-se invisível; apenas o escritor-personagem do livro *A hora da estrela*, Rodrigo S.M., percebeu sua presença. Ao vê-la perambulando pelo Rio de Janeiro, ele enxergou em seus olhos, a tristeza, a dor da solidão e a desilusão do migrante empobrecido e invisibilizado, e decidiu então, que a história daquela *nordestina* seria o enredo que sua escrita até então, não possuía.

Macabéa: migrante, mulher, *nordestina*, empobrecida, semianalfabeta, representa tantos outros migrantes que ao vivenciarem a cidade, espaço que teoricamente deveria garantir igualdade, deparam-se com a indiferença e a hostilidade da realidade urbana.

E as Macabéas de Manaus, será que se sentem vistas na cidade? Elas existem? Em uma de nossas idas a campo uma Macabéa nos indagou: “*Mas quem sou eu, uma mulher sem estudo, como assim eu posso contribuir num estudo da Universidade? Como?*”

Essa Macabéa de Manaus, embora afirme não ter estudo, carrega consigo uma percepção ainda presente em muitos sujeitos: a ideia de que a ciência é desenvolvida distante da realidade, apoiada apenas em teorias clássicas, sendo realizada unicamente no espaço físico dos laboratórios e na Universidade.

No entanto a abordagem teórica desenvolvida nesta pesquisa possui em sua essência a *fenomenologia*, que por meio de seus princípios epistemológicos, nos conduz à aproximação com os sujeitos que vivenciam o fenômeno sobre o qual refletimos. São esses sujeitos que orientam a compreensão da temática desse estudo.

A partir desses princípios fenomenológicos, torna-se possível conhecer múltiplas vivências, como aquelas aqui retratadas, que evocam as memórias das migrantes que conhecemos durante o trabalho de campo. Essa perspectiva nos permite interligar suas

narrativas de vida à trajetória de Macabéa, personagem de *A hora da estrela*, estabelecendo um diálogo entre realidade, Literatura e Geografia.

Nesse contexto, algumas experiências narradas revelaram-se travessias marcadas por perdas, lutos, sonhos e decepções revelando a própria existência humana, em meio às desolações, a arte, a cultura, a música, a literatura podem nos afagar e consolar, permitindo-nos esquecer, ainda que por instantes, as agruras do viver.

Cultura, arte, música, gêneros musicais, literatura, crônicas, contos, poesia, carnaval, carimbó, as manifestações culturais estão sempre presentes em minhas pesquisas, pois fazem parte das minhas narrativas e vivências, como ressalta Clarice Lispector: “É que toda verdadeira arte é também uma experimentação, e lamento contrariar muitos, toda verdadeira vida é experimentação, ninguém escapa” (Lispector, 2005, p.77).

Interpretando, experimentando e vivenciando a arte por meio da Literatura, percebi na escrita de Clarice Lispector uma narrativa que descrevia o meu mundo, falava do meu eu e do mundo vivido de outras pessoas que chegam à cidade e tentam fazer dela o seu *lugar*.

A vida nos conduz a diferentes perspectivas, a diferentes realidades, nossa escolha de reflexão sobre a Literatura clariceana, especialmente através de *A hora da estrela*, se dá por reconhecermos na trajetória de Macabéa, um símbolo do ser migrante que representa tantos outros sujeitos silenciados e invisibilizados na cidade grande. Essa narrativa também se faz presente na experiência de migrantes internos de Manaus, assim como daqueles vindos do interior do Estado, que passam a viver na capital amazonense.

Em *A hora da estrela*, Clarice Lispector descreve um fenômeno universal: MIGRAÇÃO, traduzindo um fenômeno amplamente estudado, refletido e debatido na contemporaneidade. Este comportamento social se reflete na capital amazonense, Manaus é uma cidade composta pela presença significativa de migrantes (IBGE, 2022).

Pensando a partir da perspectiva da Geografia Humanista Cultural, percebemos que a obra simboliza a busca do migrante por um lugar de pertencimento, Clarice Lispector narra o deslocamento humano sob a perspectiva da realidade da vida, mostrando como o migrante muitas vezes é visto na cidade, como uma ameaça existencial ao indivíduo que nasceu naquela cidade para a qual o migrante se deslocou.

Nesse sentido, em nossa concepção o migrante é percebido como um concorrente por empregos, vagas na Universidade, vagas nas Escolas de Ensino Público e nos atendimentos de saúde públicos, conseqüentemente, o migrante é invisibilizado, sofrendo discriminações e xenofobia por ter deixado sua terra, por não ter permanecido em sua cidade, em seu lugar, como

ressalta Eric Dardel (2015, p.50): “[...] emigrar é de profunda ruptura: um transplante, uma violência”.

Clarice Lispector, portanto, emerge como uma escritora que retrata a realidade social, criando uma personagem que evidencia as desigualdades socioeconômicas em uma cidade idealizada. Na narrativa clariceana, o Rio de Janeiro, cidade celebrada por suas belezas naturais, referenciada sob a alcunha de “*cidade maravilhosa*”, é retratada como um espaço de exclusão, demonstrando que embora geograficamente seja encantadora, socialmente revela-se hostil e desigual.

Por que atribuímos à Clarice Lispector a missão de nos conduzir por meio da narrativa de *A hora da estrela*, a uma reflexão sobre as vivências do ser migrante? Gaston Bachelard (2008), ressalta que deve haver admiração do leitor pelo escritor, para que haja a alegria de ler sua obra, criando no imaginário deste leitor uma imagem poética:

De qualquer maneira, a simpatia de leitura é inseparável da admiração. Pode-se admirar menos ou mais, mas sempre um impulso sincero, um pequeno impulso de admiração é necessário para se obter o benefício fenomenológico de uma imagem poética. A menor reflexão crítica detém esse impulso, colocando o espírito em decisão secundária, o que destrói a primitividade da imaginação. Nessa admiração que ultrapassa a passividade das atitudes contemplativas, parece que a alegria de ler é o reflexo da alegria de escrever como se o leitor fosse o fantasma do escritor (Bachelard, 2008, p.10).

A Literatura de Clarice Lispector compõe nossas leituras e desperta profunda admiração, pois sua linguagem representa um verdadeiro encontro entre a arte e a vida, entre o mundo e o ser, Clarice faz parte do meu universo poético e literário e sinto por ela essa admiração descrita pelo filósofo Gaston Bachelard (2008).

A produção literária de Clarice Lispector tem sido interpretada por críticos literários e filósofos como existencialista e influenciada pela filosofia sartriana, conforme observa Benedito Nunes (Nunes, 1992, p.99).

Para além das perspectivas teórico-filosóficas, a vida da escritora também foi marcada pela migração: sua família imigrou da Ucrânia para o Brasil, fugindo da Guerra Civil Russa (1917-1923), estabeleceram-se inicialmente no Nordeste. Após o falecimento da matriarca, o pai de Clarice Lispector migrou com as filhas para o Rio de Janeiro, durante a graduação em Direito, a escritora conhece o diplomata Maury Gurgel Valente, com quem se casou, passando posteriormente a viver em diferentes cidades ao redor do mundo em razão da carreira do marido.

Assim, o deslocamento, a mobilidade física e a experiência migratória foram constantes na vida da escritora. Não pretendemos neste estudo elaborar uma biografia detalhada de Clarice Lispector, mas destacar sua relação com a migração, evidenciando que a escritora vivenciou diversas vezes o deslocamento, sendo ela mesma, uma migrante.

Benedito Nunes (1929-2011), filósofo e crítico literário, identifica na narrativa de *A hora da estrela* a experiência de vida da autora. Ao se fazer sujeito-narrador da obra, no modo-de-ser da nordestina, ele enfatiza:

A romancista (Clarice Lispector- grifo nosso), que o acompanha, interpreta desse espaço agônico que também ocupa, o drama da linguagem, no qual se acha envolvida. Ela participa, como agente da narração, do plano mesmo da ação romanesca que dirige. O autor se torna ator por desdobramento dramático. A romancista, que fala do personagem e pelo personagem, também fala com ele e por ele. Envolvida na própria narrativa, a sua voz autônoma, a sua voz de ator (Nunes, 1992, p.54).

A narrativa de *A hora da estrela* nos direciona para percebermos esta relação do migrante com o mundo, do eu com o novo espaço-lugar de moradia, descrevendo os dramas do ser e do existir.

Percebemos, assim, que Clarice Lispector não se limita a descrever a migração apenas em seu sentido teórico, mas desenvolve no romance *A hora da estrela*, uma narrativa literária articulada com dimensões existenciais e subjetivas, ecoando aspectos de seu mundo vivido. Nesse sentido, Benedito Nunes afirma: “*A hora da estrela* é Clarice Lispector, e Clarice Lispector é Macabéa” (Nunes, 1992, p.169).

Criada no Recife, Clarice Lispector migra aos quatorze anos de idade para o Rio de Janeiro juntamente com sua família. Anos mais tarde, após o divórcio, fixa moradia no Rio de Janeiro, onde retoma sua carreira de jornalista e escritora, passando a publicar suas obras, conquistando visibilidade literária e reconhecimento nacional algum tempo depois.

Sendo nesse percurso de amadurecimento pessoal e literário que Clarice Lispector (1920-1977), através da narrativa de *A hora da estrela*, apresenta simbolismos importantes de serem mencionados, em determinados trechos, é possível perceber respostas indiretas aos críticos literários que frequentemente consideravam sua produção hermética e de difícil compreensão. Nesse sentido, a própria escritora, afirma: “vou escrever uma história muito simples, mas tem que ser escrita por um homem, pois uma escritora mulher pode lacrimejar piegas” (Lispector, 2017, p. 48-49).

Dessa forma, ao situarmos esta pesquisa entre dois mundos: o literário, regido pela concepção existencial de Clarice Lispector, e o da realidade concreta da vida, refletimos sobre

o mundo vivido do ser migrante que chega a Manaus, movido pela esperança de realizar seus sonhos, sentimento semelhante que impulsionou Macabéa a migrar para a cidade do Rio de Janeiro.

Refletir sobre o mundo vivido e experienciado pelo ser migrante a partir da obra de Clarice Lispector implica também, em reconhecer a relevância da produção literária feminina na Literatura brasileira e evidenciar a Geografia Literária como um campo de reflexão capaz de nos conduzir às múltiplas dimensões da existência humana.

Nesse sentido, ao buscarmos sujeitos que pudessem nos aproximar da experiência vivida por Macabéa, encontramos mulheres migrantes que em suas narrativas de vida ecoam o mundo vivido desta personagem, a qual passaremos a chamar de “*Macabéa Clariceana*”. Desse modo, para estabelecermos uma aproximação interpretativa entre a Literatura e a realidade da vida, passamos a dialogar com as “*Macabéas de Manaus*”.

Por meio da obra *A hora da estrela*, refletimos sobre o fenômeno geográfico da migração em sua concepção filosófica, humanista e existencial, demonstrando que a Literatura, em suas diversas expressões, como crônicas, romances, poesias, contos e demais narrativas, possibilita o diálogo com diferentes campos do conhecimento, especialmente com a Geografia.

Assim, esta pesquisa buscou:

- I) Compreender o mundo vivido do ser migrante a partir da narrativa de Macabéa no livro *A hora da estrela*, estabelecendo relações com as trajetórias de mulheres migrantes em Manaus;
- II) Interpretar as vivências da personagem Macabéa e das mulheres migrantes participantes desta pesquisa aqui denominadas de *Macabéas de Manaus*;
- III) Refletir sobre as categorias da Geografia Humanista Cultural presentes na obra *A hora da estrela*;
- IV) Descrever as memórias afetivas das *Macabéas de Manaus* em relação à cidade, evidenciando como essas experiências contribuíram para a construção de uma relação tofófica com o lugar.

Procurando identificar essas personagens da vida real, esta tese parte de concepções literárias e se complementa com as experiências dos sujeitos migrantes, evidenciadas no cotidiano da cidade de Manaus.

Nesse horizonte de vivências, voltamos nosso olhar para mulheres migrantes oriundas de outros Estados, cidades brasileiras e municípios do interior do Amazonas. A partir dessa

definição do sujeito da pesquisa, surgiu um questionamento que se tornou constante: **Como identificar as Macabéas de Manaus?**

Ao reler o livro *A hora da estrela*, percebi a breve relação toponímica de Macabéa com a Zona Portuária do Rio de Janeiro: “Devo registrar aqui uma alegria. É que a moça num aflitivo domingo sem farofa teve uma inesperada felicidade que era inexplicável: no cais do porto viu um arco-íris” (Lispector, 2017, p.67). O cais lhe trazia à memória Alagoas, Clarice Lispector (2017), descreve que um dos poucos momentos de lazer de Macabéa consistia em ir, aos domingos ao Píer da Praça Mauá, a fim de observar os navios atracados e contemplar a Baía de Guanabara por horas.

Inspiradas por essa experiência literária, buscamos perceber a presença de sujeitos migrantes em espaços semelhantes em Manaus. Como nossa pesquisa vai além de um estudo documental e bibliográfico, relacionando Literatura, Geografia e a realidade local, direcionamos nosso olhar para o Porto da cidade e para a orla do Rio Negro.

A partir de divagações e contemplações realizadas no Porto da Manaus Moderna, expandimos nosso campo de observação até a Feira da Manaus Moderna, local que passamos a frequentar, dialogar de maneira informal e onde percebemos a presença significativa de mulheres-migrantes e feirantes.

Com o objetivo de conhecer, dialogar e descrever as memórias das Macabéas de Manaus, iniciamos nossas práticas de campo nesta feira. Mas, como refletimos em toda a dimensão territorial de Manaus, ampliamos nosso campo para outras feiras fixas localizadas em outras Zonas Administrativas da cidade, assim, nosso trabalho de campo foi desenvolvido nas:

- Zona Sul;
- Zona Leste;
- Zona Oeste.

Não estabelecemos um número fixo de sujeitos, pois a pesquisa se fundamenta em aportes qualitativos, o critério para a participação foi a condição migrante e a disposição para o diálogo. Dessa forma, nos voltamos para as migrantes-feirantes que quisessem compartilhar suas memórias e seu mundo vivido, portanto, o que nos interessava em campo não era a quantidade de entrevistadas, mas a disponibilidade em dialogar, visto que a metodologia que desenvolvemos valoriza o sujeito da pesquisa, a qualitatividade, as singularidades e não o quantitativo.

Guiadas pela presença das mulheres-feirantes e permissionárias; ao nos apresentarmos, perguntávamos se eram de Manaus, permitindo identificar se eram migrantes ou não, nossa permanência em seus locais de trabalho logo lhes despertava a curiosidade, pois o comportamento habitual entre o feirante e o consumidor é comprar os produtos e logo se retirar, existindo apenas um rápido cumprimento entre o cliente e a feirante.

O simples fato de permanecermos para conversar representou uma quebra na rotina dessas trabalhadoras, acostumadas ao atendimento rápido e impessoal. Embora tenhamos conversado com muitas feirantes, nem todas permitiram o registro de suas falas ou aceitaram participar da pesquisa. Ainda assim, aquelas que consentiram compartilharam experiências valiosas, possibilitando que esta pesquisa encontrasse as *Macabéas* da vida real.

É nesse contexto de escuta e aproximação que desenvolvemos o trabalho de campo, ouvindo as memórias e narrativas de vida de mulheres migrantes inseridas em um espaço majoritariamente masculino: a feira.

Trata-se de um ambiente marcado pela circulação constante de homens transportando frutas, verduras, peixes e carnes nos ombros ou em carrinhos de ferro, em uma dinâmica intensa que se estende ao longo do dia, da noite e da madrugada.

Ressaltamos que essa pesquisa não se dedica ao estudo das feiras, mas foi nesse espaço de relações comerciais, sociais e cotidianas que encontramos as permissionárias migrantes que colaboraram na construção deste diálogo fenomenológico e existencial.

Assim, após o substantivo “Macabéa”, atribuímos a cada colaboradora um codinome que simboliza aspectos de suas trajetórias, experiências e singularidades e também para mantermos o anonimato das participantes da pesquisa, desse modo, nossas colaboradoras foram:

Denominamos a primeira participante de Macabéa do Cuidado Paterno, migrante da cidade do Rio de Janeiro, o codinome foi atribuído em razão do cuidado e da dedicação destinados ao pai idoso, acolhido afetivamente pela filha, que assumiu sozinha essa responsabilidade.

Em seguida, apresentamos a Macabéa da Infância Subtraída, migrante do interior do Amazonas que se deslocou para Manaus com o objetivo de continuar seus estudos e residir na casa da tia. Entretanto, ao chegar à cidade, teve a infância interrompida ao assumir os serviços domésticos e o cuidado com a família.

A Macabéa das Raízes Ancestrais migrou com a família do Estado do Pará para Manaus. Sua mãe possui vasto conhecimento sobre remédios caseiros e chás medicinais, e ambas

trabalham na Feira da Manaus Moderna, compartilhando saberes ancestrais provenientes da floresta e da vegetação amazônica.

A colaboradora denominada de Macabéa do Fardo trabalha na feira ao lado dos filhos, que são carregadores de fardos (sacos de juta com capacidade para até sessenta quilos) dos barcos até a Feira da Manaus Moderna. Em sua narrativa de vida, os filhos aparecem simbolicamente associados aos próprios fardos que carregam diariamente.

A Macabéa das Letras recebeu esse codinome em razão da importância que a alfabetização assumiu em sua vida. A colaboradora sonhava em aprender a ler, escrever e compreender o significado das palavras, tendo sido alfabetizada em Manaus. Em sua vivência, a cidade passou a representar para ela, o lugar de aprendizagem e da realização desse sonho.

A colaboradora denominada Macabéa Insubmissa migrou do Maranhão para Manaus, na idade adulta. O codinome que atribuímos a ela decorre de sua recusa em se submeter à vontade do pai, que desejava casá-la com um rapaz previamente escolhido, sua migração representou liberdade, autonomia e a possibilidade de conduzir sua vida como desejasse.

A Macabéa das Ervas da AM migrou ainda na infância para Manaus, juntamente com os pais, que adquiriram um sítio na Rodovia AM-010 e passaram a comercializar hortaliças na Feira do Produtor, localizada na Zona Leste de Manaus.

A Macabéa das Amarrações Amorosas, é natural de Faro no Estado do Pará, migrou adulta para Manaus e trabalha na Feira do Produtor realizando amarrações amorosas, mantém uma relação profundamente significativa com o telúrico, com a natureza, com os orixás e seus guias espirituais.

A Macabéa do Alvorecer é migrante do interior do Amazonas e possui o hábito de acordar diariamente às três horas da madrugada. Trabalha comercializando café da manhã regional na Feira da Compensa, na Zona Oeste de Manaus, desenvolveu o hábito de acordar no alvorecer ainda na infância, quando sua mãe a ensinava a preparar o café da manhã no fogão à lenha.

Durante o trabalho de campo, ao final de cada entrevista, adotamos como procedimento metodológico perguntar às colaboradoras se conheciam outras mulheres migrantes vindas do interior do Amazonas ou de outros Estados do Brasil. A partir dessa estratégia, muitas indicavam outras migrantes, o que nos conduzia por deslocamentos até seus respectivos pontos comerciais, geralmente éramos bem recebidas e ouvidas, embora, nem todas aceitassem participar da pesquisa.

Todavia, ao longo do percurso de desenvolvimento da pesquisa, as recusas também se fizeram presentes, especialmente durante o trabalho de campo realizado na Feira da Compensa, na Zona Oeste de Manaus, onde apenas uma migrante consentiu em participar, compartilhando conosco sua trajetória de vida e sua experiência migrante em Manaus.

Contudo, compreendemos que a negativa e o não querer participar, também constituem respostas legítimas do campo e dos sujeitos que o compõem, por essa razão, optamos por não privilegiar exclusivamente os aspectos receptivos e positivos das interações, reconhecendo recusas e distanciamentos como dimensões significativas da experiência real do trabalho de campo.

Refletindo sobre as dificuldades presentes no percurso da pesquisa, especialmente no que se refere à escuta dos sujeitos, recorreremos às contribuições de Paul Thompson (1992), que oferece diretrizes fundamentais para a prática da entrevista em pesquisas qualitativas. Segundo o autor:

Ser bem sucedido ao entrevistar exige habilidade. Porém, há muitos estilos diferentes de entrevista, que vão desde a que se faz sob a forma de conversa amigável e informal até o estilo mais formal e controlado de perguntar, e o bom entrevistador acaba por desenvolver uma variedade de método que, para ele, produz os melhores resultados e se harmoniza com a sua personalidade. Há algumas qualidades essenciais que o entrevistador bem-sucedido deve possuir: interesse e respeito pelos outros como pessoas e flexibilidade nas reações em relação a eles; capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião deles; e, acima de tudo, disposição para ficar calado e escutar. Quem não consegue parar de falar, nem resistir à tentação de discordar do informante, ou lhe impor suas próprias ideias, irá obter informações que, ou são inúteis, ou positivamente enganosa. Mas a maioria das pessoas consegue aprender a entrevistar bem (Thompson, 1992, p. 254).

A partir dessa perspectiva, compreendemos que entrevistar é desenvolver um exercício relacional, humano e social. A escuta nesse contexto, exige do pesquisador domínio metodológico, abertura genuína ao outro e valorização das experiências narradas e das formas pelas quais os sujeitos interpretam o mundo. Em campo, torna-se necessário suspender julgamentos, conter impulsos interpretativos e permitir que as narrativas se revelem por meio de seus próprios signos, respeitando silêncios, recusas e ausências.

Nossa metodologia, orienta-nos para essa concepção do ouvir e do aproximar-se do mundo vivido dos sujeitos. No entanto esse cotidiano nem sempre se apresenta de maneira plena ou imediata, muitas vezes, manifesta-se de forma tímida, exigindo do pesquisador sensibilidade e empatia para captar aquilo que não é dito, pois o silêncio também constitui uma forma de resposta.

Nesse sentido, os percalços do campo parecem em determinados momentos intensificar-se, nos perguntamos se essas dificuldades estariam relacionadas às transformações comportamentais da sociedade contemporânea, marcada pela presença constante das tecnologias. Recordamos nesse momento, da fala da Macabéa das Raízes Ancestrais, que afirmou: “as pessoas vivem com o celular grudado no rosto”. Essa observação aparentemente simples, revela importantes reflexões no modo como os sujeitos se relacionam entre si e com o próprio lugar.

A incorporação das tecnologias no cotidiano social talvez tenha contribuído para modificar o sentido do encontro presencial. Entretanto, para nossa abordagem metodológica, a escuta das narrativas obtidas por meio do encontro com o sujeito ainda permanece essencial para a construção da confiança e para o desenvolvimento de uma relação subjetiva.

Destacamos ainda, que em nossa abordagem não somos guiadas pela quantificação, mas pela qualitatividade, assim, a quantidade de participantes não é um elemento central para o desenvolvimento da pesquisa. O que se mostra essencial são as experiências narradas, evidenciando que cada história, cada experiência migrante possui singularidades, particularidades e relevância existencial próprias.

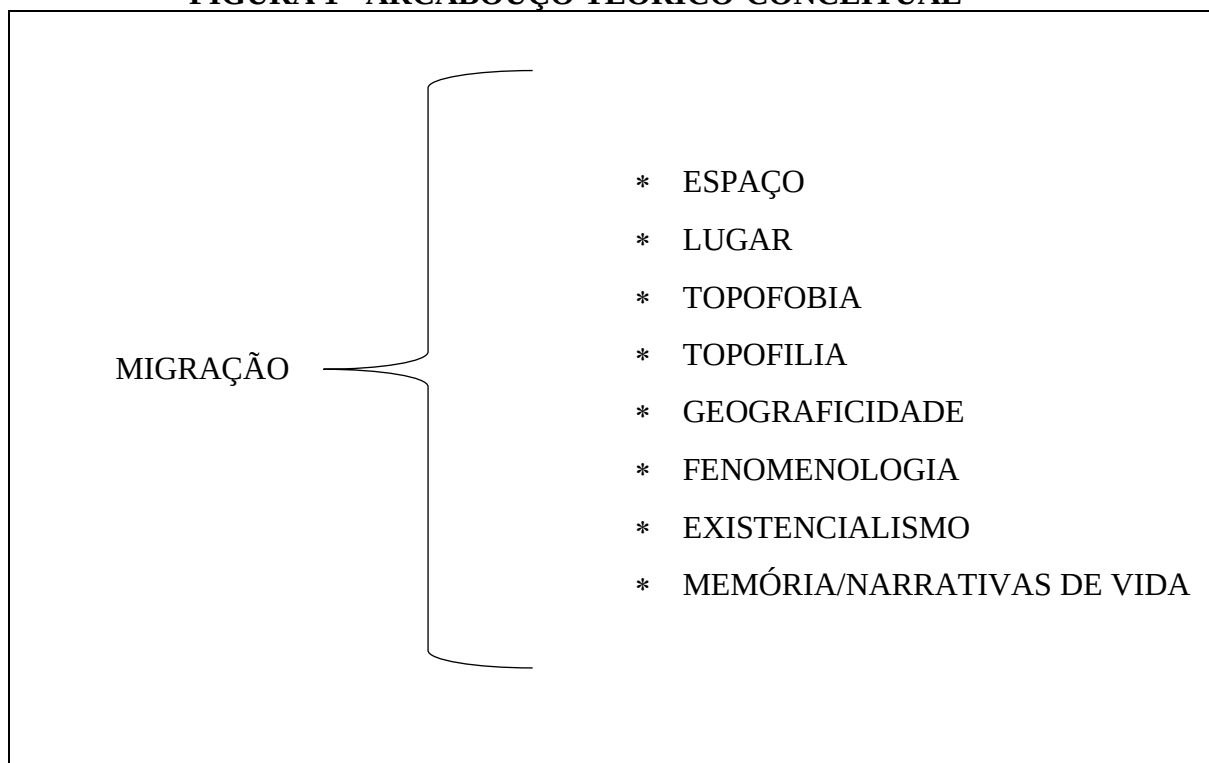
Nessa perspectiva, poderíamos em um primeiro momento, optar por não incluir a narrativa da Macabéa do Fardo em nossa pesquisa, visto que ela cumpre uma intensa rotina de trabalho ao lado dos quatro filhos, chegando a nos pedir desculpas por não poder se levantar para conversar conosco.

Entretanto, decidimos não excluí-la da pesquisa, pois sua narrativa imersa no trabalho árduo e na maternidade, assim como sua permanência cotidiana na feira ao lado dos filhos, são características essenciais de sua vivência migrante que nos orientaram para compreendermos seu comportamento, assim, decidimos trazer suas histórias de vida, e o fato mais importante: a própria Macabéa do Fardo manifestou interesse em participar da pesquisa, demonstrando que seu “sim” representava uma concordância genuína em nos conduzir na interpretação de sua existência.

Diante desse tipo de situação, a reflexão de Thompson (1992) ganha concretude em nosso campo. Entrevistar para nós, significa dialogar com o outro, por meio do exercício da escuta, mesmo quando ela acontece de forma breve, interrompida pelo fluxo do trabalho cotidiano. Ainda assim, nossa prática de campo buscou construir encontros, mesmo que provisórios, capazes de revelar em suas singularidades as geografias vividas dessas Macabéas.

Para isso, alguns conceitos foram essenciais para nossa reflexão. Partimos inicialmente do conceito de Migração para interpretar a experiência vivida pelo ser migrante em sua nova cidade de moradia (Figura 1):

FIGURA 1 - ARCABOUÇO TEÓRICO-CONCEITUAL



Fonte: Elaborado pela Autora (2024).

O arcabouço teórico dessa pesquisa parte das categorias fundamentais da Geografia: *Espaço* e *Lugar*, compreendidas a partir da conceituação de Yi-Fu Tuan (2013), que distingue os sentidos e conotações atribuídos a cada uma delas.

Partindo das categorias *espaço* e *lugar*, a pesquisa aprofunda-se no sentido de lugar na vivência cotidiana do ser migrante, considerando as experiências marcadas pela *topofobia* e *topofilia*.

Assim, nossa pesquisa pretende contribuir para reflexões em uma Geografia de concepção essencialmente humanista, trazendo narrativas que descrevem a perspectiva de vida do migrante, pensando no forasteiro que chegou a esta cidade e reconstruiu seu lugar de existência.

Neste percurso de reconstrução de um novo lugar, surgem muitos conflitos e angústias, por isso refletimos na Geografia a partir das perspectivas “das filosofias do sentido que são: a

fenomenologia e o existencialismo” (Corrêa, 2009, p.30), descrevendo a migração a partir do olhar do sujeito que experienciou esse fenômeno.

Através dessas filosofias do sentido e do significado como ressalta Corrêa (2009), por meio da metodologia da escuta, das conversas e do diálogo com os sujeitos-migrantes, fomos nos aproximando de seu mundo vivido, pensando na dimensão existencial do migrante apresentado no livro *A hora da estrela* e nas migrantes que ouvimos durante o desenvolvimento do campo, considerando a interface da Geografia e da Literatura, refletimos: “será que estamos sendo pioneiras nessa temática? Quais os aspectos que unem a ciência geográfica à arte literária?”

Refletindo a respeito da relação da Geografia com a Arte, Eduardo Marandola Jr. e Lúcia Helena Gratão (2010), consideram: “A Geografia há muito tempo tem chamado atenção para a arte, em especial, a Literatura” (Marandola Jr.; Gratão, 2010, p.8). Assim, embora Geografia e Literatura descrevam o mundo sob diferentes perspectivas, elas podem ser compreendidas como complementares.

Nessa pesquisa, a Geografia nos conduz a análise de fenômenos sociais, como a *migração*, enquanto a Literatura descreve como o migrante se sente ao viver em um lugar topofóbico, estranho e indiferente.

Marandola Jr. e Gratão (2010), ressaltam que por muito tempo, essas duas formas de perceber o mundo permaneceram separadas, pois a Geografia era percebida como ciência e a Literatura, era vista como ficção ou devaneio, como nos aponta Gaston Bachelard (2008).

A Geografia em consonância com a Literatura, nos permite perceber a amplitude do mundo e da vida, revelando a realidade das experiências humanas em suas múltiplas perspectivas. Não abordaremos aqui a dualidade entre ficção e realidade presentes nas páginas do livro *A hora da estrela*, mas queremos ressaltar a relevância da Literatura ao conduzir nossa visão de mundo e compreensão da realidade. A descrição dessa realidade por meio das narrativas literárias é apontada por Marc Brosseau (2007), como realismo subjetivo: “O romancista seria então um porta-voz das populações cujo gênero de vida descreve [...]. O presumido realismo das obras estudadas seria, portanto, um realismo subjetivo” (Brosseau, 2007, p. 25).

Assim, em *A hora da estrela*, Clarice Lispector nos apresenta o mundo vivido de Macabéa, retratando a condição de uma migrante nordestina em sua experiência topofóbica na cidade grande. O enredo da obra narra uma vida migrante marcada pela invisibilidade social e existencial, refletindo na solidão, na discriminação e na busca por um sentido de lugar.

A interface entre Geografia e Literatura, fortalecida pelos estudos da Geografia Literária, não constitui uma abordagem recente, Júlio César Suzuki (2017) destaca que essa relação epistêmica se iniciou no século XIX: “análises geográficas de textos literários se iniciam no século XIX, avançam pelo século XX, mas é principalmente nas últimas duas décadas que se proliferam mais abundantemente” (Suzuki, 2017, p. 129).

Nesse sentido, ao desenvolvermos um diálogo epistemológico entre Geografia, Literatura e o mundo da vida, estamos fortalecendo essa abordagem que compreende a Literatura como um subcampo da existência humana, podendo revelar experiências dos sujeitos, relações simbólicas, emocionais e subjetivas do ser, podendo descrever os dramas e realidades sociais como ocorre em *A hora da estrela*.

Em diálogo com essa perspectiva, optei por iniciar cada capítulo da tese com uma epígrafe retirada do romance *A hora da estrela*, evocando a narrativa literária clariceana que nos conduziu neste estudo. O layout apresentado na primeira página de cada capítulo, foi inspirado na obra *A hora de Clarice: Uma vida que se conta* (1995), de Nádia Battella Gotlib.

Cada capítulo desta tese foi intitulado de **TRAVESSIA**, termo que assume uma dupla simbologia. Em um primeiro momento, ao utilizarmos essa etimologia estamos nos referindo ao deslocamento físico e socioespacial vivenciado pelos sujeitos migrantes, ao desbravarem novos destinos, reconfigurando suas relações com o espaço, com o outro e consigo mesmos. A *Travessia*, nesse sentido se refere ao percurso geográfico, a experiência existencial, marcada por reinvenções e pela busca por pertencimento.

Em outro sentido, o título estabelece uma conexão com a canção *Travessia*, de Milton Nascimento e Fernando Brant, presente no pré-texto desta tese. A música, ouvida durante a estruturação da pesquisa, tornou-se um cântico afetivo e reflexivo, ecoando sentimento de perda, resistências e esperança. Assim, é mais que uma simples referência, *Travessia* tornou-se uma companhia subjetiva na elaboração desta pesquisa.

A pesquisa está organizada em quatro Travessias (Capítulos), estruturadas da seguinte maneira:

Na primeira Travessia intitulada **Pluralidade Epistemológica: Geografia Literária e Migração**, desenvolvemos reflexões a partir do diálogo com diferentes concepções teóricas e conceituais para compreender a condição existencial do ser migrante na cidade.

Nesse percurso, revisitamos conceitos como: *Migração, Espaço, Lugar, Topofobia, Topofilia, Geograficidade, Fenomenologia, Existencialismo, Memórias e Narrativas de vida*, apresentando a Geografia Literária como temática fundamental de nossas análises. Para

fundamentar essa discussão, recorreremos a pesquisas e estudos anteriores que também dialogam com essa abordagem, os quais conduziram a construção desta Travessia, marcada pela imersão na pluralidade epistemológica da Geografia.

Na segunda Travessia **Macabéa Clariceana e o Desejo por um Lugar Topofílico**, voltamos nosso olhar para a Literatura, focando no mundo vivido da Macabéa Clariceana. Buscamos compreender sua trajetória existencial e seu desejo de enraizamento e pertencimento à cidade do Rio de Janeiro, visto que a personagem sonhava em encontrar um lugar topofílico, no qual pudesse experienciar acolhimento, beleza e afeto. No entanto acaba vivenciando a face excludente da cidade, na qual passa a ter invisibilidade existencial, experienciando a topofobia que culmina com sua morte.

Pensando no espaço como exclusão social, dialogamos com Osman Lins (1976), e retomamos a discussão da função do espaço nas obras literárias, entendendo-os não apenas como cenários, mas como elemento constitutivo da narrativa. Para isso, retomamos também Marc Brosseau (2007) que diz que o espaço é um elemento fundamental no enredo, sendo também um sujeito da narrativa literária.

Assim, nesta Travessia, refletiremos como *A hora da estrela* narra a história de uma migrante empobrecida, expõe as violências do espaço urbano e o fracasso do desejo pelo lugar topofílico, revelando a cidade como palco de negação, precariedade, violência e silenciamento.

Na terceira Travessia **Macabéas de Manaus: Meu Lar é Onde Estou**, entramos de fato no universo das memórias, nas narrativas de vida das *Macabéas*, conhecendo as migrantes que também se tornaram as protagonistas deste estudo. Cada uma delas ao compartilhar sua trajetória, revelou momentos de uma existência marcada pela migração, pelo trabalho, pela resistência e pelos afetos que sustentam o vivenciar a cidade.

Assim, conheceremos a Macabéa do Cuidado Paterno, Macabéa da Infância Subtraída, Macabéa das Raízes Ancestrais, Macabéa do Fardo, Macabéa das Letras, Macabéa Insubmissa, Macabéa das Ervas da AM, Macabéa das Amarrações Amorosas e Macabéa do Alvorecer. São essas as colaboradoras da pesquisa, detentoras de vozes singulares que se entrelaçaram neste trabalho, permitindo-nos vislumbrar suas histórias, memórias e narrativas de vida e a (re)construção de seu lugar.

Na quarta e última Travessia **Macabéa Clariceana Ecoa nas Macabéas de Manaus**, retomamos Macabéa Clariceana como um símbolo potente, capaz de ecoar na vida de migrantes que habitam Manaus. A personagem de Clarice Lispector, marcada pela invisibilidade social e de existência precária, encontra ressonância nas trajetórias narradas pelas mulheres migrantes

que fizeram parte desta pesquisa, e também enfrentaram silenciamentos, deslocamentos e desafios nessa nova cidade de moradia.

É no encontro entre Literatura e Geografia que a realidade se mostra, permitindo entrelaçar o vivido e o experienciado pelo ser com a construção de sentido de lugar, revelando a cidade como local de exclusões, mas também como lugar de reconstruções e de busca por pertencimento.

Assim, a pesquisa realizada, reforça a relevância de aproximarmos arte, Literatura, Geografia e mundo vivido, evidenciando a potência dessa interrelação. Manaus com suas fronteiras, desigualdades, paisagens de acolhimento e de estranhamento, torna-se um espaço pertinente para a compreensão do mundo vivido do ser migrante. Encerrar esta tese com a imagem da Travessia é reconhecer que o percurso deste estudo não se finda aqui: permanece aberto, como convite para novas leituras, outras interpretações e diálogos entre Geografia e Literatura, entre ficção e realidade, entre Macabéa Clariceana e as inúmeras Macabéas que continuam a se deslocar pelas cidades brasileiras.

PRIMEIRA TRAVESSIA:

PLURALIDADE EPISTEMOLÓGICA: GEOGRAFIA LITERÁRIA E MIGRAÇÃO

*Esta história acontece em estado de emergência e
de calamidade pública (Lispector, 2017, p. 46).*

1ª. TRAVESSIA: PLURALIDADE EPISTEMOLÓGICA: GEOGRAFIA LITERÁRIA E MIGRAÇÃO

Estudar o fenômeno social da migração significa refletir sobre a realidade de muitos sujeitos, e sobre as múltiplas dimensões que envolvem o ato de migrar. Nessa perspectiva, reconhecemos que o deslocamento não significa apenas o movimento físico no espaço, mas compreende um processo complexo de vivências, marcado por rupturas, adaptações e (re)significações do cotidiano social. Portanto, a experiência migrante envolve diferentes formas de perceber, interpretar e estabelecer vínculos com o mundo e com os novos espaços de vida.

Assim, compreender a migração sob a perspectiva qualitativa e humanista nos leva a refletirmos na vivência do ser deslocado e, conseqüentemente, para a forma como ele passa a se relacionar com a cidade de destino, na qual ao longo do tempo constrói vínculos afetivos e sentimentos de pertencimento.

Esses vínculos expressam a relação do migrante com o lugar, especialmente nessa pesquisa que se concentrou no ser migrante que almeja se integrar à cidade de destino e que sonha em se sentir pertencente a ela, e nessa (re)construção de lugar rompe ou enfraquece os laços afetivos com sua cidade de origem.

Nesse sentido, Eric Dardel (2015, p.50), afirma: “Essa relação vivida dos homens com os lugares[...] faz “gente do lugar”. Surge então o questionamento: De que maneira o migrante se torna parte desse lugar? Como a cidade passa a representar seu lugar de pertencimento?

Refletimos sobre a dinâmica comportamental na qual o migrante se torna “gente desse lugar” e sobre a ruptura vivida ao deixar sua terra de origem. Partimos da perspectiva existencial-fenomenológica para compreender a subjetividade da migração na construção da *geograficidade*.

A presença migrante no ambiente urbano em Manaus é reflexão central desta pesquisa, a qual buscou interpretar a existência desse sujeito a partir dos aportes humanistas da Geografia, entendendo-o como um indivíduo que estabelece laços com a cidade.

A partir de concepções ontológicas, articulamos Geografia e Literatura para discutir a interface da Geografia Literária, utilizando conceitos essenciais como *Migração*, *Espaço*, *Lugar* e *Geograficidade*. O diálogo com geógrafos, sociólogos, antropólogos e filósofos possibilitou ampliarmos o entendimento do fenômeno migratório em sua dimensão ontológica,

interpretando como o sujeito transforma o espaço desconhecido da cidade em seu lugar de pertencimento.

Destacamos que as causas da migração são múltiplas, embora o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2022), aponte os fatores econômicos como principais, salientamos que esses não são os únicos motivos que levam uma pessoa a se deslocar. Essa percepção nos permite pensar a migração em diferentes contextos, ampliando nossa compreensão.

Por se tratar de uma temática estudada por diversas ciências, como: Sociologia, Filosofia, Antropologia, História e Geografia, nossa pesquisa se diferencia das demais por evidenciar a experiência da migração a partir dos aspectos subjetivos, da singularidade e dos sentimentos do migrante, enfatizando sua existência ontológica.

Nesse percurso, estabelecemos também um diálogo com a Literatura brasileira a partir da personagem Macabéa, do romance *A hora da estrela*, da escritora Clarice Lispector. Por meio dessa narrativa, somos conduzidos a imergir no mundo vivido do sujeito migrante percebendo suas dores, angústias e desesperanças, humanizando nossa percepção sob a vivência migrante.

Assim, torna-se necessário conhecer tanto o contexto da obra quanto a trajetória da autora, uma imigrante ucraniana no Brasil, isso nos conduz a alguns questionamentos: Qual era o cenário histórico-social que o mundo passava na época da imigração da família Lispector? Qual a identidade territorial de Clarice Lispector? E quais estudiosos abordaram a temática da Geografia Literária em suas pesquisas? Esses foram alguns questionamentos que nos guiaram.

1.1. Caminhos Interpretativos na Geografia Literária

Este estudo teve como base a perspectiva da Geografia Humanista Cultural, em diálogo com a Geografia Literária, compreendida por Maria Geralda de Almeida, como: “A Geografia Literária tenta fornecer uma interpretação do texto literário baseando-se em categorias, conceitos e análises geográficas” (Almeida, 2010, p. 142). Ao entrelaçar Geografia e Literatura percebemos uma amplitude teórica em nosso horizonte de diálogo, para interpretar o ser, o sentir e o experienciar de mundo, assim como a reconstrução do lugar pelos sujeitos.

A Geografia Literária foi abordada nesta pesquisa a partir da compreensão da Literatura como narrativa das experiências humanas e descrição do cotidiano social. Nesse sentido, a obra

A hora da estrela, caracterizada como um romance social (Gotlib, 1995), constitui a criação literária de nossa reflexão.

Geografia, ciência social foi refletida na perspectiva Humanista Cultural, interpretada através da experiência de mundo fenomenológico, existencialista e humanista de Macabéa, personagem que conduziu a narrativa na construção de sentidos e de lugar.

Dessa forma, relacionamos o romance a partir do desejo de construção topofílico de lugar, retomando conceitos fundamentais como Espaço, Lugar, topofobia, topofilia. Outros conceitos também constituem o arcabouço teórico desta tese, conceitos que descrevem aspectos essenciais do experienciar humano e social como: geograficidade, criado por Eric Dardel em 1952, que evidencia a relação do homem com a Terra a partir de uma experiência existencial e fenomenológica.

Assim, relacionamos a condição existencial do ser migrante ao vínculo afetivo com a cidade e o desejo comum que muitos migrantes têm, assim como a nordestina Macabéa: “de encontrar o seu lugar” em uma nova cidade de moradia, como descreve Livia de Oliveira: “[...] pois almejamos a aventura do nômade de conhecer novos lugares, novos mares, novas gentes, e ao mesmo tempo desejamos um “lar” onde chegar, onde se estabelecer e acalantar nossos sonhos e fantasias” (Oliveira, 2014, p.16).

Sobretudo, é importante destacar que a Literatura de *A hora da estrela*, não foi interpretada apenas como criação do imaginário da escritora Clarice Lispector, mas percebido como manifestação de experiências que encontram eco no cotidiano da cidade de Manaus, onde percebemos a presença de outras migrantes, outras Macabéas, que também buscaram construir seu lugar de pertencimento na cidade.

Portanto, essa tese se desenvolveu através de múltiplos caminhos: pela Geografia Literária ao interpretar o mundo vivido de Macabéa descrito nas páginas do livro *A hora da estrela*; pela articulação entre a personagem clariceana e as migrantes da cidade de Manaus, percebendo sua presença na realidade da cidade. Assim, a pesquisa esteve amparada no diálogo entre Geografia e Literatura, estabelecendo um encontro entre a ficção de *A hora da estrela*, e as Macabéas de Manaus.

Nesta pesquisa adotamos a nomenclatura Geografia Literária para nos referirmos ao encontro epistêmico da Geografia com a Literatura, pois percebemos a obra *A hora da estrela*, como uma narrativa que expressa a experiência migrante na cidade. Literatura nesse experienciar, constitui-se como instrumento que expressa as vivências humanas, possibilitando uma leitura geográfica do mundo e da realidade.

Nosso estudo buscou compreender a presença do ser migrante na cidade a partir de sua vivência subjetiva, existencial e humanista, reconhecendo seus sonhos, esperanças e memórias. O fenômeno da migração orientou a construção deste estudo, sendo analisado para além dos dados demográficos. Nessa perspectiva, o migrante é compreendido como um sujeito, cuja existência precisa ser reconhecida e lembrada como um ser com experiências, sentidos e existência própria, e não tendo sua presença relacionada unicamente a números ou estatísticas.

Para essa compreensão as categorias *espaço* e *lugar* foram essenciais: o *espaço* interpretado como o primeiro contato do migrante com a cidade e *lugar* compreendido como uma experiência construída ao longo do tempo, marcada pelo pertencimento e pelo sentimento topofílico.

Nesse sentido, como afirma Nogueira: “É na relação intersubjetiva que o lugar vai sendo construído” (Nogueira, 2014, p. 42). Mas como esse processo ocorre? O migrante pode de fato, sentir que a cidade para a qual migrou se tornou seu lugar? De que forma ele reconstrói seu lugar de pertencimento?

LUGAR, uma palavra carregada de simbolismo e significado. Na Geografia Humanista Cultural representa familiaridade, afetividade e identidade, revelando-se como categoria essencial. Ressaltamos que os lugares assumem importância singular na vida dos sujeitos, expressando múltiplos significados, valores e representações. Na vivência migrante, o espaço inicialmente desconhecido é (re)significado e transformado em lugar; essa reflexão guiou a pergunta central: “Aqui é seu lugar”?

A interface da Geografia Literária nos permitiu interpretar essa experiência na arte literária, por meio de Macabéa. Em sua narrativa percebemos a busca do sujeito migrante por um lugar de existência na cidade. Essa leitura, nos levou a identificar no cotidiano de Manaus sujeitos semelhantes à protagonista clariceana.

Pensando a narrativa literária em diálogo com o mundo concreto, percebemos que a Macabéa Clariceana gostava de passear aos domingos pelo Porto do Rio de Janeiro (Lispector, 2017, p.67), logo, voltei o olhar em Manaus, para a Orla do Rio Negro e por extensão territorial para a Feira da Manaus Moderna, localizada nas proximidades do Porto da cidade. Durante a contemplação desse espaço, identifiquei, por meio dos sotaques e das narrativas compartilhadas, a presença de mulheres migrantes que se estabeleceram como trabalhadoras-feirantes. Essas mulheres que passamos a denominar de Macabéas de Manaus, também são protagonistas desta pesquisa.

Assim, nesta travessia, desenvolvemos uma concepção teórica conectando Geografia e Literatura, refletindo os conceitos essenciais desta pesquisa. Ao abordar o fenômeno da *migração* sob perspectiva humanista, destacamos o migrante como um sujeito ativo, que deixa sua terra de origem em busca de novos espaços e lugares. Sendo essencial para essa compreensão, ressaltamos a relação dos sujeitos migrantes com a produção literária clariceana, ampliando a dimensão da experiência migrante na cidade.

A interface da Geografia Literária tem sido temática de significativas pesquisas, como Felipe Moura Fernandes (2017), que abordou em sua tese, o conceito de *espaço* a partir da narrativa da obra *O Triste Fim de Policarpo Quaresma*, do escritor Lima Barreto (1881-1922).

Outro pesquisador desta temática é Tiago Vieira Cavalcante (2019), que desenvolveu sua pesquisa de doutoramento na perspectiva da Geografia Literária, refletindo na produção romanesca da escritora cearense Rachel de Queiroz (1910-2003) e ressalta:

A geografia e a literatura, em particular, devem ser compreendidas como maneiras do homem (d)escrever o mundo tornando-o inteligível, mesmo que para isso tal mundo precise ser (re)construído, (re)elaborado, (re)criado (Cavalcante, 2019, p. 22).

Essa maneira de descrever o mundo nos direciona para uma linguagem subjetiva do ser, do sentir, do experienciar, do pensar e do agir. Nela a poética, a Literatura e a arte se interligam à Geografia, atribuindo pluralidade epistemológica à ciência geográfica por meio de múltiplas linguagens, assim, a Literatura não é interpretada como mera ilustração dos conceitos geográficos, mas percebida como um caminho de diálogo que permite descrever o mundo e suas dimensões geográficas.

Interpretando a obra *A hora da estrela*, a partir da ótica geográfica, percebemos reflexões e diálogos que descrevem a procura do sujeito migrante por um lugar de existência na cidade. A Macabéa Clariceana procura um lugar de pertencimento para si no espaço geográfico do Rio de Janeiro, porém, após vivenciar a cidade grande, ela deduz: “Uma cidade tão maravilhosa como o Rio de Janeiro, não tem um lugar para mim” (Lispector, 2017).

O migrante sonha em concretizar seus ideais de vida nessa nova cidade de moradia, ele migra para um espaço desconhecido, para uma nova cidade, buscando seu novo lugar, mas, é no cotidiano social vivido-experenciado que este migrante obterá a real experiência de morar em um espaço, ou de habitar um lugar.

As experiências da nordestina são narradas na obra pelo autor-personagem, Rodrigo S. M., que ao retratar a trajetória de Macabéa (Lispector, 2017), revela também a realidade de

inúmeros sujeitos que se deslocam em busca de um lugar. Como reflete João Baptista Ferreira de Mello (2014, p.65): “[...] O ser humano está sempre em busca do lar, refúgio de aconchego, luz, esperança e felicidade”.

A grande maioria dos indivíduos querem habitar um bom lugar, querem ter um LAR, o migrante também carrega esse sentimento, essa possibilidade, essa é a essência de nossa pesquisa, refletir o fenômeno migratório a partir da linguagem literária-geográfica e cotidiana, revelando a existência do ser migrante na Literatura, na Geografia e na cidade de Manaus, refletindo a partir dos aportes humanistas.

Yi-Fu Tuan (1985), traduz a compreensão conceitual humanista, ressaltando a importância dos conceitos *espaço* e *lugar* para a compreensão de mundo, contribuindo com uma reflexão fundamental, ao afirmar:

Como um mero espaço se torna um lugar intensamente humano é uma tarefa para o geógrafo humanista, para tanto ele apela a interesses distintamente humanísticos, como a natureza da experiência, a qualidade da ligação emocional aos objetos físicos, as funções dos conceitos e símbolos na criação da identidade do lugar (Tuan, 1985, p. 150).

Pensando a partir da abordagem da Geografia Humanista Cultural e das contribuições tuanianas, compreendemos a importância das categorias essenciais da Geografia, *espaço* e *lugar*, para refletir sobre a experiência do ser migrante na construção de seu novo *lugar*. Nesse sentido, é possível que o migrante vivencia o espaço da cidade de formas distintas, muitas vezes marcadas pela desarmonia e pelas desigualdades, seja no bairro onde reside, no local de trabalho ou nos trajetos que percorre diariamente. Dessa forma, essas experiências não se apresentam de maneira isolada, mas se articulam na construção de seu mundo vivido.

Contudo, a vivência migrante esbarra em preconceitos, que reforçam a sensação de não pertencimento, fazendo-os sentir-se estrangeiros, sujeitos sem raiz, forasteiros. Essa condição também é sentida por Macabéa, que ao chegar ao Rio de Janeiro, cidade que ela idealizara, não encontra o lugar sonhado nem as oportunidades imaginadas.

Tuan (1985), questiona: *Como um mero espaço se torna um lugar?* A resolução está na significação atribuída pela experiência humana. Para os geógrafos humanistas, não se trata apenas do espaço físico da cidade, do relevo, da pedologia ou da geomorfologia, mas da ligação afetiva entre o ser e a Terra. É nesse vínculo que se revela a *geograficidade*, interpretada na perspectiva existencial e fenomenológica, que conecta o ser humano ao seu lugar e desperta o sentimento de pertencimento.

Nesse contexto, ressaltamos a resiliência das mulheres-migrantes entrevistadas, são elas que ao narrar suas próprias histórias, revelam a difícil relação na transformação do espaço urbano em lugar, expressando sentido e identidade à experiência da migração.

Muitas mulheres migraram ainda meninas, na adolescência, sonhando com a possibilidade de estudar em Manaus. Porém, quando chegaram, perceberam que essa promessa não passava de ilusão. As Macabéas oriundas do interior do Amazonas com as quais dialogamos, relataram que ao chegar a cidade, passaram a trabalhar sem qualquer remuneração financeira na casa de familiares que já residiam em Manaus, tendo como garantia apenas um teto e comida, enquanto a promessa de continuar os estudos se desfazia diante de outra realidade: casas para limpar, comida para preparar, crianças alheias para cuidar... Tão jovens tornarem-se responsáveis pelo cuidado de outras vidas, recebendo como salário apenas abrigo e alimento.

A Macabéa Clariceana trabalhava numa empresa representante de roldanas, localizada na Rua do Lavradio, no Centro do Rio de Janeiro, recebendo menos que um salário mínimo, dividia um conjugado na Rua Acre com outras moças que trabalhavam como balconistas nas Lojas Americanas. Não havia luxo nem vaidades em sua vida, Macabéa sonhava em comprar um creme para seu rosto que havia visto no anúncio do jornal, mas logo se continha: pra quê um creme? Mesmo que o tivesse, talvez nem o usasse; se o tivesse iria era comê-lo, isso sim, pois, na fotografia parecia apetitoso (Lispector, 2017, p.62). É possível perceber, assim, a miséria da condição humana descrita por Rodrigo S.M. (Clarice Lispector).

E quando olhamos para as Macabéas de Manaus a miséria não é diferente, não a do corpo que sonha com um creme facial, mas a da alma obrigada à servidão doméstica. Muitas cresceram em casa de tias, madrinhas, conhecidas da família exploradas no silêncio. Uma delas nos confidenciou seu maior sonho na juventude: passear no Amazonas Shopping, esse lugar na percepção da tia da Macabéa do Alvorecer, parecia ser reservado para os ricos. Essa Macabéa contou para a tia, sobre seu sonho a resposta de sua familiar foi cruel, seguida de uma gargalhada: *“Arranja um namorado! E vai com ele nesse shopping de gente rica!”*

Nesse momento da conversa, lágrimas rolaram pelo rosto da nossa entrevistada, hoje adulta, ela nos disse: *“Só mais tarde entendi: minha tia não falava de namoro, ela falava que eu namorasse alguém com dinheiro pra mim poder passear no shopping de rico, isso pra mim é prostituição, e foi por isso que chorei”*. Em seguida, nos explicou o ressentimento que sentia em relação à sua familiar.

Ouvimos muitos relatos nesse sentido, tantas dores diante de nós, e ficamos a nos perguntar: por que tanto sofrimento é imposto a meninas tão novas? Para quê tanta crueldade?

Quando Rodrigo S.M. nomeia a história de Macabéa como “*calamidade pública*”, é como se retirasse a ficção de suas páginas para lançá-la no mundo da vida, pois Macabéa não é apenas personagem, ela é espelho que reflete tantas outras existências de características frágeis, invisíveis. No mundo, e em Manaus, multiplicam-se as *Macabéas*: mulheres cujo trabalho é explorado desde muito cedo, cujas vidas são moldadas pela falta de atenção, cuidado, amor e carinho, tendo a humildade como a única certeza na vida.

Miséria, desespero, solidão, tudo isso se transforma em sentimentos cotidianos que parecem sair das páginas do livro *A hora da estrela* e alcançar as Macabéas de Manaus, aproximando através da experiência de vida a Literatura e a realidade que se revelam semelhantes na condição da miséria humana.

Na construção dessa pesquisa a linguagem literária em consonância com a Geografia se converte em instrumento epistemológico, permitindo-nos compreender o lugar de maneira singular. Nessa perspectiva, a obra literária ao descrever a condição humana revela a concretude do mundo da vida, ampliando nossa capacidade de compreensão das relações entre o ser migrante e a cidade.

Dialogando com diferentes campos do conhecimento, retomamos a citação de Yi-Fu Tuan (1985), que constituiu uma importante base teórica para esta pesquisa. Ao refletirmos sobre a construção dos lugares e os sentimentos experienciados pelos sujeitos migrantes na cidade de destino, compreendemos que a migração, muitas vezes é evidenciada por perspectivas demográficas e quantitativas, relacionando a presença do ser migrante a dados estatísticos. Dessa forma, as experiências subjetivas, os sentimentos e as vivências desses sujeitos acabam sendo invisibilizados.

No entanto entendemos os migrantes como pessoas que se deslocam carregando consigo memórias, narrativas de vida, territorialidades, identidades e culturas diversas. Sobre o ser migrante, Marandola Jr. e Dal Gallo (2009, p. 405) nos lembram: “o migrante é um ser deslocado movido de seu lugar primevo.”

Sabemos que o ser migrante se desloca de sua terra natal, lançando-se ao mundo em busca de novas perspectivas de vida, entretanto, permanece a questão: Como se desenvolve sua relação com o local de destino? Qual é a relação do migrante com a cidade em que vive atualmente? Ele está aqui, mas não é daqui. Afinal, ele está ligado a qual cidade?

Pensamos nessa Geografia que reflete sobre o ser e sua existência a partir de múltiplos símbolos, significados e vivências, expressando o mundo da vida refletido e transmitido através do cotidiano e da Literatura, assim, começamos a perceber a importância da Literatura para a Geografia e da Geografia para a Literatura.

Refletindo sobre a interface da Geografia Literária, Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro (2002), em *O Mapa e a Trama: Ensaio sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas*, analisa diferentes obras da Literatura brasileira em diálogo com a Geografia, como *Canaã* de Graça Aranha, *Corpo de Baile* de Guimarães Rosa, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis e *O Triste Fim de Policarpo Quaresma* de Lima Barreto.

No segundo capítulo, Monteiro (2002) dedica-se ao estudo do realismo literário presente na obra *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo, evidenciando os conceitos da Geografia Urbana representados na trama literária, como: *sub-habitação*, *moradia*, *especulação imobiliária* e *expansão da cidade* do Rio de Janeiro. Dessa forma, o autor (2002) busca demonstrar como os conteúdos da ciência geográfica se conectam à narrativa literária.

Monteiro (2002) esclarece sua perspectiva de análise na (inter)relação da Geografia Literária:

Para melhor estabelecer os termos da relação Geografia-Literatura, partindo desse valioso subsídio, acho que toda urdidura complexa da ação romanesca – a “trama” – proposta pelo escritor, malgrado este dinamismo, pode vir a ser projetada nas malhas de uma estrutura espacial, figurativamente estática – o “mapa” – percebida pelo geógrafo.

Esta ideia norteou a minha eleição do título da coletânea: *O Mapa e a Trama*. Tome-se aqui o “mapa” como contexto estrutural de configuração espaço-temporal do “lugar” (na concepção mais ampla) no qual se processa o dinamismo da ação, ou seja, a “trama” criada pelo escritor. Assim, parece-me, encaminhar-se melhor a relação que se pretende assentando-a em termos de conteúdo geográfico e criação romanesca (Monteiro, 2002, p.25).

Ao nomear sua obra, Monteiro unifica as simbologias epistemológicas da Geografia e da Literatura: O mapa representando o espaço geográfico, a localização, simbolizando a Geografia e a trama representando a criação romanesca, consolidando assim, o diálogo entre Geografia e Literatura.

Jamescley Almeida de Souza (2021), em sua tese intitulada: *O espaço romanesco em narrativas ficcionais de Paulo Jacob: topoanálise e geograficidade*, investigou os espaços romanescos presentes em nove romances do escritor manauara Paulo Jacob. Desenvolvendo sua pesquisa refletindo na abordagem da Geografia Humanista Cultural, interpretando os conceitos *geograficidade*, *lugar*, *topofilia*, articulando a Geografia com a Literatura, ressalta:

Menos que um escritor modernista, Paulo Jacob é um realista cuja espacialidade com a qual trabalha em seu procedimento de criação narrativa se constitui num ancoradouro do real que ele deseja representar. Admito, corolariamente, que a análise desse real representado em suas ficções narrativas se traduz numa rica oportunidade para compreender a relação das personagens com o lugar (Souza, 2021, p. 72).

Refletindo na concepção da Geografia Humanista Cultural através dos principais pensadores desta corrente, Jamescley de Souza dialogou com as narrativas literárias de Paulo Jacob, “*buscando compreender a relação das personagens com o lugar*” (Souza, 2021, p. 72).

Raphael Alves de Freitas (2022) analisou o romance *A hora da estrela* em sua pesquisa de mestrado, a partir da realidade de topofobia experienciada por Macabéa na cidade do Rio de Janeiro, na perspectiva da Geografia Literária, e enfatiza:

Geografia Literária pode ser entendida como uma abordagem dos conteúdos/temas geográficos possíveis de ser apreendidos por meio das espacialidades dos personagens nas obras literárias. [...] Essa geografia se revela no próprio ato da leitura, que transcende a palavra e revela a realidade do mundo vivido (Freitas, 2022, p.33).

A abordagem da Geografia Literária dialoga com diversas visões de mundo, que perpassam por distintos aspectos da condição humana, entre o imaginário e o real, a fantasia e veracidade, aproximando o leitor de múltiplas vivências experienciadas pelos sujeitos, afinal, as pessoas vivem a realidade da vida.

Conduzimos nossa reflexão primeiramente por meio do trabalho teórico e das pesquisas desenvolvidas pelos pensadores que nos precederam e demonstraram a partir de suas produções o caminho epistemológico que deveríamos percorrer, na tessitura da Geografia com a Literatura.

1.2. Migração: Experiência Viva e Construção do Sentido de Lugar

O geógrafo Pierre George (1978, p.101), em *Geografia da População*, ressalta: “A história da humanidade é feita de uma longa sucessão de migrações entre as quais as mais antigas se perdem no desconhecido”. Desde a antiguidade o homem migra em busca de melhores condições de vida, deslocando-se pela necessidade de abrigo, alimento e condições básicas de sobrevivência.

Na contemporaneidade, os fluxos migratórios são estudados a partir de diferentes abordagens, que envolvem a análise das causas e motivações da mobilidade, as dimensões identitárias, territoriais e afetivas. Nossa discussão contempla não somente as trajetórias

migrantes, mas também a experiência subjetiva do migrante, considerando suas singularidades e modos de ser. Todavia, ao tentarmos compreender o conceito *migração*, o geógrafo francês Maximilien Sorre (1984) nos dá uma importante contribuição:

No sentido original, bem amplo, o termo (*migração* - **grifo nosso**) aplica-se somente à ideia de movimento, de mudança de lugar e de moradia. Designa tanto uma atitude individual, como a do homem da cidade que vai para o campo [...], a palavra migração presta-se hoje, no vocabulário a usos mais específicos, o que, de certo modo, denota um empobrecimento. Os estatísticos, encarregados de fornecer material de base a economistas e sociólogos, tentaram circunscrever-lhe o sentido, dar a ele uma definição conveniente para os objetivos em mira. Encontraram-se, então, diante de verdadeira anarquia resultante da diferença de conceituação do fenômeno migratório de país para país. No mais das vezes esse fenômeno é apreendido apenas indiretamente, avaliado em termos de volume, pela diferença entre o balanço demográfico global de determinado período e o balanço de natimortalidade correspondente (Sorre, 1984, p. 124).

Para Maximilien Sorre (1984), *migração* designa um movimento, um deslocamento, que está ligado diretamente à condição de moradia, uma atitude que designa mudança. O geógrafo ainda ressalta que este termo era utilizado para se referir a objetos, animais e às catástrofes climáticas.

Neste sentido, o termo *migração* era utilizado em diversos contextos, não se restringindo apenas ao deslocamento humano. Contextualizando em nossa realidade amazônica, por exemplo: as araras *migraram* do Alto Solimões e atualmente se encontraram no Baixo Amazonas, ou a foz do Rio Purus *migrou* em direção ao Lago Tefé. Antes o conceito migração também estava relacionado à natureza, à flora, à fauna, aos vegetais e às florestas, entretanto, atualmente este conceito é utilizado principalmente para se referir à migração humana, seja de forma individual, ou coletiva (Sorre, 1984, p. 124).

Segundo Maximilien Sorre (1984), esse conceito é elaborado a partir de dados estatísticos, no Brasil, a presença dos migrantes é evidenciada pelos dados dos Censos Demográficos realizados, a cada dez anos, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Reconhecemos a relevância desse instrumento, sobretudo diante dos desafios enfrentados no Censo Demográfico de 2022, marcado pela resistência de parte da população em receber os recenseadores em suas casas e pela disseminação de notícias falsas em aplicativos de mensagens e a pandemia de Covid 19, foram fatores que contribuíram para o atraso na divulgação dos resultados, conforme nos relatou o servidor do IBGE durante nossa visita técnica à sede do Instituto em Manaus.

Apesar de sua importância para o conhecimento da composição populacional e das características sociodemográficas do país, nossa análise adota uma perspectiva distinta, voltada à dimensão subjetiva dos deslocamentos. Nessa abordagem, buscamos compreender as relações estabelecidas entre o migrante e a população local de Manaus, destacando o fato de que por não ser originário da cidade, o migrante pode enfrentar situações vexatórias e um ambiente de hostilidade.

Macabéa experienciou esta situação, a narrativa literária de *A hora da estrela* descreve o mundo vivido do migrante que se desloca sem qualificações profissionais, sem perspectivas para sua vida e tendo baixa renda econômica. O antropólogo Sidney Silva (2010) em seu artigo “*Migrantes na cidade de Manaus: processos de inserção na metrópole e mudanças socioculturais*”, argumenta:

[...] A inserção do migrante no contexto da metrópole não é um processo fácil e muito menos homogêneo para todos, pois, em geral, eles não dispõem de qualificação adequada para atender as exigências do mercado de trabalho, as quais são cada vez maiores. A falta de qualificação profissional acaba por orientar grande parte deles para atividades de baixa remuneração e de pouca valorização social (Silva, 2010, p.153).

Rodrigo S. M. (2017) descreve por meio da nordestina Macabéa, a experiência socioeconômica do migrante empobrecido na cidade grande. Semianalfabeta, a jovem migra para o Rio de Janeiro e aprende, de forma autodidata, com a tia, a datilografar, como destaca o narrador-personagem: “a tia é que lhe dá um curso ralo de como bater à máquina. E a moça ganhara uma dignidade: era enfim datilógrafa” (2017, p. 50). Na Fábrica de Roldana, Macabéa exercia a função de datilógrafa, sendo responsável por digitar documentos, atividade que na contemporaneidade aproxima-se do cargo de secretária.

Devido às suas dificuldades de leitura e escrita, ela cometia diversos erros gramaticais enquanto batia (digitava) na máquina os documentos da Empresa. Rodrigo S. M. (2017, p. 58) sintetiza a existência de Macabéa: “ela era incompetente. Incompetente para a vida”.

A migrante Macabéa não era notada no Rio de Janeiro, cidade de relevo com característica montanhosa, com seus morros... No alto do morro do Corcovado, o Cristo Redentor não abria seus braços para acolher aquela jovem nordestina. À semelhança de Macabéa, muitos migrantes permanecem invisíveis no espaço urbano.

Rodrigo S. M. em *A hora da estrela*, denuncia a invisibilidade da migração nordestina para o sudeste, movimento que se intensificou na década de 1930, quando milhares de

retirantes, expulsos pela seca e pelo empobrecimento econômico, partiram em busca de melhores condições de vida nas grandes cidades.

Essa experiência social de deslocamento permeada pela dor, esperança e desilusão também foi retratada por outros escritores da Literatura brasileira, como: Graciliano Ramos que descreve o drama da seca em *Vidas Secas* (1938), Rachel de Queiroz expõe o êxodo rural em *O Quinze* (1930), e Jorge Amado retrata o fluxo migratório de trabalhadores e suas lutas por dignidade no livro *Seara Vermelha* (1948).

Clarice Lispector/ Rodrigo S. M., reelabora essas narrativas literárias ao apresentar Macabéa como expressão extrema da marginalidade urbana, revelando a “vaga existência” (Lispector, 2017, p. 50) da migrante empobrecida e semianalfabeta na cidade grande. Sua narrativa ultrapassa o romance social revelando aspectos existenciais evidenciados pelo apagamento e exclusão do migrante empobrecido, descrevendo a experiência de lugar tofóbico por meio de Macabéa.

Nessa perspectiva, Marandola Jr. e Dal Gallo (2010, p. 409) compreendem a migração como um movimento existencial, no qual: “Migrar é sair do seu lugar envolvendo processos de redefinições das territorialidades que não são necessariamente sucessivos nem ordenados”. Assim, a mobilidade não se limita a um deslocamento físico ou estatístico, mas envolve a experiência do sujeito em transitar por novos espaços em busca de outras possibilidades de existência.

Nesta pesquisa, compreendemos a migração como uma resposta do indivíduo diante das limitações impostas por seu lugar de origem, levando-o a deslocar-se em busca de melhores condições de vida e da possibilidade de construir novos horizontes de existência.

Nessa perspectiva, a atitude de migrar pode ser interpretada como uma expressão da liberdade humana, aproximando-se assim do princípio da filosofia existencialista de Martin Heidegger e Jean-Paul Sartre (2014), para os quais o ser humano é livre e responsável por seu destino, que são consequências de suas escolhas. Assim, o migrante que parte, consciente das limitações do seu lugar de origem, faz de sua mobilidade um exercício de liberdade, mesmo que essa liberdade se concretize em meio à precariedade existencial e à invisibilidade social.

Pensando no sentido ontológico do *ser-no-mundo*, a geógrafa humanista Anne Buttmer (1985) retoma o sentido de habitar proposto por Martin Heidegger, refletindo a relação existencial e fenomenológica do homem com a terra e argumenta:

Poderia a noção de “habitação”, no sentido usado por Heidegger, oferecer uma perspectiva valiosa para a Geografia atual? Habitar implica mais do que morar,

cultivar ou organizar o espaço. Significa viver de um modo pelo qual se está adaptado aos ritmos da natureza, ver a vida da pessoa como apoiada na história humana e direcionada para um futuro, construir um lar que é o símbolo de um diálogo diário com o meio ambiente ecológico e social da pessoa (Buttimer, 1985, p.166).

HABITAR na perspectiva heideggeriana, transcende a simples ocupação de um espaço físico ou de uma delimitação territorial na cidade. Inspirada nessa compreensão, Anne Buttimer (1985) retoma o sentido de habitar como experiência fundamental do ser, na medida em que o migrante não apenas reside em Manaus, mas constrói com a cidade uma relação simbólica e existencial.

Desse modo, na vivência migrante, o ato de habitar manifesta-se no enraizamento, na apropriação do espaço vivido e na (re)construção de vínculos que dão sentido à presença. Com isso, essa experiência mostra com o passar do tempo a possibilidade de um sentimento de pertencimento, em que o migrante antes deslocado, encontra na cidade não apenas morada, mas um lugar topofílico para si.

Nesse sentido, a reflexão de Livia de Oliveira estabelece um diálogo com a premissa desta tese, ao retomar as palavras do geógrafo Yi-Fu Tuan sobre a transformação do espaço em lugar, a partir da experiência do sujeito: “Para Yi-Fu Tuan a familiaridade com dada porção do espaço, pela experiência faz, torná-la lugar” (Oliveira, 2014, p. 11).

A partir das experiências cotidianas, o migrante estabelece vínculos com a cidade e com seus habitantes, enraizando-se, deixando de ser um forasteiro no sentido mais literal da palavra. Entretanto, essa não é a realidade de todos os migrantes, pois alguns não desenvolveram laços com Manaus, e não se sentem familiarizados com a cidade, mesmo após longos anos de moradia. Todavia, esta pesquisa se concentrou nos sujeitos migrantes que desenvolveram o sentimento de pertencimento com Manaus, ao ponto de afirmarem: “*Aqui é o meu lugar, meu Lar é onde eu estou*” essa declaração foi nos dita por uma Macabéa e logo foi anotada em nosso caderno de campo, e revela de maneira significativa a relação de pertencimento estabelecida com a cidade.

A experiência contribui para essa mudança na percepção do sujeito, o cotidiano, as relações subjetivas do ser com os demais moradores, tais experiências contribuem para o migrante sentir-se pertencente ou não à cidade.

Ao vivenciar a cidade o migrante encontra possibilidades de reerguimento e reestruturação, seja por meio da inserção no mercado de trabalho, da retomada dos estudos, da profissionalização, da constituição de uma família ou da conquista da casa própria. Essas

múltiplas realizações, mencionadas pelas Macabéas durante o trabalho de campo, contribuíram para que associassem Manaus a um bom lugar, reconhecendo-a como o seu lugar.

Para Fausto Brito (2009, p.11) o movimento migratório: “No caso brasileiro a migração é uma tradição [...]. A movimentação no espaço geográfico equivale a uma movimentação no espaço social, organizada a partir do grupo de relações primárias: família, parentes e amigos”.

Assim, de acordo com Brito (2009), o migrante se move não só no sentido geográfico pelo espaço, mas no sentido das relações sociais, pois ao chegar alguns sujeitos migrantes têm nesta nova cidade de moradia, familiares ou/e amigos que lhes orientarão para sua adaptação, concedendo-lhes informações essenciais para sua locomoção na cidade, lhes informando sobre vagas de trabalho, escolas onde poderão matricular os filhos. Essa solidariedade humana forma a rede de apoio do migrante que está chegando e contribui com seu processo de adaptação.

O fenômeno migratório envolve vários aspectos, mas quando o sujeito migrante não dispõe de uma rede de apoio, como ele se adapta a esta nova realidade de vida? A Macabéa Clariceana podia contar com esta solidariedade no Rio de Janeiro? A nordestina tinha o apoio e auxílio dos demais migrantes que moravam ali?

Buscamos evidenciar a (inter)relação entre a narrativa clariceana em *A hora da estrela* e a Geografia, voltando nosso olhar à condição ontológica do ser migrante, em sua experiência de habitar e significar o mundo. Nesse percurso, estabelecemos um diálogo entre o campo da linguagem literária e a ciência geográfica, ampliando as possibilidades de compreensão que emergem da articulação entre Geografia e Literatura, assim, por meio da personagem Macabéa Clariceana, foi possível descobrir outras “Macabéas” em Manaus, cujas experiências nos conduziram à interpretação de seu mundo vivido.

1.3. Conceitos Espaço e Lugar na Geografia Humanista Cultural

A ciência geográfica pressupõe que o mundo seja conhecido geograficamente, que o homem se sinta e se saiba ligado à Terra como ser chamado a se realizar em sua condição terrestre.

A geografia não designa uma concepção indiferente ou isolada, ela só trata do que me importa ou do que me interessa no mais alto grau: minha inquietação, minha preocupação, meu bem estar, meus projetos, minhas ligações. A realidade geográfica é, para o homem, então, o lugar onde ele está, os lugares de sua infância, o ambiente que atrai sua presença. Terras que ele pisa ou onde trabalha, o horizonte do seu vale, ou a sua rua, o seu bairro, seus deslocamentos cotidianos através da cidade (Dardel, 2015, p. 33-34).

A reflexão proposta por Dardel acrescenta uma dimensão conceitual para compreendermos como a Geografia Humanista Cultural percebe o *ser-no-mundo*. Ao enfatizar

uma interpretação subjetiva e sensível da relação entre o homem e a Terra, Dardel evidencia que a experiência humana carregada de afetos, percepções, medos, desejos e modos singulares de habitar o espaço, podem constituir as reflexões geográficas.

Assim, essa abordagem se fortalece por articular rigor científico e sensibilidade, integrando a sua estrutura teórica a compreensão das múltiplas formas de viver e ressignificar o mundo.

Nesse sentido, a ciência geográfica não se limita apenas a compreensão dos aspectos físicos da Terra como nomes de rios, cidades, as nomenclaturas geográficas registradas nos livros e reflexões provenientes de teorias clássicas, mas se manifesta nas práticas, nos afetos e nas vivências concretas das pessoas, evidenciando ser parte do cotidiano social.

Logo o homem não apenas ocupa a Terra em seu sentido físico, mas também a experimenta em sua dimensão sensível, lhe atribuindo significados, a ressignificando simultaneamente e na vivência migrante transformando o *espaço* em *lugar*, entrelaçando sua trajetória individual e coletiva à tessitura do mundo vivido.

Eric Dardel (2015) demonstra que a Geografia ao incorporar essas interpretações de mundo provenientes da existência humana, não perde seu caráter científico; ao contrário está expandindo-o, tornando-se uma ciência capaz de reconhecer a relevância das experiências e vivências que constituem a relação do homem com a Terra. Evidenciando que tal relação não se reduz aos aspectos físicos, objetivos ou de mera sobrevivência, pois envolve as dimensões simbólicas, afetivas e existenciais que atribuem sentido ao *espaço* e *lugar*, morada do ser.

Desse modo, a Geografia não se limita à objetividade científica, mas incorpora em suas reflexões epistemológicas outras dimensões derivadas das experiências do ser com o mundo. A contribuição conceitual de Eric Dardel revela a Geografia como uma ciência capaz de interpretar a experiência humana, o bem-estar coletivo e as preocupações que fazem parte da existência.

Consequentemente, o *lugar* ganha concretude no *espaço*: nos caminhos percorridos no bairro de convivência, nas ruas familiares e nas paisagens que moldam a memória e a identidade. Portanto, compreender o espaço geográfico envolve também reconhecer a dimensão subjetiva do lugar, isto é, a forma como o sujeito se relaciona com o mundo e constrói significados a partir de sua vivência cotidiana.

Esse cotidiano na vivência migrante é permeado por distintas percepções e sentimentos: *O migrante faz parte dessa cidade? Aqui é o seu lugar? Como é o seu mundo vivido?* Essas são

questões que nos interessam, bem como demonstrado por Eric Dardel (2015, p.33), e nos marca existencialmente.

Na literatura clariceana, Macabéa experiencia a invisibilidade do ser migrante em seu cotidiano na metrópole fluminense: “Ninguém olhava para ela na rua [...]. E assim se passava o tempo para esta moça” (Lispector, 2017, p. 60).

A jovem nordestina era anônima, ela não era percebida nas ruas da cidade, mesmo com o passar do tempo, Macabéa não adquire o sentimento de pertencimento à cidade do Rio de Janeiro, uma cidade amplamente enaltecida por suas belezas naturais, por seus monumentos históricos e por ter sido capital Federal, mas através do olhar clariceano a cidade se revela um espaço de exclusão.

Essa cidade marcada por contrastes impõe aos sujeitos empobrecidos uma vivência permeada pelo anonimato, pela indiferença, pela marginalização e pela exclusão. Pensar nessas experiências nos conduz a reflexões ontológicas sobre a vivência migrante.

Assim, a Geografia Humanista Cultural se diferencia da Geografia clássica ao adotar aportes teórico-metodológicos que valorizam as dimensões subjetivas da experiência humana, reconhecendo nelas um caminho para pesquisas científicas. Essa abordagem compreende que sentimentos, percepções, memórias e significados não são simples abstrações, mas podem constituir outras formas de conhecimento.

Desse modo, a Geografia passa a ampliar sua abordagem epistemológica ao reconhecer como científico não apenas os resultados obtidos por meio das estatísticas e mensurações objetivas, mas também aqueles construídos a partir das abordagens qualitativas.

Essa perspectiva metodológica foi essencial para o desenvolvimento desta pesquisa, pois possibilitou a escuta sensível das narrativas de vida das Macabéas de Manaus.

As experiências relatadas por essas mulheres revelam trajetórias marcadas pela migração, pela vulnerabilidade social e pela busca de pertencimento à cidade de Manaus. Suas histórias de vida registradas durante o trabalho de campo evidenciam processos de exploração trabalhista e de opressão, que se reproduzem no âmbito familiar e nas relações cotidianas.

Muitas dessas mulheres ao chegar em Manaus não se reconheceram nesta cidade, sendo submetidas a exploração de sua força de trabalho por familiares, parentes distantes, madrinhas e padrinhos de batismo religioso.

Em busca de liberdade muitas Macabéas de Manaus casaram-se cedo, buscando sair daquela situação, mas passaram a vivenciar novas formas de exploração e de submissão. Como consequência, muitas delas tiveram mais filhos do que desejavam, viveram longos anos de

silenciamento, opressão e sofrimento, até conquistarem sua autonomia financeira e obter o direito as suas próprias escolhas.

Esses relatos refletem o sentido existencial que caracteriza as experiências do ser migrante e evidenciam a relevância da abordagem humanista na Geografia. Se esta pesquisa se concentrasse nos aspectos quantitativos da presença do migrante em Manaus, apresentando os números de migrantes da capital amazonense, essas histórias repletas de dor, resistência e superação, seriam invisibilizadas pelo olhar científico.

Portanto, a Geografia Humanista Cultural permite que essas vivências se tornem conhecimento de mundo, obtido através da realidade, reafirmando que a ciência geográfica pode ser construída subjetivamente.

Dessa maneira, os conceitos e vivências construídos ao longo da experiência e das trajetórias dos sujeitos deixam de ser considerados elementos secundários e passam a ocupar um lugar de protagonismo na produção do conhecimento científico.

Em nossa abordagem epistemológica compreendemos que as categorias *paisagem* e *lugar* são fundamentais para a reflexão dos fenômenos e temáticas estudados pela Geografia Humanista Cultural, Geografia Humanística, Geografia Humanista, embora possuam diferentes etimologias, são abordagens que têm por objetivo: refletir os fenômenos geográficos a partir da geograficidade do ser, interpretando a maneira como o sujeito habita, sente e ressignifica o *lugar*.

Desse modo, a análise da *paisagem* e do *lugar* permitem compreender as múltiplas experiências, trajetórias e culturas dos indivíduos, revelando a dimensão simbólica e existencial que se manifesta no espaço geográfico.

Buscando discutir conceitos como *paisagem*, *lugar*, sentimentos, simbolismos, representação e a relação subjetiva do ser com a Terra, foi criado no Brasil em 1993, por Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl, o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura (NEPEC), na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

A partir desse Núcleo de Pesquisas a Geografia Cultural ganhou maior difusão no país, especialmente com a publicação da Coleção de Livros sobre Geografia Cultural, que fortaleceu essa temática, sobretudo por meio das discussões, mesas redondas, reflexões epistemológicas, apresentações de pesquisas no Simpósio Internacional sobre Espaço e Cultura (SIEC), sediado na UERJ realizado de forma bienal.

Em São Francisco nos Estados Unidos, a Escola de Berkeley já se consolidava como um marco para a Geografia Cultural através das pesquisas e publicações de Carl Sauer (1889-

1975), e posteriormente de Yi-Fu Tuan (1930-2022), abriu-se espaço para uma abordagem humanística na Geografia, especialmente a partir da categoria *lugar*, que se tornaria central nas discussões dessa perspectiva.

Na discussão que desenvolvemos, os conceitos *espaço* e *lugar* nos guiaram na construção desta pesquisa, sobretudo, buscamos ressaltar como esses conceitos são percebidos na perspectiva da Geografia Humanista e Cultural.

Roberto Lobato Corrêa (2009), na obra *Geografia: Conceitos e Temas* nos fala dos caminhos teóricos da história do pensamento geográfico, nos (re)lembrando das diferentes correntes e abordagens geográficas, o autor (2009) enfatiza a importância da categoria “*espaço*” enquanto um conceito essencial para o desenvolvimento da Geografia em diferentes abordagens, ao refletir sobre a categoria *espaço* e as correntes do pensamento geográfico, Corrêa (2009) ressalta:

Cada um dos conceitos-chave acima indicados (paisagem, região, espaço, lugar e território/ **grifo nosso**), tem sido objeto de amplo debate, tanto interno como externo à geografia, envolvendo assim não-geógrafos. No bojo do debate cada conceito possui várias acepções, cada uma calcada em uma específica corrente de pensamento (Corrêa, 2009, p.16).

Corrêa (2009) relaciona cada categoria de análise da Geografia a uma corrente específica do pensamento geográfico. Em nossa concepção, a categoria *lugar* é fundamental para refletirmos sobre a relação do ser com a Terra, pois o *lugar* carrega sentidos de identidade, afetividade e pertencimento.

Todavia, considerando que o objeto de nosso estudo é a *experiência do ser migrante na cidade*, surge a indagação sobre em que momento se estabelece o vínculo entre o migrante e o local de destino, a ponto de este ser reconhecido como seu lugar de pertencimento.

Nesse sentido, Corrêa (2009, p. 30), a partir da concepção da Geografia Humanista Cultural, ressalta: “o espaço adquire, para muitos autores, o significado de espaço vivido”.

Dessa forma, compreendemos o espaço vivido como expressão da experiência cotidiana, marcado pela trajetória do sujeito e pelos significados que ele constrói em sua relação com o espaço urbano.

Esse *espaço vivido* não é o *lugar*, mas pode constituir-se como base sobre qual o migrante ao longo de sua experiência, desenvolve vínculos e significados que o transformam em *lugar*.

Dardel (2015), na obra *O Homem e a Terra*, subdivide o *espaço* em diversos segmentos conceituando-os de acordo com suas características, classificando-os como: espaço material, espaço telúrico, espaço aquático, espaço aéreo, sobretudo, distingue o espaço geométrico do espaço geográfico.

Para Dardel: “O espaço geométrico é homogêneo, uniforme, neutro [...] o espaço geográfico é feito de espaços diferenciados” (Dardel, 2015, p. 2).

Na perspectiva dardeliana, o espaço geométrico não traduz singularidades sendo homogêneo e abstrato, enquanto o espaço geográfico torna-se heterogêneo, marcado por singularidades e pela presença humana, pois nele há simbolismos e significados.

Ao atribuir características ao espaço geográfico, Dardel evidencia que este não pode ser representado por abstrações matemáticas, por latitudes, longitudes e coordenadas geográficas. O espaço geográfico é carregado de significados, portanto, não pode ser representado unicamente por mapas geodésicos.

No sentido dardeliano, interpretamos o espaço geográfico como espaço vivido, tornando-se expressão da existência humana, distinguindo-se por incorporar dimensões materiais e imateriais, concretas e simbólicas.

Assim, a obra de Dardel abre caminho para uma Geografia Humanista, pois ressalta que o espaço não é apenas extensão mensurável, mas também lugar de experiência, de memória e de pertencimento.

Na mesma concepção de Dardel, Antônio Christofolletti no livro *Perspectivas da Geografia* (1985), evidencia que sob a perspectiva fenomenológica e existencial, a categoria *espaço* adquire uma conotação conceitual distinta daquela concebida pela geometria e pelos cálculos matemáticos. Para ele:

Na fenomenologia existencial o espaço é concebido como espaço presente, diferente do espaço representativo da geometria e da ciência.
Para a perspectiva científica o espaço é algo dimensional que se expressa por uma representação. Para o fenomenólogo o espaço é um contexto, experienciado como sendo de certa espessura, em oposição aos pontos adimensionais do espaço mensurável. A espessura do espaço é vista na concepção do “aqui”, que é um sistema de relações com outros lugares, semelhante à espessura dos conceitos temporais, tais como “agora”, que envolve aspectos do passado, presente e futuro (Christofolletti, 1985, p. 22).

Pensando numa perspectiva fenomenológica, o espaço vivido se traduz pelas experiências em todos os momentos (passado, presente e futuro) o espaço encontra expressão na representação das experiências através dos Mapas Mentais.

Como destacou Amélia Regina Batista Nogueira (1996/2001)^{2/3} em suas pesquisas, no mestrado adotando os Mapas Mentais como metodologia de representação “analisando aqueles produzidos por crianças, nos quais a cidade era retratada a partir de suas percepções” (Nogueira, 2014, p.63); no doutorado abrangeu essa abordagem para interpretar a *Geograficidade dos Comandantes de Embarcações no Amazonas*, os sujeitos de sua pesquisa elaboraram seus próprios Mapas Mentais, dando voz às vivências cotidianas de suas travessias, registrando suas experiências de navegação enquanto Comandantes de barcos regionais, a jusante e a montante nos rios amazônicos.

Através desses Mapas Mentais produzidos pelos Comandantes das embarcações nos foi revelado seus lugares de trabalho, bem como seus lugares míticos permeados pelas narrativas das lendas amazônicas, como a lenda da cobra grande.

Desse modo, percebe-se que os Mapas Mentais não se limitam à dimensão física do espaço, mas representam vivências simbólicas e afetivas. Nessa perspectiva, Yi-Fu Tuan (2013) destaca que a *experiência* constitui um elemento essencial da vivência humana, sendo por meio dela que o espaço se transforma em lugar:

Na experiência, o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar. “espaço” é mais abstrato do que “lugar”. O que começa com espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos e o dotamos de valor [...]. A partir da segurança e da estabilidade do lugar estamos cientes da amplitude, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice-versa. Além disso, se pensamos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforma em lugar (Tuan, 2013, p. 14).

Sob a perspectiva conceitual tuaniana espaço e lugar guardam entre si distinções e uma relação de complementaridade. Pensando esses conceitos a partir da experiência migratória, podemos compreender o espaço como o domínio do movimento, da fluidez e do deslocamento, sendo o âmbito da possibilidade do ir e vir e do vir a ser.

O lugar, por conseguinte, representa a pausa nesse movimento, o momento em que o espaço é impregnado de significado, tornando-se expressão de lembranças afetos e pertencimentos.

2. NOGUEIRA, Amélia R. B. *Mapas Mentais: recurso didático no ensino de Geografia*. 1994. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1994.

3. NOGUEIRA, Amélia R. B. *Percepção e Representação Gráfica: A Geograficidade nos Mapas Mentais dos Comandantes de Embarcações no Amazonas*. 2001. Tese (Doutorado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 2001.

O espaço, portanto, expressa a mudança e abertura para o novo, para o desconhecido, enquanto o lugar, significa pausa (Tuan, 2013, p.14) e na vivência migrante o surgimento de laços, afetos e enraizamento, revelando-se como cenário onde se depositam memórias e emoções.

De acordo com João Baptista Ferreira de Mello (2014, p.47): “os seres humanos carregam seus lugares e esses vicejam no contágio e na interação estabelecida, não importando se aqui, ali, acolá ou alhures”.

Nessa perspectiva, o lugar não é definido no sentido fixo ou estático, mas é revelado como um campo de experiências que se move com o sujeito, entrelaçando-se ao seu modo de ser e estar no mundo.

Assim, os lugares passam a fazer parte da consciência e da memória, revelando-se nas lembranças, nos afetos e nas práticas cotidianas que configuram o habitar. O lugar, portanto, é internalizado e ressignificado a partir das vivências, mesclando-se ao “eu”, recriado no percurso de deslocamento, nas relações e nas emoções que acompanham o sujeito migrante.

Macabéa, ao migrar de Alagoas para o Rio de Janeiro, levou consigo o seu lugar de origem, reproduzido em sua maneira de ser, falar e sentir.

Do mesmo modo, as Macabéas de Manaus, migrantes de outros estados e do interior do Amazonas, também transportaram consigo seus lugares, carregando ecos de suas histórias e identidades.

É no lugar que as experiências humanas se realizam, tecendo memórias e constituindo uma dimensão simbólica e afetiva do vivido, que transcende os aspectos puramente físicos.

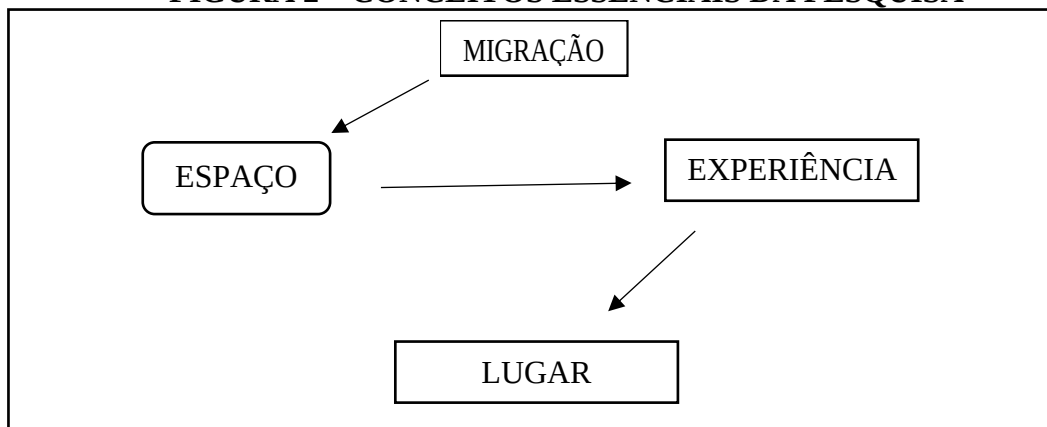
Assim, o lugar se revela como uma dimensão espacial sensível, regida pelas emoções, lembranças e narrativas que acompanham o sujeito ao longo de sua existência.

Refletindo na conceituação de espaço e lugar, retomamos a reflexão tuaniana (Tuan 2013, p. 14): “as ideias de espaço e lugar não podem ser definidas uma sem a outra”.

Desse modo, compreendemos que não há oposição nesses conceitos, mas uma inter-relação, uma interconexão, assim: o espaço dá origem ao lugar ao ser experienciado, o lugar se desenvolve a partir do espaço.

Um se constrói no/pelo outro, expressando seus aspectos existenciais de movimento e permanência, o novo e o familiar, coexistindo e se complementando (Figura 2):

FIGURA 2 – CONCEITOS ESSENCIAIS DA PESQUISA



Fonte: Elaborado pela Autora (2025).

Como demonstrado no quadro temático acima, ao migrar o sujeito se depara com um espaço, o qual com o passar do tempo pode ser transformado em lugar, mas para isso é necessário compreender o papel da EXPERIÊNCIA, como aponta Yi-Fu Tuan (2013, p.17): “Experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras por intermédio das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade”.

A afirmação de Tuan (2013) ressalta que a experiência é um elemento primordial na dinâmica de transformação do espaço em lugar e conseqüentemente na construção dos lugares. A experiência obtida com o passar do tempo permite ao indivíduo o desenvolvimento do sentimento de lugar, fazendo-o sentir-se pertencente à cidade para a qual migrou.

Assim, a experiência se torna fundamental na construção do lugar, pois é por meio dela que os espaços deixam de ser meras localizações geográficas e se transformam em lugares significativos, carregados de memórias, simbolismos e afetividades.

Cada trajetória, cada vivência pessoal, contribui para a singularidade do lugar, evidenciando que a Geografia reflete não apenas os aspectos físicos do mundo, mas também os aspectos subjetivos da humanidade.

O filósofo Maurice Merleau-Ponty relaciona a experiência à formação de uma consciência ao afirmar:

Quaisquer que possam ter sido os deslizamentos de sentido que finalmente nos entregaram a palavra e o conceito de consciência enquanto aquisição da linguagem, nós temos um meio direto de ter acesso àquilo que ele designa, nós temos a experiência de nós mesmos, dessa consciência que somos, e é a partir dessa experiência que se medem todas as significações da linguagem, é justamente ela que faz com que a linguagem queira dizer algo para nós (Merleau-Ponty, 2018, p.12).

O fenomenólogo chama atenção para o papel central da experiência na construção de sentidos, na construção de mundo e na produção da linguagem. Por isso, assumir uma abordagem fenomenológica implica em escutar as experiências dos sujeitos e reconhecer que suas vivências são autênticas fontes de conhecimento.

Nessa pesquisa, essa postura metodológica se concretiza na aproximação com mulheres migrantes de Manaus, que nos permitiu compreender por meio de seus relatos como construíram seu mundo vivido em meio a deslocamentos e fragilidades.

Essa escuta dialoga com a narrativa literária de *A hora da estrela*, na medida em que a narrativa da Macabéa Clariceana evidencia a dimensão universal do fenômeno migratório, ultrapassando limites regionais. Clarice Lispector, por meio da trajetória de Macabéa, revela as tensões, as vulnerabilidades e as buscas que marcam a experiência de quem migra para outra cidade, que, ao mesmo tempo, o acolhe, mas também o rejeita.

Nesse sentido, as Macabéas de Manaus procuraram construir um lugar para si, um lugar topofílico permeado pelo pertencimento e pelo amor, no qual pudessem construir vínculos e transformar Manaus em seu lar, em seu Lugar.

Segundo João Baptista Ferreira de Mello (2014, p. 64): “O lugar transcende a materialidade, mas não está dissociado desta, pois aos objetos os homens atribuem significados que são construídos na vivência”. Familiaridade, vivência, cotidiano, nos faz “gente do lugar” (Dardel, 2015, p. 50), o migrante passa a se perceber como cidadão desta cidade pois é nela que ele trabalha, vive, contribui com seu desenvolvimento, constituiu sua família, tornando-se sujeito de sua própria existência.

Nesse sentido, refletimos nas palavras de Eduardo Marandola Jr. (2014):

Lugar é uma das ideias geográficas mais importantes atualmente. Transcende em muito a ciência geográfica, permitindo diálogos e conexões com a teoria social, a filosofia, a arquitetura, a literatura, a psicologia, o cinema [...] a geografia, enquanto ciência, deu pouca atenção ao lugar no decorrer de sua história. Seu ganho de importância coincide com dois processos: o surgimento de abordagens teóricas que procuravam enfatizar valores humanistas orientados pelas filosofias de espírito, dando atenção a heterogeneidade e à diferença (Marandola Jr. 2014, p. 14).

Ao reaproximarmos a Geografia de sua dimensão social e existencial, percebemos como a categoria lugar tornar-se fundamental para compreender a vivência migrante. Desde a década de 1970, a ciência geográfica vem aderindo novos modos de interpretação do espaço, da paisagem, da cultura e do lugar. Essa reformulação teórica abre caminhos para perspectivas

fenomenológicas e existenciais que refletem o modo como o sujeito experiencia o mundo, atribuindo significados aos lugares a partir dos vínculos topofílicos ou topofóbicos.

Nesse contexto, as expressões culturais também passam a ser valorizadas, demonstrando ser importantes fontes de compreensão geográfica, impulsionando o desenvolvimento da Geografia Cultural. O cinema, a música, as artes e nessa pesquisa a Literatura, oferecem metodologias sensíveis que revelam formas de habitar, perceber e representar o mundo. É nesse sentido que retomamos a reflexão de Marandola Jr. (2014), ao ressaltar a relevância do entrelaçamento entre Geografia, Arte e Literatura, como uma perspectiva capaz de compreender o fenômeno migratório em suas múltiplas dimensões existenciais.

Ao aproximarmos Geografia e Literatura, encontramos em *A hora da estrela*, uma narrativa capaz de revelar aspectos profundos da experiência migrante. As páginas do romance de Clarice Lispector nos permitem pensar o lugar não apenas como localização espacial, mas como uma construção simbólica, afetiva e cultural, revelando um campo de lutas, desenraizamentos e reinvenções do ser migrante, presentes tanto na ficção quanto na vida das mulheres migrantes com as quais dialogamos ao longo desta pesquisa.

Yi-Fu Tuan (1985), ressalta os aspectos subjetivos na construção do lugar, sobretudo, exemplifica a transformação da localização espacial em lugar, ao ilustrar:

Qual é o papel da emoção e do pensamento na ligação ao lugar? Considerem o animal como movendo-se ao longo de um caminho, parando de tempo em tempo. O animal para por uma razão, usualmente para satisfazer uma necessidade biológica importante – a necessidade de descansar, beber, comer ou acasalar. A localização da parada torna-se um lugar para o animal, um centro de significâncias que ele pode defender contra intrusos. Este modelo de comportamento animal e sentimento de lugar é prontamente aplicável aos seres humanos. Nós paramos para atender a exigências biológicas; cada pausa estabelece uma localização como sendo significativa, transformando-a em lugar. O humanista reconhece a analogia, mas novamente está disposto a perguntar como a qualidade da emoção e do pensamento humano dão ao lugar uma gama de significação humana inconcebível no mundo animal (Tuan, 1985, p. 149).

Tuan (1985), exemplifica a construção dos lugares através da ilustração da pausa do animal. No mundo animal, cada parada ao longo do caminho, muitas vezes motivada por necessidades básicas, como descanso, abrigo ou alimentação, transforma uma simples localização em um ponto de significância. Essa analogia também se aplica aos seres humanos, nós, igualmente interrompemos nossos percursos para atendermos demandas biológicas e/ou cotidianas, e cada pausa nos leva a atribuir um sentido de lugar ao espaço onde isso ocorre.

Todavia, como observa Yi-Fu Tuan (1985), a experiência humana ultrapassa em muito a metáfora do animal, pois, para nós não é apenas a necessidade que transforma um ponto em

lugar, mas há uma qualidade de emoções, pensamentos, vivências e ligações que ali se experiencia.

O espaço que passamos a viver, passando a ter proteção, calor, alimento, convivência e crescimento, deixa de ser apenas um local físico, passando a ser o centro de significâncias. Dessa forma, a pausa ligada ao afeto e à reflexão modifica a experiência espacial em lugar: tornando-se um signo na memória, laços e sentidos.

No início desta pesquisa, durante o processo de formulação da temática, minha intenção era refletir sobre a categoria espaço em seu sentido topofóbico, relacionando esse sentimento à vivência do sujeito migrante ao chegar à cidade.

Contudo, ao longo do meu percurso reflexivo, amadurecimento teórico e desenvolvimento da pesquisa, tornou-se evidente que o sentimento de indiferença que afeta o migrante em seu cotidiano na cidade, está relacionado ao sentido de lugar e não ao sentido de espaço.

Porém, é um lugar marcado pela exclusão, pela repulsa, um lugar topofóbico, no qual o migrante se percebe e se sente como alguém que não pertence a cidade para a qual migrou.

Dessa forma, passamos a compreender que o migrante se relaciona com um lugar topofóbico, e não com um lugar topofílico, refletindo em seu deslocamento existencial e não pertencimento à cidade, isso, no início da vivência migrante, mas com o passar do tempo o migrante pode modificar esse sentido de lugar topofóbico para sentido de lugar topofílico.

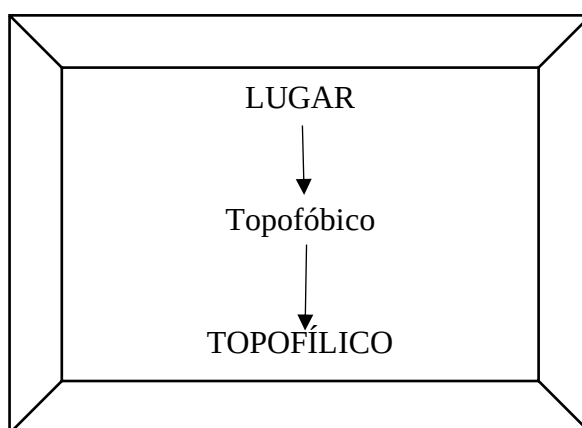
Assim sendo, a tese inicial: de que o migrante ao chegar à cidade, se depara com um espaço, foi reformulada passando a entender que o migrante só estabelece algum tipo de relação, seja no sentido topofílico ou no sentido topofóbico com a cidade a partir do sentido de lugar.

Portanto, ao refletirmos sobre essa relação, nos referiremos a ela como lugar topofóbico, o qual, com o passar do tempo, pode ser transformado em lugar topofílico.

Pois o espaço, na vivência migrante dentro de uma concepção geográfica humanista não expressa relação, assumindo nesse encontro entre o migrante e a cidade o sentido de espaço geométrico, como mencionado anteriormente nas palavras de Eric Dardel (2015, p.2).

No quadro abaixo representamos o sentido de lugar na vivência migrante, relacionando experiências topofóbicas e topofílicas, evidenciamos que a construção do lugar é permeada por sentimentos de repulsa, de deslocamentos, característicos da topofobia, assim como por dimensões de pertencimento que emergem quando o migrante passa a reconhecer a cidade de destino como seu lugar topofílico de vivências.

FIGURA 3 - EXPERIÊNCIAS DO LUGAR NA VIVÊNCIA MIGRANTE



Fonte: Elaborado pela Autora (2025).

Dessa forma, na perspectiva migrante o lugar não se resume a uma relação cordial, harmoniosa ou afetuosa com a cidade e com os demais habitantes, o lugar é permeado de experiências que podem ser positivas ou dolorosas, pois a migração é resultado de um deslocamento físico, havendo um rompimento de vínculos: o migrante deixou sua terra natal, afastou-se das pessoas com as quais cresceu, distanciou-se fisicamente das ruas do seu bairro, das paisagens que lhe eram familiares.

Essa ruptura física é consequência do ato de migrar, todavia, essa tese reflete sobre a construção do lugar a partir de seu sentido topofílico, ressaltando o sentimento de pertencimento desenvolvido pelo migrante, que o faz afirmar: “*Eu sou de Manaus, meu lugar é aqui!*”. Esse relato que ouvimos várias vezes durante o trabalho de campo, expressa a relação topofílica do ser migrante com a cidade, relação que buscamos compreender a partir das vivências das Macabéas de Manaus.

Esse vínculo nasce da vivência cotidiana e das experiências com o lugar. A topofilia configura ao lugar uma dimensão existencial, pois é por meio dela que o sujeito se reconhece no mundo, percebendo que naquele lugar ele/ela existe.

Na experiência migrante esse sentimento se manifesta quando o indivíduo afirma:

eu vivo aqui nessa cidade, eu tenho trabalho nessa feira, vendendo goma de tapioca, frutas. Minha presença aqui é importante eu posso ter vindo de fora, de outra cidade, mas eu trabalho há mais de trinta anos aqui, nesse local, aqui sou importante, aqui tenho profissão, aqui tenho amigos, não preciso ficar em casa trabalhando o dia todo, lavando louças, fazendo comida, lavando roupa, gastando meu tempo com tarefa doméstica, porque eu moro praticamente sozinha, meu marido vive mais no nosso sítio, do que em Manaus, a gente não tem mais filho pequeno, eu posso passar o dia trabalhando somente aqui na feira, e ao chegar em minha casa, a casa continua do mesmo jeito que eu deixei antes de vim trabalhar, porque como sou praticamente sozinha, quando volto tá tudo arrumado do jeito que eu deixei (Macabéa das Letras, 2025).

Essa Macabéa carrega consigo um sentimento de lugar tofílico por Manaus e pela feira onde ela trabalha, enfatizando a importância da sua atividade laboral na construção de seu sentimento tofílico.

A Macabéa das Letras, em sua fala enfatiza várias vezes: *aqui eu sou importante*, ou seja, em seu trabalho ela não está sozinha, pode desfrutar da companhia dos demais permissionários, conversar por horas com os clientes, conhecer novas pessoas, como aconteceu conosco ao nos conceder entrevistas. A Macabéa das Letras percebeu que em seu local de trabalho, ela tem uma função social.

Essa vivência evidencia como o migrante vai tecendo gradualmente um elo afetivo com o lugar, mesmo quando esse lugar se apresenta inicialmente de uma maneira hostil ou tofóbica. O processo simbólico e existencial envolvendo sentimentos, experiências, memórias e vivências cotidianas é decisivo na possível transformação do lugar hostil, tofóbico em um lugar de acolhimento e tofílico.

Como ressalta Edward Relph (1978) ao dialogar com o conceito dardeliano de geograficidade, nos lembra que esse sentimento não se traduz apenas como “uma ligação romântica” (Relph 1978, p.18), mas com uma ligação profunda e existencial com o mundo vivido.

Edward Relph (1978), ao retomar o conceito de geograficidade expressa a maneira como o ser humano habita a Terra, criando sentidos, significados que constituem os aspectos sensíveis e simbólicos da experiência humana. Revelando uma relação ontológica que demonstra o enraizamento no lugar, ele nos alerta que essa relação não se traduz apenas nas experiências harmoniosas, mas a geograficidade vivida e encarnada também se traduz nas tensões, estranhamentos, vulnerabilidades e modos complexos de pertencimento.

Assim, ao compreendermos a geograficidade na amplitude de sentimentos trazidas pelas reflexões de Relph ampliamos nossa visão de mundo e reconhecemos que a experiência do ser no lugar é marcada por sentimentos por vezes dicotômicos, trazendo concepções tofóbicas e tofílicas, na relação do ser com a Terra, experiências que podem se iniciar sob o sentimento de exclusão, de tofobia como consta na narrativa clariceana de Macabéa, na cidade do Rio de Janeiro, mas pode se desenvolver e se ressignificar numa experiência amorosa, portanto, tofílica, com o lugar como a experiência compartilhada por nossa colaboradora, Macabéa das Letras. Esse sentimento tofílico do ser com o lugar, nos conduz a outro conceito essencial para a compreensão da relação do ser com a Terra: Geograficidade.

1.4. Vivência Migrante e Geograficidade

É desse “lugar”, base de nossa existência, que, despertando, tomamos consciência do mundo e saímos ao seu encontro, audaciosos ou circunspetos, para trabalhá-lo. Há, no lugar de onde a consciência se eleva para ficar de pé, frente aos seres e aos acontecimentos, qualquer coisa de mais primitivo que o “lar”, o país natal, o ponto de ligação, isto é, para os homens e os povos, o lugar onde eles dormem, a casa, a cabana, a tenda, a aldeia. Habitar uma terra, isso é em primeiro lugar se confiar pelo sono àquilo que está, por assim dizer, abaixo de nós: base onde se aconchega nossa subjetividade. Existir para nós é partir de lá, do que é mais profundo em nossa consciência, do que é “fundamental” (Dardel, 2015, p. 41).

Geograficidade, esse sentimento de ligação do ser com seu lugar, com sua Terra, é construído desde cedo, compondo laços que une o sujeito ao mundo, compreendemos que esta relação primordial está intrinsecamente conectada a existência humana refletindo no espaço geográfico e vivido.

Todavia, há aqueles sujeitos que rompem com essa relação-base primordial, indivíduos que partem, deixando para trás sua terra natal, tornando-se migrantes, forasteiros, estrangeiros do seu próprio “eu” e dos lugares que passam a habitar.

O termo “forasteiro”, como sugere a própria etimologia, carrega o sentido de exterioridade, trazendo a ideia daquele de fora, aquele indivíduo que não pertence à cidade.

Nessa dimensão, o migrante ao se deslocar, vivência a transição entre o familiar e o estranho, entre o enraizamento e o desenraizamento. Surge então, uma questão fundamental: *na perspectiva dardeliana a Terra é confiança, abrigo e amor, como o ser migrante recria ou reconstrói esses sentimentos na cidade de destino?*

Eric Dardel relaciona a existência humana ao lugar, evidenciando que é a partir dele que o ser humano desperta para o mundo, tomando consciência de si e de sua condição terrestre. É esse ponto de enraizamento que é base da experiência e da subjetividade humana.

Refletindo sobre os sentimentos que movem o migrante, percebemos que a imaginação, o sonho, o devaneio e a esperança são sentimentos primordiais que concedem força para o deslocamento do indivíduo de sua terra natal.

A cidade para onde vão, representa o lugar mágico onde acreditam ser possível concretizar os sonhos de sua imaginação.

É na cidade de destino que o migrante imagina encontrar emprego, estabilidade financeira, adquirir casa própria, continuar os estudos. Esse mesmo sentimento impulsionou a personagem clariceana para a “*cidade maravilhosa*”.

A Macabéa Clariceana migrou em busca da cidade incrível que ouvira falar. Importante esclarecermos que as locuções adjetivas aqui referenciadas à cidade do Rio de Janeiro, como *incrível*, *inacreditável* ou *cidade maravilhosa*, são terminologias usadas pela escritora Clarice Lispector, no decorrer da narrativa de *A hora da estrela*... Na escrita clariceana percebemos a ingenuidade do olhar migrante para a metrópole.

De modo semelhante, as Macabéas de Manaus, também migraram impulsionadas por sonhos, esperanças e projetos de vida.

Algumas que ouvimos, saíram dos municípios do interior amazonense na esperança de na capital continuar os estudos, pois em suas comunidades de origem, não existia essa possibilidade.

Concluir o ensino médio ou o ensino normal, antigo magistério, impulsionou a vinda de algumas, como aconteceu com a Macabéa da Infância Subtraída, que sonhava em ser Professora, e ao descobrir que na Comunidade do Novo Remanso, em Itacoatiara, interior do Estado do Amazonas não havia o curso de Magistério, migrou para Manaus, passando a morar na casa de sua tia, que havia lhe prometido uma matrícula no Instituto de Educação do Amazonas (IEA).

No entanto como veremos na Terceira Travessia desta tese, o que parecia um caminho de realização revelou-se um caminho de desilusão, um sonho interrompido, uma esperança adiada.

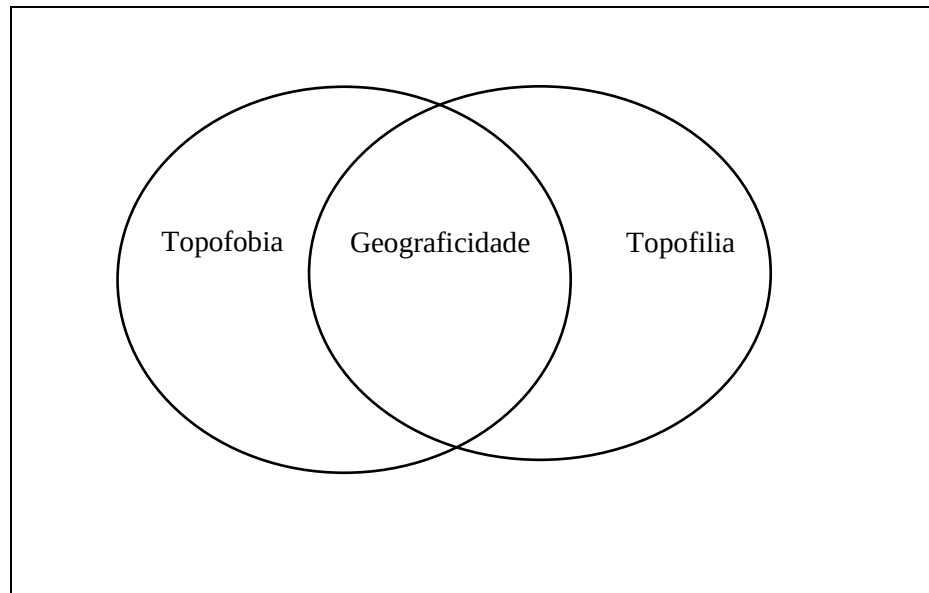
Assim, entre o chão de origem e o solo do destino, o migrante busca (re)construir o seu “habitar”, esse gesto para Dardel é essência sendo sinônimo do EXISTIR.

Portanto, a geograficidade do ser migrante, está marcada por tensão entre o que se deixou e o que ainda não se alcançou, entre a confiança primeira e a incerteza do recomeço.

Nesse momento, retomamos as reflexões de Edward Relph (1978). Se para Dardel, a geograficidade se fundamenta no desenvolvimento do sentimento de confiança entre o ser e a Terra, é no deslocamento físico do sujeito, isto é, na condição de migrante que essa relação pode ser abalada, e de acordo com Relph (1978), a geograficidade tende a emergir de forma mais consciente nessas situações, evidenciando que ela não se manifesta apenas por meio de vínculos positivos, mas também por experiências de estranhamento e ruptura.

Assim, para Edward Relph (1978), o sentido de geograficidade abrange tanto a topofilia quanto a topofobia, como apresentado no quadro a seguir:

FIGURA 4 - GEOGRAFICIDADE E AS EXPERIÊNCIAS TOPOFÓBICAS E TOPOFÍLICAS



Fonte: Elaborado pela Autora (2025).

Relph (1978) afirma:

A geograficidade permanece aceita e discreta, mais vivida que expressa. Essa aceitação passiva e inconsciente da geograficidade pode, entretanto, ser rompida por encontros poderosos e semiconscientes com o ambiente, por experiências intensas ou fracas ou simplesmente por experiências que estão suficientemente fora do ordinário para despertar a consciência geográfica. Nesses casos há um despertar de consciência, e uma direção aos espaços, paisagens e lugares, e aos problemas e qualidades que nos apresentam. Quando são positivas e agradáveis, elas são experiências de topofilia, mas quando são repulsivas, desagradáveis e negativas elas são experiências topofóbicas (Relph, 1978, p. 19).

Assim, topofilia e topofobia são sentimentos distintos, mas intrinsecamente relacionados à experiência do ser no lugar. A forma como o sujeito a vivencia e é afetado pelo ambiente revela não apenas sua disposição emocional, mas também a maneira como ele ocupa e interpreta o mundo.

Um lugar pode emergir como espaço de pertencimento, convocando vínculos positivos ou inversamente, transformando-se em um *não-lugar*, isto é, um espaço que rompe laços, produz estranhamento e sinaliza ao indivíduo que ali ele não é bem-vindo.

Nesse sentido, o lugar topofóbico se manifesta quando o sujeito, ao experienciá-lo, percebe limites à sua existência seja pela hostilidade social, pelos códigos que não domina, ou pela sensação de deslocamento e não pertencimento.

No contexto da experiência migrante, esse aspecto torna-se ainda mais evidente. O primeiro contato com a cidade, com seus ritmos, com seu cotidiano, pode despertar sentimento de insegurança, medo ou rejeição, constituindo percepções topofóbicas que acompanham o indivíduo em sua jornada inicial.

Esses afetos não são apenas emocionais, mas fazem parte do próprio sentido de geograficidade, pois revelam como o ser humano se relaciona com o mundo. Assim, a geograficidade inclui esses momentos de ruptura permeados pela tensão e estranhamento, nos quais o sujeito percebe de forma clara a força dos lugares em sua constituição existencial.

Considerando esse processo de recomeço, evidentemente, a experiência migrante seria menos árdua se houvesse uma rede de apoio, ou políticas públicas de acolhimento para o sujeito que chega. No entanto ao observamos a realidade, reconhecemos que essas normativas de acolhimento não fazem parte do cotidiano das grandes cidades.

Refletindo no processo de adaptação da experiência migrante e na (re)construção dos lugares no cotidiano, Marandola Jr. e Dal Gallo (2010, p. 414), ponderam: “o migrante constrói múltiplas territorialidades.”

Nessa mesma direção, Silva (2022) considera que as relações de reciprocidade estabelecidas no dia a dia entre o migrante e os habitantes da cidade de destino, tornam-se visíveis através das territorialidades, por meio das manifestações culturais que o migrante desenvolve nessa nova cidade de moradia, seja através dos gêneros musicais, sotaque, religiosidades, crendices populares, vestimentas, hábitos alimentares... Essas manifestações expressam o lugar natal do migrante, revelando sua existência.

Tuan (2012), nos concede uma reflexão a respeito desse sentimento que impulsiona o homem a seguir seus sonhos:

Crer no que se deseja e delusão permeiam todos os nossos ideais políticos e ambientais; integram todos os conceitos e planos que são suficientemente complexos, e geram força emocional, suficiente para exigir ação. O cérebro é a força principal à disposição do homem para traduzir os seus anseios em algo semelhante à realidade (Tuan, 2012, p. 32).

No cotidiano da vida, permanecer na cidade natal é um comportamento comum: seguir vivendo no mesmo lugar parece ser a opção mais segura. O risco assumido ao se deslocar, ir atrás de um sonho, apostar no próprio potencial, frequentemente se mescla ao medo do desconhecido, mudar de cidade implica em se afastar de familiares e amigos, romper redes de

apoio e enfrentar um (re)começo que pode ser árduo, sobretudo, quando não se dispõe de recursos financeiros ou estabilidade emocional.

Ainda assim, acreditar em si mesmo e cultivar a esperança de dias mais amenos torna-se um ideal capaz de impulsionar transformações profundas. É nesse ponto que a reflexão de Tuan (2012) ganha força, lançar-se ao mundo exige confiança e uma energia interior que sustente não apenas o primeiro passo, mas a continuidade do trajeto.

Migrar, recomeçar e apostar em outras possibilidades de existência são ações que vão diferenciar o simples desejo da coragem, pois o desejo ou o sonho de transformar a própria vida é amplamente compartilhado por muitos, mas a coragem de assumir os riscos até a concretização desses sonhos é uma escolha feita por poucos indivíduos, que revelam confiança em si mesmos.

Enfatizamos que essa reflexão se refere aos sujeitos migrantes que dispõe da possibilidade de escolha, os que podem exercer sua vontade entre ir ou ficar. Portanto, não estamos nos referindo aqueles sujeitos que migram por imposição das circunstâncias adversas, para os quais a saída da cidade natal não é uma escolha, mas uma necessidade.

Assim, a geograficidade do ser migrante é constituída por uma tensão daquilo que foi deixado para trás e aquilo que ainda não se alcançou, sendo uma condição existencial situada entre a confiança sustentada pela esperança de novos horizontes e concretização dos sonhos, e a incerteza, sentimento próprio do recomeço.

Ao migrar o sujeito rompe parcialmente com seu solo natal simbolizado pelo afastamento físico, ingressando em um espaço onde a familiaridade ainda não foi construída. Esse deslocamento produz uma geograficidade permeada por ambiguidades, abrindo ao mesmo tempo a possibilidade de (re)ligação.

Nesse sentido, a vivência migrante revela a relação ontológica com a Terra, proporciona ao migrante sentimentos que oscilam entre estranhamento, desenraizamento, fragilidade, familiaridade e pertencimento.

Edward Relph (1978, p.18) ao analisar as experiências humanas em relação a geograficidade, considera:

Geograficidade é, assim, um termo que encerra todas as respostas e experiências que temos dos ambientes no qual vivemos, antes de analisarmos e atribuírmos conceitos a essas experiências. Todos devem conhecer lugares, responder aos espaços participar na criação (ou destruição) da paisagem, meramente para ficar vivo; desta maneira geograficidade é central nas experiências (Relph 1978, p.18).

Antes de analisarmos e atribuímos conceitos a essas experiências, é importante reconhecer a geograficidade, por ser ligação entre o Ser e a Terra, que vai se desenvolver à medida que própria experiência evolui. Assim, antes de dimensionarmos se vivemos em um lugar topofóbico ou topofílico, a geograficidade está ali, existindo e se firmando, nos dando a dimensão do mundo vivido.

Nesse sentido, Amélia Regina Batista Nogueira (2014, p.55) a partir de sua imersão teórica nos conceitos fenomenológicos em sua pesquisa de doutorado aponta que: “mundo vivido será sempre entendido como lugar vivido, lugar de vida, lugar de existência”.

Essa compreensão fundamenta as distinções propostas por Edward Relph, pois é a partir desse mundo primordial que emergem as diferentes maneiras de pertencimentos ou estranhamentos, como as experiências *topofóbicas* e *topofílicas*.

Relph (1978), aponta a *geograficidade* como um tema central para a compreensão fenomenológica da relação homem-espaco-lugar-paisagens, entendida como: “a relação que necessariamente temos com o mundo através dos espaços, paisagens e lugares que encontramos em nossa vida diária”.

Portanto, é no cotidiano, no mundo vivido que a *geograficidade* vai sendo construída a partir das experiências do sujeito, das percepções, dos signos e dos afetos, sendo formada por todos os sentimentos que compõe a subjetividade humana.

“A geograficidade se conhece por meio da experiência e não de conceituação” (Relph, 1978, p. 22).

1.5. Vivência Migrante e Memória

Embora essa parte da Travessia tenha por subtítulo *Vivência Migrante e Memória*, é importante esclarecermos que as narrativas de vida e memórias das Macabéas não serão aprofundadas neste momento, serão desenvolvidas, retratadas e descritas na Segunda e Terceira Travessia desta tese, momento em que serão apresentadas de forma detalhada as memórias, os enredos e os encontros construídos na narrativa clariceana de *A hora da estrela* e as vivências das Macabéas de Manaus que conhecemos durante o trabalho de campo.

Na Segunda Travessia, nos concentraremos no objeto central deste estudo, o livro: *A hora da estrela*, refletindo sobre a vivência de Macabéia na cidade do Rio de Janeiro, para isso, recorreremos à análise de Marc Brosseau (2007), que destaca a relevância do espaço na trama romanesca, ao afirmar que este, não se configura apenas como o cenário onde a narrativa se

desenvolve, mas sendo percebido como um elemento ativo na narrativa, assumindo o papel de sujeito na trama.

Sendo no espaço romanesco que as vivências das personagens são diretamente impactadas e ressignificadas, essa perspectiva mostra-se relevante se relacionada com à experiência de Macabéia, que juntamente com sua tia migraram do sertão de Alagoas, em busca da idealizada “cidade maravilhosa”, conforme narra Rodrigo S. M. (2017), cidade caracterizada na imagética popular como um lugar mítico onde os sonhos dos sujeitos podem se concretizar. Contudo, essa discussão será ampliada posteriormente.

Na Terceira Travessia, as narrativas de vida das Macabéas de Manaus emergirão em sua singularidade, revelando trajetórias marcadas por deslocamentos, expectativas e processos de adaptação ao espaço urbano.

Nesse momento, serão detalhadas as vivências dessas mulheres que chegaram à Manaus ainda meninas, cheias de dúvidas, anseios e incertezas, mas também com perspectivas de mudança de vida, sonhos e esperanças para o amanhã.

Portanto, a Terceira Travessia dedica-se, à descrição e à interpretação dessas narrativas de vida, compreendidas como elementos constitutivos do estudo da memória migrante que fundamentam essa pesquisa.

Ao dar voz a essas experiências, buscamos evidenciar como as lembranças individuais se articulam às vivências coletivas, permitindo compreender os modos de existir, sentir e habitar a cidade a partir do olhar dessas mulheres migrantes.

No entanto é importante antecipar que embora cada história seja essencialmente individual, elas parecem se refletir mutuamente como em espelhos revelando dimensões comuns da condição migrante.

Assim, o que é vivido de modo único-particular por cada mulher que foram ouvidas, suas dores, suas coragens, seus deslocamentos e suas formas de habitar a cidade fazendo dela o seu lugar, ressoa em um campo de experiências compartilhadas por outras Macabéas, tornando-se vivências existencialmente coletivas.

Nessa perspectiva da relação entre o singular e o comum, a memória migrante se apresenta como um espaço holístico no qual se entrelaçam recordações individuais e lembranças coletivas, tornando-se um campo plural em que experiências íntimas se conectam à vivências sociais, revelando uma memória ao mesmo tempo diversa e homogênea.

É nessa tessitura que fundamentamos nossa base metodológica para descrever as vivências da Macabéia Clariceana e das Macabéas que habitam Manaus. Michael Pollack

(1992), enfatiza que: “há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento” (Pollack, 1992, p. 204).

Essa afirmação nos direciona para a compreensão de que a memória não é apenas um repositório de acontecimentos, mas um modo de sentir e de existir, por meio dela revisitamos experiências da vida que compõem nosso tecido humano e existencial.

As lembranças mobilizam subjetividades construídas em diferentes momentos, fazendo emergir tanto experiências afetuosas quanto vivências dolorosas. Há memórias que retornam como acolhimento para acalantar a alma, mas há também aquelas que revelam traumas, sendo narrativas internas muitas vezes silenciadas por nossa psiquê e mantidas no esquecimento.

Estudar memória, portanto, é adentrar um campo em que o passado nem sempre é inteiramente dito ou facilmente revisitado, isso ocorre porque o próprio ato de lembrar está codificado por mecanismos de proteção, seja de ordem psicológica, existencial ou física, que organizam o que pode ser lembrado e o que deve ser esquecido. Assim, a memória nos conduz inevitavelmente aos sentimentos, pois recordar é (re)viver, ressignificar aquilo que nos constitui.

Nesse sentido, as narrativas reunidas nesta pesquisa integram o conjunto de experiências migrantes que constituem as dimensões subjetivas das vivências das Macabéas. Cada depoimento reconstrói, a seu modo, o universo fenomenológico-existencial que essas mulheres carregam por meio de suas vivências.

Ser migrante significa trazer inscritas no corpo, na memória e na própria história, marcas do deslocamento, da ruptura com a cidade natal, muitas vezes revivendo dores. Assim, essas histórias de vida não representam apenas relatos individuais, sendo narrativas carregadas de sentidos que emergem das travessias vividas e dos vínculos que se reconstroem na experiência migrante.

A maioria das mulheres que protagonizaram esta pesquisa migraram ainda na adolescência para Manaus, ao revisitar suas trajetórias, revelaram sentimentos intensos que marcaram esse (re)começo: o medo diante do desconhecido, a topofobia vivenciada nas primeiras noites nas casas de parentes que as acolheram, a solidão, a tristeza e diversos temores.

Embora algumas experiências tenham sido verbalizadas, muitas permaneceram no campo do não dito, manifestando-se no silêncio, nos olhos marejados e no nervosismo ao rememorar a juventude e a distância física dos seus pais, de suas mães, dos irmãos e de seus lares.

Certas vivências, inicialmente não foram expressas em nossos primeiros contatos com as Macabéas, mas foram sendo reveladas à medida que nossas conversas se repetiam em seus locais de trabalho, tornando-se em certo sentido cotidianas.

Esse processo possibilitou evidenciar a complexidade do aventurar-se em Manaus, a reconstrução de pertencimento e a reinvenção de caminhos em uma cidade que a princípio lhes parecia estranha.

A Macabéa Clariceana também viveu uma infância e uma adolescência imersa na dor, criada por uma tia extremamente rígida, participante assídua das missas da igreja, porém, desprovida de vida afetiva e vínculos amorosos, Macabéa cresceu em um ambiente marcado pela ausência de cuidado e por um cotidiano permeado por castigos físicos e psicológicos.

Rodrigo S. M. (2017) ressalta que o único prazer que a tia de Macabéa se permitia ter, era de punir fisicamente a sobrinha dando-lhe cascudos na cabeça: “a tia lhe dando cascudos no alto da cabeça” (Lispector, 2017, p.61). Também lhe impunha castigos emocionais, como negar-lhe a degustação de sua sobremesa preferida: o doce Romeu e Julieta.

Esse cotidiano de opressão compõe o horizonte emocional que integra a estrutura das lembranças da Macabéa Clariceana, aproximando a personagem de *A hora da estrela* das mulheres reais com as quais dialogamos em campo.

Os medos, os castigos, as lembranças carregadas de angústias e de inquietações: “*Será que vou conseguir ficar longe da minha mãe? Do meu pai? Dos meus irmão? Da minha cidade? Da minha comunidade?*”. Essas reflexões emergem da memória das Macabéas de Manaus, interligando diferentes vivências, sendo questionamentos bastante repetidos por várias entrevistadas durante o desenvolvimento da pesquisa.

Essas incertezas expressas tanto pela memória pessoal quanto na memória coletiva, formam a vivência migrante das Macabéas de Manaus, assim, ao descrevermos essas experiências, buscamos não apenas registrar trajetórias, mas dar voz às experiências afetivas e existenciais que compõe a dimensão de migrar.

Nesse percurso, dialogamos com estudiosos da memória social como Maurice Halbwachs (2006) e Ecléa Bosi (1987), pois suas reflexões ampliam a compreensão sobre como cada sujeito reinscreve seu passado no tempo, na cidade e em si mesmo. Suas contribuições nos auxiliarão para demonstrarmos o modo pelos quais essas mulheres elaboraram, narraram e preservaram suas histórias, revelando que a memória também é um lugar de pertencimento e resistência.

Em *A Memória Coletiva*, Maurice Halbwachs (2006) nos lembra que nossas lembranças, ainda que vividas individualmente, por vezes, também são coletivas: “Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos” (Halbwachs, 2006, p. 30). A partir dessa reflexão, a pergunta que emerge é essencial: nossas lembranças são particulares ou são coletivas?

No contexto das migrações vivenciadas pelas Macabéas, essa reflexão se mostra mais sutil, os relatos que ouvimos durante o trabalho de campo, por vezes, pareciam ecos a repercutir nas feiras, nos ônibus, nos barcos e nos becos da cidade, revelando que experiências aparentemente individuais na verdade podem ser fragmentos de memórias compartilhadas.

As Macabéas de Manaus, jovens mulheres que migraram do interior do Amazonas em busca de melhores oportunidades, carregam em suas falas sonhos semelhantes: estudar, trabalhar, conquistar um diploma normalista, atuar como Professoras, conseguir uma formação técnica em enfermagem, trabalhar na saúde, enviar dinheiro para a família. São aspirações particulares que se entrelaçam, constituindo um tecido de expectativas comuns entre tantas meninas-mulheres que veem na cidade grande a promessa de um futuro melhor.

Contudo, como nos apontou nosso campo, muitas vezes a rede de apoio que muitas Macabéas acreditavam possuir na capital se revelou inexistente. Ao chegar, algumas dessas jovens descobriram que não seriam matriculadas nas escolas normalistas ou técnicas que motivaram sua migração. Entre esses relatos, destacamos o da Macabéa do Alvorecer, que através do relato de sua memória nos revela sua dor e a negligência familiar:

Meu tio me levou pra escola onde ele faria minha matrícula, eu me arrumei toda feliz e fomos na bicicleta Monark dele. Ele entrou na escola, e eu fiquei lá do lado de fora esperando por ele e reparando a bicicleta, esperei uma, duas, três, quatro horas, quatro horas, me lembro até hoje, porque o sol já tava se pondo e nada do meu tio sair de dentro da escola. O vigia não me deixou entrar, então eu voltei pra casa dele e da esposa dele na época. Chegando lá, a esposa do meu tio, perguntou por ele, eu falei que não sabia dele, que ele havia entrado na escola pra fazer minha matrícula e até aquela hora não havia saído... Meu tio só apareceu três dias depois e sem meus documentos, minha tia (eu chamava ela de tia por consideração), ficou com muita raiva e com toda razão. Eles disseram que ia comigo no PAC ⁴ da Compensa tirar outras vias dos meus documento... Resumindo: não fui matriculada porque meu tio perdeu meu documentos e nunca foram tirar outros documento, fiquei presa na casa deles trabalhando, acordava de madrugada e dormia altas horas da noite, quando percebi já tava com 16 anos, tava vivendo 4 anos naquela labuta sem fim (Macabéa do Alvorecer, 2025).

4- Pronto Atendimento ao Cidadão Órgão do Governo do Estado do Amazonas onde realizam emissões de documentos.

Essa experiência simboliza o descaso, a irresponsabilidade e o silenciamento das Macabéas, não sendo um caso isolado, outras Macabéas de Manaus relataram negligências semelhantes em etapas fundamentais de suas trajetórias de vida, como o descaso com a matrícula escolar mencionado, impedindo uma etapa essencial que viabiliza o acesso de jovens à escolarização no ensino básico, contribuindo para sua formação sociocultural e possibilitando o conhecimento dos seus direitos e deveres, dos conteúdos formais de ensino, oportunidades e exercício da autonomia, esse cotidiano de múltiplas aprendizagens não foi vivenciado por algumas Macabéas.

Muitas dessas jovens foram tratadas como mão de obra gratuita, trabalhando por anos nas casas de parentes, cuidando de outras crianças, sendo as responsáveis por levar e buscar primos e primas na Escola.

Eram obrigadas a acordar antes de todos para preparar o desjejum e dormiam por último, pois ainda precisavam lavar a louça do jantar e limpar a cozinha, sendo impedidas de se sentar à mesa, já que ao se alimentarem em pé, ganhavam mais tempo.

Essas são memórias duras e tristes, que revelam não apenas a violência física imposta a corpos ainda em desenvolvimento, pois as Macabéas de Manaus, eram adolescentes, que necessitavam de mais horas de sono, de uma alimentação adequada e de tempo para práticas e socialização próprias da juventude, como a realização de atividades esportivas, o lazer, o convívio social e o exercício afetivo.

No entanto tais experiências e projetos de vida não integravam a realidade vivida por essas Macabéas. As condições estruturais enfrentadas por essas jovens migrantes evidenciam um processo coletivo e sistemático de subjugação que recaiu sobre essas meninas-mulheres desde muito cedo.

Assim, as narrativas reunidas mostram que a experiência migrante na Amazônia guarda marcas de sofrimento que ultrapassam histórias pessoais. Elas compõem uma memória coletiva da exploração, da invisibilização e da resistência, que se inscreve tanto nos corpos quanto nos lugares. São lembranças que embora vividas por indivíduos, pertencem a uma comunidade inteira de mulheres que vivenciaram o peso de um sistema que insiste em deixá-las à margem.

Ecléa Bosi (1987), a partir de sua imersão na temática desenvolvida em *Memória e Sociedade: Lembrança de Velho*, e de sua experiência direta com os sujeitos de sua pesquisa, ressalta que a descrição dos fatos mediada pela memória não se orienta por um princípio de neutralidade. Para a autora: “O sujeito não se contenta em narrar de forma “neutra”. Ele quer julgar, marcando bem de que lado estava naquela altura da história” (Bosi, 1987, p.453).

Assim, a memória se constitui como uma narrativa carregada de sentidos, na qual o passado é reinterpretado à luz das experiências e das condições presentes do sujeito que recorda. Desse modo, o sujeito que narra suas memórias e lembranças o faz a partir de sua própria perspectiva, mobilizando sua visão de mundo e seus referenciais simbólicos para interpretar o vivido.

Ao pesquisador que se dispõe a escutar e registrar essas narrativas, tem que saber que está diante de uma entre muitas possíveis leituras dos fatos e das experiências, essa compreensão exige uma reflexão minuciosa no processo de construção metodológica da pesquisa, sobretudo, em nossa investigação desenvolvida em Manaus, onde emergiram as “Macabéas”, mulheres migrantes cujas histórias de vida fundamentaram empiricamente esta tese.

Ressaltamos que por meio das narrativas que as Macabéas de Manaus compartilharam conosco, foi possível conhecermos suas trajetórias de vida, *in loco*, observamos a reafirmação de nossa hipótese central: o migrante é capaz de ressignificar o lugar inicialmente vivido em seu sentido toponímico e transformá-lo em um lugar topofílico, no qual passa a se reconhecer, a se enraizar e a construir um sentido de pertencimento. Assim, o “aqui” se consolida como lugar de vida, deslocando simbolicamente o “lugar” de onde o migrante veio.

Silva (2025), em sua dissertação de mestrado desenvolveu uma análise da memória a partir das narrativas de vida dos moradores da comunidade Valparaíso, situada no bairro Jorge Teixeira, Zona Leste de Manaus.

A pesquisa evidenciou o protagonismo dos moradores mais antigos, cujos relatos reconstituem o processo de formação da comunidade, revelando como o sentido de coletividade estrutura o cotidiano desse espaço urbano, frequentemente estigmatizado por discursos que o associam à violência e à marginalização.

As histórias de vida desses moradores, em sua maioria migrantes oriundos do interior do Amazonas, demonstram como suas trajetórias pessoais e coletivas foram fundamentais para a consolidação desse território periférico. Nesse contexto, o pesquisador destaca:

A comunidade Valparaíso se apresenta como um espaço dinâmico, onde o cotidiano é permeado, além dos desafios estruturais, pela solidariedade e identidade compartilhada. Através das histórias narradas, percebo como a noção de pertencimento se entrelaça à memória coletiva e à relação dos indivíduos com o espaço que ocupam (Silva, 2025, p. 13).

Ao abordar a dimensão existencial dos sujeitos que habitam a periferia, o pesquisador constrói uma historiografia urbana que acompanha o surgimento da comunidade através da presença dos moradores mais antigos, sendo muitos desses, sujeitos migrantes, destacando a importância da atividade socioeconômica das hortas urbanas desenvolvidas na comunidade Valparaíso, localizada no bairro Jorge Teixeira.

Ao narrar a formação histórica dessa comunidade a partir da memória dos mais experientes, o estudo possibilita uma compreensão distinta daquela comumente (re)produzida pelos meios de comunicação da cidade de Manaus, e pelos registros oficiais do governo, que muitas vezes relacionam as ocupações irregulares na periferia da cidade à presença migrante.

Nessa Primeira Travessia, fomos conduzidas pela Geografia Literária, compreendendo a narrativa literária como um campo para múltiplas interpretações do mundo vivido.

Entretanto, ressaltamos que esta pesquisa não se propôs a realizar uma crítica literária da obra *A hora da estrela*, mas a compreender a presença migrante na cidade a partir de seu sentido ontológico, considerando as experiências de existência, pertencimento e deslocamento que marcam o viver do ser migrante no espaço urbano.

É nesse percurso que anunciamos a passagem para a Segunda Travessia, voltada para Macabéa, protagonista do romance *A hora da estrela*. Por meio da trajetória dessa personagem, Rodrigo S. M. revela a condição do migrante empobrecido que habita a cidade grande, vivenciando cotidianamente a exclusão sociocultural e a constante negação de sua existência; ao questionar de forma excludente e silenciosa o sentido de sua presença no mundo, a protagonista vivencia uma cidade que embora seja evocada como “*cidade maravilhosa*”, revela-se à nordestina sua face contraditória, marcada pela indiferença, pela invisibilidade e pela desigualdade.

As vivências de Macabéa ultrapassam os limites da ficção e encontram ressonância nas vivências das Macabéas de Manaus, mulheres que constituem o universo empírico desta pesquisa, assim como a personagem clariceana elas carregam histórias de deslocamento, sonhos e expectativas que muitas vezes, se confrontam com experiências de exclusão, silenciamento e não pertencimento à cidade. Entrelaçando vivências, mundos, sentidos e ressignificando lugares.

Nesse sentido, o Rio de Janeiro não é descrito apenas como cenário, mas como um espaço social de exclusão, no qual a Macabéa Clariceana vive as dores, os silenciamentos e as topofobias que constituem a experiência de muitos migrantes: “de uma cidade toda feita contra ela” (Lispector, 2017, p. 50).

SEGUNDA TRAVESSIA:
MACABÉA CLARICEANA E O DESEJO POR UM LUGAR TOPOFÍLICO

A pessoa de quem vou falar é tão tola que às vezes sorri para os outros na rua. Ninguém lhe responde ao sorriso porque nem ao menos a olham (Lispector 2017, p. 51).

2ª. TRAVESSIA: MACABÉA CLARICEANA E O DESEJO POR UM LUGAR TOPOFÍLICO

Esta Segunda Travessia se concentra na interpretação do mundo vivido de Macabéa, se desenvolvendo a partir da experiência migrante da personagem. Partimos da Macabéa Clariceana para compreender as relações entre o sujeito, o espaço e a trajetória de exclusão que se manifesta em seu cotidiano migrante.

A partir do diálogo entre a narrativa literária e o espaço romanesco, é possível perceber a dimensão do drama existencial de Macabéa. Suas relações sociais são cotidianamente imersas na discriminação e no preconceito, como em seu ambiente de trabalho, que se revela como um lugar de constante topofobia.

As vivências cotidianas da Macabéa Clariceana, nos revelam uma sociabilidade marcada pela desvalorização de seu ser, pela ridicularização de sua imagem, de seu corpo, de sua linguagem e de sua condição social, desencadeando um sentimento de não pertencimento.

Assim, o espaço laboral se revela como um lugar topofóbico, no qual a personagem vivencia a rejeição e o desconforto constantemente. Essas relações manifestam-se de modo sutil e intenso, como no trecho em que seu chefe, Seu Raimundo, escreve várias vezes palavras rebuscadas e de difícil compreensão no papel para que Macabéa as datilografassem: “Havia coisas que não sabia o que significavam. Uma era “efeméride”. E não é que Seu Raimundo só mandava copiar com sua letra linda a palavra efemérides ou efeméricas?” (Lispector, 2017, p. 71).

Macabéa Clariceana, semianalfabeta, tem sua fragilidade de aprendizagem exposta repetidas vezes no trabalho, uma vez que Seu Raimundo recorre constantemente a palavras e termos raros, de difícil grafia. Essa prática revela uma forma de exercício simbólico de poder, que humilha e reforça a posição subalterna da jovem alagoana, transformando o espaço de trabalho em um território de constrangimento e de exclusão.

Nessa perspectiva, Macabéa Clariceana experiencia humilhações, abusos e um ambiente de desprezo em sua rotina de trabalho. Mas, embora seja alvo constante de desvalorização por parte de seus colegas, ela desenvolve uma admiração por Seu Raimundo. Esse sentimento relaciona-se à bela caligrafia do chefe e também ao apreço que ele demonstra por palavras difíceis, pela leitura e pela Literatura.

Podemos visualizar esse encantamento quando Macabéa se depara com um livro deixado sobre a mesa de Seu Raimundo, momento que revela o reconhecimento subjetivo e

existencial da personagem (Lispector, 2017, p. 71): “Por um leve instante cobiçou um livro que Seu Raimundo, dado à literatura deixara sobre a mesa. O título era *Humilhados e ofendidos*. Ficou pensativa. Talvez tivesse pela primeira vez se definido numa classe social”.

Ao perceber a força simbólica do título daquele livro, lido avidamente por Seu Raimundo, Macabéa Clariceana começa a refletir, ainda que de modo superficial, a relação do título daquela obra com a sua própria condição existencial. Mesmo marcada pelo sentimento de conformidade diante de sua vivência migrante, a personagem passa a reconhecer ainda que brevemente, que também é alvo de humilhações, mesmo que essas fossem naturalizadas em seu cotidiano.

Resgatamos as experiências da Macabéa Clariceana na cidade do Rio de Janeiro, conforme apresentadas no romance, evidenciando como o espaço urbano revela-se um espaço de exclusão, no qual a vivência do ser migrante empobrecido é marcada por processos de apagamento. Nesse contexto, as desigualdades sociais se manifestam cotidianamente na existência da Macabéa Clariceana, condicionando seus modos de habitar, perceber e atribuir sentidos à cidade.

Assim sendo, a cidade parece acolher de maneira plena apenas os sujeitos economicamente privilegiados, enquanto marginaliza e invisibiliza os sujeitos empobrecidos, os trabalhadores e sobretudo os migrantes, que chegam movidos pela expectativa de construir um futuro digno.

Nessa Travessia em nossa fundamentação teórica, dialogamos especialmente com a obra *Lima Barreto e o espaço romanesco* de Osman Lins (1976), na qual Lins desenvolve reflexões fundamentais sobre os conceitos de *ambientação*, *espaço romanesco* e *espaço social de exclusão*.

Articulamos esse diálogo teórico com às contribuições do geógrafo Marc Brosseau (2007), para quem o espaço romanesco ultrapassa a função meramente ilustrativa e assume um papel ativo na narrativa literária.

Segundo Brosseau (2007), o espaço não se limita à descrição ou à ambientação do enredo, mas constitui um elemento estruturante da trama e da subjetividade da personagem, sendo compreendido como sujeito da narrativa, interferindo diretamente em seu modo de sentir, existir e habitar a cidade.

Ao longo desta Travessia, serão destacados alguns trechos do romance *A hora da estrela*, objetivando evidenciar como a narrativa literária-clariceana expressa dimensões do

vivido. Essas dimensões, na concepção epistemológica que orientam esta pesquisa, possibilitam a aproximação da Literatura, da Geografia com a realidade da vida.

Portanto, *A hora da estrela* é interpretada como uma narrativa literária permeada de vivências de exclusão, deslocamento e invisibilidade, possibilitando relacionarmos a experiência ficcional da Macabéa Clariceana a trajetórias de mulheres migrantes e suas vivências em Manaus marcadas pela desigualdade existencial.

Dessa forma, esta Travessia reafirma o caráter interdisciplinar da pesquisa, ao articular Literatura e Geografia, percebendo o texto literário como um espaço de interpretação subjetivo de mundo, capaz de revelar vivências espaciais, afetos e silenciamentos que constituem a condição humana.

Assim, nessa Segunda Travessia, voltamos nosso olhar para o mundo vivido da personagem Macabéa, para dialogarmos com suas experiências cotidianas, com seu modo de sentir e de se relacionar com a cidade do Rio de Janeiro, um lugar que ela desejava pertencer, se sentir parte integrante, mas que constantemente a excluía, a rejeitava.

Refletiremos sobre seu comportamento sociocultural, marcado pela timidez, pela submissão e por uma busca silenciosa por pertencimento. Nesse percurso, evidenciaremos as relações frágeis e hostis desenvolvidas com as/os colegas de trabalho, que a desprezavam e por meio de atitudes cotidianas de desqualificação, reafirmavam que o lugar da Macabéa Clariceana não era naquela cidade.

Percebemos que a vivência da Macabéa Clariceana era permeada pela dor, pela carência afetiva e por diversas formas de sofrimento e exclusão social. Para compreender essa vivência sensível e complexa, retomamos o conceito de **realismo subjetivo**, interpretado a partir das reflexões de Marc Brosseau (2007), que nos permite entender como a percepção individual da personagem molda sua relação com a cidade.

Igualmente, resgataremos os conceitos de espaço romanesco, conforme discutido por Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro (2002) e Osman Lins (1976), para evidenciarmos de que maneira a narrativa clariceana transforma espaços concretos em espaços simbólicos de exclusão.

Portanto, esta Travessia se constrói a partir de uma imersão no mundo vivido e sofrido de Macabéa, cuja narrativa é marcada pelo sofrimento cotidiano e pela desesperança.

Nesse percurso interpretativo, além de destacarmos trechos do romance *A hora da estrela*, também dialogamos com pesquisadores das obras de Clarice Lispector, como sua

biógrafa, Profa. Dra. Teresa Montero, trazendo trechos de seu livro *O Rio de Clarice* (2019) que nos revelam a relação afetuosa da escritora com a cidade do Rio de Janeiro.

Assim, esta pesquisa foi desenvolvida a partir de reflexões sobre a vivência migrante descrita em *A hora da estrela*, compreendendo a obra como expressão de um fenômeno amplo, abrangente e universal: a migração, materializada na figura de Macabéa.

Esse fenômeno revela modos singulares de existir e habitar o mundo, marcados por experiências de deslocamento, vulnerabilidade, exclusão social e não pertencimento.

Em diálogo com as Macabéas de Manaus, a personagem clariceana possibilitou compreendermos como as experiências migratórias se manifestam no espaço vivido, evidenciando dinâmicas espaciais permeadas por sentidos, afetos e significados construídos na relação entre o ser e o mundo.

2.1. As Dificuldades Existenciais da Macabéa Clariceana

Bem, é verdade que também eu não tenho piedade do meu personagem principal, a nordestina: é um relato que desejo frio. Mas tenho o direito de ser dolorosamente frio, e não vós. Por tudo isto é que não vos dou a vez. Não se trata apenas de narrativa, é antes de tudo vida primária que respira, respira, respira. Material poroso, um dia viverei aqui a vida de uma molécula com estrondo possível de átomos. O que escrevo é mais que invenção, é minha obrigação contar sobre essa moça entre milhares delas. E dever meu, nem que seja de pouca arte, o de revelar-lhe a vida (Lispector, 2017, p. 48-49).

Nas páginas iniciais de *A hora da estrela* Clarice Lispector apresenta as características centrais da trama que sustentará a narrativa, anunciando um enredo marcado pela crueldade e pela dor, o narrador-personagem argumenta desde o início não sentir piedade da *nordestina* Macabéa.

Através de Rodrigo S. M., a escritora declara que a narrativa será um relato frio, desprovido de sentimentalismos, mas não confundamos essa frieza com indiferença, pois, ao expor as agruras e tristezas da vivência migrante de Macabéa, revela-se, diante de nós, uma perspectiva existencial na criação da personagem, e Clarice Lispector reivindica o direito de narrar a dor dessa existência, sem floreios, adornos ou concessões, e sem suavizar os descontentamentos do viver para tornar-se afável ao leitor.

Ao afirmar: “tenho o direito de ser dolorosamente frio” (Lispector, 2017, p. 48), Clarice Lispector retira do leitor o conforto narrativo e o direito a piedade, convocando-nos a uma escuta real da vivência da nordestina.

A narrativa, como a própria escritora ressalta, não se limita à invenção literária: Macabéa é uma vida primária que respira, detentora de matéria viva e pulsante que escapa à ficção, não se trata apenas de uma trama literária.

Para Clarice Lispector/Rodrigo S. M. (2017), contar a história de Macabéa é uma obrigação, é um compromisso com a existência de muitas moças que vivem na mesma condição da nordestina, que buscam sobreviver nas grandes cidades.

Ao reconhecer a narrativa de Macabéa como um direito ao grito, Clarice Lispector legitima a escrita como um ato de denúncia e de resistência, um grito que se ergue contra a normalização da miséria humana e da exclusão existencial.

Nesse sentido, ao afirmar que sua personagem “não faz falta a ninguém”, a escritora evidencia o abandono existencial que marca o mundo vivido de Macabéa. A nordestina não constrói laços de afeto, reconhecimento ou de admiração das demais pessoas de seu convívio, sua vida é permeada pelo desprezo, pela desigualdade e por múltiplas formas de discriminação. Destituída de bens materiais, de relevância social e de vínculos afetivos, sua vida se desenvolve em um espaço de precariedade.

Clarice Lispector enfatiza: “proponho-me a que não seja complexo o que escreverei” (Lispector, 2017 p. 48), a autora dá indícios de que *A hora da estrela* será uma narrativa de fácil compreensão, mas não modifica sua escrita dura, com densidade reflexiva, narrando a vivência de uma jovem migrante comum e aparentemente trivial.

A hora da estrela é construída como uma descrição simples em sua vivência complexa, onde o indivíduo busca um lugar para si, um lugar onde possa existir em sua plenitude, em meio a indiferença humana.

Portanto, Macabéa não é uma excepcionalidade, ela é uma regra silenciosa em meio à multidão de sujeitos empobrecidos, com pouca escolaridade e migrantes. Clarice Lispector, nos afirma que essa história é “mais que invenção” (Lispector, 2017, p. 48), direcionando sua obra para a dimensão das humanidades, revelando que o enredo simples pode ser um espelho da realidade social.

A hora da estrela estabelece um diálogo com a vida ao apresentá-la em sua inteireza, sem disfarces ou idealizações. A narrativa clariceana descreve a crueldade do cotidiano e a marginalização do outro, um outro que paradoxalmente, se assemelha a nós, revelando a experiência de sujeitos empobrecidos que lutam por dias um pouco mais favoráveis.

Revelando-nos múltiplos mundos vividos, marcados pela precariedade material e simbólica, nos quais o existir se dá à margem do reconhecimento social. Ao narrar essas

existências desprovidas de enfeites, Clarice Lispector constrói uma obra que não suaviza a dor, mas a torna visível, evidenciando as formas mais frágeis e vulneráveis do existir humano.

Ao expor a dureza da vida cotidiana e as formas precárias do existir, a narrativa clariceana revela dimensões subjetivas da realidade social. Nessa perspectiva, a Macabéa Clariceana não se limita à condição de personagem ficcional, mas emerge como expressão da experiência vivida por sujeitos marcados pela desigualdade social, pela invisibilidade e pelo abandono existencial.

Desenvolvendo uma narrativa com característica social; *A hora da estrela* descreve os problemas socioeconômicos enfrentados por muitos migrantes nos grandes centros urbanos, sujeitos que sofrem as consequências da exclusão existencial, tornando-se invisíveis no cotidiano das metrópoles.

Nessa perspectiva, a narrativa literária da Macabéa Clariceana tem sido interpretada por Benedito Nunes (1992) como uma narrativa marcada por uma temática existencial, com inspiração na filosofia sartriana.

Segundo Nunes (1992):

A temática assim compreendida é uma temática marcadamente existencial. Muitos de seus registros específicos estão intimamente ligados conforme veremos nos capítulos seguintes, a certos tópicos da filosofia da existência, e mais particularmente ao existencialismo sartriano. Admitir esse relacionamento não implica admitir-se a interferência (ou influência) de uma dada filosofia sobre a escritora, para explicar (ainda que essa influência pudesse ser determinada como matéria de fato) os aspectos peculiares de sua criação literária. Trata-se de uma afinidade concretizada no âmbito da *concepção do mundo* de Clarice Lispector (Nunes, 1992, p.100).

Assim, as narrativas clariceanas evidenciam a relação do ser com o mundo e do ser com o outro, ressaltando a existência humana em seus aspectos mais peculiares e angustiantes, a partir de vivências aparentemente comuns e cotidianas.

Conforme destaca Benedito Nunes (1992), *A hora da estrela* pode ser compreendida como uma obra marcada pela filosofia existencial, estabelecendo um diálogo entre a Literatura e o pensamento filosófico.

Baseadas nessa interpretação, torna-se possível identificar na narrativa clariceana, a presença de elementos associados à perspectiva existencialista, como: *angústia, escolha, responsabilidade, consequência e liberdade* entre outros princípios fundamentais dessa corrente filosófica.

Para Jean-Paul Sartre (2014), o ser humano é plenamente responsável por sua própria existência, pois o “homem nada é além do que ele se faz” (Sartre, 2014, p. 25).

Dessa forma, na perspectiva existencialista, não há um destino previamente determinado por instâncias espirituais ou forças sobrenaturais, cada pessoa constrói a própria história por meio de suas escolhas e da liberdade que exerce no mundo.

Assim, viver significa assumir de maneira consciente e integral a responsabilidade pelas decisões tomadas e pelas consequências decorrentes delas.

Para além dos aspectos filosóficos apontados por Benedito Nunes (1992), a narrativa da Macabéa Clariceana ainda nos revela uma existência marcada pela negligência desde sua concepção.

O nascimento da nordestina é marcado pela precariedade: “nascera inteiramente raquítica” (Lispector, 2017, p. 61). Pequena e frágil no sertão de Alagoas, parecia carregar consigo alguma enfermidade, desde o primeiro instante de vida.

Ao nascer, não foi dado um nome para a nordestina, como comumente acontece com os bebês, permanecendo por mais de um ano sem identificação, sem identidade, sem um nome pelo qual pudesse ser chamada, celebrada, acarinhada ou embalada pelas cantigas de ninar que comumente as mães ou as pessoas que cuidam de crianças pequenas costumam cantarolar, a própria personagem explica para Olímpico de Jesus o significado de seu nome:

Ele se aproximou e, com voz cantante de nordestino, perguntou-lhe:
- E se me desculpe, senhorinha, posso convidar a passear?
- Sim, respondeu atabalhoadamente com pressa antes que ele mudasse de ideia.
- E, se me permite, qual é mesmo a sua graça?
- Macabéa.
- Maca, o quê?
- Béa, foi ela obrigada a completar.
- Me desculpe, mas até parece nome de doença, doença de pele.
- Eu também acho esquisito, mas minha mãe botou ele por promessa a Nossa Senhora da Boa Morte se eu vingasse, até um ano de idade eu não era chamada porque não tinha nome, eu preferia continuar a nunca ser chamada em vez de ter um nome que ninguém tem mas parece que deu certo. -Parou um instante retomando o fôlego perdido e acrescentou desanimada e com pudor: - Pois como o senhor vê eu vinguei... pois é... (Lispector, 2017, p. 73-74).

No episódio do encontro da Macabéa Clariceana com o namorado, Clarice Lispector constrói uma cena de delicada ironia e de profunda densidade simbólica, que culmina com o estranhamento do rapaz com o nome da nordestina, a associação que ele faz desse nome com uma doença, parece nos revelar o lugar existencial da personagem: um ser visto como um corpo inadequado, deslocado e estranho desde sua gênese nominal.

A própria Macabéia reconhece a esquisitice de seu nome e admite que preferiria não ser chamada de nada, de não ter um nome para carregar, a ter um nome tão incomum e esquisito, reforçando a ideia que sua existência sempre se fez à margem do acolhimento afetivo.

Esse nome, recebido como promessa de sobrevivência às mazelas nutricionais e às privações do sertão, ganha outra versão interpretativa a partir da leitura de Nádia Gotlib, em *Clarice: Uma vida que se conta* (1995), que nos aponta:

A personagem pode ser também a catarse de um sofrido passado judeu, evocação da cultura hebraica, tão presente em seu nome-Macabéia-, lembrando a luta dos macabeus, que resistiram defendendo o templo no Monte Sião contra a força dos gregos e recusando-se a desobedecer às leis judaicas (Gotlib, 1995, p.465).

Seja como símbolo por sua sobrevivência física, ou por expressão da memória cultural e religiosa de Clarice Lispector, a escolha de um nome tão incomum para a protagonista de *A hora da estrela*, reforça a dimensão simbólica do livro, nos permitindo compreender a nomeação da personagem como um elo da luta existencial, da memória e da herança cultural da escritora.

Macabéia, personagem clariceana, embora marcada pela fragilidade e pela timidez, revela ao longo da narrativa uma força silenciosa que a conduz a questionar, ainda que de maneira discreta, algumas situações de sua existência. Contudo, sua personalidade também evidencia uma profunda insegurança, que a leva a minimizar sua própria presença no mundo. Sua subjetividade é permeada por sonhos, desejos e expectativas, aspirações inerentes à condição humana.

Em sua vivência migrante nas situações cotidianas nos é revelado seu temor de ocupar espaços ou de incomodar as outras pessoas. Esse sentimento pode ser observado quando a personagem ao frequentar o botequim da esquina imagina que sua presença poderia perturbar os demais clientes.

Ao descrever o encantamento de Macabéia diante de um homem que considerava muito bonito, Rodrigo S. M. (2017, p. 72), evidencia essa característica da personagem: “Por falar em novidades, a moça um dia viu num botequim um homem tão, tão, tão bonito que – que queria tê-lo em casa [...]. Morreria de vergonha de comer na frente dele”.

Ao longo da narrativa, Macabéia experiencia diferentes emoções, sonha com a possibilidade de encontrar o amor e construir uma vida diferente na cidade grande.

Entretanto, sua extrema timidez dificultava suas relações interpessoais, impedindo-a até mesmo de olhar diretamente nos olhos das pessoas durante uma conversa. Em muitos aspectos,

Macabéa reproduzia os hábitos da tia que a criou, marcada por uma postura igualmente retraída, acostumando-se a caminhar pelas ruas com os olhos voltados para o chão e a dirigir-se aos outros de forma receosa.

Sobre *A hora da estrela*, Nádía Gotlib (1995) ressalta:

O romance foi escrito no final de percurso- nos últimos anos de vida, e em momento de tensão de um longo, necessário e difícil diálogo com o outro, enfrentando-o agora na sofrida perplexidade diante de sua quase e insuportável e suja miséria social. Seria seu porto de chegada?

Sob certo aspecto, e segundo a própria escritora, é catarse de uma infância parcialmente recalçada. Sobre a personagem principal do romance, afirma a sua “naturalidade”, ou seja, a marca regional de brasilidade: “ela é nordestina e...eu tinha que botar pra fora um dia o Nordeste que eu vivi”. Mas não é só a nordestina miserável e sim a nordestina que vem de Alagoas para a cidade grande, que é o Rio de Janeiro, em roteiro semelhante ao de Clarice.

A personagem poderia, também, como uma macabeia representar a figura humanizada da natural resistência que lhe assegura o sobreviver que se faz, nesse caso, inconscientemente e de modo naturalmente instintivo. A moça ignorando os obstáculos, consegue manter uma dignidade patente no seu modo puro. Sob esse aspecto, representa o milagre da vida, o sumo vital, o que paira acima de qualquer circunstância de limitação social. Mas como tal condição é “deslocada” no sistema vigente, já que se mantém a margem da disputa burguesa de ascensão social, acaba sendo devorada pelo próprio sistema, porque aí ela é um “ser fora de lugar”. A personagem exibe uma dupla feição: obedecendo a um caráter reiterado no universo da criação de Clarice, ela é, ao mesmo tempo, pura e idiota, trágica e meio cômica. Daí provocar no leitor, também, uma reação dúbia e contraditória: provoca o riso e, logo depois, o arrependimento por haver rido. Embarca-se na “falta de jeito” da personagem, para se concluir, depois, que, assim, não tem jeito mesmo: nesse Brasil, o pobre não tem vez.

Essa é uma das razões pelas quais este romance, se segue a trilha do romance social dos anos 30, que tem o Nordeste como espaço da fome e da miséria, lança a personagem já no cenário agressivo da grande capital- como tanto milhões de brasileiros que assim tentam melhorar de vida. E lança o receptor de modo intenso e pelas entranhas. Tal como Clarice, quando afirma que “há gente que cose para fora, eu coso para dentro”, esse livro fiska o leitor na íntima e difícil angústia de um conflito, que é, social, mas que aparece experimentado de dentro, na sua densa repercussão de ordem existencial (Gotlib, 1995, p.465-466).

Nádía Gotlib nos (re)lembra que o livro *A hora da estrela* foi escrito no final do percurso existencial de Clarice Lispector, sendo publicado em outubro de 1977 e em dezembro do mesmo ano, Clarice Lispector vem a falecer.

Além de marcar o último trabalho de Clarice Lispector, a obra apresenta nuances experienciais que dialogam de forma sensível com a trajetória de sua autora. Não objetivamos caracterizar *A hora da estrela* como um romance biográfico, mas ressaltarmos a interpretação de alguns críticos literários que reconhecem que a obra descreve/narra experiências de sentido íntimo e existencial, simbolicamente incorporadas na construção do mundo vivido da personagem Macabéa (Nunes, 1992, p. 169).

A partir dessa perspectiva, a Macabéa Clariceana não se restringe à representação da migrante nordestina empobrecida e socialmente marginalizada, a personagem adquire uma dimensão simbólica mais ampla, tornando-se uma figura migrante com experiência de deslocamento de Alagoas para o Rio de Janeiro, revelando uma travessia existencial, marcada por desenraizamentos e precariedades ontológicas. Essa construção literária parece ecoar simbolicamente aspectos da vivência da escritora Clarice Lispector.

Nesse sentido, destacamos a reflexão de Júlio César Suzuki (2010) ao analisar o hibridismo experiencial do poeta em sua interpretação de *A Rosa do Povo*, de Carlos Drummond de Andrade, ao discutir a relação entre mundo vivido, escrita, ficção e realidade, Suzuki (2010, p. 247) ressalta: “Temos como referência a noção de poeta como sujeito ficcional, em que se mesclam elementos próprios da história pessoal do intelectual [...] e os inerentes à construção da obra poética”.

Assim, podemos compreender a personagem Macabéa como expressão literária de uma tessitura híbrida, na qual experiências existenciais são reelaboradas ficcionalmente, tecendo um mundo vivido, e enquanto construção estética da experiência que ultrapassa o gênero autobiográfico e se projeta como condição humana e migrante.

A Macabéa Clariceana também pode ser compreendida como uma figura humanizada tentando resistir aos infortúnios da vida, um ser que sobrevive de maneira inconsciente e instintivo, quase alheio aos obstáculos que a cercam.

Seu propósito de vida não se baseia em ascensão social, mas na pureza de seu modo de existir, contraditoriamente, é essa condição que a desloca para fora do lugar na sociedade, pois sua existência não se relaciona com a lógica do sucesso profissional, do progresso e do discurso do migrante bem-sucedido que “*veio para uma nova cidade e venceu na vida*”.

A vivência de Macabéa na narrativa clariceana, não se orienta por padrões socioeconômicos nem por parâmetros materiais, talvez por isso a nordestina tenha sido devorada, pisoteada e invisibilizada, por um sistema que não tolera aqueles que vivem à sua margem ou fora de sua lógica.

É justamente em sua vivência de exclusão, que percebemos que seu modo de ser se constitui através de contradições: ela é simultaneamente pura e ingênua, trágica e cômica, provocando no leitor uma comoção ambígua, igualmente situado entre a ternura e o desconforto.

Ao desenvolver uma narrativa de gênero social, revisitando a tradição do romance social brasileiro que se consolida a partir da década de 1930, Clarice Lispector promove um

deslocamento significativo da personagem principal: Macabéa migra do espaço rural denominado de *sertão*, para a cidade grande, o Rio de Janeiro.

Esse deslocamento geográfico, existencial e simbólico, nos revela a travessia da personagem por espacialidades contrastantes, marcadas por tensões sociais afetivas e materiais.

Segundo Maria Geralda de Almeida (2010), a ideia de sertão na literatura: “sertão/espaço não existe em si mesmo, mas unicamente através de um conjunto de efeitos ou interações que ele engendra” (Almeida, 2010, p. 153).

Assim, o sertão ultrapassa sua condição de bioma, com seus aspectos físicos e geográficos, para assumir a dimensão de espacialidade vivida, carregada de sentidos culturais e afetivos, frequentemente associados à vulnerabilidade material e existencial.

Nessa condição de fragilidade ontológica, a migração surge como a única possibilidade de ruptura com esse ambiente marcado pela carência estrutural.

O deslocamento de Macabéa de sua terra natal, evidencia dois mundos simbólicos: de um lado, a cidade representada como promessa de prosperidade econômica, um signo de imagem mítica, onde os sonhos poderiam se concretizar, do outro lado, o sertão, associado a miséria, a fome, a escassez e a seca.

Nesse contexto de extrema precariedade vivia a Macabéa Clariceana, que ainda criança experencia a fome em sua forma mais brutal, se alimentando de um gato sem saber, isso mesmo, para saciar a fome a nordestina se alimenta de um bichano doméstico de quatro patas, como nos relata o narrador-personagem, Rodrigo S.M.: “Esqueci de dizer que às vezes a datilógrafa tinha enjojo para comer. Isso vinha desde pequena quando soubera que havia comido gato frito. Assustou-se para sempre” (Lispector, 2017, p.70), a cena revela a dimensão trágica de sua vivência, deixando marcas no corpo, na memória, marcas psíquicas profundas na personagem, de um passado marcado pela precariedade nutricional.

Dessa forma, o sertão é frequentemente representado como um lugar associado à miséria humana e a ausência das condições mínimas de sobrevivência, enquanto a cidade grande é descrita ao menos no imaginário social, como o lugar ideal para viver, caracterizada pelas promessas de oportunidades e mobilidade socioeconômica.

Conforme ressalta Felipe Moura Fernandes (2017) em sua tese, na Literatura, muitas vezes o sertão é descrito como um lugar onde as personagens enfrentam diversas privações e dificuldades, faltando o básico para viver e sobreviver.

No entanto ao narrar a migração da Macabéa, Clarice Lispector não se limita a descrever o percurso físico de milhões de brasileiros que se deslocam em busca de melhores condições

de vida, a escritora narra essa travessia em seu sentido interno e existencial, ressaltando que a migração não se faz apenas como uma mudança corporal no espaço, mas se refaz em um processo silencioso, íntimo e doloroso, que intensifica o sentido de não pertencimento da personagem na cidade grande.

Dessa forma, *A hora da estrela* sensibiliza o leitor por sua denúncia social, intensidade existencial e as dores do cotidiano da Macabéa Clariceana que se manifestam como angústia íntima e por seu sofrimento silencioso que se aprofunda na intersubjetividade da personagem.

Para a personagem o lugar experienciado, é o lugar da inexistência, marcado por temores, rejeições, decepções, onde suas relações intersubjetivas se traduzem pela topofobia sentida.

Essa narrativa revela com densidade e sem idealizações a face cruel de um país no qual o sujeito empobrecido parece não ter direito à esperança, nem espaço para existir plenamente.

Essa percepção é revelada pelo narrador Rodrigo S.M., que reconhece a dificuldade de tornar visível aquilo que socialmente foi apagado:

Cuidai dela porque meu poder é só mostrá-la para que vós a reconheçais na rua, andando de leve por causa da esvoaçada magreza. E se for triste a minha narrativa? Depois na certa escreverei algo alegre, embora alegre por quê? Porque também sou homem de hosanas e um dia, quem sabe, cantarei loas que não as dificuldades da nordestina (Lispector, 2017, p. 53-54).

Nesse trecho, o narrador evidencia seu empenho na construção do enredo da nordestina e seu compromisso descritivo com uma existência historicamente invisibilizada. Reconhecendo que seu poder não está em transformar a realidade de Macabéa, mas no gesto de apresentá-la ao leitor, para que este possa reconhecê-la no espaço urbano e no cotidiano aparentemente banal das grandes cidades.

A Macabéa Clariceana nos é apresentada com uma personagem que experiencia mais a tristeza do que a alegria, em seu mundo vivido a tristeza assume uma forma plural, cotidiana e persistente, enquanto a alegria se manifesta de forma singular, rara e quase inexistente.

Na vivência da Macabéa Clariceana, a alegria como experiência de vida nunca fez parte de seu cotidiano, sua história é simples, permeada por tristes acontecimentos, tornando a narrativa profundamente real.

Como Macabéa, observamos diariamente muitos outros migrantes, anônimos nas ruas das grandes cidades, carregando existências marcadas pela precariedade, pela invisibilidade e pela solidão.

A condição existencial da Macabéa Clariceana não acaba na ficção: ela ressoa na vida dos outros, nos corpos e nas trajetórias que esbarram em nós, em nosso cotidiano citadino, mesmo que nem sempre nos damos conta dessas presenças apagadas que compartilham conosco o mesmo espaço urbano.

A Macabéa Clariceana migra com a tia para o Rio de Janeiro, sua única parente viva e responsável por sua criação desde os dois anos de idade, quando a personagem perde sua mãe e seu pai.

A ausência precoce dos genitores marca profundamente sua formação e sua criação, não apenas pela perda em si, mas pelo silenciamento absoluto imposto pela tia, que jamais pronunciava o nome da mãe ou do pai de Macabéa, apagando de sua memória qualquer possibilidade de perpetuação de vínculos, lembranças ou afetos.

No contexto temporal da narrativa de *A hora da estrela*, não nos é explicitamente definido em qual época se passa, a referência cronológica que encontramos foi: “Tudo isto acontece no ano este que se passa e só acabarei esta história difícil quando eu ficar exausto da luta, não sou um desertor” (Lispector, 2017, p.65).

Talvez, *A hora da estrela* se passe na década de 1970, século XX, período em que o acesso à informação era restrito e a tecnologia não fazia parte do cotidiano popular.

A inexistência de aparelhos celulares; o uso de máquinas fotográficas era bastante restrito, poucas pessoas tiravam retratos ou fotografias, o que contribuiu para a ausência de registros visuais dos progenitores da Macabéa Clariceana.

Também não havia relatos orais, trocas de memórias ou narrativas familiares que pudessem evocar a presença de seus pais. O silêncio imposto pela tia, que jamais mencionava qualquer vivência de sua história parental, produziu um apagamento completo dos seus pais em sua vida.

Essa vivência afetiva e simbólica é marcada pela ausência de memória, de palavra e de afeto, sentimento que acompanha Macabéa de forma contínua ao longo de toda sua vida.

Além da ausência de cuidado e afeto, a relação com a tia era permeada por práticas abusivas, tanto físicas quanto psicológicas.

A infância da Macabéa Clariceana foi marcada por castigos, repressões e pela negação sistemática do direito ao lazer e às brincadeiras infantis, experiência fundamental na construção da infância, como destacado pelo narrador-personagem (Lispector, 2017, p.65): “Às vezes lembrava-se de uma assustadora canção desafinada de meninas brincando de roda de mãos dadas - ela só ouvia sem participar porque a tia a queria para varrer o chão”.

Enquanto outras meninas da rua participavam das brincadeiras de rodas, das cirandas cantarolando cantigas populares, bem vestidas, com cabelos penteados e enfeitados com fitas de cetim; a Macabéia Clariceana permanecia à margem, observando de longe aquilo que lhe era proibido.

Sua aparência descuidada e a falta de zelo evidenciam não apenas a ausência material, mas a falta de cuidado, de proteção e de amparo em sua vida. Essa experiência de infância subtraída, retirada, negada, arrancada, não se restringe ao campo da ficção.

Durante o trabalho de campo, conhecemos a Macabéia da Infância Subtraída que também vivenciou da mesma proibição que a personagem.

Semelhantemente à Macabéia Clariceana, a Macabéia da Infância Subtraída também conviveu com uma tia que a impedia de brincar na rua com as demais meninas do bairro. O tempo que poderia ser destinado para brincadeiras e à convivência infantil, era ocupado integralmente pelos afazeres domésticos exaustivos: limpar a casa, lavar a louça, lavar roupas à mão, estendê-las.

A quantidade de tarefas domésticas era tão intensa que quando a Macabéia da Infância Subtraída terminava, já era noite, e as outras meninas da rua já estavam em suas casas, pois haviam finalizado mais um dia de brincadeiras, que ela não pôde participar.

Rodrigo S. M./Clarice Lispector traduzem poeticamente a experiência de exclusão infantil ao narrar que Macabéia apenas escutava, à distância as cantigas de roda entoadas pelas meninas, que ao contrário dela, eram cuidadas com carinho.

Essa imagem literária ressoou nas memórias compartilhadas durante o trabalho de campo, revelando a simbologia da literatura como espaço de compreensão do vivido.

Tanto na ficção quanto na realidade, o brincar aparece como um território negado, uma experiência não vivida, percebida como privilégio, reservado apenas para as Macabéas que têm em suas vidas o cuidado materno e paterno.

Dessa forma, a narrativa clariceana e as memórias da Macabéia da Infância Subtraída se entrelaçam, aproximando Literatura e realidade da vida, ambas revelam histórias de desencontros do ser marcadas pela negligência, pela vulnerabilidade e pela violência simbólica vivenciada desde a infância.

Essas narrativas são difíceis de serem revisitadas, escritas ou ouvidas, justamente porque carregam a densidade de um passado doloroso.

Ao aproximar essas duas Macabéas, torna-se possível perceber que a plenitude da infância foi negada a muitos sujeitos, revelando contínuas histórias de exclusão que permeiam

os corpos femininos desde os primeiros anos de vida, tanto no campo da Literatura quanto no campo da vida.

É precisamente nessa infância interrompida que se propaga a experiência adulta da personagem migrante, em sua busca silenciosa por um lugar no mundo, a Macabéa Clariceana convive cotidianamente com afetos duros e persistentes, marcados pelo medo, pela solidão e pelo silenciamento.

Sua experiência urbana é permeada pela ausência de vínculos: Macabéa não possui amigos com quem compartilhar vivências, sonhos, desejos ou angústias, sua existência se constrói em um isolamento contínuo em sua vivência solitária.

Na vivência de Macabéa Clariceana, o medo torna-se um companheiro constante, materializado nos ratos gordos da Rua Acre, no Centro do Rio de Janeiro, lugar onde morava, provocando-lhe pavor e insegurança.

No ambiente de trabalho, a personagem experiencia a rejeição afetiva e um profundo sentimento de desconforto e desamparo emocional. Esse espaço, que poderia representar alguma forma de estabilidade e pertencimento, se transforma em um lugar de tensão, exclusão e substituição.

Olímpico de Jesus, seu namorado, passa a demonstrar interesse romântico-afetivo por Glória, sua colega de trabalho. Ao romper o romance com Macabéa, Olímpico se utiliza de uma linguagem fútil, vulgar, insensível e significativamente depreciativa, como podemos observar no trecho a seguir: “-Você, Macabéa, é um cabelo na sopa. Não dá vontade de comer. Me desculpe se eu a ofendi, mas sou sincero” (Lispector, 2017, p. 88).

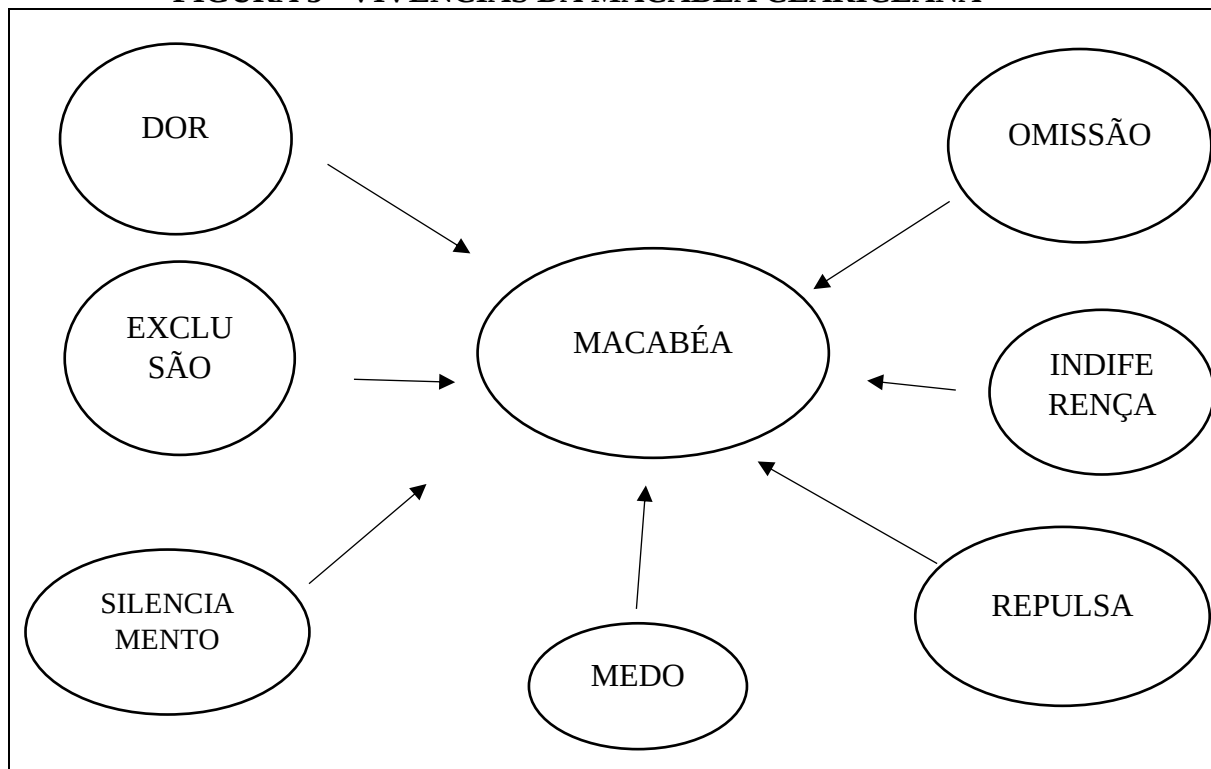
A metáfora utilizada por Olímpico de Jesus, reduz Macabéa Clariceana a uma condição de algo indesejável, estranho e perturbador, intensificando sua sensação de inadequação. Quando profere essas duras e cruéis palavras, Olímpico demonstra seu desamor, sua insensibilidade, concedendo a Macabéa mais uma experiência topofóbica. O espaço de trabalho da nordestina, torna-se mais hostil, agora também marcado pela rejeição amorosa.

Nesse contexto, o ambiente laboral transformando-se em um lugar de sofrimento, onde a Macabéa Clariceana se percebe como corpo deslocado, sem valor e pertencimento, a topofobia manifesta-se como resultado da violência simbólica, reforçando sua condição de invisibilidade social intensificando seu mal-estar existencial que permeou sua vivência na cidade grande.

A cidade, por sua vez, não a acolhe: é indiferente à sua existência, funcionando como um espaço de repulsa e exclusão, no qual a Macabéa Clariceana circula sem pertencer,

apresentamos abaixo, sinteticamente os sentimentos que acompanharam a existência da Macabéa Clariceana ao longo de seus dezenove anos de vida. (Figura 5).

FIGURA 5 - VIVÊNCIAS DA MACABÉA CLARICEANA



Fonte: Elaborado pela Autora (2024).

Esses foram os afetos que acompanharam a vivência de Macabéa na cidade do Rio de Janeiro, e em meio a sucessivos desapontamentos e decepções, a personagem recorre aos conselhos místicos da cartomante, prática cultural presente na vida da escritora Clarice Lispector.

Na consulta esotérica, Madama Carlota anuncia para Macabéa Clariceana um futuro luminoso e feliz, que contrasta de forma brutal com a realidade imediata experienciada pela nordestina, intensificando os sentidos de expectativa e realidade, culminando em seu destino trágico.

A morte por atropelamento, ao final da narrativa, materializa de forma abrupta aquilo que já se insinuava ao longo do romance: *a precariedade extrema de uma vida constantemente negligenciada*.

A vivência da migrante Macabéa foi adaptada para o cinema em 1985, pela Diretora Suzana Amaral no entanto na versão cinematográfica as experiências topofóbicas da nordestina são vivenciadas em São Paulo, e não no Rio de Janeiro como foi escrito por Clarice Lispector.

No cinema, Macabéa é interpretada pela atriz Marcélia Cartaxo, que foi premiada internacionalmente por sua interpretação da Macabéa Clariceana.

No filme, é possível observarmos uma profunda imersão nos gestos, comportamentos e no modo de ser, singelos da nordestina, evidenciados por sua aparência simples: rosto sem maquiagem, vestimentas modestas, gestos tímidos e contidos.

Essa caracterização cinematográfica de *A hora da estrela* dialoga diretamente com a narrativa de Clarice Lispector, que descreve os espaços de vivência de Macabéa como lugares marcados pela violência simbólica imersa em hostilidade.

Neles, a personagem é constantemente alvo de chacotas, zombarias e desdém por parte dos demais personagens, que a ridicularizam por ela não dominar os códigos sociais de feminilidade, elegância, postura e consumo, como nos afirma o narrador-personagem, Rodrigo S.M.: “Faltava-lhe o jeito de se ajeitar” (Lispector, 2017, p.57).

A Macabéa Clariceana apresentava-se sem maquiagem, com as unhas ruídas e sem esmaltação, falando em um tom baixo e mantendo os olhos voltados para o chão, gestos que revelam timidez e um sentido de não pertencimento diante das expectativas sociais que a cercam.

A personagem é caracterizada como uma jovem privada de experiências afetivas e de celebrações que para muitos sujeitos, são cotidianas e triviais, a nordestina jamais tivera uma festa de aniversário, nunca ouvira um “*parabéns para você*”, nunca recebera nenhum presente, de ninguém, N-U-N-C-A⁵. Essa ausência de festividade na existência da Macabéa Clariceana, nos concede a dimensão de sua condição de ser invisível.

Todavia, em um raro gesto de autoafirmação e amor-próprio, Macabéa decide celebrar a si mesma: “A festa consistiu em comprar um batom novo, não cor-de-rosa como o que usava, mas vermelho vivante” (Lispector, 2017, p. 89).

Ao escolher um batom ousado, na cor vermelho intenso, Macabéa estava fazendo alusão às mulheres deslumbrantes, corajosas e sensuais, demonstrando que talvez também poderia ser assim.

Além disso, com essa atitude, evocava uma personalidade que muito admirava: *Marilyn Monroe*, com o batom carmim nos lábios, a Macabéa Clariceana ensaiava uma reinvenção de si mesma.

⁵ A grafia da palavra NUNCA faz alusão a grafia clariceana da palavra livre na página 72.

Entretanto, ao borrar os dentes e ultrapassar os limites de seus finos lábios, é advertida por Glória que menciona que seu batom estava todo borrado, a colega ainda analisa e argumenta que aquela cor lhe ficava ridícula.

A aversão de Glória à Macabéa reforça os limites simbólicos que são impostos a ela e revela as dificuldades da personagem em desenvolver comportamentos estéticos e sociais que possam estruturar sua vivência migrante.

As afeições artísticas da Macabéa Clariceana, também se tornavam alvo de estranhamento e questionamento, afinal, quem se declara fã de comerciais de rádio? Quem interrompe suas atividades cotidianas para escutar atentamente uma propaganda? Seria o discurso da propaganda com seu tom persuasivo que despertava o fascínio de Macabéa? Seria isso que teria despertado o mundo subjetivo da nordestina? Ou seria a promessa de completude das propagandas que alimentava seu mundo subjetivo?

Sabemos que a propaganda se utiliza da linguagem imperativa, sedutora para convencer o ouvinte de que determinado produto é capaz de sanar carências e resolver seus problemas.

A Rádio Relógio era outro mundo de afeto de Macabéa, mais do que marcar as horas, ela anunciava curiosidades, informações e frações do mundo, e a Macabéa Clariceana as absorvia quase como devoção. Para ela, ouvir o locutor era uma forma de aprender, era como se a cada informação narrada ela pudesse descobrir algo novo e assim pudesse se aproximar de um aprendizado que lhe foi negado.

Portanto, a Rádio Relógio não era apenas um espaço de entretenimento, aquele meio de comunicação representava um espaço simbólico de descobrimento e de conhecimento para a personagem.

Seu universo afetivo incluía ainda referências como Marilyn Monroe e Coca-Cola, ícones do mundo ocidental amplamente difundidos na cultura de massa mundial e muitas vezes unânimes no imaginário social.

Esses elementos aparentemente banais, compõe o mundo sociocultural da personagem e revelam uma sensibilidade singular. Seus múltiplos gostos podem ser compreendidos como formas sutis de afirmar sua própria existência diante do constante apagamento que era submetida.

Assim no interior de um cotidiano marcado pela invisibilidade, a Macabéa Clariceana constrói do seu jeito, pequenas âncoras simbólicas que lhe permitem resistir e silenciosamente (re)existir.

Essas referências socioculturais nos permitem compreender as peculiaridades da personagem, seus sentimentos e o modo como a Macabéa Clariceana se relaciona com o mundo.

Essa condição é visualmente reforçada na adaptação cinematográfica da obra, na qual a atriz Marcélia Cartaxo interpreta Macabéa (Figura 6):

FIGURA 6 - CARTAZ DO FILME *A HORA DA ESTRELA*, 1985



Fonte: www.universodosleitores.com.br

Para Macabéa Clariceana, o deslocamento para o Rio de Janeiro representava inicialmente, a abertura para um novo universo, a possibilidade de uma outra vida que pudesse emergir naquele espaço constantemente evocado por Clarice Lispector como “*incrível*” Rio de Janeiro.

Mas a escritura clariceana constrói essa travessia a partir de uma crítica social, na narrativa de *A hora da estrela*, a experiência migrante de Macabéa se desenvolve sob o signo do apagamento de sua existência e de seus sonhos: casar-se com um gringo, ter filhos, amigos e uma vida onde fosse reconhecida.

No entanto para aquela jovem migrante do sertão de Alagoas, a cidade grande lhe proporcionou carência, desamor e solidão. A realidade urbana não lhe ofereceu afeto, beleza ou conquistas.

2.2. Esperança e Topofilia na Vivência Migrante da Macabéa Clariceana

Nesse momento destacamos pontos centrais da obra *A hora da estrela*, ressaltando sua estrutura literária e as narrativas finais que compõem a experiência migrante da Macabéa Clariceana.

Nossa análise se volta especialmente para os instantes finais da trajetória de vida da personagem, nos quais emergem sentimentos breves de esperança e afeto, sendo por nós compreendidos como experiências topofílicas.

Essas experiências são articuladas à conceituação de geógrafos humanistas, permitindo a dimensão subjetiva e emocional da relação entre sujeito, espaço e a vivência migrante da personagem.

Ao direcionarmos nosso olhar, nossos ouvidos e nossos sentidos para Macabéa Clariceana ao longo do desenvolvimento da narrativa, é possível perceber que antes do trágico fim de sua existência, a jovem nordestina vivenciou mesmo que de forma breve, superficial e momentânea, sentimentos de *esperança* e *topofilia*.

Entretanto, esses momentos fugazes não anulam a vivência excludente que predominou na vida da Macabéa Clariceana, evidenciado pela extrema precariedade de suas relações cotidianas, mas em meio a sua vivência topofóbica iremos salientar, algumas situações que expressam afeto, pertencimento e expectativa de dias melhores, que nos ajudam a interpretar o mundo vivido de Macabéa.

Embora a narrativa de *A hora da estrela* evidencie, em diversos momentos a crueldade, a indiferença da cidade grande e a invisibilidade da presença migrante no espaço urbano, a Macabéa Clariceana experimenta algumas situações pontuais que podem ser interpretadas como vivências topofílicas.

Essas experiências, mesmo frágeis e efêmeras, serão aqui ressaltadas por revelarem a dimensão humana e sensível do habitar, fundamental para a compreensão da condição do migrante empobrecido na metrópole.

A hora da estrela é uma obra curta, assim como breve é a vida de sua protagonista. No entanto nesse espaço reduzido, Clarice Lispector condensa uma multiplicidade de mazelas e precariedades que fazem parte do cotidiano de Macabéa.

Como a própria Clarice Lispector afirmou⁶, ao ser questionada sobre o enredo da novela que acabara de escrever: “É a história de uma moça tão pobre que só comia cachorro quente, mas a história não é só isso não, é a história de uma inocência pisada, de uma miséria anônima” (Lispector, 1977).

Em nossa concepção, *A hora da estrela* não se limita a narrar uma história da pobreza em seu sentido material. Por meio dessa narrativa, Clarice Lispector também descreve a experiência de uma vida invisibilizada em seu sentido existencial, revelado pela indiferença social experienciada pela Macabéa Clariceana em seu cotidiano.

Essa miséria anônima, vivida e sentida no espaço urbano permeia toda a trajetória da Macabéa Clariceana, dando maior densidade simbólica aos raros momentos de afeto e esperança que a personagem vivencia.

A própria ideia de felicidade surge como algo estranho e quase inalcançável para a protagonista, como nos revela a narrativa literária: “Felicidade? Nunca vi palavra mais doida, inventada pelas nordestinas que andam por aí aos montes” (Lispector, 2017, p.47).

Essa afirmação evidencia o distanciamento da personagem em relação a sentimentos socialmente valorizados, reforçando sua condição de marginalidade existencial.

Ao chegar ao Rio de Janeiro em companhia da tia, Macabéa consegue um trabalho como datilógrafa em uma empresa de roldanas, localizada na Rua do Lavradio, no centro da cidade. Seu cotidiano é marcado por deslocamentos repetitivos de ônibus e por um trabalho mecânico no qual comete erros gramaticais frequentes ao datilografar, revelando sua fragilidade diante das exigências profissionais do mundo moderno e produtivo.

Segundo o narrador-personagem, Rodrigo S. M., embora tímida e solitária, a personagem encontra um pequeno espaço de lazer aos domingos (Lispector, 2017, p.63): “Rua do Acre para morar, rua do Lavradio para trabalhar, cais do porto para ir espiar no domingo”, esse dia representava a única alegria da nordestina, que aos domingos costumava ir até o cais do Porto da Baía de Guanabara, na Praça Mauá, para observar os navios atracarem. Esse gesto simples despertava em Macabéa lembranças de Maceió, sua terra natal, demonstrando ser uma ligação afetiva entre o passado e o presente.

6. LISPECTOR, Clarice. Vídeo (28 m 33s). Panorama com Clarice Lispector. Publicado pelo Canal TV Cultura, Programa Panorama, Entrevistador Júlio Lerner (exibido: TV Cultura, fevereiro de 1977). Disponível em: <[youtube.com/watch?v=P12EVnU&t=76s](https://www.youtube.com/watch?v=P12EVnU&t=76s)>. Acesso em: 03 abr.de 2024.

A narrativa chega a registrar que em um desses passeios dominicais, Macabéa Clariceana vislumbrou um arco-íris no céu, essa paisagem pode simbolizar a esperança no futuro. O deslocamento até aquele espaço e a busca por memórias felizes, mesmo efêmeras, transformavam-se em um ritual, um hábito que amenizava sua vida solitária e triste.

Inclusive aos domingos, Macabéa Clariceana costumava acordar mais cedo, para prolongar o dia-tempo em que “não tinha nada para fazer” (Lispector, 2017, p. 66), revelando uma relação singular com o ócio e a contemplação (Figura 7):

FIGURA 7 - MACABÉA VISLUMBRANDO A BAÍA DE GUANABARA, NO RIO DE JANEIRO



Fonte: Elaboração própria criada no Canva (2026).

A ilustração apresentada traz Macabéa Clariceana em um de seus raros momentos de relação topofílica com a cidade de destino. Aos domingos, a personagem costumava passear pela Praça Mauá, onde observava a chegada dos navios ao píer.

Ao contemplar a Baía de Guanabara, a personagem estabelece uma interação subjetiva com a cidade, distinta da vivência estritamente funcional que até então definia seu cotidiano, limitado ao trabalho na empresa de roldanas e às repetitivas experiências de exclusão social, este momento, era seu momento de lazer.

Entretanto, na lógica da vida proletária, o lazer e os momentos de flanações costumam ser vistos como perda de tempo, especialmente quando vivenciados pelos sujeitos mais empobrecidos.

As horas dedicadas ao bem-estar, à contemplação e ao simples ato de passear, são frequentemente associadas à preguiça e à indolência. Essa mesma lógica aparece de forma emblemática na experiência que a migrante Macabéa do Alvorecer compartilhou conosco, pois ela nutria o desejo de passear em um shopping da Zona Centro-Sul de Manaus, mas era constantemente repreendida pela tia, que lhe dizia que passear era “*coisa de gente rica*” e que aquele espaço não lhe pertencia.

Assim, tanto na narrativa de vida da Macabéa Clariceana quanto nas narrativas que ressoam nas Macabéas da contemporaneidade, o espaço urbano reafirma as fronteiras simbólicas que delimitam quem pode ou quem não pode experimentar o lazer, a esperança e a felicidade.

O passeio da Macabéa Clariceana pelo Porto da Baía de Guanabara, pode ser compreendido a partir do conceito de topofilia, proposto por Yi-Fu Tuan que afirma: “Topofilia é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico, difuso como conceito, vivido e concreto como experiência pessoal” (Tuan, 2012, p.19).

Na vivência da Macabéa Clariceana sua relação topofílica com a cidade do Rio de Janeiro não se desenvolveu em sua inteireza, de forma plena e estável. Todavia, uma leitura atenta da narrativa nos permite identificarmos alguns momentos topofílicos na vivência da nordestina, mas, essas experiências emergem de forma passageira, revelando-se em pequenos gestos como o passeio dominical que a personagem costuma fazer para a contemplação daquele lugar.

A Baía de Guanabara como paisagem de devaneio e observação, transforma-se em um lugar momentaneamente topofílico, onde Macabéa Clariceana tenta resgatar da memória suas experiências de deslocamento de Alagoas. O movimento dos navios lhe remete ao seu próprio percurso migrante, evocando o lugar de origem e reforçando a dimensão existencial de sua condição migrante.

Assim, o olhar perdido lançado ao mar, mais do que um momento de lazer, contemplação e flanação, constitui uma tentativa silenciosa da Macabéa Clariceana perceber um sentido em sua presença naquela metrópole, onde ela parece permanecer invisível para os demais habitantes daquele lugar.

Como observamos na ilustração, a figura de Macabéa aparece quase diluída na paisagem, evidenciando a insignificância da migrante naquele espaço urbano. No entanto é justamente nessa relação desigual que se insinua uma experiência topofílica, ali, no cais do Píer da Baía de Guanabara, Macabéa parece construir um vínculo afetivo que emerge da

contemplação, do possível resgate da memória de seu lugar natal e da esperança de um dia se sentir pertencente àquela cidade. Desse modo, a imagem reforça a compreensão que mesmo em meio a vivências tofóbicas a personagem experimenta breves instantes de ligação afetiva com o “inacreditável Rio de Janeiro” (Lispector, 2017, p.62).

2.2.1. Macabéa Clariceana e Glória: Reconhecimento da Existência da Nordestina

A hora da estrela apresenta particularidades estruturais e simbólicas que merecem destaque, especialmente no que se refere ao seu título. Inicialmente, a denominação da obra pode sugerir uma narrativa associada a brilho e à luminosidade, pois a palavra “*estrela*” ocupa simbolicamente, um lugar de afeto e idealização na Literatura, na poesia, na música e no imaginário coletivo.

Entretanto, essa associação poética se mostra contraditória em relação à narrativa do livro, pois o próprio narrador-personagem, Rodrigo S. M., adverte o leitor quanto à natureza do enredo que se segue, afastando qualquer expectativa de cintilância ou de uma narrativa de superação existencial (Lispector, 2017, p. 51): “Que não se esperem, então, estrelas no que se segue: nada cintilará, trata-se de matéria opaca e por sua própria natureza desprezível por todos. É que a esta história falta melodia cantabile”.

Como ressalta Rodrigo S. M., embora o título da obra contenha a palavra “*estrela*”, essa referência não remete a uma trajetória marcada pelo brilho, pela notoriedade ou por uma existência excepcional. A narrativa clariceana é construída a partir da opacidade e da precariedade que permeiam a vida de Macabéa, personagem imersa em vivências de discriminação e exclusão.

O substantivo “*estrela*”, comum e feminino, existe aos milhões quando levantamos os olhos e contemplamos o céu. A Macabéa Clariceana compartilha simbolicamente dessa mesma condição, assim como as estrelas anônimas e incontáveis, ela é comum, trivial e feminina, sua existência não se distingue pela excepcionalidade, mas pela banalidade que caracteriza sua condição social.

Essa aproximação semântica estabelece um diálogo direto entre o título da obra e a personagem: *estrela* comum e feminina; *Macabéa Clariceana*, igualmente comum e feminina, cuja presença só se torna perceptível quando chega a sua “*hora*”.

Assim, ao nomear seu romance ou novela, como a própria escritora se refere à sua obra, Clarice Lispector modifica esse sentido inicial. O título não anuncia um momento de glória ou

redenção, mas se refere diretamente para aquilo que infelizmente faz parte da *vida*... a *morte*, como nos é revelado, posteriormente: “Pois na hora da morte a pessoa se torna brilhante estrela de cinema, é o instante de glória de cada um e é quando como no canto de coral se ouvem agudos sibilantes” (Lispector, 2017, p. 62).

Nesse sentido, a semiótica do título da obra articula-se a uma perspectiva existencialista, ao representar a única certeza da condição humana: sua finitude. Portanto, o título *A hora da estrela*, simboliza o instante da morte, o momento em que a existência humana se encerra, segundo a linguagem poética clariceana, na hora da morte o *ser* se transforma metaforicamente em ESTRELA.

Essa concepção evoca uma angústia fundamental: *afinal, o que há depois da vida? Existe vida após A hora da estrela?* Este questionamento, é um dos mistérios que acompanham a narrativa.

Essa ambiguidade é reforçada em uma das raras entrevistas⁷ concedidas por Clarice Lispector à televisão brasileira no ano de sua morte, em 1977. Quando questionada pelo jornalista da TV Cultura, Júlio Lerner sobre o título da obra que acabara de escrever, a autora⁸ apenas responde: “*Tem treze nomes, tem treze títulos*”.

O mistério característico da escritura clariceana fica evidente ao longo de toda a entrevista, Clarice Lispector mantém uma postura de essência filosófica, enigmática e reflexiva, preservando sua essência misteriosa, evitando explicações diretas ou revelações explícitas sobre sua última obra.

No decorrer da entrevista a escritora demonstra ser uma pessoa reservada, não revelando o nome da protagonista de seu mais recente trabalho, nem anuncia de forma direta o título da narrativa, se concentrando em descrever aspectos gerais da trama romanesca, indicando pontualmente o modo como o enredo se desenvolve, sem romper com a atmosfera de suspense e mistério que marcam seu universo literário.

Do ponto de vista estrutural, a obra *A hora da estrela* não se divide em capítulos, se desenvolvendo com uma narrativa contínua e sem interrupções. Nesse contexto, destacamos a peculiaridade do sumário que Clarice Lispector apresenta ao leitor, composto por treze possíveis títulos que funcionam como enunciados poéticos e introdutórios que nos antecede as experiências da migrante Macabéa na capital fluminense.

7.8. LISPECTOR, Clarice. Vídeo (28 m 33s). Panorama com Clarice Lispector. Publicado pelo Canal TV Cultura, Programa Panorama, Entrevistador Júlio Lerner (exibido: TV Cultura, fevereiro de 1977). Disponível em: <youtube.com/watch?ohP1/2EVnU&t=76s>. Acesso em: 03 abr.de 2024.

Em nossa percepção, essa organização fragmentada contribui para reforçar a solidão, o silêncio e a dor que constituem a vivência de Macabéa. Outra característica de *A hora da estrela* é de possuir poucas páginas, sendo breve sua trama romanesca, concepção existencial que em nossa interpretação se relaciona simbolicamente com a breve vida de sua protagonista, apagada existencialmente.

A Macabéa Clariceana é percebida pelo narrador Rodrigo S. M., caminhando pelas ruas do Rio de Janeiro sendo descrita com uma presença quase imperceptível, de semblante triste, marcado pela dor contida, pela aflição e por uma angústia silenciosa.

Esse sofrimento decorre da percepção de que naquela bela cidade, moderna, promissora, palco da realização de muitos sonhos, não havia um lugar para ela, a Macabéa Clariceana intui que não pertence aquele lugar.

A cidade do Rio de Janeiro, em vez de acolhê-la, reforça sua condição de sujeito comum, empobrecida, abandonada à própria sorte e excluída social e afetivamente, fazendo ecoar em sua experiência urbana o sentimento de deslocamento e não pertencimento.

Nesse sentido, a vivência espacial da personagem pode ser compreendida com as palavras de Livia de Oliveira (2014, p. 12): “Conhecer um lugar é desenvolver um sentimento topofilico ou topofóbico. Não importa se é um local natural ou construído”.

Assim, o vínculo estabelecido pela Macabéa Clariceana com a cidade é essencialmente **topofóbico**, pois o lugar experienciado por ela se mostra hostil, indiferente e excludente, embora, a personagem tenha migrado com a expectativa de reconstruir sua vida e refazer seu lugar no mundo. A narrativa evidencia ao longo de suas poucas páginas como o Rio de Janeiro se mostrou um lugar de não pertencimento para aquela migrante empobrecida, ampliando sua sensação de estranhamento.

Destacamos ainda, que o número reduzido de personagens que compõem a trama de *A hora da estrela*, contribui significativamente com o sentimento de solidão e isolamento que estrutura o mundo vivido da protagonista.

O universo relacional da Macabéa Clariceana é constituído por poucas personagens: a tia, responsável por sua criação; o narrador Rodrigo S. M., Glória; Olímpico de Jesus; seu chefe, Raimundo Silveira; as companheiras com quem divide o quarto conjugado, Maria da Penha, Maria Aparecida, Maria José e Maria, o médico que a atende e constata que ela está com tuberculose e Madama Carlota. Esse elenco reduzido de personagens estabelece com Macabéa Clariceana relações marcadas pela superficialidade, pela ausência de acolhimento e pela

indiferença afetiva e social, reforçando a concepção de invisibilidade e marginalização que fazem parte da existência da protagonista ao longo da narrativa.

Nos momentos finais de sua trajetória, Macabéa Clariceana vivencia uma decepção amorosa ao ser abandonada por Olímpico de Jesus, que rompe o relacionamento com ela e em seguida, inicia um romance com Glória:

Foi então (explosão) que se desmanchou de repente o namoro entre Olímpico e Macabéa. Namoro talvez esquisito mas pelo menos parente de algum amor pálido. Ele avisou-lhe que encontrara outra moça e que esta era Glória. (Explosão) Macabéa bem viu o que aconteceu com Olímpico e Glória: os olhos de ambos se haviam beijado (Lispector, 2017, p. 88).

Olímpico, movido por ambições pessoais, percebe em Glória uma possibilidade de ascensão social na sociedade carioca. Embora Glória não pertencesse a uma família economicamente abastada, ela possuía uma estrutura familiar mais estável, como ressalta, Rodrigo S.M. (Lispector, 2017, p. 88): “Posteriormente, de pesquisa em pesquisa, ele soube que Glória tinha mãe, pai e comida quente em hora certa. Isso tornava-a material de primeira qualidade. Olímpico caiu em êxtase quando soube que o pai dela trabalhava em um açougue”.

O pai de Glória exercia a profissão de açougueiro, atividade que despertava particular fascínio no nordestino, pelo domínio técnico do corte no ofício com as carnes, pela coragem simbólica necessária para se exercer essa profissão. Gradativamente, Olímpico aproxima-se de Glória e de sua família, fortalecendo esse vínculo até romper definitivamente com Macabéa, passando a namorar a carioca da “*gema*”.

Para o nordestino, Glória era a namorada ideal e apresentava uma aparência com características físicas e culturais que se enquadravam melhor nos padrões valorizados por ele: “Pelos quadris adivinhava-se que seria uma boa parideira” (Lispector, 2017, p. 88).

Após assumir o relacionamento com Olímpico, Glória passa a tratar Macabéa de maneira mais cordial e aparentemente amigável, essa mudança de comportamento é interpretada por Clarice Lispector como resultado de uma crise de consciência, marcada pelo sentimento de culpa, conforme nos destaca o narrador Rodrigo S. M.: “Penalizava-se com Macabéa [...] Glória, querendo compensar o roubo do namorado da outra” (Lispector, 2017, p. 92-93).

Esse comportamento demonstra uma solidariedade artificial, simpatia e um vínculo de amizade que tem por motivação a vergonha moral sentida por Glória, em relação à antiga

namorada de Olímpico. Nesse momento, a Macabéa Clariceana experimenta de forma efêmera solidariedade e companheirismo, expressos durante as conversas com Glória, que lhe dava conselhos sobre vaidade, beleza, saúde e cuidados com o corpo, passando a convidá-la para degustarem cafés e chás à tarde (Figura 8):

FIGURA 8 - MACABÉA CLARICEANA E GLÓRIA LANCHANDO JUNTAS



Fonte: Elaboração própria criada no Canva (2026).

Em uma visita de Macabéa à casa de Glória, a colega lhe oferece dois conselhos, ambos revelando formas distintas de cuidado. O primeiro refere-se à preocupação com sua saúde física, pois Macabéa fazia uso excessivo de aspirina, por essa razão, Glória sugere que ela procure um médico para investigar a origem de tantas dores (Lispector, 2017, p. 93). O segundo conselho estava relacionado a vida amorosa de Macabéa: Glória recomenda que Macabéa consulte uma cartomante, semelhante à uma cigana, descrita como sábia e poderosa, capaz de desfazer qualquer mau-olhado ou qualquer trabalho espiritual que tenha sido feito para lhe prejudicar.

A cartomante indicada, era Madama Carlota, uma poderosa vidente que já havia desfeito um trabalho espiritual que perseguia a vida de Glória, mas a cartomante morava muito distante de onde elas estavam, no bairro de Olaria, Zona Norte do Rio de Janeiro, o ideal era Macabéa se deslocar até lá de táxi.

Nesse contexto, por um breve período no tempo-espço a Macabéa Clariceana passa a usufruir do espaço íntimo da família de Glória, inserindo-se provisoriamente em uma casa marcada por memórias, lembranças e relações afetuosas.

Ao frequentar esse espaço de intimidade, a personagem experiencia um tipo de acolhimento que contrasta com seu cotidiano habitual. Compreendemos essa experiência do ser com a casa a partir de uma perspectiva fenomenológica, nas palavras de Gaston Bachelard (2008):

Para um estudo fenomenológico dos valores de intimidade do espaço interior, a casa é, evidentemente, um ser privilegiado isso é claro desde que a consideremos ao mesmo tempo em sua unidade e em sua complexidade, tentando integrar todos os seus valores particulares num valor fundamental (Bachelard, 2008, p. 23).

Ao compartilhar a refeição na casa de Glória, acompanhada de conversas de temática cotidiana e feminina, Macabéa Clariceana sente-se momentaneamente acolhida, naquele curto período, como se aquele espaço lhe oferecesse uma possibilidade de cuidado, escuta e afeto. Esse ambiente íntimo talvez tenha despertado em Macabéa um sentimento de confiança e esperança que a motivou a agir após ouvir os conselhos de Glória:

Glória, talvez por remorso, disse-lhe:

- Olímpico é meu mas na certa você arranja outro namorado. Eu digo que ele é meu porque foi o que minha cartomante me disse e eu não quero desobedecer porque ela é médium e nunca erra. Porque você não paga uma consulta e pede para ela pôr as cartas?
- É muito caro? (Lispector, 2017, p. 96).

Enquanto a Macabéa Clariceana prioriza o aspecto econômico, questionando o valor da consulta, Glória enfatiza os poderes mediúnicos e espirituais de Madama Carlota (Lispector, 2017, p. 97): “Eu lhe empresto. Inclusive madama Carlota também quebra feitiço que tenham feito contra a gente”.

Após ouvir os relatos místicos, narrados com riqueza de detalhes, Macabéa Clariceana decide priorizar o cuidado de seu corpo e de sua espiritualidade, como se essa mudança pudesse transformar sua existência, cuidar do corpo físico por meio da consulta médica e do corpo espiritual ao procurar Madama Carlota, na Zona Norte do Rio de Janeiro.

A casa de Glória, nesse sentido, parece representar um lugar favorável, um espaço de diálogo, alimentação, cuidado e talvez, afeto. Em contraste, com o quarto conjugado que Macabéa divide com as Marias parece não lhe transmitir esse mesmo sentimento, permanecendo como um espaço vazio, marcado pela precariedade e pela ausência de intimidade afetiva.

Diante dessa diferença espacial e simbólica, a protagonista decide pela primeira vez, em favor de si mesma e parte em busca de cuidados para sua saúde e para seu espírito.

2.2.2. Macabéa Clariceana: Esperança, Ilusão e Morte

Em busca de conforto, esperança e previsões de dias melhores, a Macabéa Clariceana segue o conselho de Glória, iniciando um caminho de amor próprio e cuidado consigo mesma. Primeiramente, consulta-se com um médico; em seguida, desloca-se até o bairro Olaria, Zona Norte do Rio de Janeiro, em busca de orientação espiritual para saber o que o futuro lhe reserva.

Para isso, a nordestina pede dinheiro emprestado do táxi com seu chefe, Raimundo Silveira, com a intenção de não o devolver, justificando para si mesma essa possibilidade, pois ela acabara de ser demitida, revelando nesse gesto uma inesperada mudança em sua conduta moral.

Nesse ponto do enredo, a Macabéa Clariceana revela mais uma vez um comportamento desconhecido de seu caráter: a *esperteza*. A dúvida quase intuitiva que não devolveria o dinheiro emprestado para o táxi, surpreende até a própria personagem clariceana, que percebe uma mudança em seu comportamento, simbolizando uma ruptura sutil em relação ao seu eu anterior, marcado por uma obediência extrema.

Essa transformação simbólica nos lembra uma outra ocasião, na qual Macabéa Clariceana descobrira que a mentira parecia ser mais aceita pelas pessoas do que a verdade. Naquela ocasião, a personagem telefonou para a empresa alegando estar com dor de dente e informando que naquele dia não iria trabalhar, permaneceria em casa, o resultado dessa mentira?

Macabéa passou o dia ouvindo música pela Rádio Relógio, dançando e escutando atentamente a cada comercial transmitido na rádio, sentindo que sua solidão lhe dera a percepção de liberdade: “dançava e rodopiava porque ao estar sozinha se tornava: l-i-v-r-e”! (Lispector, 2017, p.72).

Essa experiência momentânea de liberdade vivida no interior de um espaço restrito e compartilhado com outras moças, evidencia a centralidade do espaço na constituição da subjetividade da personagem. Partindo de pressupostos da teoria literária e da vivência tofóbica da Macabéa Clariceana, resgatamos as reflexões de Osman Lins (1976), a respeito do *espaço* na narrativa literária.

Para Osman Lins (1976), o espaço não se configura como mero cenário, mas como um elemento estruturante da trama e da experiência da personagem. Segundo o autor, o espaço

assume papel fundamental no desenvolvimento da narrativa, mesmo sendo um lugar de tensão, limitação e/ou inacessibilidade, condicionando as ações, os sentimentos e as possibilidades de existência dos sujeitos:

Entretanto, inclusive neste caso, alcançam em geral vibração mais intensa aquelas obras onde o espaço atua com o seu peso. A impossibilidade de ingresso num determinado espaço, espaço que ocupa o centro do romance exatamente por ser inacessível e sem o qual não existiria a obra (Lins, 1976, p. 65).

Em *A hora da estrela*, a narrativa estrutura-se em um primeiro momento, a partir da mudança do espaço de vivência da protagonista que migra de Alagoas e se desloca para o Rio de Janeiro, iniciando um (des)enraizamento em sua experiência existencial e espacial.

A migração da Macabéa Clariceana é um elemento de deslocamento no espaço geográfico, que transforma sua experiência existencial. Os espaços narrados por Clarice Lispector podem ser interpretados como elementos que constituem a subjetividade da personagem, nos evidenciando sua condição de não pertencimento e sua vivência à margem na “*cidade maravilhosa*”.

Pois embora a Macabéa Clariceana viva fisicamente naquela metrópole, a personagem não consegue acessar os espaços que constituem um campo de pertencimento existencial, ela não consegue viver dignamente naquela cidade.

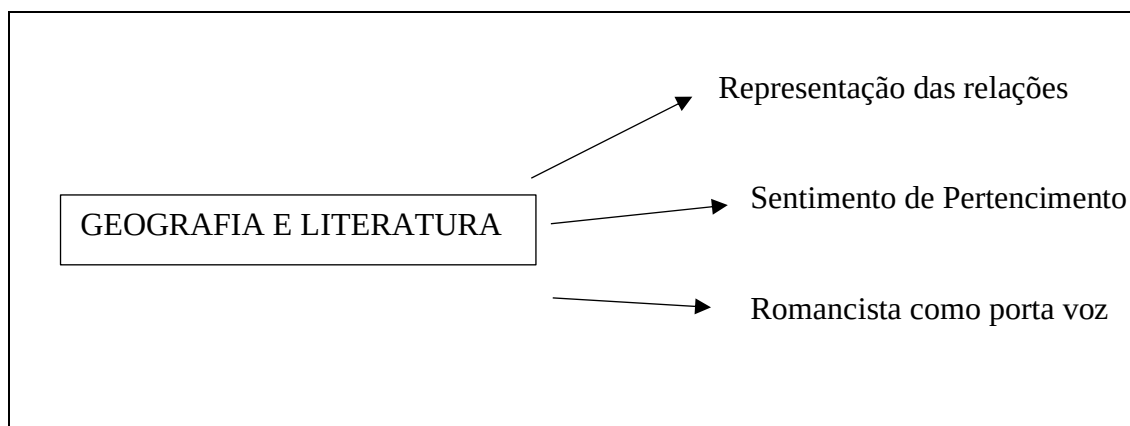
Assim como ressalta Osman Lins (1976), trata-se de um espaço romanesco que embora exista concretamente, permanece inacessível para a personagem. O Rio de Janeiro revela-se para Macabéa Clariceana como um lugar hostil e estranho, no qual ela mora, mas não habita, (sobre)vive, mas não pertence, o sentimento que aquela cidade lhe proporciona é intensificado por suas experiências tofóbicas, demonstrando ser um espaço de exclusão na trama clariceana.

Desse modo, na relação dialógica entre Geografia e Literatura, o conceito *espaço*, que é primordial para a ciência geográfica, assume papel central nas reflexões teóricas que relacionam esses campos do conhecimento.

Conforme nos aponta, Marc Brosseau (2007, p. 22): “pesquisadores em ciências humanas recorrem frequentemente a fontes literárias para nelas encontrar informações”.

Nessa interrelação entre ciências humanas e fontes literárias refletimos a partir de alguns princípios (Figura 09):

FIGURA 09 - PRINCÍPIOS NORTEADORES NO ESTUDO DA GEOGRAFIA E LITERATURA



Fonte: Geografia e Literatura, Marc Brosseau, 2007. Organização: Dalila da Silva, 2026.

Nas reflexões Geoliterária, compreendemos que a Literatura constitui um vasto campo de interpretação, pois traduz múltiplas descrições do mundo, de ficções e realidades no sentido social, físico, espacial e existencial.

Nessa perspectiva, a Literatura deixa de ser apenas objeto de análise descritiva, para se tornar fonte de compreensão das experiências e das formas de estar-no-mundo, assim, a Literatura concede ao geógrafo possibilidades de interpretações que ultrapassam os limites epistemológicos, conceituais da ciência objetiva e tradicional.

Marc Brosseau (2007), reivindica para a narrativa literária uma concepção documental subjetiva que reflete a experiência humana no espaço. Todavia, o autor ressalta que essa aproximação não deve ocorrer de forma ingênua, sendo necessário observar alguns princípios norteadores na análise da interrelação entre Geografia e Literatura, entre os quais se destacam: a Literatura como representação das relações espaciais, o sentimento de pertencimento e o romancista como porta-voz dos grupos sociais, como destacamos anteriormente (Figura 09).

A narrativa literária pode ser compreendida como uma forma particular de representação do espaço, abrangendo os aspectos físicos da Terra, tradicionalmente valorizados pelas perspectivas objetivas da Geografia, os aspectos sociais, culturais e simbólicos que configuram a “relação sociedade-natureza” (Brosseau, 2007, p. 25), também podem fazer parte da linguagem literária.

Os romances podem nos revelar topografias e geomorfologias diversas, bem como descrever regiões, territórios, paisagens, lugares e práticas cotidianas, compondo um arcabouço teórico-vivido, que revela o modo como os sujeitos experienciam o espaço.

Brousseau (2007) ainda ressalta que o romancista não tem um compromisso com a realidade em seu sentido literal, recorrendo a sua subjetiva, seu referencial empírico e sua vivência de mundo.

Nesse sentido lógico, nem sempre o que está descrito na obra literária nos remete a própria realidade, o romancista (re)constrói espaços a partir de sua imaginação, orientado pelas exigências da trama romanesca, sem compromisso ou fidelidade com o real.

O cientista diferentemente, descreve o espaço a partir de critérios de objetividade e rigor metodológico, o romancista parte de sua subjetividade, utilizando-se de memórias, percepções e experiências de seu próprio mundo. Essa subjetividade não invalida o valor da narrativa, mas nos permite perceber a possibilidade de uma simbiose entre o real, o imaginário, o ficcional e o vivido, ampliando as possibilidades de compreensão da experiência humana.

Nesse sentido, a Literatura revela-se uma narrativa privilegiada por descrever nuances, afetos e sentidos que escapam as descrições puramente técnicas e objetivas. Essa dimensão torna-se particularmente evidente na obra de Clarice Lispector, especialmente em *A hora da estrela*, assim, ressalta Benedito Nunes (1992, p. 169): “Clarice Lispector se exhibe, quase sem disfarce ao lado de Macabéa”, nos indicando que diversas características atribuídas a personagem Macabéa também pertencem ao universo de sua autora.

É essencial destacarmos que o romance *A hora da estrela* ao narrar a trajetória de uma migrante nordestina no Rio de Janeiro, estabelece um diálogo simbiótico entre a vida e a Literatura, revelando coincidências simbólicas e significativas da experiência existencial, interligando a vivência da escritora Clarice Lispector e o mundo vivido de sua Macabéa.

Essa constatação nos conduz para o segundo princípio analítico destacado por Marc Brousseau (2007, p. 24): *o sentimento de pertencimento*. Para o autor, é fundamental investigar se o escritor viveu nos lugares que ele descreve, se pertenceu aos ambientes retratados na obra. Essa vivência confere densidade experiencial à narrativa, pois o autor descreve a partir da invenção do seu imaginário e de suas percepções sensoriais, afetivas e simbólicas acumuladas durante sua trajetória, o espaço narrado é permeado por experiências, tornando-se um lugar carregado de significados.

Nessa perspectiva, o romancista pode ser compreendido como propõe Marc Brousseau (2007), como: “uma testemunha, um porta-voz das populações cujos gêneros de vida descreve” (Brousseau, 2007, p. 25). Portanto, a narrativa literária não se reduz à imaginação individual de seu autor; ela pode ser constituída como expressão de vivências partilhadas, experiências

coletivas e modos de habitar o mundo que permeiam sua trajetória, e se traduzem nas experiências existenciais das personagens.

Esses princípios analíticos nos conduzem à noção de **realismo subjetivo coletivo** (Brousseau, 2007, p. 25), no qual o romance se torna capaz de revelar, descrever-narrar às múltiplas dimensões das experiências humanas.

Nesse sentido, ao interpretarmos as conexões experienciais entre o mundo vivido da escritora Clarice Lispector e o da Macabéa Clariceana, direcionamo-nos ao ato final do romance: a consulta astrológica com Madama Carlota.

Clarice Lispector tinha muita admiração por esse universo místico que fazia parte do seu cotidiano, a escritora costumava levar diariamente um jornal para a praia, no qual lia as previsões do zodíaco para seu signo, como ressalta, Teresa Montero (2019, p. 69): “O *Jornal do Brasil* se detinha especialmente no Caderno B [...] na seção do horóscopo, na qual gostava de ler a previsão do dia para o signo de Sagitário”.

Em conversa conosco, realizada na cidade do Rio de Janeiro, a Professora Teresa Montero destacou ainda que Clarice Lispector consultava-se com frequência com cartomantes, vivenciando, de certo modo, o percurso que conduziria Macabéa ao seu desfecho.

A própria escritora em entrevista ao Programa *Panorama*, da TV Cultura, relatou que ao retornar de uma dessas consultas espirituais, pensou: “Já pensou se desço desse táxi e algum carro me atropela? Me mata?”. Clarice Lispector materializa esse pensamento na ficção, escrevendo esse desfecho para sua Macabéa.

Ao chegar à casa de Madama Carlota, um novo mundo se revela para Macabéa Clariceana, a nordestina encontra o endereço da cartomante, que lhe abre a porta e a cumprimenta de maneira gentil, afetuosa e cordial:

- O meu guia já havia me avisado que você vinha me ver, minha queridinha. Como é o seu nome? Ah, é? É muito lindo. Entre, meu benzinho. Tenho uma cliente na salinha dos fundos, você espera aqui. Aceita um cafezinho, minha florzinha?
Macabéa sentou-se um pouco assustada porque faltavam-lhe antecedentes de tanto carinho (Lispector, 2017, p. 98).

Macabéa Clariceana é bem acolhida por Madama Carlota, que demonstra ser uma mulher empática, esperta e extremamente carinhosa, antes mesmo de bater à porta da cartomante, a nordestina se comparava aos capins da rua; mas agora se sentia gente, se sentia um alguém.

Quem sabe ela também pudesse perder a timidez e se tornar mais argumentativa, como Carlota? Talvez assim, as pessoas lhe dirigissem a palavra; talvez tivessem assuntos a comentar; talvez assim deixasse de ser invisível, se ao menos seu jeito de ser mudasse, imaginava, seria bem-quista.

Em um primeiro momento, após ouvir as palavras cativantes da cartomante, Macabéa se sente bem e estranhamente à vontade naquela sala, observa tudo com encantamento, admirando a decoração do ambiente (Lispector, 2017, p.98): “Enquanto isso olhava com admiração e respeito a sala onde estava. Lá tudo era luxo”.

Atenta aos detalhes, Macabéa Clariceana contempla a decoração repleta de plásticos, no sofá, nas cadeiras, na mesa, em sua concepção o uso excessivo de plástico é sinônimo de luxo, representa requinte, modernidade e beleza.

Além do plástico amarelo nos móveis, outra particularidade na decoração chama sua atenção: os inúmeros quadros de Jesus pendurados pelas paredes, Madama Carlota logo os explica, se dizendo fã de Jesus. O ambiente místico é ainda reforçado por cortinas em cores incomuns, que evocavam ainda mais o ambiente esotérico em todos os espaços.

É possível que ao ouvir Madama Carlota afirmar ser fã de Jesus, Macabéa tenha se afeiçoado ainda mais aquela personagem. Afinal, ela própria tinha admiração por elementos considerados comuns e banais, como a Rádio Relógio e os comerciais transmitidos pelo veículo de comunicação.

Madama Carlota por sua vez, demonstrava devoção a uma divindade, um ser sobrenatural que muitos temem, rezam, reverenciam ou evocam nos momentos de aflição. No entanto Carlota, falava de Jesus de maneira familiar como quem se refere a um amigo íntimo, alguém presente em seu cotidiano, atribuindo a ele as conquistas e os desafios superados em sua vida.

Falante, passou a narrar sua história de vida: havia sido profissional do sexo, conseguira juntar dinheiro e tornara-se administradora de uma casa de mulheres, mas as moças que ali trabalhavam lhe causavam muitos problemas.

Então, graças a Jesus e com o dinheiro que economizara, saiu daquele meio e comprou um apartamento térreo em Olaria, ali, finalmente exercia aquilo que considerava sua verdadeira vocação: REVELAR O FUTURO ÀS PESSOAS (Figura 10):

FIGURA 10 - MACABÉA CLARICEANA EM CONSULTA COM MADAMA CARLOTA



Fonte: Elaboração própria criada no Canva (2026).

O ambiente afetuoso e acolhedor lhe traria algum bom presságio? Revelaria boas novas para sua vida sem afeto e sem oportunidades? Macabéa teria enfim, um futuro? Imaginamos que naquele momento a nordestina encontrava-se inquieta diante dessas perguntas que ecoavam silenciosamente em seu interior. Havia nela um misto de expectativa e nervosismo, como se naquele espaço íntimo e acolhedor, algo decisivo estivesse prestes a se revelar.

Madama Carlota, percebendo sua ansiedade pediu que ela cortasse as cartas para que o seu destino pudesse se manifestar. Mas, antes que o momento da revelação chegasse, a cartomante continuava a narrar trechos de sua própria vida para a Macabéa Clariceana, como se ao compartilhar suas memórias, criasse uma atmosfera de proximidade e confiança.

Carlota contou que havia “caído na vida” por causa da extrema pobreza em que vivia, disse que em um determinado momento não tinha sequer o que comer, foi a necessidade que a conduziu para aquela realidade.

Confessou também que em toda a sua vida havia amado apenas um homem, mas que ele partira, deixando-a mergulhada em uma profunda desilusão, para amenizar essa dor e encontrar uma forma de alegria passou a manter relações amorosas com mulheres, ao compartilhar essa experiência íntima, aconselhou Macabéa a considerar essa possibilidade,

afirmando que talvez fosse uma alternativa mais gentil para alguém sensível como ela (Lispector, 2017, p. 100).

Macabéa Clariceana continuava atenta às palavras-conselhos de Madama Carlota, havia algo naquela conversa que lhe transmitia uma sensação inédita de cuidado e consideração, as palavras da cartomante carregadas de lembranças e conselhos, pareciam transmitir-lhe uma mensagem implícita de esperança.

Talvez, pensava Macabéa, se ela se enfeitasse um pouco à semelhança da própria Madama Carlota, pudesse conquistar um namorado, quem sabe sua vida não mudaria? Pela primeira vez lhe ocorria a ideia de um futuro e muitas possibilidades começavam a inundar seu imaginário.

Nesse momento, torna-se importante destacar a caracterização da personagem, pois de acordo com Osman Lins (1976), ao estudarmos uma obra romanesca devemos nos atentar para a forma como as personagens são construídas, pois constituem um campo expressivo que merece atenção analítica.

Para Lins (1976, p. 77): “O estudo de uma determinada personagem será sempre incompleto se também não for investigada a sua caracterização. Isto é: os meios, os processos, a técnica empregada pelo ficcionista no sentido de dar existência à personagem”.

No caso da Macabéa Clariceana, sua caracterização física e existencial desperta profunda empatia do leitor, trata-se de uma jovem que jamais experimentou o amor, o cuidado ou o zelo de uma figura familiar. Que cresceu marcada pela ausência de afeto, convivendo com a negligência emocional, por isso o simples fato de ter sido bem tratada, de ser vista e ouvida naquele espaço, produz nela um impacto significativo.

Estar ali, escutando as experiências de vida de Madama Carlota e percebendo-se momentaneamente acolhida, faz com que Macabéa comece a vislumbrar a possibilidade de um futuro diferente, esse encontro lhe oferece a promessa de um destino e lhe proporciona ainda que por alguns instantes, uma sensação de confiança em si mesma.

Esse sentimento torna-se perceptível no momento em que Macabéa Clariceana passa a fazer pequenas perguntas durante a conversa com a vidente, algo extremamente incomum para a personagem, caracterizada como silenciosa e retraída ao longo da narrativa clariceana, assim, percebemos que esse instante final de sua existência lhe oferece um breve alento.

Era como se a Macabéa Clariceana estivesse perdida em um deserto e avistasse ao longe uma miragem, um oásis, ali, sua vida se tornaria abundante, o amanhã saciaria sua sede e sua infelicidade seria substituída por uma promessa de felicidade, segundo a visão esotérica de

Madama Carlota, Macabéa encontraria um estrangeiro cheio de riquezas que se tornaria seu marido, um homem que por ela se apaixonaria e a veneraria.

Essa visão ofereceu para Macabéa Clariceana expectativas, sonhos, devaneios e esperança, o amanhã não representava mais temor. Agora, ela sabia que o futuro lhe traria a vida que sempre sonhara, o amanhã lhe reservava concretizações de sonhos e muita felicidade.

A consulta da Macabéa Clariceana à Madama Carlota revela dois mundos completamente contraditórios, no momento final de *A hora da estrela*. De um lado, nos é apresentada Madama Carlota, com sua intensa experiência na vida, que contribuiu para a construção de sua identidade.

Trata-se de uma mulher que utilizou todos os recursos que possuía para sobreviver na cidade grande, confiou no amor de um homem, mas foi abandonada por ele; a partir desse abandono decide viver como quiser e permanecer senhora de si mesma, não temendo os desafios da vida, incorpora em seu cotidiano uma linguagem direta e despojada, falando sem pudores sobre suas experiências.

Madama Carlota dá nome às coisas e aos acontecimentos, e se orgulha de não ter medo de relatar aquilo que viveu em sua trajetória de vida, foi mulher-dama, foi cafetina e também foi vítima de violência física e emocional nas mãos de seu companheiro. Viveu diversas relações amorosas, inclusive com mulheres, e hoje, seu ofício é ser cartomante, alguém que revela o futuro para as pessoas, com as bênçãos de Jesus.

Em contraste com essa personagem marcada pela ousadia, encontra-se Macabéa Clariceana, figura que representa quase o avesso da existência, a jovem nordestina é caracterizada pelo silêncio, pela timidez extrema e pelo medo constante de se expressar, tendo receio de abrir a boca e emitir palavras que ofenda os outros, Macabéa teme a opinião alheia, por isso vive no silêncio; sua vida foi construída imersa na resignação e na invisibilidade existencial, como se sua presença no mundo causasse incômodo e constrangimentos para as outras pessoas.

Macabéa Clariceana era mínima, não reclamava, nada pedia, a tudo procurava compreender, parecia que a nordestina não tinha destino, uma história própria para chamar de sua e dela se orgulhar. Ela vivia sem consciência plena de sua própria condição, habituada a aceitar as privações e humilhações como algo natural, sendo apenas nesse encontro com a cartomante que ocorreu uma ruptura de seu mundo. Pela primeira vez, a Macabéa Clariceana, vislumbra a possibilidade de que sua vida possa ser diferente, a nordestina começa a perceber que sua vida foi dura, sofrida e penosa.

A promessa de um futuro próspero, anunciada por Madama Carlota, produz em Macabéa uma experiência até então inédita: a esperança. Esse sentimento que passa a inundar seu ser, surge contraditoriamente nos momentos finais de sua existência.

Macabéa Clariceana, saiu segura de si do apartamento de Madama Carlota, levava consigo sonhos, esperança, devaneios e promessas de felicidade futura, que como lhe revelou a cartomante seria logo, logo, toda aquela previsão se concretizaria em sua vida.

Carlota viu seu futuro, interpretou, leu e foi bem clara para com ela, Macabéa se casaria com um homem estrangeiro e muito rico que a amaria profundamente a encheria de joias, casacos de pele e de todo luxo que o dinheiro pudesse comprar.

Sua condição existencial havia mudado, agora ela não era como os capins daquela rua, agora ela seria como uma dama importante e elegante da sociedade, em meio a pensamentos, devaneios e sonhos ao atravessar a rua, a tragédia acomete Macabéa que é atropelada por um carro de luxo:

Prestou de repente um pouco de atenção para si mesma. O que estava acontecendo era um surdo terremoto? Tinha-se aberto em fendas a terra de Alagoas. Fixava, só por fixar o capim. Capim na grande Cidade do Rio de Janeiro. À toa. Quem sabe se Macabéa já teria alguma vez sentido que também ela era à toa na cidade inconquistável. O Destino havia escolhido para ela um beco no escuro e uma sarjeta (Lispector, 2017, p. 105).

Embora tenha saído renovada da casa de Madama Carlota, carregando consigo a inesperada promessa de um futuro melhor, a rua logo a chamou de volta à realidade. Ao retornar aquele espaço que sempre se mostrou indiferente, a Macabéa Clariceana parece intuir que seu destino se assemelharia muito mais ao do capim que insiste em nascer nos cantos das ruas da cidade inconquistável (Lispector, 2017, p. 105) do que ao futuro reservado às mulheres que compõe a alta sociedade.

A vida da Macabéa Clariceana, é abruptamente interrompida por um acidente automobilístico, atropelada, Macabéa cai no chão em seus últimos instantes de vida, volta o olhar para a relva simples e aparentemente desnecessária que crescia naquele lugar.

Nesse momento final, a personagem parece reconhecer que sua própria existência naquela cidade, carregava um sentido semelhante ao capim: discreto, frágil e socialmente invisível, mas ainda resistente com sua silenciosa presença no mundo.

Somente no último instante, quando seu corpo ferido e ensanguentado sente se aproximar do fim, Macabéa passa a ser percebida pelos outros: “Algumas pessoas brotaram no beco [...] agrupado em torno de Macabéa sem nada fazer assim como antes pessoas nada haviam

feito por ela, só que agora pelo menos a espiavam, o que lhe dava uma existência” (Lispector, 2017, p. 106).

Agora Macabéa estava sendo observada pelas pessoas, mas esse olhar tardio lhe concedia paradoxalmente, uma sensação de existência que nunca havia experimentado ao longo de toda sua vida.

Assim, a trajetória da Macabéa Clariceana se encerra, marcada pela contradição que permeou toda a sua narrativa, uma vida invisível que só se torna plenamente percebida no momento de sua morte, revelando a dura condição de uma existência ignorada na cidade grande.

2.3. Clarice Lispector e a Construção do Mundo de Macabéa

Neste momento, propomo-nos a refletir brevemente sobre a escritora Clarice Lispector e a construção de sua Macabéa no romance *A hora da estrela*, pois percebemos em nosso levantamento teórico-histórico, algumas possíveis aproximações entre o mundo vivido da escritora Clarice Lispector, e o universo experienciado pela personagem.

Todavia, esta abordagem interpretativa não tem como objetivo desenvolver uma narrativa biográfica da escritora, mas evidenciar alguns pontos que relacionam a trajetória de Clarice Lispector a algumas experiências narradas no romance *A hora da estrela* vivenciadas por Macabéa.

Desse modo, buscamos destacar experiências descritas na obra que encontram ressonância na própria vida da autora, como a experiência da migração-imigração.

Durante o casamento com o diplomata brasileiro, Clarice Lispector passou a residir em diversos países, experienciando sucessivas mudanças de moradia em escala internacional. Dessa forma, mesmo na vida adulta, casada e mãe, a escritora continuou vivenciando deslocamentos geográficos que marcaram sua trajetória pessoal. Em meio a essas constantes mudanças de cidades e países, Clarice Lispector manteve intensa produção literária, se comunicando com suas irmãs e amigas por meio de cartas e traduzindo, através da escrita, sua saudade do cotidiano brasileiro.

Em 1959 Clarice Lispector e Maury Gurgel Valente se divorciam, na época, a separação conjugal ainda se denominava desquite, após o rompimento conjugal a escritora volta para o Brasil, acompanhada dos dois filhos do casal, estabelecendo-se definitivamente na cidade do Rio de Janeiro, seu novo endereço foi o bairro do Leme, localizado na Zona Sul da capital fluminense, região que se tornaria um espaço central em sua vida cotidiana e em sua trajetória

literária. Segundo Teresa Montero, o retorno ao país implicou em um intenso processo de (re)adaptação. A escritora precisava reorganizar sua vida pessoal e profissional ao mesmo tempo em que assumia, de forma direta, a responsabilidade pela criação de seus filhos, sobre esse momento de transição, sua biógrafa (2019) ressalta:

Não passava pela cabeça de Clarice manter-se com a pensão recebida do ex-marido para si e para o sustento de seus filhos em comuns [...]. A solução estava na imprensa: antes mesmo de voltar ao Brasil tornou-se colaboradora da revista *Senhor*, na qual publicou contos desde março de 1959. A recepção positiva estendeu sua participação até 1962, quando também assinou a coluna “*Children’s Corner*”, com história curtas, pensamentos e crônicas. Sim, era preciso fôlego e coragem para a escritora e dona de casa dar conta de tantas tarefas nos primeiros anos no Leme (Montero, 2019, p. 122-123).

Nesse contexto, Clarice Lispector vivia um momento marcado por profundas transformações, o retorno ao Brasil exigiu dela uma reconstrução de sua rotina e de sua identidade social. A escritora buscava se adaptar à nova realidade de vida, conciliando diferentes atividades literárias e jornalísticas para garantir sua autonomia financeira. Com o passar do tempo, o bairro do Leme, transformou-se em um verdadeiro lugar de pertencimento para Clarice Lispector: “Agora minha terra é o Leme” (Montero, 2019, p. 119) afirmava a escritora, demonstrando sua relação topofílica com o bairro onde residia (Figura 11):

FIGURA 11 - ESTÁTUA DE CLARICE LISPECTOR NO RIO DE JANEIRO



Fonte: <https://www.riomemoria.com.br>

O Leme se tornou um importante lugar para a escritora Clarice Lispector, por iniciativa da pesquisadora Teresa Montero, é possível encontrarmos na orla da praia do Leme a estátua de bronze apresentada na fotografia acima (Figura 11). Essa escultura em homenagem a Clarice Lispector; foi idealizada por Teresa Montero, sendo composta pela escritora ao lado de seu cão, Ulysses Lispector, compondo uma cena que aproxima a figura da autora ao cotidiano da cidade do Rio de Janeiro e de seus leitores.

Após alcançar reconhecimento literário na cidade do Rio de Janeiro, Clarice Lispector sofre um acidente em 1967. Ocorre que a escritora era fumante e tomava remédios controlados, certo dia, após se medicar Clarice acende um cigarro e adormece com ele em sua boca, o cigarro inicia um incêndio se alastrando por todo seu apartamento, localizado na rua Gustavo Sampaio, nº 88 no bairro do Leme.

Como consequência desse acidente, a escritora teve que passar por múltiplas cirurgias, tratamentos clínicos nas pernas e fisioterapia, para retomar os movimentos da mão direita que ficaram muito queimadas com o incêndio. Clarice Lispector era uma mulher extremamente vaidosa, mas após esse acidente sua autoestima mudou completamente, tornando a escritora avessa a aparições públicas e a entrevistas.

Em sua última entrevista, a romancista especifica ter concluído a escrita de sua novela. O jornalista Júlio Lerner questiona sobre a semelhança no enredo da protagonista e a vida de Clarice Lispector, ambas nordestinas e migrantes no Rio de Janeiro. A escritora ressalta ter tido a ideia do enredo da nordestina quando passeava pela Feira de São Cristóvão, Zona Norte do Rio de Janeiro.

Teresa Montero, idealizadora do “Passeio de Clarice”, explica de maneira detalhada a relação de Clarice Lispector com a Feira de São Cristóvão:

Foi na Zona Norte, na Feira dos Nordestinos, berço de suas raízes no Recife, que se inspirou para compor *Macabéa* e *Olímpico*, protagonistas de seu último romance: *A hora da estrela* (1977).

Foi também em São Cristóvão onde morou algumas semanas em parte dos cômodos de uma casa cujo endereço é desconhecido, que a adolescente Clarice, recém-chegada ao Rio de Janeiro, começou a exercitar sua precocidade para sentir um ambiente ou apreender a atmosfera íntima de uma pessoa.

Há 27 anos morando no Rio, mas como ela dizia, “com o Recife todo vivo dentro de mim”, Clarice captou no São Cristóvão de 1970 “[...] o nordestino no Rio de Janeiro”. O resultado? *A hora da estrela* [...].

Na Zona Norte, onde começaram os primeiros Caminhos Claricianos na cidade, fechou-se seu ciclo ficcional com a narrativa de Rodrigo S. M. e sua anti-heroína *Macabéa* (Montero, 2019, p. 22).

Novamente *A hora da estrela* nos conduz a experiências que dialogam com a vivência de sua autora, Clarice Lispector, levando-nos a perceber ecos de sua vida, na figura da jovem nordestina vivendo na cidade grande.

Mas, a narrativa não se desenvolve em uma linguagem romântica, marcada por felicidade plena ou realização de sonhos, o romance apresenta a face dura e cruel da existência de uma personagem que não tem sua presença reconhecida.

Macabéa é um ser empobrecido economicamente, não tem formação escolar, não possui títulos e não pertence a sociedade, a obra clariceana denuncia as mazelas da realidade social, através da frágil e sofrida migrante nordestina.

A hora da estrela evidencia, de maneira intensa diversos problemas sociais da realidade brasileira, razão pela qual alguns pesquisadores a interpretam como uma narrativa que tem como temática principal *a justiça social* ⁹.

Ao acompanhar a trajetória da personagem Macabéa, a narrativa expõe aspectos estruturais das desigualdades sociais, especialmente para aqueles sujeitos que experienciam a migração nos grandes centros urbanos. Entre esses aspectos, destacamos as dificuldades relacionadas à moradia, o desamparo social enfrentado por esses indivíduos em sua chegada na cidade de destino, a dificuldade do cidadão que não tem formação escolar ou profissional completa para a obtenção de um trabalho.

O livro ainda revela os conflitos presentes no convívio social e o processo de adaptação do migrante, em uma cidade que muitas vezes se mostra hostil e excludente. Assim, a narrativa clariceana desenvolve diversas reflexões, descrevendo os problemas sociais que ocorrem no cotidiano dos grandes centros urbanos.

Nesse contexto de deslocamento, busca por pertencimento e reconstrução de vínculos, podem emergir espaços de sociabilidade, capazes de amenizar, parcialmente, as experiências de tensões vivenciadas pelo ser migrante, fazendo-o reviver sua terra natal através das manifestações culturais.

Na cidade do Rio de Janeiro, destacamos a importância sociocultural da Feira de São Cristóvão, que atualmente é denominada de Centro Municipal Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas. Todavia, mesmo com a modificação em sua nomenclatura pela Prefeitura do Rio de Janeiro, ainda é referenciada como Feira de *São Cristóvão* (Figura 12), sendo um lugar de

⁹. Prof. Dr. José Miguel Soares Wisnik, caracteriza a obra *A hora da estrela* como um romance sobre justiça social. <Disponível em: <https://youtube.com/watch?v=PmAKOgaej04&t=2124s>>. Acesso em: 09 de fev. 2026.

comercialização de guloseimas nordestinas, como melaço, rapadura, bolo de pote, quebra-queixo, além de ter diversos restaurantes com comidas típicas nordestinas como buchada de bode, carne seca, baião de dois, lojas de roupas, adereços e lembrancinhas que remetem as pessoas para o Nordeste e uma ampla área para espetáculos musicais, onde são realizados shows de bandas e cantores que enaltecem o forró e os gêneros musicais nordestinos:

FIGURA 12 - FEIRA DE SÃO CRISTÓVÃO, ZONA NORTE DO RIO DE JANEIRO



Fonte: Acervo da Autora (2024).

Na chegada da família Lispector ao Rio de Janeiro, é na Zona Norte da cidade que residiram, morando em São Cristóvão, Clarice Lispector aos quatorze anos de idade começa a escrever seu primeiro romance, mas de acordo com ela, o romance torna-se uma estória sem fim, uma estória imensa, Clarice então se desfaz de suas escritas, jogando-as fora. Anos mais tarde, o mesmo bairro traria à Clarice Lispector a trama de Macabéa, e a valorização da cultura nordestina (Montero, 2019, 22).

Essa experiência de deslocamento evidencia a migração como um fenômeno central em diferentes trajetórias de vida, manifestando-se tanto na experiência de Clarice Lispector, quanto na narrativa da Macabéa Clariceana e nas vivências das Macabéas de Manaus. Em cada uma dessas trajetórias, o deslocamento ultrapassa a dimensão geográfica, constituindo-se como uma experiência existencial marcada por desafios, rupturas, adaptações e formas de resistência.

Nesse sentido, estabelecer uma aproximação entre a personagem clariceana e as mulheres migrantes colaboradoras desta pesquisa torna-se fundamental para refletirmos sobre

a condição do ser migrante e suas estratégias de enfrentamento diante das adversidades encontradas na cidade de destino.

Na vivência migrante diante das agruras, o direito ao grito de Macabéa se revela através de sua tentativa de buscar algum amparo para a própria vida, inicialmente, se dirigindo ao médico na esperança de compreender seu mal-estar, na consulta recebe o diagnóstico de início de tuberculose e a recomendação de cuidar da saúde, evitando alimentos como cachorro quente e Coca-Cola.

Em seguida, ela se desloca em direção a outra forma de esperança, ao procurar a cartomante Madama Carlota, na expectativa de descobrir o que o destino lhe reservaria, nesse encontro, sua vida é momentaneamente preenchida por promessas e sonhos, porém, a realidade interrompe essa expectativa de forma abrupta, acabando definitivamente com sua breve existência.

Em outro plano, também marcado por desafios, rupturas e (re)começo, Clarice Lispector enfrentou as adversidades de sua própria trajetória de vida. A escritora resistiu às transformações de sua vida dedicando-se intensamente à Literatura, ao jornalismo e à criação de seus filhos, a escrita tornou-se para ela, um espaço de elaboração da existência e de reinvenção de si mesma, talvez por isso, a autora sempre afirmava: “*Tenho que escrever, senão eu morro*”, a Literatura tornou seu bálsamo, alento no mundo e sua forma de sustentação existencial diante das incertezas da vida.

De modo semelhante, as Macabéas de Manaus que encontramos no decorrer do desenvolvimento desta pesquisa, também revelaram formas cotidianas de resistência, ao construir suas trajetórias em espaços tradicionalmente masculinizados, como a feira, suas presenças ali, foram motivo de dúvidas se conseguiriam permanecer trabalhando na aspereza daquele ambiente.

No entanto essas Macabéas ali permaneceram, estabeleceram suas rotinas de trabalho, lutando por melhores condições de vida e convivendo diariamente com diferentes sujeitos que compõem o tecido social da cidade.

Durante o trabalho de campo, os diálogos estabelecidos com essas mulheres permitiram revisitar memórias, experiências e afetos, revelando-nos histórias marcadas por dificuldades e conquistas, essas narrativas contribuíram para a construção de uma ciência mais próxima do cotidiano e do sujeito que compõe a cidade.

Dessa forma, relacionando a experiência de vida de Clarice Lispector, a existência ficcional da Macabéa Clariceana e as trajetórias de vida das Macabéas de Manaus, construímos

um campo de reflexão diverso, no qual a Literatura, a Geografia e a realidade da vida caminham juntas.

É nessa perspectiva ontológica que nos encaminhamos para a próxima Travessia, na qual apresentaremos as narrativas de vida das Macabéas de Manaus. A partir dessas histórias, buscamos compreender como essas mulheres através de seu esforço cotidiano, resistem as adversidades e reafirmam sua presença no mundo, construindo caminhos na busca de dias melhores, afinal, como nos lembra Clarice Lispector, ao caracterizar o mundo de sua Macabéia: “É claro que a história é verdadeira, embora inventada” (Lispector, 2017, p. 48).

TERCEIRA TRAVESSIA:

MACABÉAS DE MANAUS: MEU LAR É ONDE ESTOU

*E quero aceitar minha liberdade sem pensar
o que muitos acham (Lispector, 2017, p. 54).*

3ª. TRAVESSIA: MACABÉAS DE MANAUS: MEU LAR É ONDE ESTOU

Nesse momento, chegamos à parte essencial de nossa tese, após percorrermos caminhos teóricos e literários que nos conduziram para a compreensão da personagem Macabéa, voltamos o olhar para a realidade da vida para conhecermos as colaboradoras dessa pesquisa, as **Macabéas de Manaus**.

Nesse contexto, ao desenvolvermos essa pesquisa, para além da análise teórica e literária, buscamos nos aproximar das experiências vividas no cotidiano urbano de Manaus, procurando identificar na realidade da cidade, migrantes que evocam a Macabéa da narrativa clariceana.

Assim, durante nosso exame de qualificação, um dos caminhos sugeridos foi que desenvolvêssemos a pesquisa somente no campo literário e teórico.

No entanto ao nos aproximarmos da realidade vivida pelas mulheres migrantes que habitam a cidade, tornou-se primordial que essa pesquisa não se limitasse apenas ao campo da interpretação textual, pois foi na concretude da vida que compreendemos que as experiências migrantes ultrapassam as páginas da Literatura e dos compêndios geográficos, e se manifestam em múltiplas histórias de (re)construção do lugar.

Nessa concepção, através dessa pesquisa, percebemos que apesar das adversidades, o migrante consegue refazer seu lugar, transformando a cidade de destino em seu lugar de pertencimento, em seu lar.

Evidentemente, no início dessa travessia raramente o ser migrante consegue se adaptar ao seu local de destino, talvez nesse momento de chegada o migrante enfrente o estranhamento, a discriminação e a condição de ser visto como um intruso, sendo percebido como aquele que vem de fora e passa a disputar espaço na cidade com aqueles habitantes que nela nasceram. Ainda assim, mesmo em meio a tensões e desafios, emergem vivências de adaptação, resistência e reinvenção do lugar topofílico.

Contudo, ao buscarmos compreender as trajetórias dessas Macabéas, evocamos também a cidade de Manaus como um território que acolhe e transforma vidas. A realização do trabalho de campo na cidade também foi uma forma de engrandecer e agradecer a Manaus, que é meu lugar de pertencimento. Pois, assim como Clarice Lispector que migrou aos quatorze anos de idade para o Rio de Janeiro, eu também iniciei minha própria travessia nessa mesma idade,

navegando pelas águas esverdeadas do Rio Tapajós, encontrando pouso definitivo na capital do Estado do Amazonas.

Todavia, foi durante os primeiros trabalhos de campo realizados na região portuária da cidade, enquanto contemplava o ébano esplendor do Rio Negro, que amadureceu em mim a necessidade de ampliar esta pesquisa, ultrapassando os campos teóricos das reflexões da Geografia Literária, entrelaçando a realidade vivida da cidade e de seus habitantes.

O encontro com as Macabéas de Manaus, foi realizado durante nosso percurso de campo, desenvolvido em diferentes espaços da cidade, onde nos deslocamos para ouvir, observar e compreender suas experiências de vida.

No sentido ontológico dessa Travessia, conheceremos mulheres reais que em seus percursos cotidianos, evocam cada uma a sua maneira, ecos da personagem clariceana, revelando para além da Literatura que as Macabéas continuam existindo e reescrevendo suas histórias nos espaços da cidade.

As memórias e narrativas compartilhadas nesta pesquisa foram organizadas com base nas experiências relatadas pelas Macabéas de Manaus. Assim, as colaboradoras encontram-se distribuídas da seguinte maneira:

- 3.1. Macabéas que migraram para estudar;
- 3.2. Macabéas que migraram acompanhando pais e mães;
- 3.3. Macabéas que migraram em busca de autonomia.

O percurso de campo foi realizado em diferentes momentos no decorrer do desenvolvimento da pesquisa. Em um primeiro momento, após o exame de qualificação, direcionamos nosso olhar para a região portuária de Manaus.

Buscando experienciar um espaço semelhante ao que a Macabéa Clariceana contemplava em seus passeios dominicais pela Baía de Guanabara, na cidade do Rio de Janeiro. Essa aproximação nos permitiu refletir sobre os sentidos e significados que atribuímos aos lugares, tanto na ficção quanto na realidade da vida.

Assim como a personagem de *A hora da estrela*, que caminhava, observava e se recordava de Alagoas diante da paisagem portuária da Praça Mauá, também buscamos andar observando essa subjetividade no movimento de contemplação do espaço urbano de Manaus (Figura 13):

FIGURA 13 - REGIÃO PORTUÁRIA DE MANAUS



Fonte: Acervo da Autora (2024).

A região portuária de Manaus, constitui um espaço marcado por intenso fluxo de pessoas e mercadorias. Diariamente, chegam à cidade embarcações regionais provenientes de diferentes localidades da Amazônia, especialmente do interior do Estado do Amazonas e do Estado vizinho, o Pará.

Nesse cenário, observamos um movimento contínuo de passageiros que desembarcam trazendo consigo bagagens, mantimentos e produtos destinados ao comércio urbano.

Entre esses sujeitos, destacamos os carregadores que em ritmo acelerado transportam diversas mercadorias como caixas com frutas, verduras, sacos de fibra com farinha de mandioca e tubérculos, equilibrando esses produtos nos braços, nas costas ou sobre suas cabeças, subindo e descendo as escadas inclinadas que conectam o porto ao nível da cidade, acompanhando o relevo acentuado da margem do rio.

Inserir-se nesse espaço durante os trabalhos de campo revelou uma dinâmica social própria, marcada pela rapidez dos deslocamentos e pela intensidade das atividades cotidianas. O fluxo constante de pessoas que passam pela região portuária dificulta a aproximação imediata para o diálogo ou para a realização de conversas informais sobre suas trajetórias, origens ou destinos.

Diante dessa realidade, nosso olhar se voltou mais uma vez, para a feira localizada em frente ao porto de Manaus. Naquele espaço, as migrantes que ali encontrássemos estariam em seu ambiente de trabalho, o que possibilitaria o desenvolvimento da pesquisa sem interferir de maneira brusca em seu cotidiano laboral.

Estar em campo, *in loco*, exige sensibilidade para compreender as dinâmicas sociocomportamentais que emergem no espaço vivido.

Nesse sentido, como nos lembra Paul Thompson (1992, p. 271): “Uma entrevista é uma relação social entre pessoas”.

Para o autor, é fundamental que o pesquisador demonstre interesse e respeito pelo informante, construindo uma relação baseada no diálogo, na confiança e na permissividade. Pois trata-se de um processo no qual o sujeito se dispõe a compartilhar aspectos íntimos de sua trajetória, revelando histórias de vida e experiências, as quais muitas delas revelam-se dolorosas, penosas, tristes e cruéis.

Ao longo das diversas conversas desenvolvidas com as Macabéas de Manaus, ouvimos relatos intensos e difíceis, mas que foram compartilhadas a partir da construção gradual dessa relação de escuta e confiança.

Nessas primeiras incursões ao porto, muitos dos que por ali transitavam, passaram a notar nossa presença, nosso olhar atento, as mãos vazias, sem bagagens, sem malas, ou mercadorias, e o caminhar lento de um lado para o outro acabavam por revelar nossa condição de observadora daquele espaço.

Permanecíamos ali, acompanhando o fluxo cotidiano do porto, atentas às múltiplas cenas da vida urbana que se desenrolavam diante de nós.

Ao mesmo tempo, a paisagem do porto nos revelou elementos marcantes da relação histórica da cidade com o Rio, diante da vasta extensão das águas escuras do Rio Negro, alinham-se embarcações de diferentes tamanhos, desde pequenos barcos, canoas com motor de rabeta, barcos regionais, grandes navios para transportar turistas.

Na margem do Rio temos uma estrutura metálica flutuante onde diversos vendedores ambulantes, trabalhadores portuários e passageiros das embarcações transitam constantemente. Nesse cenário pulsante, torna-se evidente que o barco continua sendo para a grande maioria da população ribeirinha amazônica, o principal meio de transporte e a forma mais viável de deslocamentos entre cidades, comunidades e capital (Figura 14):

FIGURA 14– O IR E VIR NA REGIÃO PORTUÁRIA DE MANAUS



Fonte: Acervo da Autora (2024).

A partir desses primeiros contatos com a região portuária, nos deslocamos até a Feira da Manaus Moderna, onde iniciamos a escuta dos sujeitos que ali trabalham cotidianamente. Posteriormente, continuamos a retornar diversas vezes a esse espaço, mas agora objetivando estabelecer relações entre as trajetórias das mulheres feirantes e a personagem Macabéia, de *A hora da estrela*.

No romance Macabéia trabalha no centro da cidade do Rio de Janeiro, em uma pequena empresa de roldanas, que de acordo com o Dicionário Aurélio (2014): “roldanas são peças mecânicas responsáveis pelo funcionamento de sistemas de elevação, como elevadores”.

Dessa forma, percebemos que se trata de um ambiente de trabalho marcado por características tradicionalmente associadas ao universo masculino, pois para a instalação e a manutenção desses equipamentos exigiam, no tempo histórico retratado pela narrativa, esforço físico intenso.

Naquele contexto, muitas das atividades braçais eram majoritariamente desempenhadas por homens, assim, no espaço laboral descrito na narrativa clariceana, as únicas mulheres mencionadas como funcionárias da empresa de roldanas, são Glória e a própria Macabéia.

Essa situação permite estabelecer uma aproximação simbólica com o ambiente das feiras populares, espaços nos quais identificamos as Macabéas de nosso estudo, embora a feira seja tradicionalmente associada ao trabalho pesado e ao esforço físico, atividades

historicamente vinculadas ao mundo masculino, observamos nesses lugares a presença significativa de mulheres que constroem ali suas trajetórias de trabalho e sobrevivência.

Assim como a Macabéa Clariceana, que ocupa um lugar aparentemente deslocado em um ambiente masculinizado, muitas mulheres feirantes também se inserem em territórios marcados por práticas laborais associadas à força física masculina, ressignificando esses espaços a partir de suas próprias experiências de vida, trabalho e resistência cotidiana.

Nesse cenário, apresentaremos as migrantes que compartilharam conosco suas memórias, suas narrativas de vida, seu tempo, seus percursos migratórios e suas experiências no ambiente de trabalho, espaço que revela ser seu lugar de sustento material, construção de relações sociais, de existência cotidiana e de resistência diante dos desafios impostos pela trajetória migrante.

Dessa forma, ao entrelaçarmos Geografia Humanista, a narrativa literária e as experiências de vida das migrantes de Manaus, buscamos compreender como as “Macabéas” da vida real registram suas trajetórias no espaço urbano, revelando através de suas narrativas, dimensões subjetivas do habitar, do migrar e do resistir na cidade.

No quadro abaixo, contextualizamos algumas informações das Macabéas de Manaus:

QUADRO I – MACABÉAS DE MANAUS E SEU LUGAR NATAL

MIGRANTE	ESTADO NATAL	CODINOME
01	AMAZONAS	Macabéa da Infância Subtraída
02	AMAZONAS	Macabéa do Alvorecer
03	AMAZONAS	Macabéa do Fardo
04	RIO DE JANEIRO	Macabéa do Cuidado Paterno
05	PARÁ	Macabéa das Raízes Ancestrais
06	MARANHÃO	Macabéa das Ervas da AM
07	MARANHÃO	Macabéa das Letras
08	MARANHÃO	Macabéa Insubmissa
09	PARÁ	Macabéa das Amarrações Amorosas

Fonte: Trabalho de Campo, novembro de 2024-janeiro-fevereiro-março de 2025.
Organização: Dalila da Silva, 2026.

Nesse momento, apresentamos as Feiras de Manaus, locais onde identificamos as permissionárias-migrantes que compartilharam conosco suas trajetórias, experiências e narrativas de vida ao longo da pesquisa:

FEIRA DA MANAUS MODERNA, ZONA SUL DE MANAUS

Localizada próxima às margens do Rio Negro, a Feira da Manaus Moderna constituiu o ponto inicial de nossos trabalhos de campo. Foi nesse espaço que demos início as observações, flanações e as inquietações que orientaram esta pesquisa, guiadas essencialmente pela indagação de como nos aproximaríamos das migrantes em seus locais de trabalho.

Todavia, ressaltamos que esta pesquisa não se dedica ao estudo das Feiras de Manaus. Destacamos, contudo, que foi nesse espaço que encontramos e identificamos as Macabéas da vida real, as colaboradoras que compõem essa tese, logo, começamos a frequentar a Feira da Manaus Moderna (Figuras 15 e 16) e observar seu cotidiano:

FIGURA 15 –ENTRADA DA FEIRA MANAUS MODERNA



Fonte: Acervo da Autora (2024).

FIGURA 16 –DINÂMICA COTIDIANA NA FEIRA MANAUS MODERNA



Fonte: Acervo da Autora (2024).

FEIRA DO PRODUTOR, ZONA LESTE DE MANAUS

Constituindo outra etapa de nosso trabalho de campo, esta Feira está localizada na Zona Leste de Manaus, e segundo relatos de alguns permissionários, sua origem foi na década de 1980 e a denominação *Feira do Produtor*, é uma referência aos primeiros feirantes que em sua maioria eram pequenos agricultores do interior do Estado do Amazonas, e com muita dificuldade escoavam seus produtos até a capital. Nesse local (Figuras 17 e 18), dialogamos com as demais Macabéas de Manaus que compõe nosso estudo.

FIGURA 17 – ENTRADA DA FEIRA DO PRODUTOR



Fonte: Acervo da Autora (2025).

FIGURA 18 – INTERIOR DA FEIRA DO PRODUTOR



Fonte: Acervo da Autora (2025).

FEIRA DA COMPENSA, ZONA OESTE DE MANAUS

Essa feira constitui a etapa final de nosso trabalho de campo, localizada nas proximidades da Avenida Brasil (Figura 19), no bairro da Compensa, Zona Oeste de Manaus. Além de representar o último lócus percorrido, esse espaço nos trouxe alguns desafios empíricos. Durante a circulação pelo local, observamos a presença significativa de boxes e estabelecimentos fechados (Figura 20), em conversas informais com alguns permissionários, fomos informados que tais espaços não haviam sido alugados por novos permissionários.

Prosseguimos com o percurso, realizando mapeamento visual da presença feminina nas barracas em funcionamento, identificamos em alguns pavilhões a predominância de mulheres em relação aos homens. No entanto ao nos aproximarmos e iniciarmos o diálogo, muitas dessas trabalhadoras recusaram-se a participar da pesquisa, o que nos levou a dar continuidade ao nosso itinerário de campo, objetivando encontrar e identificar as Macabéas de Manaus.

Diante desse contexto, optamos em fazer uma breve pausa para tomarmos um café, foi nesse momento que nos aproximamos de uma banca e estabelecemos o primeiro contato com a MACABÉA DO ALVORECER.

FIGURA 19 – FACHADA EXTERNA DA FEIRA DA COMPENSA, ZONA OESTE DE MANAUS/AM



Fonte: Acervo da Autora (2025).

FIGURA 20 – AMBIENTE INTERNO DA FEIRA DA COMPENSA, ZONA OESTE DE MANAUS/AM



Fonte: Acervo da Autora (2025).

Acompanhemos a partir desse momento, as MACABÉAS DE MANAUS.

3.1. Macabéas que Migraram para Estudar em Manaus

3.1.1. Trajetória de Vida da Macabéa da Infância Subtraída

*Se tem uma coisa que o sofrimento me ensinou,
foi não causar sofrimento pros outros
(Macabéa da Infância Subtraída)*

Essa Macabéa migrou para Manaus em 1985 da comunidade de Novo Remanso no município de Itacoatiara, interior do Estado do Amazonas, quando tinha doze anos de idade. A mudança ocorreu para que ela desse continuidade aos seus estudos na capital, passando a morar na casa de sua tia, irmã de sua mãe.

Após concluir o Ensino Fundamental, seu grande objetivo era ingressar no antigo Magistério, Curso para a Formação de Professores do Instituto de Educação do Amazonas (IEA), escola de ensino fundamental e médio, responsável pela formação de muitos educadores do Amazonas.

A Macabéa da Infância Subtraída trazia consigo o sonho de tornar-se educadora. No interior, já exercia um papel importante entre os vizinhos, era ela quem escrevia as cartas das pessoas que não sabiam ler, nem escrever. Sua caligrafia, considerada muito bonita e legível, despertava comentários entre os moradores que costumavam dizer: essa vai ser professora, já tem até a letra bonita, ao recordar esse período da sua vida, a colaboradora nos conta:

Migrei pra Manaus com a idade de doze anos, uma criança, entrando na adolescência, minha tia em uma de suas visitas ao sítio da minha família no Novo Remanso, havia comentado que seria muito mais fácil eu continuar meus estudos na capital, e eu poderia ficar na casa dela, ainda mais depois que o marido dela havia ido embora, eu viria pra casa dela no bairro da Cachoeirinha, lá só tinha ela e seus quatro filhos a quem eu olharia só durante um período do dia, e depois a filha mais velha dela ficaria responsável por seus irmãos, enquanto eu estaria estudando no Ruy Araújo pra terminar o ensino fundamental, pra depois ir estudar no IEA. Ouvir aquelas palavras me encheram de alegria, eu deixaria de ser uma menina do interior, e viria morar de vez na capital e continuaria a estudar, seria Professora, aliás, eu já era chamada de Professorinha, lá na Comunidade, eu ficava muito feliz, além de escrever cartas para os vizinhos analfabetos, eu alfabetizava os outros também, embora tivesse apenas doze anos, eu sonhava em ter uma escolinha de reforço na frente da minha casa, lá no interior. Mas minha escolinha ficou no sonho, porque eu vim pra Manaus concretizar o sonho de continuar meus estudos pra depois retornar pra minha terra (Macabéa da Infância Subtraída, Centro. Manaus, 20 de novembro de 2024).

Obviamente, as palavras de esperança proferidas pela tia ficaram apenas como promessas, por essa razão, optamos por denominá-la de Macabéa da Infância Subtraída, pois, ao chegar a Manaus, a jovem passa a ocupar o lugar de empregada doméstica, babá dos quatro filhos da tia, cozinheira e responsável por todas as tarefas da casa, sem sequer poder sair para além do espaço doméstico.

No início de sua vivência na capital, ela chegou a ser matriculada na escola, mas somente poderia frequentar as aulas após concluir todas as tarefas domésticas, além de cuidar das crianças e manter a casa organizada. A prima mais velha, que teoricamente deveria auxiliá-la nos cuidados com os irmãos, não assumia a responsabilidade, a tia, por sua vez, abandonada pelo marido, passou a trabalhar como auxiliar de serviços gerais em um hospital, e ao retornar para casa exausta, não se envolvia nos afazeres do cotidiano doméstico, só ia descansar.

Assim, aos doze anos de idade, a Macabéa da Infância Subtraída tornou-se a responsável por quatro crianças e uma casa. Seus estudos e o sonho de cursar o Magistério foram ficando para depois, para outro dia, para amanhã, e esse amanhã nunca chegou.

O trabalho doméstico, que já é dispendioso para pessoas adultas, tornava-se ainda mais pesado para aquela criança, cuidar dos primos, dar-lhes banho e preparar alimentos, exigia atenção, dedicação e paciência.

A vida foi passando e quando a Macabéa da Infância Subtraída percebeu, já estava com dezesseis anos e vivia da mesma forma, trabalhando na casa da tia, sem qualquer remuneração, sem receber um único centavo por tanto esforço, por tanto cuidado, sua infância havia sido levada pelo tempo e pelas responsabilidades que lhe foram impostas. Sobre essa experiência, ela nos conta:

Minha vida sempre foi assim, muita luta, muita dificuldade, minha tia me sobrecarregava com responsabilidades que só pessoas adultas conseguem desenvolver, eu achava aquilo normal, porque no interior meninas aprendem a cozinhar muito cedo, mamãe me ensinou a fazer todo tipo de comida com a idade de dez anos, antigamente as pessoas pensavam assim, se a menina soubesse cozinhar logo, logo arranjará um marido. Então minha mãe morria de medo de eu casar e não saber fritar um ovo, então aos nove anos comecei os ensinamentos culinários pra mim, eu fui aprendendo, praticando, perdendo o medo de acender o fogão de barro na lenha, no carvão, e aí com dez anos já sabia fazer tudo que é tipo de comida. Minha tia sabia disso, e sempre que ia nos visitar passou a presentear minha mãe, levava cortes de tecido, cremes de cabelo, perfumes, tudo pra agradar sabe? Minha mãe caiu direitinho... me enviou pra capital pra eu ajudar minha tia, e ela por trabalhar em um hospital também me ajudaria a conseguir vaga na escola de professores quando eu concluísse o primeiro grau. Tudo foi um sonho... Então, depois de tanto trabalho, tanto esforço, cansei de ver o tempo passar e continuar sendo explorada por ela, aí o que fiz? Me casei, isso mesmo com dezesseis anos eu me casei com o filho do vizinho da minha tia, pensei: Ah! Se for pra trabalhar pros outros é melhor eu trabalhar pra mim, em minha casa, ter meus filhos, ter meu lar. Mas eu sempre pensei comigo quando eu tiver meus filhos nunca que eu iria colocar eles pra trabalhar em casa, como eu trabalhava, ensinar sim, eu ensinaria a fazer comida, lavar uma roupa, mas colocar crianças pra cuidar dos serviços de casa? Nunca, e realmente meus cinco filhos nunca foram explorados como eu fui... Hoje sou divorciada, e tenho uma boa convivência com meus quatro filhos, um faleceu, ele nasceu doentinho, tinha a saúde muito frágil era meu caçula, tenho duas filhas professoras uma de português e a outra de matemática, meu filho é pedreiro e o outro é mecânico. Tenho muito orgulho deles, de todos eles na verdade, todos tem sua profissão, são pessoas de bem, são honestos e trabalhadores, eu fico muito feliz com as conquistas profissionais deles, embora hoje a gente quase não tenha convivência, mas eu rezo por eles todo dia e toda hora, meus filhos são tudo pra mim (Macabéa da Infância Subtraída, Centro. Manaus, 20 de novembro de 2024).

A fala da Macabéa da Infância Subtraída nos revela, ressentimentos, sabores, sonhos e vivências que lhe foram negados, ainda criança foi levada a acreditar que ao migrar do campo

para a cidade, do interior para a capital, teria a oportunidade de estudar e ter sua formação no Magistério.

No entanto ao migrar para Manaus, encontrou uma realidade marcada pela exploração do trabalho doméstico e pela negação de sua própria infância. Aquela menina, que no interior era reconhecida por sua habilidade em ensinar os vizinhos e por escrever correspondências para eles, que sonhava em se tornar Professora para voltar e alfabetizar os comunitários que não sabiam ler, ao chegar à capital transformou-se na principal responsável pelos cuidados da casa da tia e pelo bem-estar dos primos.

A tia não lhe concedia qualquer pagamento pelo trabalho realizado, pois considerava que o abrigo e a alimentação eram suficientes como compensação, nem mesmo roupas eram compradas para ela. Nessas condições, a Macabéa da Infância Subtraída comunicou a mãe a forma como ela estava vivendo na capital, escreveu uma carta descrevendo que não tinha o direito de ir à escola, afinal foi para isso que ela havia migrado para Manaus. A resposta da mãe? *“Foi que eu me contentasse com a vida, pois ela não podia fazer nada por mim, a vida é assim mesmo”* (Macabéa da Infância Subtraída, 2024).

Nessa perspectiva experiencial, a Macabéa da Infância Subtraída foi sobrevivendo, deixando para trás a vivência de criança para assumir precocemente o papel de responsável pela ordem doméstica de uma casa, tentando se contentar com o seu tempo-presente.

A vivência migrante dessa colaboradora, nos recorda a vida da Macabéa Clariceana, que também vivia sob a tutela da tia severa, que lhe restringia a liberdade e não permitia que brincasse com as outras meninas da rua, bem cuidadas, vestindo seus belos vestidos e com laços de cetim nos cabelos (Lispector, 2017).

Onde deveria haver cuidado, acolhimento e companheirismo, afinal a promessa era de que uma ajudaria a outra, isso não existiu, foi uma mera ilusão. A tia havia sido clara, ofereceria abrigo e em troca a sobrinha auxiliaria temporariamente nas tarefas da casa, enquanto continuaria seus estudos e futuramente, ingressaria no curso de Magistério. A Macabéa da Infância Subtraída poderia concretizar seu sonho, tornar-se Professora, enquanto a tia teria tranquilidade para trabalhar após a perda da renda do marido.

No entanto a vida seguiu outro caminho, e o projeto de formação educacional dessa jovem permaneceu como uma promessa não cumprida.

Em meio a devaneios, sonhos e às imagens produzidas por seu imaginário infantil, a Macabéa da Infância Subtraída passou a elaborar internamente sentidos e significados para o lugar topofóbico que habitava. Contudo, na experiência de seu cotidiano migrante, aquilo que

deveria constituir-se como lugar de acolhimento revelou-se como um lugar marcado pela dor e pelo estranhamento.

Nessa concepção, sua vivência pode ser compreendida através da construção de lugar no sentido tofóforo, pois seu local de destino gerou nessa migrante do interior, medo, sofrimento e sensação de aprisionamento de seu ser.

Assim, Manaus, capital de seu próprio Estado natal, apresentava-se para ela como um território emocionalmente hostil, no qual seu mundo vivido era permeado por frustrações e ausências.

Inicialmente, em seu imaginário ela criava a perspectiva de retorno após se formar na capital, ela voltaria para sua comunidade no interior do município de Itacoatiara, como verbalizou em nossas primeiras conversas. Esse desejo expressava um profundo sentimento de enraizamento com seu lugar de origem que permanecia em sua memória como um lugar de pertencimento e identidade.

Entretanto, diante da resposta de sua mãe, que a orientava a aceitar aquela situação como algo natural, como um designo que a vida lhe impusera, o sonho de retornar para sua terra natal foi pouco a pouco sendo dissolvido pelo tempo. A postura conformista da mãe diante da realidade do mundo vivido pela filha, lhe feriu profundamente, abalando o laço de afeto que existia em sua relação familiar.

Assim, em sua permanência em Manaus, embora ainda fosse uma criança, a Macabéa da Infância Subtraída, precisou aprender a se reinventar, buscando formas de existir e se ajustar a um mundo que não lhe oferecia acolhimento, nem esperança.

Nesse contexto a casa da tia, que lhe fora prometida como um lar, revelou-se pela própria experiência vivida, como um lugar destituído de amparo, acolhimento e proteção, aquilo que deveria representar um lugar de pertencimento e refúgio afetivo, transformou-se em um ambiente marcado pelo controle e pela exploração de sua força de trabalho infantil.

Assim, sua vivência cotidiana na casa da tia passou a significar um lugar tofóforo, manifestado em sua dimensão mais concreta e existencial. O ambiente doméstico, que simbolicamente é associado à intimidade, abrigo e aconchego, para a Macabéa da Infância Subtraída representou um lugar de sofrimento e opressão.

De acordo com Gaston Bachelard (2008), a casa ultrapassa a condição de simples construção material, sendo um espaço profundamente relacional, ligado à interioridade do ser. Para o filósofo, a casa é um refúgio simbólico no qual se constroem memórias, afetos, proteção e laços de pertencimento.

Nessa perspectiva bachelardiana, a casa representa o primeiro universo do indivíduo, o lugar onde o ser encontra repouso, segurança e uma ligação existencial com o mundo. No entanto para a Macabéa da Infância Subtraída, esse sentido de proteção da casa não se concretizou, a impossibilidade de brincar, estudar ou conviver com outras meninas de sua idade produziu memórias marcadas por privações e sofrimentos; em suas narrativas, emergem recordações de experiências que intensificam sentimentos de isolamento e deslocamento existencial.

Nesse sentido, as lembranças evocadas pela Macabéa da Infância Subtraída, podem ser compreendidas a partir das reflexões de Joël Candau (2023), que relaciona a memória com a identidade do sujeito. Para o antropólogo (Candau, 2023, p. 63): “a memória organiza os traços do passado em função dos engajamentos do presente e logo por demandas do futuro”.

Assim, ao narrar suas experiências, a Macabéa da Infância Subtraída reorganiza suas vivências a partir das marcas deixadas pelo sofrimento, a codificação de suas lembranças revela em um primeiro momento, uma relação de sentido toponômica com a cidade de Manaus, isso é perceptível através de suas palavras, de seu olhar e em suas expressões de dor, as lembranças de seu mundo vivido são permeadas por experiências pretéritas que continuam a ressoar em seu presente.

Foi essa memória de sofrimento que a levou a fazer uma promessa para si mesma: jamais permitir que seus filhos fossem submetidos às mesmas formas de exploração que marcaram sua infância. Desse modo, o passado vivido orientou suas escolhas naquele momento presente e projetou novas possibilidades de existência para seu futuro.

As narrativas da Macabéa da Infância Subtraída, foram uma das mais dolorosas de ser ouvidas, registradas e transcritas... A narrativa da Macabéa Clariceana presente em *A hora da estrela*, também nos revela os dramas da vivência humana.

Nesse encontro entre realidade e ficção, torna-se possível perceber aproximações significativas entre a Macabéa da Infância Subtraída e a Macabéa Clariceana: ambas meninas-mulheres submetidas à exploração por suas tias, tendo suas trajetórias de vida redirecionadas para o esquecimento social, como se não fossem reconhecidas como sujeitos, como ser humano, que deveriam viver com dignidade.

Embora a realidade revelada pelas narrativas seja marcada por experiência de dor e crueldade, o trabalho analítico-interpretativo demanda uma escuta sensível das lembranças e dos traumas que emergem das memórias das Macabéas. Nossa metodologia ultrapassa a simples

descrição dos fatos, exigindo a compreensão da existência que constitui o mundo vivido das migrantes.

Nesse sentido, buscando uma interrelação entre geografia, fenomenologia e existência, Eric Dardel (2015, p. 34) afirma que: “A realidade geográfica exige, as vezes duramente, o trabalho e o sofrimento do homem”.

Nessa perspectiva, Eric Dardel nos (re)lembra que a realidade se manifesta em nosso cotidiano dando-nos uma dimensão existencial de diversas perspectivas e que essas experiências podem ser dolorosas.

No entanto no mundo vivido das Macabéas de Manaus, percebemos um comportamento de resistência diante da realidade, fazendo-as se reerguerem em meio as adversidades, em suas vivências há um movimento contínuo de (re)existência, no qual o trabalho cotidiano assume centralidade e projeta possibilidades para o futuro.

Assim, a experiência do labor, mesmo marcado por exploração e precariedade, também pode ser percebido como atitude de resiliência e de (re)afirmação da vida.

Ao interrelacionar as Macabéas de Manaus com a Macabéa Clariceana, é possível refletir nas fronteiras entre realidade e ficção, compreendendo-as como dimensões que se entrelaçam na produção de sentidos sobre a existência.

Eduardo Marandola Jr. e Livia de Oliveira (2009, p. 502) destacam: “As tramas ficcionais são tão reais [...] Na literatura, tanto quanto na vida, o a-temporal e o a-espacial se referem ao universal”. Essa reflexão nos permite reconhecermos que a narrativa literária não apenas descreve a realidade, mas a revela em sua dimensão mais simbólica, alcançando aquilo que é experienciado nas vivências humanas-sociais.

Nesse sentido interpretativo, a personagem Macabéa de Clarice Lispector, constitui uma criação romanesca que descreve o universal, que se sobrepõe ao particular das experiências migrantes, sua trajetória evidencia a migração como um movimento existencial de busca por inserção, pertencimento e adaptação, elementos que também se fazem presentes nas narrativas das Macabéas de Manaus.

Ao aproximar essas experiências, torna-se possível compreender que tanto na Literatura, quanto na vida, a condição do ser migrante é permeada por deslocamentos físicos e simbólicos, por perdas e reinvenções, constituindo o *ser-no-mundo*, nos revelando a poética da vida.

Assim, a Macabéa da Infância Subtraída, nos descreve como transformou Manaus em seu lugar e como aconteceu essa mudança de sentido em sua existência:

Hoje, eu sinto que Manaus é meu lugar, porque foi aqui que tive meus filhos, foi aqui que os vi crescer, os eduquei, foi aqui que eles nasceram, claro, minha vida no começo aqui foi sofrida, trabalhosa, penosa eu diria que depois deu casar de certa forma até piorou, porque quando casei pensei que tivesse encontrado um príncipe, mas logo se tornou um sapo, meu ex-marido era extremamente ciumento, não deixava eu sair sozinha, me pintar, passear com as crianças pela cidade, pelas pracinhas.

Eu reconheço que sou vaidosa, gosto de me arrumar, de me maquiar, de pintar minhas unhas, eu tenho vaidade de mulher, mas meu ex-marido ficava enciumado pensando que eu tava me arrumando pros outros, isso me machucava muito, então resolvi viver sozinha e em paz. Após o divórcio eu fiquei com a casa e com meus filhos, conversei com meu irmão que era dono aqui do box, ele me alugava aqui, depois de muito anos de trabalho e luta e reconheço que meus meninos me ajudaram também, eu consegui comprar esse lugar aqui. Hoje esse é box é meu, e isso me deixa muito realizada, eu venho pra cá cedo, gosto de trabalhar, aliás o trabalho sempre foi a saída pra todos os meus problemas, sempre tive que ter muita disposição. Meu trabalho aqui é vender polpas de frutas e queijos que vem do interior. Eu gosto muito de trabalhar é a forma que encontrei de ver pessoas, de ver a vida passar, como eu te falei, meus filhos cresceram e cada um tem a sua família, eu já sou avó e adoro meus netinhos, mas moro sozinha, então, desde 1996 quando vim trabalhar aqui na feira pela primeira vez nunca mais me senti só, aqui fazemos amizades, ainda conversamos com as pessoas sobre o dia a dia mesmo, somos os psicólogos uns dos outros, hoje reconheço que viver na cidade me modificou.

Com meu amadurecimento eu fui perdendo a raiva que eu sentia de Manaus, na verdade na minha infância como eu havia vindo pra cá pra estudar e acabei virando empregada e babá, eu relacionava esses acontecimentos da minha vida com Manaus, mas com o passar dos anos eu percebi que eu precisava mudar esse pensamento, então comecei a procurar minhas melhoras de vida, e hoje posso afirmar que sou realizada por morar em Manaus, de certa forma sou até feliz, porque mudei, a gente tem que mudar, o pensamento da gente nos ajuda a perceber que a vida é bonita e cabe a cada um de nós procurar nossa melhora e nossa conexão com o mundo (Macabéa da Infância Subtraída, Centro. Manaus, 17 de janeiro de 2025).

A Macabéa da Infância Subtraída nos relata que com o passar do tempo, suas percepções acerca da vida foram sendo gradualmente transformadas. Se em sua juventude como migrante na cidade de Manaus, a palavra “sonho” aparecia de forma recorrente em suas narrativas, evidenciando as expectativas de uma vida melhor, a experiência que obteve em seu cotidiano urbano revelou uma realidade marcada por privações.

Ainda pré-adolescente chega à cidade, passando a associar as mazelas vividas às dinâmicas sociais da capital, compreendendo sua condição de exploração como parte de um contexto socioespacial mais amplo.

Com o decorrer dos anos, seus pensamentos, devaneios, e expectativas foram sendo ressignificados, conduzindo-a à crença de que a mudança em seu estado civil poderia representar a possibilidade de reconstruir seu próprio lugar no mundo, um espaço pautado por afeto, por paz e por estabilidade.

Havia, nesse gesto, a esperança de constituir um lar diferente daquele que havia experienciado no entanto ao longo de sua trajetória, percebe que sua existência parecia ser uma sucessão de experiências dolorosas e frustrantes.

A paz, a esperança e as boas aventuras que imaginava alcançar mantiveram-se distantes, revelando que sua travessia migrante continuava marcada por relações espaciais permeadas por insegurança, sofrimento e fragilidade afetiva.

Após o divórcio, permanece na luta pela criação dos filhos e passa a buscar uma ocupação, que lhe possibilite garantir a subsistência familiar, nesse contexto, identifica o trabalho na feira como uma alternativa de renda, capaz de suprir suas necessidades e as dos seus filhos.

Com esforço contínuo e o apoio deles, a Macabéa da Infância Subtraída (Figura 21), consegue economizar recursos e adquirir o box que anteriormente alugava de seu irmão, ao tornar-se proprietária do espaço onde trabalha, passa a investir na reconstrução cotidiana de seu lugar, e esse lugar tem se revelado acolhedor para ela.

FIGURA 21 – MACABÉA DA INFÂNCIA SUBTRAÍDA



Fonte: Acervo da Autora (2025).

3.1.2. Trajetória de Vida da Macabéa do Alvorecer

Se tem algo de bom que minha mãe me ensinou, embora tenha me jogado na casa do meu tio depois, foi isso: Acordar cedo! (Macabéa do Alvorecer)

A Macabéa do Alvorecer, assim, como a Macabéa da Infância Subtraída é uma migrante do interior do Estado do Amazonas, veio para Manaus para estudar. Nos referimos a ela como Macabéa do Alvorecer, pois sua trajetória de vida se encontra entrelaçada ao hábito de despertar ainda na madrugada para o trabalho. Essa prática é desenvolvida por ela, desde o período em que residia com sua mãe, em Manacapuru, prolongando-se durante sua permanência em Manaus, na casa de seu tio e persistindo na atualidade, enquanto proprietária de uma banca de café da manhã regional na Feira da Compensa.

Ao associarmos o nome Macabéa ao “alvorecer”, estamos representando uma construção simbólica que incorpora a densidade do vivido e sua concepção existencial. O raiar do dia, nesse contexto, ultrapassa sua dimensão temporal objetiva, tornando-se um marcador existencial que traduz o início de múltiplas jornadas de trabalho, esforço e subsistência. Portanto, é um símbolo que condensa em uma imagem cotidiana, a totalidade de uma experiência de vida marcada pela repetição, pela resistência e pela busca de dignidade.

Conforme define Yi-Fu Tuan (2012, p.43): “um símbolo é uma parte que tem o poder de sugerir um todo”. Assim, na vivência dessa Macabéa de Manaus, o alvorecer passa a representar parte integrante de sua existência, o instante em que se impõe a necessidade de “*ganhar o pão de cada dia*”, de prover o sustento próprio e de sua família, reiterando cotidianamente sua inserção no mundo do trabalho.

Assim, o alvorecer emerge como um símbolo denso, repleto de experiências tofólicas e tofóbicas, por um lado, pode evocar pertencimento, continuidade e sentido; por outro, remete ao cansaço, à obrigação e às limitações impostas pelas condições materiais de existência. Desse modo, a simbologia do alvorecer revela-se como uma concepção interpretativa para compreendermos a geograficidade dessa migrante na medida em que mescla, em uma imagem a complexa tessitura de suas experiências vividas em Manaus.

No decorrer da tese, apresentamos algumas experiências significativas da trajetória da Macabéa do Alvorecer, essa é a colaboradora que quando residia com a tia, era impedida de

frequentar o shopping visto que a tia relacionava esse espaço como lugar de gente rica, ela também não pôde estudar, embora tivesse migrado para a capital do Amazonas com essa finalidade, mas no momento de sua matrícula escolar, seu tio perdeu seus documentos de identificação, ausentando-se por dias de casa, como era de seu costume, saía para consumir bebida alcoólica e permanecia dias sem dar notícias.

Nesse aspecto, a história da Macabéa do Alvorecer entrelaça-se com a narrativa da Macabéa Clariceana, personagem que desconhecia a identidade de seus pais, seus nomes e suas feições, tendo sua história marcada pelo apagamento dessas referências. De modo semelhante, a Macabéa do Alvorecer permaneceu por anos sem documento de identificação; o tio em raros momentos de sobriedade, prometia providenciar uma nova documentação e ela acreditando nessas promessas, construía no plano da imaginação, expectativas acerca da vida escolar em Manaus, o convívio com professores, o acesso aos livros, o uso de cadernos, mas essas promessas não se concretizaram permanecendo restritas ao campo de sua imaginação.

A respeito de sua experiência de vida, ela afirma: “*Moro há muitos anos em Manaus, minha vida é aqui, desde meus doze anos de idade; não voltei mais pra Manacapuru*” (Macabéa do Alvorecer, março de 2025). Observamos que em sua vivência, a cidade natal deixa de compor sua realidade existencial, embora Manacapuru esteja situada em relativa proximidade de Manaus, com disponibilidade de diferentes modais de transporte que facilitam o deslocamento e a chegada até lá, a Macabéa do Alvorecer não retorna ao seu lugar de origem, evidenciando um distanciamento existencial de sua terra natal.

Além disso, a colaboradora relata não manter contato ou proximidade com sua mãe, atualmente idosa e que reside em uma comunidade de Manacapuru. Quando a questionamos se não sente saudade da mãe, após um período de silêncio, nos responde: “*não, eu não sinto*”. Fica em silêncio, preferindo não comentar sobre sua relação com a sua mãe, para Thompson (1992, p. 204-205): “A lição importante é aprender a estar atento àquilo que não está sendo dito, e a considerar o que significam os silêncios. Os silêncios mais simples são provavelmente os mais convincentes”.

Como enfatizado por Paul Thompson (1992), quando estamos realizando entrevistas com os sujeitos em campo, o silêncio emerge como uma linguagem e uma forma de expressão, capaz de revelar as dimensões complexas da experiência, o silêncio também é uma maneira de expor sofrimentos e marcas do passado que não se deixam traduzir facilmente em palavras. Assim, é possível pensarmos que a trajetória de vida da Macabéa do Alvorecer é permeada por

dores e rompimento, vivenciadas desde a infância, quantas não devem ser as dores que essa mulher passou em sua infância?

Quanto a sua vivência migrante, o fato de ter sido enviada por sua mãe para morar, aos doze anos de idade na casa do tio, ela nos diz:

Eu aprendi a acordar cedo, de madrugada desde quando eu morava na comunidade com minha mãe, acordávamos bem cedinho pra fazer café, cozinhar cará, macaxeira, enfim, pra colocar o café da manhã no fogo. Se tem algo de bom que minha mãe me ensinou, embora tenha me jogado na casa de meu tio depois, foi isso: Acordar cedo, despertar com os galos e as galinhas. Eu também ensinei isso pra todos os meus filhos, até pra minha caçula que é a única que ainda mora comigo, eu trago ela pra cá, pra nossa banca pra ela aprender a trabalhar, futuramente esse ponto aqui vai ser dela, ela vai trabalhar, vai continuar estudando não vai ter tantos filhos quanto eu, vai se concentrar em ter uma carreira e pode até vender aqui, depois de formada na faculdade, mas, por enquanto ela me acompanha no trabalho, ela é meu bem mais precioso, os outros foram embora, ganharam o mundo, tive seis filhos, três menino e três menina. Eu vivia falando isso pro meu ex-marido, que eu queria ter no máximo dois filhos, mas foi acontecendo, acontecendo, e quando dei por mim estava com uma escadinha de filhos, mas nunca me entristeci não, embora meu ex-marido fosse um homem muito ruim, eu dei graças a Deus no dia que ele foi embora, eu sofri muito, sofri demais mesmo, eu ficava pensando, foi pra isso que eu nasci? Só pra sofrer? Minha vida na casa do meu tio era trabalhosa, a esposa do meu tio me via como uma empregada mas sem me dá um tostão, eu tinha que chamar ela de tia senão eu apanhava, ainda mais que meu tio simplesmente ia embora beber, passava de cinco a seis dias fora, bebendo por aí, eu até tinha um pouco de pena dela, e pensava: Ah! coitada ela só me trata assim, porque eu tenho sangue do marido dela que só vive na rua, com mulher e bebida, enfim, eu colocava isso na minha cabeça, sabe? Era uma forma de não desenvolver tanto ódio dela e da minha vida, eu escrevia pra minha mãe, quando ia alguém do ramal visitar a gente, eu sempre dava notícias, mas minha mãe nunca me respondia, então uma raiva muito grande foi tomando conta de mim (Macabéa do Alvorecer, Compensa. Manaus, 13 março 2025).

Seu relato evidencia uma trajetória marcada por múltiplas formas de dor, sofrimento e desilusão, desde muito cedo, a Macabéa do Alvorecer foi compelida a assumir responsabilidades domésticas e laborais, desenvolvendo práticas de subsistência que se intensificam com sua migração para Manaus. Inicialmente motivada pela expectativa de continuidade dos estudos, sua expectativa acaba sendo frustrada, pois seu tio perde seus documentos de identificação, situação que não é resolvida posteriormente pelos seus responsáveis, evidenciando uma vivência de negligência que a priva ao direito à escolarização e à sua própria existência documental.

Nesse contexto, sua experiência é imersa por formas de violência simbólica que se manifestam tanto nas relações familiares quanto nos espaços sociais, como a impossibilidade de frequentar o shopping, compreendido pela tia como um espaço exclusivo para pessoas

abastadas. A sugestão de que deveria arranjar um namorado para acessar tal espaço explicita um sentido de troca, no qual o corpo feminino é mobilizado como moeda simbólica.

Essas experiências dialogam diretamente com a trajetória da Macabéa Clariceana, que tem sua existência marcada por privações, violências cotidianas e pela tutela opressiva da figura da tia. Como expresso na narrativa literária: “As pancadas ela esquecia, pois, esperando-se um pouco a dor termina por passar. Mas o que doía mais era ser privada da sobremesa de todos os dias: goiabada com queijo, a única paixão de sua vida” (Lispector, 2017, p. 61). Essa passagem evidencia que para além da dor física, são as privações simbólicas e afetivas que estruturam de modo mais significativo a experiência de sofrimento.

De modo semelhante, a Macabéa do Alvorecer desenvolve ressentimentos ao longo de sua trajetória, sobretudo diante da negativa materna em vir lhe pegar em Manaus. A Macabéa do Alvorecer consegue telefonar para a mãe e pede que essa venha resgatá-la, a mãe afirma que virá, faz-lhe promessas de que em breve estará em Manaus para levá-la de volta para a comunidade em Manacapuru. Mas essa promessa não é cumprida, e a jovem continuará morando na casa do tio.

Talvez essa atitude da mãe tenha contribuído para o rompimento afetivo entre as duas. Mas isso, a Macabéa do Alvorecer não comenta detalhadamente, se mantendo em silêncio, quando perguntamos sobre a sua mãe. Seu silêncio também é uma resposta, que nos traduz ausências, rompimentos e afetos não vivenciados.

Nesse horizonte, a interrelação da Literatura com a realidade se torna fundamental para a compreensão dessas experiências. Conforme nos lembra, Maria Geralda de Almeida (2010, p. 142): “A linguagem literária tem a particularidade de comunicar aspectos da realidade ou fatos e tempos da experiência humana”.

A Literatura pode descrever o real, permitindo a partir de suas tramas acessar dimensões sensíveis da existência que muitas vezes por parecer comum, não sensibilizam. As experiências humanas, nesse sentido, são constituídas por múltiplas vivências, permeadas por dimensões tofólicas e tofóbicas, nas quais se entrelaçam situações de afeto, pertencimento, dor e exclusão.

É essa complexidade que possibilita reconhecer nas narrativas de vida as ressonâncias com a linguagem literária. A escritura de Clarice Lispector, em particular destaca-se por sua capacidade de apreender o mundo vivido em sua densidade existencial, revelando por meio de uma linguagem subjetiva e introspectiva, as nuances da condição humana.

Desse modo, ao aproximarmos a narrativa da Macabéa do Alvorecer com a narrativa da Macabéa Clariceana, evidenciamos as tramas semelhantes da literatura com a realidade da vida, desenvolvemos essa interrelação como uma forma de compreensão das experiências humanas, marcadas pela invisibilidade, pela precariedade e pela resistência cotidiana.

A Macabéa do Alvorecer (Figura 22) comercializa café, leite, sucos, achocolatados, além de alimentos típicos do café da manhã regional, como cuscuz, macaxeira, cará, pupunha, bolinhos de chuva, bananas fritas e tapiocas. Seu trabalho consiste em oferecer aos clientes uma alimentação fortemente marcada pela presença de tubérculos e produtos amazônicos, os quais são adquiridos em outras bancas da própria Feira.

FIGURA 22 – MACABÉA DO ALVORECER



Fonte: Acervo da Autora (2025).

Macabéa do Alvorecer nos relata que às cinco horas da manhã, já se encontra na Feira com sua banca em pleno funcionamento. Em razão de iniciar suas atividades ainda na madrugada, consegue comercializar a maior parte dos produtos nas primeiras horas do dia. Por volta das onze horas, retorna à sua residência, onde passa a se dedicar a outras atividades

domésticas, além de acompanhar a rotina escolar de sua filha caçula, especialmente no que se refere à frequência escolar.

Sua vida cotidiana se organiza em torno do trabalho diário, do cuidado com a filha e da vivência na cidade de Manaus. A Macabéa do Alvorecer demonstra particular satisfação ao relatar que há poucos meses conseguiu comprar a banca onde trabalha, tornando-se proprietária desse lugar. Essa conquista é descrita com evidente alegria, contrastando com as experiências marcadas por dificuldades e privações que compõem sua trajetória. É nesse sentido que nos afirma:

Aqui em Manaus, tudo é possível, se você trabalhar, se dedicar, tudo você consegue, eu gosto muito da minha cidade, embora não tenha nascido aqui, eu sinto que sou daqui, afinal aqui é capital do meu estado, é o centro do meu estado, assim como eu têm muitas mulheres que chegam meninas aqui, e aqui vamo ficando, isso que é bom, poder começar de novo, por que como se diz enquanto *há vida, há esperança*, então eu faço minha parte, trabalho e vou esperando a vida melhorar (Macabéa do Alvorecer, Compensa. Manaus, 13 março de 2025).

A fala da Macabéa do Alvorecer evoca um sentimento fundamental à experiência migrante: A Esperança. Esse sentimento constitui um eixo estruturante da existência daqueles sujeitos que se deslocam de seus lugares de origem em busca de novas possibilidades de vida. Mesmo com meninas em processo de desenvolvimento físico, psicológico e social, a esperança atua como força motriz que impulsiona a migração e sustenta o desejo de recomeço.

Entretanto, a vivência dessas migrantes na cidade de destino nem sempre corresponde às expectativas iniciais. Muitas delas tiveram seus planos interrompidos, especialmente no que diz respeito à formação escolar e à inserção profissional no mercado de trabalho formal, sendo muitas vezes marcadas pelo abandono familiar e por processos de invisibilidade social. Assim, essa condição nos relembra à experiência migrante da Macabéa Clariceana, cuja existência é igualmente permeada pela invisibilidade no espaço urbano do Rio de Janeiro.

3.1.3. Trajetória de vida da Macabéa do Fardo

Meus filhos são menino homem e enquanto não tiver família, mulher e filhos eu me preocupo com o futuro deles, eles são meu fardo na vida (Macabéa do Fardo).

A Macabéa do Fardo é uma mulher de semblante fechado, que não se negou a falar conosco, mas permaneceu sentada, e lateralmente posicionada, sem estabelecer uma relação direta de atenção. Sua postura expressava de forma simbólica, a rudeza da feira e da vida, seu comportamento não é nosso objeto de análise ou julgamento, mas de compreensão. Partimos do princípio de que cada sujeito tem sua própria singularidade, manifestando modos próprios de ser e de se comportar no mundo.

Assim, ainda que séria e envolvida em suas atividades, inclusive manipulando uma faca peixeira afiada enquanto cortava as macaxeiras para comercialização, a Macabéa do Fardo em alguns momentos, estabelecia breves contatos visuais conosco, demonstrando uma forma particular de presença. Reconhecemos que sua decisão de participar da pesquisa mesmo em meio às exigências do seu trabalho, confere relevância à sua contribuição, impedindo que sua presença e sua existência sejam desconsideradas ou invalidada em nossas reflexões. Ao nos referirmos a essa colaboradora como Macabéa do Fardo (Figura 23), estamos interligando suas diferentes vivências e fazendo alusão aos signos de sua existência. Em seu box, na Feira Manaus Moderna, seus filhos: quatro jovens adultos, desempenham papel central no cotidiano laboral, sendo os responsáveis por carregar os “fardos” que são sacos de fibra contendo cerca de sessenta quilos de diversos produtos (Figura, 23):

FIGURA 23 – MACABÉA DO FARDO



Fonte: Acervo da Autora (2025).

Nesses sacos contém tubérculos, frutas e farinha de mandioca, que seus filhos transportam desde os barcos ancorados na margem do Rio Negro até os boxes comerciais dos demais permissionários da Feira, desenvolvendo assim, um trabalho marcado pelo esforço físico e pela dinâmica econômica popular.

Desse modo, ao nomeá-la como Macabéa do Fardo, estamos nos referindo à materialidade desses volumes que constituem seu cotidiano de trabalho e também a dimensão simbólica que o termo incorpora em sua trajetória de vida.

O fardo aqui, carrega múltiplos sentidos e significados, está presente no labor diário, na participação ativa de seus filhos que os carregam durante todo o dia para lá e para cá, e na carga afetiva e existencial que sua relação com a prole significa. Conforme ela nos relatou, sua preocupação com os filhos é constante, sendo por ela percebida como um peso contínuo, um fardo que está sob seus ombros e permeia toda a sua existência.

O diálogo com a Macabéa do Fardo se desenvolve sem manifestações explícitas de acolhimento ou afeto; ainda assim, acontece, revelando sentido próprio da experiência vivida, é nesse registro, marcado pela contenção afetiva, que ela narra sua trajetória, descrevendo em sua fala as marcas do deslocamento, do trabalho árduo e das responsabilidades precoces:

Eu vim pra Manaus com a idade de 9 anos, eu sou de Caapiranga interior do Estado. Aqui fiquei, não voltei mais pra minha terra, onde nasci, eu ainda sou jovem, embora não aparente, o sofrimento envelhece muito a gente, o trabalho difícil e ter que criar cinco menino praticamente sozinha é mais difícil ainda. Então a vida foi me tornando assim, séria sem conseguir sorrir, vendo apenas a própria vida como uma bênção o resto como os outros diz, corremos atrás... Eu vim pra Manaus pra morar na casa da minha madrinha que era uma comadre da minha mãe que já morava há muitos anos em Manaus, como o marido dela tava muito adoentado e eles não tiveram filho, eu vim pra fazer companhia pra ela, e estudar também, porque meu sonho era ser enfermeira, poder cuidar das pessoas, da saúde das pessoas, sabe, eu acho que se eu tivesse estudado como uma amigas minha de Caapiranga, eu teria até me tornado doutora, cuidar das pessoa eu gostava muito, antes da vida endurecer meu coração, eu planejava assim, estudava, terminava o segundo grau e logo minha madrinha iria pagar um curso de enfermagem pra mim, então, depois eu conseguiria passar no vestibular e também estudar na Universidade. Esse era meu sonho, ter uma profissão que me ajudasse a cuidar dos outros, mas como não consegui, hoje eu cuido dos outros de outra forma, eu vendo aqui no meu ponto, só coisas naturais, macaxeira, cará roxo, batata doce que tá tendo muita saída por causa do pessoal que malha, maracujás, como você pode ver, e antes de colocar aqui pra vender eu lavo tudo isso, meus cliente levam pra casa bons produto e saudáveis, é, pensando bem de certa forma eu tô ajudando as pessoa ao vender comida saudável aqui na minha banca.

Mas minha vida é essa, tenho quatro fardo pra carregar, que são meus filho, todos ainda trabalham aqui comigo, mas olha eu tive cinco filho tudo menino homem, nenhuma filha mulher, o mais velho, fez como o pai, foi embora, não dá notícia, os outros quatro tão aqui em Manaus e comigo, minha vida é cheia dos meus menino e cheia de luta, é um mundo muito pesado. No dia a dia com meus menino e trabalhando nesse lugar aqui, eu me tornei assim, uma mulher que não sorri, não vê graça na vida de trabalho e dureza, esse é meu jeito, peguei esse jeito de ficar séria todo o momento, porque criar cinco filho sozinha é difícil, então fui ficando mais séria em casa e quando

vi aqui também com os freguês me tornei séria, acho que peguei esse costume de tanto viver com esses meus menino eles são assim também, muito trabalhador, esforçado e sério, eles vem lá do outro lado da beira do rio com essas sacas aqui, que tem muitas frutas, macaxeira, cará, maracujá, cupuaçu, esses produto vem do interior e de barco, então eles sobe aquela escada da beira e fica carregando essas sacas pesada pros outros feirante também, não é só pro nosso box não, e assim a gente vai levado a vida... voltando ao meu jeito, você pode reparar se tu for em uma banca que tem um homem como vendedor ele te trata assim, com a cara fechada e séria, agora se tu for numa banca de mulher, elas vão logo rindo, mostrando os dente, eu não gosto de ser assim, eu trato todo mundo bem, mas do meu jeito. Eu sou uma mulher, é que a vida me tornou séria (Macabéa do Fardo, Centro. Manaus, 13 de fevereiro de 2025).

A narrativa da Macabéa do Fardo representa uma forma de ser moldado pela dureza da existência, em que o corpo e a subjetividade são modificados pelas exigências do trabalho e pelas responsabilidades familiares. Sua seriedade, emerge como uma construção social e afetiva, vinculada às condições materiais de vida, ao abandono conjugal e à necessidade de sustentar e proteger os filhos.

Demonstrando ser uma postura que se transforma diante das expectativas imaginárias de gênero, sobretudo em seu ambiente de trabalho, um espaço como a feira, espaço historicamente masculinizado, onde o sorriso feminino costuma ser socialmente esperado como sinal de acolhimento, docilidade ou estratégia de venda.

Nesse sentido, sua recusa ao riso pode ser interpretada como uma forma de reposicionamento simbólico, ao não sorrir, ela reivindica respeito e demarca sua presença em um território de disputas, aproximando-se de um comportamento socialmente relacionado ao universo masculino.

Frequentemente o comportamento sorridente da mulher pode ser mal interpretado pelos outros, o que contribuiu para que a Macabéa do Fardo fosse ao longo do tempo assumindo uma postura mais séria e reservada. Esse comportamento seria sua resposta às exigências impostas por sua trajetória na cidade.

Seu trabalho além de garantir a sobrevivência, constitui-se como um espaço formativo no qual ela ensina seus filhos que a acompanham cotidianamente, as lições aprendidas na dureza da vida na capital, que foram incorporadas a sua personalidade, ao seu modo de ser e de existir, nesse sentido, ela nos descreve:

Cheguei em Manaus criança pra morar na casa da minha madrinha foi muito difícil, eu sofri bastante, sentia saudade de mamãe, papai, dos meus irmão, tive que aprender a cuidar do marido da minha madrinha que era muito doente, graças a Deus ele era pequeno, magrinho, mas passou pouco tempo que eu cheguei, pra morar na cada deles, ele morreu, a madrinha sofreu muito. Ai eu ainda não sabia fazer comida, vinha uma

sobrinha dela lá da Zona Leste, nem me lembro de que bairro, vinha fazer comida e ficava brigando comigo, faltava me bater, eu ficava olhando aquilo, eu tava ali pra ajudar, fazer companhia nem ia mais pra escola, pra não deixar a tia dela sozinha e ela, uma mulher adulta, ao invés de me ensinar a fazer comida, ficava o tempo todo com ignorância.

Minha madrinha era legal, me lembro que ela me dava muitos presente, passamos a viver só eu e ela, as vezes essa sobrinha insuportável aparecia, mas aí eu fui crescendo e o luto da minha madrinha foi passando, mais ela que me ensinou a cozinhar, a cuidar das plantas, a ter sempre um pé de cebolinha, cheiro verde no quintal, ela gostava muito de planta, a gente morava no Educandos, próximo ao Igarapé, engraçado que eu sempre gostei dessa parte da cidade, da Manaus Moderna, a gente sempre vinha comprar peixe, farinha e frutas aqui, eu voltava toda feliz pra casa da minha madrinha, eu ia pro interior no final do ano, mas sempre voltava pra Manaus, depois de um tempo fui matriculada de novo na Escola, cheguei a ir algumas vezes, mas eu era muito danada, gazetava muita aula com umas amigas e uns amigos, também aí comecei a namorar, eu namorei bastante mesmo viu, vivia pelo Centro na Praça do Congresso, antigamente era bom, muito animado, com o passar do tempo, eu fui vendo que a cidade era um bom lugar pra morar, eu vivia feliz, namorando, cuidando da casa e da minha madrinha, que sempre me falava que quando morresse ia deixar a casa dela pra mim, então eu ficava imaginando ter uma casa em Manaus, aqui, onde eu já tinha uma vida feliz, saindo pra festas, antigamente a gente se divertia bastante, mais muito mesmo, eu adorava os bailes, as festas, mas minha madrinha sempre falava pra eu me cuidar, pra mim não engravidar, porque eu tinha me mudado pra cá pra ficar na casa dela, e não pra passar a noite em festa, em bar bebendo. Ah! E ela achava muito feio mulher beber, ela me falava que eu tinha que me dá apreço que ficar em bar era coisa de mulher perdida, sem futuro, e por isso nunca nenhum homem de bem, trabalhador ia querer casar comigo, pois é, eu aproveitei minha juventude, ao invés de ir pra escola ficava nos bar aqui do Centro, conheci o pai dos meus filho e engravidei, com 15 anos, engravidei do meu primeiro filho, naquele tempo era horrível uma moça engravidar sem tá casada, era um escândalo, uma polêmica. Minha madrinha muito triste me expulsou da casa dela, ela gostava de mim, gostava mesmo, como se eu fosse uma filha pra ela, a casa dela pra mim era melhor que minha casa lá no interior, eu fazia as coisas em casa, a gente conversava bastante, ela me falava de coisas que aconteceram com ela, me ensinou a cozinhar, a me arrumar. E ela adorava ouro, nos meus quinze anos quando fui falar pra ela que tava grávida, ela me deu o último presente, uma pulseira de ouro que tive que vender depois, então, após ela me expulsar de casa, passou pouco tempo, mas pouco tempo mesmo, ela morreu. Acho que ela morreu de tristeza por minha causa, eu me amiguei com o pai do meus menino e fui tendo um, dois, três, quatro, cinco filho, continuei trabalhando, ombro a ombro com meu marido, compramos uma casa no Educandos, como sempre gostei de tá próxima do Rio, dava pra vim a pé pro Centro da cidade, isso antigamente, hoje em dia é perigoso demais andar por aqui a pé, sei que a sobrinha da minha madrinha se apossou da casa dela e vendeu ela, queria pegar de volta até minha pulseira de ouro que ela tinha me dado de presente, ela acabou com as coisas toda da minha madrinha. Eu continuei em Manaus, mas cuidando dos meus menino e da minha casa.

Meu marido um belo dia foi embora, nos abandonou, eu sofri muito, fui nas delegacias, nos hospitais, até no IML, mas nunca mais tive notícia dele, antigamente era assim, o marido abandonava a mulher e os filhos, a gente falava que eles tinha ido comprar cigarro, aí quando tava velho, doente voltava pra mulher cuidar e muitas aceitavam isso. Eu não aceito isso não, me juntei com meus menino e passamos a trabalhar na feira, como sou zelosa, arranjei logo um trabalho, limpava os box, mas hoje em dia a administração da Feira faz isso, mas temos que pagar cinquenta reais por semana... fui alugando um box pra mim trabalhar, juntando dinheiro, juntando e consegui dá a entrada nesse nosso ponto aqui, e o resto eu parcelei. Mas eu gosto muito de trabalhar aqui, todo dia passa muita gente, eu sei que não sou muito simpática, mas os cliente percebem que aqui no meu ponto de trabalho, tudo é muito limpo, e sempre compram aqui comigo, meus filhos de vez em quando passa aqui deixa uma tapioca, um café, eles sempre me trazem uma merenda, eles veem minha luta e valorizam muito isso, e são muito esforçados, todos nasceram aqui em Manaus, já fomos lá no interior principalmente no Natal, mas hoje em dia tá tudo sem graça,

que a gente já passa o final de ano por aqui mesmo. Eu gosto de morar aqui em Manaus, se eu tivesse ficado lá em Caapiranga, minha vida seria mais fácil, mas eu não teria tido a certeza que eu tenho força pra trabalhar, pra educar meus menino, pra me reerguer, mesmo vivendo com tanta dificuldade, eu sou grata pela chance de morar aqui em Manaus, sou grata a mim mesmo sabe, as vezes a gente valoriza muito os outro e esquece de ver como nós somos forte, trabalhadora, guerreira mesmo, e o que me dá esse sentimento é essa cidade na qual eu cresci, curti bastante, tive meus menino e tô conseguindo aos pouco pagar por esse ponto aqui, ter um outro bem, além da nossa casa, então o ensinamento que fica é valorizar a nós, mulher guerreira (Macabéa do Fardo, Centro. Manaus, 13 de fevereiro 2025).

A partir do relato da Macabéa do Fardo, percebemos que diferentemente da Macabéa do Alvorecer e da Macabéa da Infância Subtraída, ela não possuía conhecimentos culinários ao chegar à cidade. Possivelmente sua pouca idade no momento da migração, nove anos, tenha contribuído para que não tivesse aprendido a cozinhar com sua mãe, deixando o convívio familiar para cuidar do marido de sua madrinha e lhe fazer companhia em Manaus.

Entretanto, essa dificuldade foi gradualmente superada por meio dos ensinamentos recebidos de sua responsável na capital. Esse episódio, embora aparentemente simples, revela aspectos importante de sua trajetória de vida.

A narrativa da Macabéa do Fardo nos permite compreender de forma densa e sensível os caminhos que constituíram sua infância, adolescência e juventude, marcados por deslocamentos, aprendizagens forçadas e rupturas afetivas abruptas.

O rompimento com o convívio da madrinha, figura que representava abrigo, cuidado, orientação e carinho, cotidiano rompido pela reação conservadora de sua madrinha, evidenciando uma atitude geracional que ocorreu há muitas outras meninas-mulheres, quando descoberta que estavam gestantes eram expulsas de casa, mesmo em um momento frágil da maternidade na adolescência, essa atitude da madrinha, nesse contexto, lhe concede uma experiência de desenraizamento simbólico e forçado, rompendo com aquilo que se aproximava do sentido de “casa” como refúgio, amplamente difundido por Gaston Bachelard (2008).

Entretanto, é nesse cenário de perdas que a cidade de Manaus se reafirma como um lugar de reinvenção do ser, de seu mundo e de novas possibilidades de vivências. Se em um primeiro momento, a cidade aparece como um espaço de sofrimento, marcada pela solidão da infância, pelo trabalho doméstico e pela expulsão do lar, ao longo do tempo ela se ressignifica como território de diversas experiências e muitas conquistas, sendo em Manaus que a Macabéa do Fardo experimenta o amor, a maternidade, o trabalho e a reconstrução de si mesma, enquanto ser humano.

Se tivesse permanecido no interior do estado do Amazonas, de onde migrou, talvez a vida pudesse ter sido mais fácil, mas para ela, Manaus se apresentou como um espaço de prova e de sua conquista, e que com suas contradições oferece as condições materiais e simbólicas para que a Macabéa do Fardo desenvolva sua força. Assim, ela vai elencando porque Manaus é o seu lugar, foi aqui que criou seus filhos, que adquiriu sua casa própria, próxima ao Rio Negro, que consolidou seu ponto de trabalho na feira, onde reafirma cotidianamente sua dignidade e sua força através de seu trabalho árduo. Através de seu cotidiano, Manaus torna-se seu lugar topofílico.

3.2. Macabéas que Migraram Acompanhando Pais e Mães

3.2.1. Trajetória de Vida da Macabéa do Cuidado Paterno

Eu me considero amazonense de coração, eu gosto como é a cidade as pessoas daqui são mais acolhedoras que as do Rio, então sim, eu sou amazonense! (Macabéa do Cuidado Paterno)

A Macabéa do Cuidado Paterno, nasceu no Rio de Janeiro e migrou ainda criança para Manaus com o pai, mãe e irmãos. Sua mãe faleceu, no dia de nossa conversa, o pai estava sob seus cuidados na Feira. Em muitas relações familiares, algumas mulheres por permanecerem solteiras e não terem filhos, acabam assumindo a responsabilidade pelo cuidado dos pais na velhice, foi isso que fizeram os irmãos da Macabéa do Cuidado Paterno, deixando o pai unicamente aos seus cuidados.

Como a Macabéa do Cuidado Paterno sempre viveu com os pais e permaneceu na casa da família durante a vida adulta, os irmãos passaram a considerá-la a responsável pelos cuidados com o pai, ao falar dessa situação ela nos relatou:

Nós somos quatro filhos, mas só porque eu ainda moro na casa do meu pai, tudo sobra pra mim. Aliás meus irmãos acha que as coisas que tenho devo à ajuda financeira do papai, mas isso não é verdade. O meu pai só é proprietário da casa em que a gente moramos, eu sou dona desse box aqui, também tenho um sítio no interior, em uma comunidade de Presidente Figueiredo, é de lá que vem boa parte do cupuaçu que eu tiro a polpa, e vendo aqui na minha banca. A vida é dura, difícil, tenho que trabalhar

de sol a sol pra ter algo meu, mas meu mesmo. Porque com meus irmãos não dá pra contar, até quando a mamãe faleceu, só veio um pro enterro. Papai ficou muito triste, e eu também, tudo fica nas minhas costas, eles nunca manda dinheiro pra comprar um remédio ou uma fruta pro papai, na cabeça deles, a aposentadoria do papai dá pra tudo que ele precisa. Eu gasto do meu dinheiro com ele e gasto com muito gosto, porque um dia ele me sustentou, nos trouxe pra cá, e de avião, naquele tempo foi uma fortuna nossas passagem pra Manaus, mas hoje a gente vivemos bem (Macabéa do Cuidado Paterno, Centro. Manaus, 15 de novembro de 2024).

Durante a conversa, a Macabéa do Cuidado Paterno demonstra muito carinho e respeito pelo pai, não apenas em suas palavras, mas também em suas atitudes cotidianas. Foi por essa razão que nos referimos a ela dessa forma. Em nosso primeiro contato, o pai encontrava-se na banca, sentado em uma cadeira de embalo, assistindo televisão, enquanto a filha trabalhava. A cena revelava de maneira silenciosa, o cuidado e a atenção dedicados por ela ao pai, já idoso.

Percebemos também que a ausência dos irmãos no cuidado com o pai, é um assunto que a afeta profundamente. Em diferentes momentos da conversa, ela retornou ao episódio do falecimento da mãe, destacando que apenas um dos irmãos veio do Rio de Janeiro, para o funeral da matriarca.

Toda a família migrou para Manaus na década de 1980, motivados pelos relatos de conhecidos que haviam deixado o Rio de Janeiro e afirmavam ter melhorado de vida na capital amazonense. Naquele período, Manaus vivia um momento de forte dinamismo econômico, impulsionado pela Zona Franca, que havia transformado a cidade em um importante polo comercial, pois com os incentivos fiscais concedidos a empresas instaladas na região, vários produtos importados como eletrônicos, relógios, perfumes... eram comercializados nas lojas do centro, assim, muitos comerciantes e empresários enriqueceram revendendo esses produtos, o que atraía migrantes de diferentes lugares do país.

Foi nesse contexto, que o patriarca da família decidiu migrar, veio com todos os seus familiares em busca do “eldorado” amazônico. A viagem foi realizada de avião, e o pai da entrevistada, ressalta que o custo das passagens representou um grande gasto financeiro, pois de acordo com ele, naquela época “*viajar de avião era coisa de gente rica*”.

Anos depois da chegada da família à cidade, três dos irmãos decidiram retornar ao Rio de Janeiro, lá, eles são bastante próximos, “*vivem se ajudando e esquecem que ainda tem pai*”, segundo ela.

A Macabéa do Cuidado Paterno, por sua vez, permaneceu em Manaus, em sua fala nos afirma que *sua terra é aqui*, a cidade onde cresceu e construiu sua trajetória de vida, foi em Manaus que conseguiu tudo o que tem, reafirma que a capital do Amazonas é importante em

sua vida pois, por meio de muito trabalho, adquiriu um pequeno sítio em uma comunidade no município de Presidente Figueiredo, interior do Estado do Amazonas.

No local, ela nos descreve que há diversas árvores frutíferas, hortaliças e um pequeno igarapé, durante a semana, ela costuma se deslocar até seu sítio para cuidar da produção, de onde retira parte dos produtos que comercializa na feira. Os fins de semana, porém, são dedicados integralmente ao trabalho em sua banca.

Entretanto, o vínculo mais significativo que a conecta à Manaus é o fato de sua mãe está sepultada na cidade, isso constitui para ela, um motivo essencial para sua permanência aqui.

Nesse contexto, Yi-Fu Tuan (1985), nos recorda que o nascimento e a morte são acontecimentos fundamentais na experiência humana. A partir dessas experiências, os indivíduos passam a atribuir sentidos aos lugares, orientando seus comportamentos e afetos, como nos afirma o autor: “santuários dedicados ao nascimento e a morte, são unicamente lugares humanos” (Tuan, 1985, p. 149). Ainda segundo Tuan, são essas relações simbólicas que conferem “significância a uma localização, transformando-a em lugar” (Tuan, 1985, p. 149). Assim, os sentimentos do sujeito e suas experiências vão moldando seu cotidiano, e produzindo um sentido de pertencimento, frequentemente associado a experiências topofílicas com o lugar.

Na vivência da Macabéa do Cuidado Paterno, Manaus, deixa de ser apenas o destino de uma migração familiar e passa a constituir-se como lugar de vida, memória, afeto e conquistas econômicas. O ser migrante nesse processo, busca desenvolver vínculos que lhe permitam habitar a cidade como lugar de pertencimento, construído a partir das experiências cotidianas que compõem o mundo vivido.

A Macabéa do Cuidado Paterno permaneceu em Manaus e foi a única entre os irmãos que realmente se adaptou à cidade, transformando-a em seu lugar topofílico. Com o olhar por vezes perdido, ela nos fala da dura responsabilidade de cuidar sozinha do patriarca da família, enquanto precisa manter sua rotina de trabalho na Feira.

Nossa colaboradora tem a pele clara, cabelos louros e olhos castanhos, demonstrou simpatia e disponibilidade para participar da pesquisa desde nossa primeira conversa. Ela nos contou que começou a trabalhar na feira ainda jovem e recebeu a oferta de trabalho de uma vizinha, como ela não estudava, pois se evadiu da Escola aos 15 anos de idade, na antiga 8ª. Série do Ensino Fundamental, aceitou a oferta de sua vizinha que a viu crescer e tinha confiança nela para cuidar de sua banca de frutas, na Feira. Naquela época quando começou a trabalhar na Feira, ela nos diz: “*eu era muito bonita*”, por isso frequentemente atraía a atenção de alguns feirantes.

Por essa razão, antes mesmo de se tornar proprietária de um box, decidiu sempre trazer o pai para acompanhá-la no trabalho, segundo ela, a presença do pai, homem de expressão séria e reservada, inibia o atrevimento dos homens e a ajudava a impor respeito entre os demais permissionários da Feira.

Em sua banca, comercializa diferentes tipos de farinha de mandioca: farinha de grãos mais grossos, farinha d'água e a farinha mais fina e bastante torrada que no Amazonas é conhecida como Uarini. Além disso, vende polpas de frutas, especialmente de cupuaçu, tivemos a oportunidade de adquirir algumas polpas, e realmente são de ótima qualidade.

De acordo com a Macabéa do Cuidado Paterno, parte do cupuaçu que comercializa vem de seu próprio sítio, a fruta é processada manualmente, cortada na tesoura, como ela mesma descreve.

O sabor intenso e o aroma característico do cupuaçu imediatamente me remeteram à minha própria infância no Pará, quando minha mãe e eu passávamos longas horas quebrando os frutos para abri-los, separando cuidadosamente a polpa dos caroços e retirando o máximo possível de carne da fruta. Era um trabalho paciente: cortar com a tesoura segurando os caroços que por serem lisos às vezes caíam de volta na bacia, separar, limpar e armazenar as polpas em sacos plásticos, enquanto as mãos permaneciam enrugadas pela umidade do cupuaçu.

Esse mesmo processo artesanal ainda é realizado pela Macabéa do Cuidado Paterno, o que lhe permite produzir polpas com menos gelo, de sabor mais intenso o que preserva melhor a qualidade do produto.

Inclusive, ela nos confidencia que atualmente realiza esse trabalho de corte das polpas ao lado do pai, transformando o preparo das polpas em uma espécie de terapia, sentam-se juntos por horas, cortando os frutos e conversando sobre a vida, as dificuldades e as memórias do passado, sem o uso de celular ou outras distrações tecnológicas, acompanham o tempo passar enquanto recordam a infância, falam da saudade da mãe e da ausência dos demais irmãos, e fazem planos para o futuro.

Assim, pai e filha seguem juntos, enfrentando, cada um à sua maneira, os desafios da velhice e da solidão. Para ela, a ausência dos irmãos no cuidado com o pai ainda é uma ferida aberta, embora tenha assumido sozinha essa responsabilidade, sente que seu esforço é frequentemente interpretado pelos irmãos, como mera obrigação. Segundo eles, por ela não ter casado, nem ter tido filhos, cuidar do pai seria apenas o mínimo que ela poderia fazer.

Ela nos contou que há mais de quinze anos o pai não retorna ao Rio de Janeiro nem vê dois dos três filhos que vivem na *cidade maravilhosa*, ele em breve fará essa viagem, mas ela

não o acompanhará, um dos irmãos virá buscá-lo e o levará para sua cidade. O motivo da viagem é um desejo do pai, que antes de morrer, gostaria de voltar ao Rio de Janeiro, mas ele afirma que deseja ser enterrado em Manaus, ao lado da esposa.

Um aspecto que nos chamou a atenção em sua narrativa, foi o fato de que ao mencionar a viagem do pai, ela disse que ele iria “*para a terra dele*”. Em nenhum momento a Macabéa do Cuidado Paterno se incluiu como alguém que também nasceu na capital fluminense. Ao longo de nossos diálogos, tornou-se evidente que ela se percebe como pertencente à cidade de Manaus, e não como alguém estranho a esse lugar.

Nesse sentido, dialogamos com a reflexão de Edward Relph (2014, p.19), que diz: “lugar é o fenômeno da experiência”, compreendemos que a Macabéa do Cuidado Paterno vivencia Manaus como seu lugar, possuindo uma longa trajetória na cidade; como nos relatou diversas vezes, foi aqui que cresceu, se desenvolveu e conquistou estabilidade financeira e realizações pessoais.

Manaus lhe proporcionou múltiplas experiências de vida, que valoriza imensamente. Inclusive, reconhece que talvez não tivesse vivido tais experiências caso tivesse retornado para o Rio de Janeiro, como fizeram seus irmãos.

Segundo Yi-Fu Tuan (2013, p. 176): “lar é um lugar íntimo”. Na experiência humana, o lar ultrapassa os limites físicos da casa ou de uma simples estrutura arquitetônica; ele se constitui como espaço de acolhimento, pertencimento e reconhecimento existencial.

É no lar que o sujeito encontra segurança, constrói vínculos afetivos e alimenta expectativas de vida. Assim, o sentido de lar está intrinsecamente relacionado à maneira como o indivíduo vivencia e ressignifica o espaço que habita.

A dimensão afetiva do lar não se manifesta da mesma forma nas trajetórias humanas, lembremo-nos da personagem Macabéa Clariceana o sentimento que ela relacionava ao quarto conjugado, no qual vivia com as Marias, era de um sentimento frio, carente afetivamente, lá não havia um sentido de lugar. A vivência da protagonista clariceana é permeada pela privação de gestos de cuidado, amor e atenção, o que contribui para que a sua experiência de mundo seja marcada pela precariedade existencial e invisibilidade emocional e social. Nesse sentido, a Macabéa Clariceana não experimenta o sentimento de lar, acolhimento e amor.

Em contraste com essa figura literária, a Macabéa do Cuidado Paterno, nos revela uma experiência distinta em relação ao lugar. Em suas narrativas, a cidade se apresenta como um espaço onde sua vida adquiriu sentido e direção, é em Manaus que ela exerce o cuidado

cotidiano com o pai, mantém sua banca de trabalho e organiza sua própria existência, portanto, Manaus é onde ela se reconhece como um ser autossuficiente.

Desse modo, enquanto a Macabéa Clariceana experiencia a ausência de vínculos afetivos e não vivencia sentimentos de pertencimento à cidade do Rio de Janeiro, a Macabéa do Cuidado Paterno (Figura 24) constrói, em sua vivência uma relação de enraizamento com o lugar para o qual migrou, encontrando na cidade o espaço onde seu lar se manifesta como experiência de cuidado, responsabilidade e existência.

FIGURA 24 – MACABÉA DO CUIDADO PATERNO



Fonte: Acervo da Autora (2024).

Durante o desenvolvimento de nosso trabalho de campo, tivemos a oportunidade de dialogar em diversas ocasiões com a Macabéa do Cuidado Paterno, sua disponibilidade em conversar conosco foi essencial para compreendermos sua relação com a cidade de Manaus.

Na última vez em que estivemos com ela em campo, nos relatou que o pai se encontrava no Rio de Janeiro, junto de outros membros da família. Mas, segundo suas palavras, ele expressava constantemente o desejo de retornar a Manaus, essa narrativa colhida no contexto da entrevista, evidencia como as experiências individuais dos sujeitos contribuem para a compreensão do sentido de lugar na vivência humana.

A relação que essa colaboradora tem com o pai revela uma dimensão afetiva singular, marcada pelo cuidado e pela proximidade. Trata-se de um vínculo que se diferencia das demais relações familiares narradas por outras Macabéas de nosso estudo, nas quais frequentemente descrevem experiências de distanciamento ou abandono.

Na vivência da Macabéa do Cuidado Paterno, o zelo, a preocupação com o bem estar do pai se apresenta como prática concreta de amor e compromisso, constituindo também uma forma de enraizamento no espaço. Portanto, o cuidado com o pai não se limita em tarefas domésticas, consultas médicas ou obrigação moral, mas ela desenvolve o cuidado como uma prática existencial que a vincula com o lugar onde vive.

Sua relação com Manaus também se revela profundamente simbólica e carregada de significados. Em períodos emblemáticos do calendário social, como as festas de fim de ano, momento que muitas pessoas buscam reencontrar familiares e deslocam-se para outros lugares, essa Macabéa poderia facilmente viajar para o Rio de Janeiro, onde vivem seus irmãos no entanto ela opta por permanecer em Manaus mesmo no período de fim de ano. Aliás, ela menciona que escolhe passar essas datas de fim de ano e carnaval, em seu sítio, ao lado do pai, pois ali é um ambiente que reúne memória, convivência afetiva e tranquilidade, essa escolha evidencia sua geograficidade com seu lugar afetivo.

Diante das experiências narradas e vividas em campo, percebemos que a Macabéa do Cuidado Paterno não imagina a si própria distante de Manaus, nem afastada do espaço que construiu como seu lugar de vida. Em seu mundo vivido é evidente a relação de pertencimento construída ao longo do tempo, que a faz descrever suas memórias, afetos e práticas cotidianas que contribuíram para seu enraizamento em Manaus.

É nessa perspectiva que ela contextualiza sua falta de interesse em retornar ao Rio de Janeiro, em sua narrativa, torna-se evidente que o retorno à antiga cidade de origem não representa um (re)encontro com o seu eu; sua cidade natal não lhe concede experiência de pertencimento:

Sabe, o Rio de Janeiro é uma cidade muito turística, claro que pra maioria das pessoas que cresceu assistindo televisão, novelas é um sonho conhecer essa cidade, mas o meu jeito é totalmente diferente do jeito do pessoal de lá. Veja, eu não gosto de lugares onde tem muita gente, eu sou assim, gosto de lugares calmo com poucas pessoas, embora trabalhe há muitos anos aqui na feira, eu gosto de conversar olhando nos olhos das pessoas, falando baixo. Claro que a cidade do Rio é linda, você que é professora de Geografia e já conhece o Rio de Janeiro, sabe que lá é muito bonito mesmo, tem o mar dentro da cidade, dessa parte eu gosto, mas todo canto que a gente vai tem um milhão de pessoa, você quer andar, olhar pro mar, pensar na vida, aí você anda pelo calçadão e as pessoa bate no teu braço, a última vez que fui lá tinha um povo chato andando numa bicicleta que quase me atropela, então não há o respeito pelo espaço

do outro, e isso eu acho muito chato, mesmo, de verdade. Por isso eu gosto daqui de Manaus, eu sei que passa muito turista aqui pela Feira, mas não são desrespeitoso igual no Rio de Janeiro, aqui as pessoas passa com calma, ainda conversa, e isso eu gosto bastante (Macabéa do Cuidado Paterno, Centro. Manaus, 15 de novembro de 2024).

Para a Macabéa do Cuidado Paterno, a dinâmica socioespacial da cidade de Manaus estabelece uma relação direta com o seu modo de ser e de vivenciar o mundo, em sua percepção, o cotidiano urbano da cidade apresenta um ritmo mais gradual e tranquilo, no qual as relações sociais e os usos do espaço parecem ocorrer de forma menos acelerada.

Segundo seu relato em Manaus, ainda é possível perceber certo respeito pelos espaços do outro, algo que se manifesta na experiência de caminhar pelas ruas sem a presença constante de grandes multidões.

Ao comparar sua vivência em Manaus com a realidade do Rio de Janeiro, ela destaca que embora a capital amazonense receba muitos visitantes, o fluxo turístico ocorre em escala menor. Essa diferença, segundo a Macabéa do Cuidado Paterno, contribui para que o cotidiano urbano se apresente de maneira menos intensa. Para a colaboradora, essa característica é fundamental para que se sinta bem ao vivenciar o dia a dia da cidade, pois favorece uma relação mais serena com o espaço urbano.

A cidade de Manaus simboliza em sua trajetória de vida, seu lugar de pertencimento, pois foi nesse espaço que ela construiu sua história de vida, obteve suas conquistas financeiras que a possibilitaram cuidar plenamente da velhice de seu pai, onde ela também consolidou seu modo de vida e seus vínculos afetivos e sociais.

Desse modo, permanecer em Manaus significa manter-se próxima de tudo aquilo que compõe sua identidade e estrutura sua experiência de mundo, fazendo da cidade um verdadeiro lugar de existência e pertencimento.

3.2.2. Trajetória de Vida da Macabéa das Raízes Ancestrais

Eu aprendi a cuidar do corpo através das raízes, com chás e ervas e esse ensinamento foi mamãe que me passou (Macabéa das Raízes Ancestrais)

Identificamos essa colaboradora ao ouvirmos seu sotaque, durante nossa caminhada por uma rua próxima à Feira Manaus Moderna, ao ouvi-la, intui, essa senhora é uma migrante paraense. Movida por essa percepção inicial, adentrei seu comércio, onde adquiri algumas ervas para o preparo de chás. Durante o atendimento, ela se mostrou extremamente receptiva, dedicando-se a explicar com detalhes, diferentes combinações de ervas voltadas ao tratamento de enfermidades e aos cuidados com o corpo.

Após a compra, me apresentei e expliquei qual era meu objetivo ali, perguntei se ela era paraense e convidei-a para participar da pesquisa. Nesse momento a expressão dela mudou, em seu rosto sério, abriu-se um largo sorriso e ela prontamente aceitou participar da pesquisa e respondeu afirmativamente que ela é paraense, de Santarém, município do Oeste do Pará, ela me sugeriu que eu retornasse outro dia, pois ela teria mais tempo para partilhar de suas memórias.

Em seu comércio destacamos: remédios caseiros, pílulas naturais, hortaliças desidratadas e lembrancinhas de Manaus. Esses produtos são essenciais em seu trabalho e constituem a base material e simbólica de seu ofício, por isso, optamos por nomeá-la de Macabéa das Raízes Ancestrais, pois os produtos comercializados por essa Macabéa, são elementos que expressam de forma significativa saberes tradicionais vinculados à sua ancestralidade.

FIGURA 25 – INTERIOR DO LOCAL DE TRABALHO DA MACABÉA DAS RAÍZES ANCESTRAIS



Fonte: Acervo da Autora (2025).

A Macabéa da Raízes Ancestrais migrou para Manaus com a mãe e seus irmãos, todos são homens, ela é a única mulher. A família veio de barco de Santarém, cidade natal de nossa entrevistada, ela nos conta que a família veio atrás do pai que já estava morando em Manaus, na verdade o pai veio na frente, com a finalidade de conseguir um trabalho, a respeito dessa relação familiar no cotidiano migrante, Silva (2022) considera:

É muito comum essa situação na vida familiar dos migrantes. Em geral, migra primeiro o pai da família, deixa a mãe e os filhos no lugar natal, quando este consegue trabalho, manda o dinheiro da passagem, que normalmente é de barco, no caso do Estado do Amazonas e do Pará, para sua família vir para a nova cidade de moradia (Silva, 2022, p. 87).

Aconteceu dessa maneira na família da Macabéa das Raízes Ancestrais, após o pai conseguir um trabalho, começou a andar pela cidade de Manaus para saber se aqui seria um bom lugar para os filhos crescerem, após ele concluir que sim, comunica sua decisão para a matriarca da família e pede que todos migrem para Manaus. A mãe prontamente acatou a decisão e juntamente com os seis filhos realizaram a viagem de barco para Manaus, que durou três dias.

No percurso fluvial, vivenciaram inicialmente ainda no Pará o encontro das águas esverdeadas do Rio Tapajós, com as águas barrentas do grandioso Rio Amazonas, em seguida, na continuidade da viagem em direção a Manaus, percorreram o Rio Solimões/Amazonas em seu encontro com o Rio Negro no emblemático encontro das águas, nas proximidades de Manaus.

A Macabéa das Raízes Ancestrais nos narra que:

Quando viemos pra cá eu já era uma mocinha, na verdade eu sou a única filha mulher dos meus pais, eles tiveram cinco meninos e eu de menina, somos seis filhos, eu sou a filha mais velha. Minha mãe sempre seguia as ideias de meu pai, sempre o apoiava, isso era muito bonito de ver, o amor deles, a cumplicidade que eles tinham. Meu pai já faleceu, hoje só tenho minha mãe, três irmãos foram para o Sul do Brasil, se mudaram pra Santa Catarina, junto com as famílias deles, só eu e um irmão, permanecemos em Manaus, e mamãe também. Olha ali ela sentadinha na cadeira, é minha mãe, a mulher mais sábia que já conheci, ela nos ensinou tudo o que sabemos, como viver no mundo, aceitar nosso destino, não desejar o que é dos outros, ela sempre foi sábia, bondosa, e é uma mulher de muita fé. Eu trago ela pra cá, pra ela não ficar sozinha em casa, mamãe tem Alzheimer, as vezes esquece quem somos, temos que ter muita paciência com ela, meu único irmão que ainda mora aqui em Manaus, leva ela nos finais de semana pra casa dele, a esposa dele se dá muito bem com mamãe, ela tem muita paciência com a sogra, eu reconheço. Mas voltando pra mim, é, eu sou paraense e embora eu more há praticamente sessenta anos em Manaus, eu ainda mantenho meu sotaque, como você percebeu ao me ouvir falar, meu sotaque é bem forte eu não esqueço dele, pra mim é natural, é uma forma de dizer, olha vivo

em Manaus há muito tempo, agradeço por todas as oportunidades que essa cidade me proporciona, mas eu sou paraense, amo Manaus, mas também gosto de Santarém, foi de lá que trouxemos o dinheiro pra comprar nossa primeira casa aqui em Manaus, então, eu não posso virar as costas e esquecer que nosso primeiro investimento aqui nessa cidade foi feito graças ao dinheiro que trouxemos do Pará (Macabéa das Raízes Ancestrais, Centro. Manaus, 22 de janeiro de 2025).

Na narrativa de vida da Macabéa das Raízes Ancestrais, é possível percebermos suas múltiplas relações de geograficidade, tanto em relação a sua terra natal quanto em relação a cidade de Manaus.

Em sua fala, ela evidencia e reconhece a importância de Manaus em sua trajetória de vida, para ela Manaus é uma cidade que simboliza um espaço de oportunidades, acolhimento e construção de novas experiências. Manaus representa uma existência marcada por afetividade, respeito e gratidão, pois a cidade lhe proporcionou condições de permanência, trabalho e reinvenção cotidiana, mas sua identidade com a terra natal ainda é forte e se manifesta através do seu sotaque, da afirmação verbalizada na qual ela reafirma sua identidade territorial.

Assim, percebemos que o processo de enraizamento da Macabéa das Raízes Ancestrais a Manaus, não significou o rompimento com suas origens territoriais. Sua ligação existencial com o Estado do Pará permanece viva e simbólica, revelando que sua experiência migratória não apagou seu lugar de origem, mas a fez reconstruir seu tempo-presente.

Sua geograficidade se manifesta sobretudo, em sua fala, em seu sotaque, sendo um elemento que expressa sua dimensão cultural funcionando como um registro territorial. O sotaque nesse sentido, ultrapassa a dimensão linguística, sendo por nós interpretado como uma manifestação cultural, evidenciando suas trajetórias, suas memórias e os vínculos que mantém com o lugar de onde migrou.

Essa compreensão dialoga com a perspectiva relacional do ser com a cultura, conforme William Hoefle (2012):

Na visão fenomenológica, a cultura é uma colcha de retalhos, “pedaços” de vários tamanhos e naturezas diversas, juntados aleatoriamente por processos históricos locais, resultando em configurações únicas no tempo e no espaço. [...] envolve a observação participativa e a imersão por longos períodos de trabalho de campo, no qual se procura construir junto à população estudada em um texto etnográfico com base na interpretação qualitativa intuitiva (Hoefle, 2012, p. 18).

Nesse sentido, a análise cultural se relaciona diretamente com uma abordagem qualitativa desenvolvida a partir do trabalho de campo. Assim, a Macabéa das Raízes Ancestrais encarna essa tessitura cultural complexa, na qual a partir da descrição de suas narrativas não

existe uma rivalidade em sua identidade territorial, fazendo-a manter uma relação tofófica com Manaus, mas também com Santarém, no Estado do Pará. Sua vivência é permeada por múltiplos sentidos de pertencimentos, revelando interrelações em sua experiência de mundo, como sua forma de estar-no-mundo.

Observando o cotidiano laboral da Macabéa das Raízes Ancestrais, percebemos a partilha de um saber profundamente íntimo e familiar, os ensinamentos herdados de sua mãe acerca do uso das ervas para o bem-estar físico e espiritual. Seu trabalho, transcende a perspectiva econômica, tornando-se uma prática carregada de memória e afeto, que a reconecta ao tempo vivido no lar materno.

Nesse passado, sua mãe, hoje sofrendo as limitações impostas pelo Mal de Alzheimer, era a guardiã de um repertório de conhecimentos ancestrais, capazes de cuidar do corpo, da mente e do espírito.

Essa herança, agora ameaçada pelo esquecimento, resiste e se atualiza na fala e na prática da filha, ao aconselhar o uso do chá de hibisco para emagrecimento, da alfavaca para bronquite e gripe, do banho de mucuracá para a concentração, ou ainda chá de cajú e de sara-tudo para infecções, a Macabéa das Raízes Ancestrais, ao indicar os remédios naturais revive seu passado de ensinamentos familiares, resgatando memórias e lembranças culturais.

Suas palavras parecem “pílulas da vida”, como ela mesma sugere, que operam no corpo biológico e no tecido simbólico das relações. Ao divulgar essas práticas, ela reafirma a cultura amazônica ribeirinha, baseada no uso de beberagens naturais e na confiança no tempo da cura, constituindo um saber que entrelaça, natureza, biodiversidade, experiência e espiritualidade.

Quando em nossa primeira conversa, ela mencionou que sua mãe era “uma pessoa de fé”, referia-se justamente a esse modo de existir em que o cuidado com o outro se manifesta por meio da partilha de remédios caseiros e conselhos. Essa prática, tradicionalmente transmitida entre gerações, especialmente dos mais velhos para os mais jovens, configura-se como uma forma sensível de expressar afeto, zelo e responsabilidade pelo bem-estar coletivo.

Assim, o ato de ensinar um remédio pode ser compreendido como uma expressão característica das relações sociais amazônicas, na medida em que evidencia práticas de cuidado profundamente enraizadas na experiência vivida e nos saberes compartilhados do cotidiano.

A partir desse convívio familiar, a entrevistada foi gradualmente aprendendo a serventia de cada erva, internalizando um conhecimento que ao ser (re)transmitido, a fez rememorar um passado agora marcado pela fragilidade da memória materna. Cada orientação que oferece

carrega uma dimensão simbólica, é a atualização de um mundo vivido que persiste, mesmo diante do esquecimento.

Com o seu trabalho, ela nos revela uma forte ligação com a cultura amazônica, com a figura materna e com o lugar de origem, evidenciando como memória, identidade e espaço se entrelaçam na constituição do sujeito.

Nesse sentido, ao refletirmos sobre a relação do sujeito, do lugar, da cultura e dos estudos geográficos, George Carney (2007), destaca:

Em suma os aspectos físicos e humanos constituem o caráter geográfico total de um lugar específico. Assim, os geógrafos tem especial interesse na qualidade dos lugares [...]. Os geógrafos querem saber como as pessoas implantaram suas tradições naquele lugar, o que as sustentam agora, e como interagem com outros lugares. É claro que é impossível estudar de uma só vez esses aspectos; assim os geógrafos tendem a se especializar em determinadas características dos lugares (Carney, 2007, p. 126).

Em nosso estudo geográfico sabemos que diferentes concepções compõem o mundo vivido do ser migrante, a cultura mais uma vez assume um importante papel para pensarmos o *ser-no-mundo*.

A experiência da Macabéa das Raízes Ancestrais, nos ilustra essa dimensão, suas práticas cotidianas expressam sua herança cultural, nos revelando como o sujeito recria seus vínculos com o lugar, mesmo na vivência migrante.

Ao trazer consigo os saberes de seu território de origem e repassá-los para os demais sujeitos de seu cotidiano no espaço urbano de Manaus, ela atua como mediadora entre diferentes espacialidades, conectando seu passado ao presente, o rural ao urbano, o íntimo ao coletivo. Assim, sua geograficidade manifesta-se na forma como vive, trabalha e se relaciona com os outros, evidenciando que o lugar é uma construção e reconstrução de sentidos, signos e significados.

Dessa forma, sua atividade laboral emerge de uma vivência marcadamente topofílica, pois é vivenciada pelo afeto, pela memória e pela valorização da trajetória migrante. Ao amar o que faz, a Macabéa das Raízes Ancestrais trabalha, resiste, preserva e recria no cotidiano, as raízes que a constituem.

Para Anne Buttimer (1985), a compreensão da relação entre o ser humano e a terra exige do geógrafo um diálogo com a filosofia, pois as experiências espaciais ultrapassam os limites de uma análise estritamente objetiva. Nessa perspectiva, a autora destaca:

O geógrafo humanístico, afinado com as vozes do cientista e do filósofo, não pode dar-se ao luxo de ignorar qualquer coisa que possa lançar luz nas complexidades do relacionamento do homem com a terra (Buttimer, 1985, p. 166).

Portanto, a relação do ser com a terra vai além dos aspectos físicos e sociais, se manifestando em sua dimensão existencial, simbólica e afetiva, guiadas por esse entendimento, analisamos os múltiplos sentidos de lugar expressos na vivência da Macabéa das Raízes Ancestrais e sua relação existencial com a cidade de Manaus, recorremos assim, à perspectiva filosófica da fenomenologia como caminho interpretativo para compreender as experiências do *ser-no-mundo*. Ao adotarmos esse princípio metodológico, que aproxima o conhecimento científico das vivências cotidianas, a Geografia Humanista Cultural, passa a valorizar uma leitura da realidade centrada na existência do ser e nos afetos que permeiam os lugares e na complexidade dos cotidianos sociais. Nessa concepção, é na relação intersubjetiva e dialógica com a vida comum, que se ampliam os horizontes interpretativos desta pesquisa, percebendo o lugar como experiência vivida, sentida e significada. A foto abaixo (Figura 26), nos mostra a Macabéa das Raízes Ancestrais:

FIGURA 26 – MACABÉA DAS RAÍZES ANCESTRAIS



Fonte: Acervo da Autora (2025).

Nossa colaboradora prossegue em sua narrativa de memórias, revelando de forma intersubjetiva, como sua trajetória de vida se entrelaça ao trabalho que hoje desenvolve.

Ao rememorar o início de sua atuação naquele espaço, evidencia-se que sua inserção vai além de necessidades econômicas, sobretudo, seu principal motivo para estar ali é afetivo e com o objetivo de dar continuidade aos ensinamentos familiares:

Eu fiquei viúva e mamãe sempre falou que eu deveria tomar de conta desse ponto, que é dela na verdade, não é meu não, eu só alugo, mas o importante pra mim é trazer minha mãezinha pra cá, ela já trabalha aqui há quarenta anos, e por mais que tenha o Alzheimer ficar aqui, vendo as pessoas é bom pra distrair um pouco a mente, ela ficou doente, aí eu assumi o cuidado com ela, quando meu esposo faleceu ela ainda estava no início dos lapsos de memória, então eu me dediquei ainda mais pra estar com ela, em sua companhia, tentando aprender seus ensinamentos.

Eu tenho anotado em um caderno vários remédios que ela me ensinou e um dia vou escrever um livro em homenagem a minha mãe, e todas as pessoas poderão saber como curar seu corpo. Então, eu comecei a acompanhar minha mãe, eu sou pensionista não tinha nada pra fazer em minha casa, que está vazia, eu sentia muita solidão, meus filhos não mora mais comigo, todos os quatro têm suas famílias, filhos, esposas a gente só se ver em festas de aniversário, nossa família gosta muito de comemorar aniversários, nenhum aniversário passa em branco, aliás, isso é um dos ensinamentos de mamãe, devemos comemorar a vida sempre, todos os dias, especialmente quando a vida está se prologando sobre a terra. Eu me senti sozinha, não queria viver com o celular na cara como minhas amigas da igreja, nós somos católico praticante, minhas amigas, todas senhoras, de tanto viver com celular no rosto já nem enxergam mais, o grau dos óculos de algumas aumentou bastante e o médico disse, isso é excesso de celular, então eu resolvi vim pra cá, cuidar do ponto da minha mãe, conversar com as pessoas, aprender e ensinar elas, repassar o conhecimento, porque quando eu morrer tudo isso vai comigo? Eu não, não sou egoísta, eu gosto de compartilhar o que aprendi com mamãe.

E você perguntou sobre o que sinto por Manaus, né? A cidade de Manaus é importante na minha vida, porque, veja bem, foi aqui que me tornei adulta, estudei, terminei o segundo grau, conheci meu esposo, tive meus filhos, meus netos nasceram aqui também, enfim, pra uma pessoa pobre esses acontecimentos significam muita coisa, eu sei que hoje em dia muitas coisas mudaram mas no meu entendimento eu continuo valorizando essas coisas, pois pra mim são conquistas, são bênçãos dos céus, e eu sou grata a Deus e a Nossa Senhora por me permitir vim pra cá, pra beira do Rio Negro, trabalhar, trazer mamãe, eu sou uma senhora de idade, mamãe tem mais idade que eu, mas mesmo assim todos os dias estamos por aqui, eu acho que é o peixe dessa terra que dá essa energia pra gente, a cidade é realmente muito farta, tem muitas coisas boas, as vezes ali no Porto para os navios com turistas e muitos passam por aqui, e por vezes perguntam se é bom morar em Manaus, aliás, eu mesma sendo idosa quero fazer um curso de inglês pra me comunicar melhor com os turistas, as vezes eles perguntam alguma coisa e eu envergonhada peço pro rapaz do box aqui do lado traduzir. Então veja, essa cidade é incrível, porque ela traz esperança pra gente, nos faz pensar em projetos pro futuro, mesmo a pessoa sendo de idade como eu. E isso tudo eu devo a Manaus, e sempre agradeço essa cidade por poder existir nela (Macabéa das Raízes Ancestrais, Centro. Manaus, 22 de janeiro de 2025).

Após a viuvez, ela assume o ponto comercial que pertence à mãe, reconhecendo-o como um legado construído ao longo de quatro décadas de dedicação e trabalho árduo, a presença da mãe, que há mais de quarenta anos trabalha naquele mesmo local, surge como uma esperança contra o avanço do Alzheimer, a Macabéa das Raízes Ancestrais sonha com a possibilidade que

em algum momento o convívio de sua mãe naquele ambiente traga suas lembranças de volta, assim manter-se ali, é uma forma de cuidado, de companhia, um estímulo à memória e à vida.

Nesse contexto de convivência cotidiana, ela busca apreender e registrar os ensinamentos relacionados aos saberes ancestrais, especialmente aqueles que fazem uso dos remédios caseiros. Ao anotar esses conhecimentos em um caderno, projeta a possibilidade de transformá-los futuramente em um livro, como forma de eternizar o que aprendeu e celebrar a existência de sua mãe, esse comportamento entrelaça afeto, admiração e compromisso com a transmissão dos saberes amazônicos.

Ao mesmo tempo, sua narrativa revela a experiência da solidão que emergiu em sua vida com a saída dos filhos de sua casa e a constituição de suas próprias famílias. A casa, que antes era preenchida com a presença dos filhos ainda crianças, adolescentes e com a presença do esposo, hoje transformou-se em um espaço de silêncio, levando-a a buscar novos sentidos para sua existência, a decisão de acompanhar a mãe no ponto de trabalho pode ser uma resposta para esse vazio em seu lar, o que lhe permite reconstruir vínculos de diálogos com os frequentadores do Porto de Manaus. Em meio a uma sociedade movida pelo uso das tecnologias como as amigas, ela observa que ao invés de permanecer na solidão de sua casa, decidiu ver as pessoas reais indo e vindo no centro de Manaus.

Sua fala também evidencia costumes que lhe foram repassados pela mãe, como ela nos mencionou, a importância da celebração da vida: *Minha mãe também me ensinou a festejar, todo mundo lá em casa sempre teve festa de aniversário, Natal era um grande evento em nossa família* (Macabéa das Raízes Ancestrais, janeiro de 2025). A colaboradora valoriza os ritos sociais de reafirmação dos laços familiares e da continuidade da existência, reforçando o princípio de gratidão ensinado pela mãe, esse modo de perceber o mundo também ecoa em sua percepção da cidade de Manaus, foi nessa cidade que terminou o antigo segundo grau, hoje ensino médio e constituiu sua família, experiências que para ela representam conquistas significativas.

Nesse sentido, a cidade é percebida como um lugar de realização existencial, permeado por memórias, afetos e oportunidades. Ao mencionar seu trabalho próximo às margens do Rio Negro, no Porto da Manaus Moderna, ela destaca a dinâmica do espaço, sua efervescência social com a circulação de pessoas, incluindo turistas, que lhe apontaram uma possibilidade de estudar e aprender outro idioma para se comunicar plenamente com eles, isso revela uma postura protagonista diante da vida, a Macabéa das Raízes Ancestrais pensa em projetos e formações futuras desafiando estereótipos associados à sua idade.

Durante nossas conversas, muitos assuntos surgiram, sua relação com o trabalho, sua adaptação a Manaus, o cuidado e admiração pela mãe, a solidão, a memória, os saberes tradicionais.

A Macabéa das Raízes Ancestrais constrói uma narrativa em que Manaus se transforma em um lugar de pertencimento, de sonhos e de continuidade da vida, ao mesmo tempo, sua trajetória evidencia um movimento de resistência ao esquecimento do passado, por isso as anotações dos ensinamentos da mãe, objetivando manter viva sua sabedoria ancestral em seu cotidiano, pois foi de onde veio sua maior herança, interligando o passado e o presente na construção de seu mundo vivido.

3.2.3. Trajetória de Vida da Macabéa das Ervas da AM

Faz tanto tempo que eu vivo em Manaus que minha vida tem mais haver com essa cidade do que com São Luís, em meu coração, eu sou amazonense (Macabéa das Ervas da AM)

A Macabéa das Ervas da AM realizou dois movimentos migratórios para Manaus, o primeiro, ocorreu ainda na primeira infância, aos cinco anos de idade, veio acompanhar os pais e o irmão.

Nessa época a família permaneceu na casa de um tio irmão de seu pai por alguns meses, a residência no entanto tinha uma estrutura muito pequena para abrigar a todos, tornando muito desconfortável a permanência da família.

A vinda naquele momento tinha um objetivo exploratório, o pai queria conhecer a cidade e avaliar as possibilidades de fixarem moradia em Manaus, assim como fez o pai da Macabéa das Raízes Ancestrais, a intenção inicial do pai da Macabéa das Ervas da AM, era migrar sozinho, queria partir o mais depressa possível de São Luís no Maranhão, mas a mãe não permitiu que o pai viesse sem a família para Manaus, pois era muito ciumenta, segundo o relato da entrevistada.

A mãe encontrava-se em período de resguardo após o nascimento de mais um filho, e a chegada desse novo membro intensificou no pai as preocupações quanto à subsistência da

família. Em diálogo com o irmão que já residia em Manaus, percebeu a migração para a capital amazonense como uma possibilidade de melhorar a vida.

De acordo com Fausto Brito (2009), em seu artigo *Migrações internas no Brasil*, a família desempenha um papel fundamental nos processos migratórios, especialmente com a formação das redes de apoio, essas redes se constituem quando um membro migra, se estabelece no local de destino e posteriormente, comunica aos demais familiares que permaneceram na cidade de origem sobre as condições favoráveis de vida, incentivando dessa forma novos deslocamentos. Esse movimento favorece a instalação, a adaptação e a permanência dos migrantes na nova cidade de moradia.

Foi assim que aconteceu na primeira experiência migratória da família da Macabéa das Ervas da AM, como ela mesma nos relata:

Papai tinha muito respeito pelo estado de saúde de mamãe, lá no Maranhão eles respeita muito uma mulher de resguardo, a gente cresce ouvindo pra não fazer raiva pra mãe porque elas pode ficar louca se tiver de resguardo, se acabou de ter neném e sofrer uma raivinha sequer, as mulheres fica pinel, fica doidinha, eu já vi muitas que ficarem doida por ter tido raiva durante o resguardo. Esperamos até mamãe melhorar e viemos pra cá pela primeira vez, titio já tava nos esperando, ele que nos guiou na cidade em nossos primeiros dias (Macabéa das Ervas da AM, Jorge Teixeira. Manaus, 09 março 2025).

Durante essa primeira experiência migrante, mesmo sendo breve, a Macabéa das Ervas da AM teve boas impressões sobre Manaus. Embora criança, vivenciou intensamente o espaço, brincando na rua com outras crianças e explorando o entorno da casa do tio.

Entretanto, quando ainda morava em São Luís, sua imaginação infantil havia construído uma imagem de Manaus fortemente associada à natureza selvagem: a cidade seria composta por densas matas ciliares, animais selvagens como onças, cobras e jacarés andando pelas ruas, isso era o que imaginava sua mente quando ouvia sobre a biodiversidade da flora e da fauna amazônica, a Macabéa das Ervas da AM imaginava que se morasse em Manaus viveria em meio a floresta.

No entanto ao chegar, deparou-se com uma realidade diferente da imaginada, Manaus em sua percepção, era uma cidade moderna, estruturada, muito bonita, as ruas asfaltadas, água encanada, ela ficou encantada com a beleza de Manaus, a realidade lhe revelou uma outra cidade, uma Manaus diferente das representações que dominavam seu imaginário infantil.

Porém, após um breve período, a família retornou ao Maranhão, anos mais tarde, o pai retomou o sonho migratório mais dessa vez sua intenção era que a família ficasse

definitivamente em Manaus; e assim aconteceu, a casa deles foi vendida o que possibilitou que comprassem um sítio localizado na rodovia AM-010/Manaus-Itacoatiara.

No sítio comprado pela família da Macabéa das Ervas da AM, havia algumas plantações, mas ela e sua família intensificaram essas plantações, cultivando pimentas regionais, como pimenta de cheiro, pimenta murupi, pimenta malagueta, pimenta dedo de moça, e hortaliças, principalmente cheiro verde, cebolinha, coentro, couve, alface... Na migração definitiva da Macabéa das Ervas da AM (Figura 27), ela tinha doze anos de idade.

FIGURA 27 – MACABÉA DAS ERVAS DA AM



Fonte: Acervo da Autora (2025).

É desse sítio que provêm os produtos comercializados na banca da família na feira, constituindo a base material do trabalho familiar. Nesse contexto, ao nos referirmos a ela como Macabéa das Ervas da AM, evocamos de maneira simbólica, sua relação toponímica com Manaus.

Pois a medida que aprofundamos o diálogo, tornou-se evidente que sua identidade territorial é amazonense, em nossas primeiras conversas quando a questioneei acerca de sua origem, ela afirmou de forma imediata ser natural de Manaus; apenas nos diálogos posteriores

especialmente ao saber que somos conterrâneas de Estado, informação que lhe foi repassada pela Macabéa Insubmissa, foi que a Macabéa das Ervas da AM nos confidenciou que era natural do Maranhão: *“Olha eu me considero amazonense, eu moro aqui desde meus 12 anos de idade, mas eu nasci mesmo em São Luís, no Maranhão”* (Macabéa das Ervas da AM, março de 2025).

Portanto, o codinome que atribuímos para essa colaboradora, expressa sua geograficidade, sua topofilia e especialmente sua identidade em relação a Manaus, como também se relaciona simbolicamente aos produtos que são escoados até a feira, evidenciando sua vivência com seu lugar e a atividade que sustenta sua trajetória de vida.

A Macabéa das Ervas da AM foi demonstrando ser assim como na fotografia, uma mulher simpática, sorridente e acolhedora, com trajetória de vida intimamente vinculada ao seu trabalho na feira, atividade que exerce desde os treze anos de idade. Em seu âmbito familiar, ela descreve uma divisão de tarefas bem definida, que articula a produção no sítio, localizado na AM-010 ao escoamento e comercialização das hortaliças na Feira do Produtor, o pai dedica-se ao cultivo, a arar, plantar e colher, enquanto a mãe organiza os produtos, lavando e agrupando as folhas para a venda. O irmão que era bebê no primeiro processo migratório, hoje constituiu sua própria família, a Macabéa das Ervas da AM, assume a responsabilidade pela comercialização dos produtos, sendo ela a ponte que liga o espaço de produção e o espaço urbano de comercialização na feira.

Nesse cotidiano, a feira é o local de trabalho, mas também o espaço de sociabilização e interação, a entrevistada demonstra familiaridade com o ambiente dinâmico, no qual estabelece contato com pessoas de diferentes partes de Manaus, de outros Estados e turistas estrangeiros muitos dos quais visitam a Feira após passearem no Museu da Amazônia (MUSA), localizado nas proximidades. Assim, seu cotidiano é marcado por fluxos, encontros e trocas que ampliam sua experiência topofílica e reforçam seu vínculo afetivo com a cidade.

No decorrer do diálogo, a Macabéa das Ervas da AM, nos relata:

Eu gosto muito de sair, de passear, então esse trabalho aqui pra mim é ideal. Tô aqui desde meus treze anos de idade, eu desisti da escola só pra trabalhar, hoje com quarenta anos até que me arrependo, mas é a vida, eu tinha que trabalhar, ajudar em casa. Meu pai vive cuidando da minha mãe, ela não tá muito boa da cabeça não, ela não ficou no seu juízo perfeito, sabe. Aí que eu tive que trabalhar mesmo, pois é daqui que vem nosso sustento, então eu dou o meu melhor, trabalho direitinho, só tiro o da minha cervejinha e do meu tira-gosto, e entrego tudo pro meu pai administrar, comprar os remédios da minha mãe, pagar condução pra levar ela nas consultas. É essa a nossa vida, trabalhar pra cuidar dela, na minha vida particular eu já fui casada, mas me arrependi muito, meu ex-marido era horrível, se meu pai precisasse sair pra resolver um assunto aí se eu fosse cuidar da minha mãe, ele brigava, se eu fosse levar minha mãe no médico, ele fazia confusão, quando a gente se amigou eu falei logo, que não ia deixar de trabalhar na feira não, que eu não ia ficar só em casa trabalhando, parindo

menino e cuidando dele, no começo ele aceitou, mas depois que a gente fomos morar junto, quando ele viu que eu não ia mudar de ideia, ele ficava com raiva, dizia que feira não é lugar de mulher casada, que tem um monte de homem que toma gosto com mulher, falava um monte de besteira, eu até gastava minha saliva falando que eu já trabalhava aqui desde criança e tava mais que acostumada, e nunca tinham tomado gosto comigo nem quando eu era nova, mais bonita, agora mesmo é que os homem me respeitava mais. Era tanta briga, confusão que nos largamos, ele foi embora e eu fiquei livre e muito feliz, a gente não teve filho, então continuei a me dedicar totalmente ao meu trabalho na feira e o cuidado com minha mãe...

Eu sei que no começo eu te falei que eu era amazonense de nascença, é que eu moro aqui há tanto tempo, que eu já me sinto como amazonense mesmo, no começo eu falava que era amazonense só pra não ouvir as piadinhas, que eu ia roubar os empregos dos amazonense, que era pra voltar pra minha terra, aí eu pensei, eu e minha família não vamos mais voltar pra São Luís então pra não ser motivo de piada eu vou começar a dizer que sou natural de Manaus, assim o povo daqui passa a me respeitar mais. E foi assim que eu fiz, fui começando a falar que eu era amazonense, mas eu me considero mais amazonense que maranhense, na verdade o único costume que eu ainda carrego do Maranhão é na comida, é o fato de comer muito arroz, sabe, maranhense é assim, adora arroz, lá em casa a gente consome muito arroz, o amazonense não, gosta mesmo é de farinha d'água de mandioca, acho que essa é minha única diferença com os amazonense, mas eu gosto de falar o que sinto, e eu sinto que sou daqui, é a minha verdade (Macabéa das Ervas da AM, Jorge Teixeira. Manaus, 09 de março de 2025).

A partir dessa narrativa, evidencia-se um processo significativo de construção identitária, no qual a experiência vivida pela Macabéa das Ervas da AM, em Manaus, desempenha papel essencial na construção de seu sentimento de pertencimento. Em um primeiro momento, esse comportamento emerge como resposta a situações de discriminação territorial, nas quais sua condição de migrante a posicionava como “*não pertencente*” a cidade de Manaus.

Essas experiências, ainda que pouco verbalizadas ao longo de nossos diálogos indicam vivências tofólicas, especialmente no ambiente da feira, onde a presença do “*outro*” migrante pode ser motivo de práticas de exclusão. Entretanto, observamos que essas vivências tofólicas foram silenciadas em sua narrativa, dando lugar a uma ênfase com sentido de geofricidade em suas práticas cotidianas e na construção de uma relação afetiva com o lugar, marcada pela tofília, como ressalta Yi-Fu Tuan (2012, p. 32): “o desejo gera força emocional e exige ação”, como discutimos no primeiro capítulo desta tese. Assim, a ação da Macabéa das Ervas da AM frente as discriminações, foi construir uma identidade territorial intrínseca a cidade de Manaus, relacionando sua existência a esse lugar.

Mas, como já mencionamos, a Macabéa das Ervas da AM não aprofundou suas vivências tofólicas. Durante nossos diálogos, percebemos que ela reelaborou essas vivências por meio de estratégias simbólicas de pertencimento, entre essas estratégias, destaca-se a

autoafirmação como amazonense, intensificada como forma de evitar acusações xenofóbicas e de não ser percebida como “uma intrusa nessa cidade” (Silva, 2022).

Ao reivindicar para si essa identidade territorial, a Macabéa das Ervas da AM responde às discriminações territoriais que lhe foram impostas, iniciando uma trajetória existencial significativa de (re)construção de si, no qual o pertencimento a Manaus deixa de ser apenas uma condição imposta pela migração e passa a constituir um elemento central de sua identidade e de seu mundo vivido. Essa identidade surgiu inicialmente como uma forma de defesa estratégica e inserção social, e foi gradualmente se fortalecendo em sua narrativa, pois quando um estranho pergunta se ela nasceu em Manaus, ela responde imediatamente que sim.

Nessa perspectiva, a identidade da Macabéa das Ervas da AM é reconstruída a partir de sua vivência na cidade de Manaus. A Feira, o trabalho, a circulação pela cidade e os vínculos sociais que estabelece, se configuram como elementos fundamentais desse processo, assim, sua identidade se produz na relação com o lugar, evidenciando que o sentido de pertencimento pode ser construído ao longo do tempo, na inserção do migrante em seu local de destino.

A Macabéa das Ervas da AM ressalta em sua fala que Manaus é seu lugar, existe uma relação familiar entre seu mundo e a cidade, ela nos revela também que embora enfrente juntamente com o pai, as limitações da saúde mental da mãe, ela segue seu caminho fazendo o que gosta, trabalhando na Feira, se dedicando a família, vivendo sua realidade de lutas mas percebendo que é feliz, que se sente realizada em Manaus, a cidade lhe concede um sentimento de completude para seu ser, seu trabalho também é importante, pois é uma extensão de sua família que trabalha coletivamente para produzir as hortaliças e comercializá-las na Feira, sendo também uma extensão de seu sentimento familiar.

Estar na Feira, poder trabalhar e se colocar no mundo cotidianamente, nem o relacionamento afetivo a afastou do seu lugar de trabalho, nem da casa dos pais, em meio ao comportamento controlador do ex-companheiro, ela seguiu fazendo o que gosta, vendo gente, conversando, se comunicando, indo na residência dos pais, mesmo contra a vontade do ex-marido, vivendo suas emoções familiares, habitando Manaus, em diferentes aspectos na vida, estando sempre disponível no cuidado com a mãe, levando os produtos para seu trabalho, e vivendo o ambiente noturno da cidade, como ela ressaltou, gosta de sair à noite.

Quando lembramos da existência do irmão, perguntamos se ele mora em Manaus, se também auxilia a família no cuidado com a mãe, ela nos diz:

Aquele meu irmão se tornou um estranho, ele quase não aparece, ele acha que a vida dele é perfeita e que nunca vai precisar de ninguém, a gente até esquece que ele existe,

porque toda vez que a gente pedimos pra ele cuidar da mamãe, ele fala não, não dá, ele tá ocupado, tem que ir pra igreja dele. Ele é pastor de uma igreja, dessas novas, uma igreja que o povo fala em línguas, ele morre de ódio porque eu e o papai a gente bebe, e sempre fazemos um churrasco lá no sítio, até as meninas das outras bancas daqui da Feira vão. Ele é santo e nós semos pecador, só ele presta, em pensar que foi depois que mamãe teve ele que ela ficou assim, ruim do juízo. A gente não somo família dele não, ele casou com uma filha de um dono de igreja, dessas de fundo de quintal, mas que tem muito fieis e muito dízimo, então o sogro dele preparou ele pra ser o futuro dono dessa igreja aí, que até hoje nem sei o nome, aí parece que esse sogro disse que só é parente dele, quem tá lá nessa igreja deles, aí ele esqueceu da gente, e a gente esqueceu dele também, e assim a gente vai levando a vida, por isso que quando eu me amiguei eu avisei logo pro meu ex, que nunca que eu ia deixar de frequentar a casa dos meus pais por causa dele, porque foi isso que meu irmão fez, mas fazer o que né? É a vida, ele é adulto, cada um segue seu caminho, só sei que enquanto Deus me der forças, eu vou tá aqui, trabalhando, conversando com meus freguês, conhecendo gente, rezando pela minha mãe, pelo meu pai, bebendo e dançando por aí e em casa, eu sou assim, sou feliz, penso nas coisas boas da vida, claro, todo mundo tem problema, desilusão, mas a gente se reinventa, recomeça... Olha eu, quando eu digo, sou amazonense não é pra tirar onda da cara do pessoal daqui não, eles sabem disso, eu tenho maior respeito por essa terra, por essa cidade, e se digo isso, é porque é aqui que vivo, é aqui que sou feliz, é aqui minha terra, é aqui o meu lugar (Macabéia das Ervas da AM, Jorge Teixeira. Manaus, 09 de março de 2025).

Através das narrativas da Macabéia das Ervas da AM, podemos perceber sua geograficidade em relação a Manaus, pois a cidade se torna a sua “*realidade geográfica*” (Dardel, 2015, p. 34), isto é, um espaço vivido, experienciado e valorizado. Em sua vivência a colaboradora atribui à cidade o significado de (re)começo, revelando um vínculo existencial que ultrapassa a simples condição de lugar de chegada.

No que se refere às relações familiares, destacamos a ruptura com o irmão caçula, que segundo seu relato, tornou-se um estranho, a ausência de convivência e de vínculos afetivos, aliada às divergências causada por convicções religiosas, contribuíram para o distanciamento entre eles.

Conforme nos destaca, o irmão atualmente vinculado a uma denominação religiosa, afastou-se da família de origem, recusando-se inclusive a compartilhar o cuidado com a mãe. Diante dessa situação, tanto ela quanto o pai deixaram de procurá-lo, vivenciando uma ruptura relacional.

Ainda assim, a Macabéia das Ervas da AM não se prende nesse conflito, não transforma esse conflito em um elemento significativo em sua existência, optando por seguir sua vida e sua rotina, reafirmando para si mesma uma condição de felicidade.

Essa Macabéia revela, portanto, uma disposição constante para ressignificar suas experiências, valorizando as vivências positivas da vida e assumindo o recomeço e a reinvenção como princípios norteadores de seu ser.

Sua relação com Manaus é baseada por essa mesma convicção, por esse mesmo sentido, na medida em que ela associa a cidade à realização pessoal e ao sentimento de pertencimento, seu vínculo é expresso quando ela nos afirma em diversos momentos: sou amazonense.

Suas reafirmações identitária constantes, nos permite compreender que sua vivência em Manaus a conduziu à construção de um lugar próprio, produzido e ressignificado no interior de seu mundo vivido, sua concepção evidencia o quanto essa identidade territorial se revela essencial para a constituição de seu ser, sendo um pertencimento incorporado às suas práticas cotidianas, às suas relações sociais e às formas de existir na cidade.

Ao se afirmar como amazonense, a Macabéa das Ervas da AM, reivindica um lugar para sua existência e consolida sua trajetória migrante marcada por resistências, adaptações e reinvenções. Sua identidade emerge como resultado de sua experiência concreta na cidade, mediada pelo trabalho na feira, pelos vínculos familiares e pelas múltiplas interações que estabelece no cotidiano manauara.

Nesse sentido, Manaus se torna parte essencial de seu mundo vivido, um lugar que a acolhe, mas que também é por ela continuamente produzido e significado. Dessa forma, sua narrativa revela que o pertencimento pode ser construído ao longo do tempo, por meio das experiências vividas, das estratégias de inserção social e das relações afetivas estabelecidas com o lugar; a identidade territorial que assume como amazonense traduz, sua escolha discursiva e experiencial, relacionando a sua vivência migrante com sua trajetória de lutas e conquistas.

Ao final, a Macabéa das Ervas da AM, nos apresenta uma existência enraizada, na qual ser e lugar se entrelaçam de maneira indissociável, reafirmando Manaus como seu lugar de vida, de realização e de pertencimento.

3.3. Macabéas que Migraram em Busca de Autonomia

3.3.1. Trajetória de Vida da Macabéa das Letras

Eu gosto muito de Manaus, foi aqui que realizei meu maior sonho: Aprender a ler (Macabéa das Letras).

Destacamos, nesse momento, as Macabéas que migraram sozinhas. Diferentemente das colaboradoras apresentadas anteriormente, elas realizaram o percurso migratório na idade adulta, impulsionadas por melhores condições de vida. Suas travessias, revelam motivações de

natureza econômica, telúrico-espiritual e afetiva, relacionadas ao desejo de construir novos horizontes de vida, encontrar acolhimento e formas mais autênticas de pertencimento.

A Macabéa das Letras migrou para Manaus aos trinta e cinco anos, sua trajetória é marcada por sucessivos deslocamentos, caracterizando uma existência de mobilidade significativa, assim, ela já morou em diferentes cidades e territórios que foram incorporados em sua história de vida:

Eu nasci em Imperatriz no Maranhão, mas eu já morei em Ananindeua no Pará, Palmas no Tocantins e Itaituba no Pará, e de lá vim pra Manaus. Meu primeiro marido era muito aventureiro ele gostava de ficar mudando de cidade, aí eu e as crianças ia junto, mas eu sempre gostei de trabalhar em feira, esse meu marido era agricultor, ele gostava muito de trabalhar com terra, ele sabia mexer na terra como ninguém, tudo na mão dele brotava, a semente, as mudas de planta que ele plantava nascia, mas ele já morreu.

Do meu primeiro casamento tive três filhos, aí aqui em Manaus, me casei de novo e tive mais três, no total tenho seis filhos. Aqui na Feira de Produtor eu sou a feirante mais antiga, já saí até no Jornal *A Crítica*, tanto o jornal da televisão quanto o de papel, sempre eu tô dando entrevista, eu gosto muito de conversar, conhecer as pessoas, conviver com elas. Sabe, a gente aprende muito assim, no dia a dia, na verdade meu maior amor por Manaus não é o fato dos meus três filhos caçula ter nascido aqui não, a maior chance de oportunidade que essa cidade aqui me deu, foi eu ter sido alfabetizada, eu ter aprendido a ler e a escrever.

Olha você que é professora e é da Universidade, não faz ideia de como a gente quando é analfabeta se sente mal, parece que a gente vivemos em um mundo à parte, diferente dos outro, a gente se sente excluído, porque a gente vê as letra, mas não imagina o que está escrito, isso é muito triste, é até cruel, e pior, as pessoa se aproveita disso, de você ser analfabeta. Digo isso por experiência própria, quando meu primeiro marido morreu eu perdi algumas coisas, por que eu assinei um documento e não sabia ler o que tava escrito, claro que depois eu procurei um advogado, mas sabe como é a justiça né? É lenta demais, ainda mais pro pobre, tô esperando até agora o espertinho devolver minha terra lá no Pará, mas até hoje nada. Mas é assim, o povo se aproveita de viúva, mulher sozinha com filho pequeno e analfabeta, eu sofri muito naquela Itaituba, então vendi minha casa, apurei um dinheirinho numa outra terra, juntei tudo que meu marido me deixou, aí eu vim pra cá, porque eu sabia que além da cidade ser bonita, era um bom lugar pra viver. Aqui em Manaus primeiro eu morei no São Raimundo, naquele tempo eu já trabalhava em feira, depois comecei a trabalhar em uma feirinha perto do Vivaldo Lima, de lá acabei vindo pra cá com meus filho, aí conheci o meu atual marido e tive os outros menino. É assim, eu gosto muito de Manaus, muito mesmo, aqui eu moro perto de uma Escola, dessas do município aí criei coragem e fiz minha matrícula a noite, porque eu tenho vergonha de estudar com gente jovem, e aí eu comecei a estudar, e eu nunca vou esquecer o dia que eu conseguir juntar as palavras e ler, eu fiquei tão feliz, só Deus sabe (Macabéa das Letras, Jorge Teixeira. Manaus, 20 de fevereiro de 2025).

A narrativa da Macabéa das Letras revela uma trajetória marcada por deslocamentos, perdas, recomeços e conquistas significativas que ressignificam sua relação com os lugares em que vive. Sua experiência migrante pelas cidades de Imperatriz, Ananindeua, Palmas, Itaituba e Manaus, envolve transformações que se concretizam especialmente na capital amazonense.

Há em seu relato uma experiência essencial que faz com que ela atribuía a Manaus um sentido topofílico, que modifica a sua existência, é nessa cidade que ela aprende a ler. Por essa razão e pela importância que essa conquista representa em sua vida a chamaremos de: MACABÉA DAS LETRAS.

Anteriormente por sua condição de analfabeta, a Macabéia das Letras se sentia à margem da sociedade, seu ser lhe dava uma percepção de exclusão e inferioridade, especialmente após ter sido vítima de golpe, assinando documentos sem ter a compreensão do que estava abrindo mão, sendo enganada, por não compreender a linguagem escrita.

O vínculo afetivo que ela estabelece com Manaus ultrapassa a dimensão familiar, mesmo que três de seus seis filhos tenham nascido em Manaus, quando indagada porque ama Manaus ela responde imediatamente: Porque foi aqui que aprendi a ler! A alfabetização lhe trouxe autonomia, aprender a ler e escrever significa para essa migrante, decodificar as palavras, interpretar o que está escrito no papel, no celular, se comunicar com dignidade com os outros sujeitos.

A partir dessa experiência, Manaus adquire um forte sentido de topofilia, pois foi aqui que o sonho de ser alfabetizada se concretizou, a cidade passa a ser vivida como lugar de gratidão, pertencimento e esperança, revelando uma relação de geograficidade marcada pelo afeto, pela memória e pela conquista. Saber ler, escrever, assinar o próprio nome, compreender o mundo escrito representa para a Macabéia das Letras, liberdade e autonomia e esses sentimentos fortalecem seu amor pela cidade de Manaus.

Sua vivência migrante também se entrelaça com a minha, pois assim como ela, eu também nasci em Imperatriz no Maranhão e fui criada em Itaituba no Pará, de onde migrei definitivamente para Manaus. Através de seu percurso migrante, também relembro do meu próprio percurso, esse encontro aproxima nossas vivências migrantes, ampliam minha compreensão diante do tema e da significância que a cidade tem na vida do ser migrante.

E sobretudo, as narrativas de vida da Macabéia das Letras evocam, de maneira existencial e simbólica, a figura da Macabéia Clariceana, pois ambas Macabéas possuem experiências marcadas pela pouca escolaridade, sendo vivências marcadas pela alfabetização precária e frequentemente relacionadas a ingenuidade, como se fossem por isso, sujeitos sem sensibilidade, direitos e dignidade. A Macabéia de Clarice Lispector, embora não fosse totalmente analfabeta, possuía um domínio restrito da leitura e da escrita, caracterizada como uma pessoa quase analfabeta. Ainda assim, exercia a função de datilógrafa, profissão da qual se orgulhava imensamente, conforme apresentado em *A hora da estrela* (Lispector, 2017).

Já no mundo da vida, a Macabéa das Letras analfabeta, viúva e responsável pela criação dos três filhos, experimenta a dureza da realidade em sua dimensão mais concreta, em seu cerne, em sua própria carne. Sua trajetória é marcada por processos de exploração, violência simbólica e patrimonial, migrante de uma cidade que a enganou, a ludibriou, onde foi induzida por pessoas de sua confiança a assinar um documento de conteúdo desconhecido, por ela por ser analfabeta, resultando na perda de uma propriedade, doada indevidamente a terceiros. Diante dessa experiência de desamparo e fraude, vende a única casa e um pequeno sítio que lhe restaram e acompanhada dos filhos, migra para Manaus, movida pela esperança de encontrar na nova cidade, condições mais justas e relações mais genuínas, humanas e verdadeiramente acolhedoras. A Macabéa das Letras (Figura 28), reconhecida pelos demais permissionários como a feirante mais antiga da Feira do Produtor, dedica-se à comercialização de goma de tapioca, e de frutas como: mamão, limão, laranja, coco, banana e macaxeira, enviadas por seu atual marido do sítio da família, no interior do Amazonas.

FIGURA 28 – MACABÉA DAS LETRAS



Fonte: Acervo da Autora (2025).

Essas memórias, embora sejam individuais nos conduzem a narrativa da memória em seu sentido social e coletiva, como nos lembra Maurice Halbwachs (2006):

Não basta reconstituir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aquele e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (Halbwachs, 2006, p. 39).

A experiência migrante, temática essencial desta pesquisa, constitui o mundo vivido de diferentes sujeitos, ao rememorar suas trajetórias, as colaboradoras revisitaram a partir de suas lembranças suas experiências, o momento da partida, os trajetos do deslocamento, as expectativas que possuíam ao chegar a Manaus, os sonhos que foram realizados e aqueles que ficaram no passado. São experiências construídas ao longo do tempo, que envolvem uma diversidade de sujeitos, práticas e grupos sociais.

Durante o trabalho de campo, ao ouvirmos as narrativas das Macabéas de Manaus, observamos que embora a memória faça parte do universo individual ela também se constitui do diálogo coletivo, com outras memórias. Assim, aquilo que inicialmente se apresenta como experiência particular, pode se revelar como expressão de uma memória coletiva da vivência do ser migrante.

Entretanto, à medida que fomos desenvolvendo os diálogos com cada migrante tornavam-se evidentes as nuances e especificidades de suas trajetórias, demonstrando que a memória coletiva não anula a individualidade, mas se compõe a partir dela.

As lembranças dessas mulheres rememoradas ao longo do desenvolvimento da pesquisa, se entrelaçam com a cidade de Manaus, reconfigurando sentidos, afetos e pertencimentos.

Desse modo, a memória do migrante é revivida nesse encontro do passado com o presente, do lugar de origem com o lugar de destino, constituindo-se como um processo dinâmico, tecido e revelado pelas relações sociais.

É nesse entrelaçamento de tempos e espaços que as experiências vividas são continuamente ressignificadas, nas perspectivas materiais das existências, e também nos acontecimentos marcantes que (re)orientam trajetórias, afetos e modos de estar no mundo.

Nesse contexto, a morte de familiares emerge como um elemento decisivo na (re)composição das experiências das Macabéas, modificando tanto suas vivências concretas como as dimensões subjetivas de seu mundo.

Na experiência migrante da Macabéa das Letras, o falecimento do primeiro marido atua como ponte de ligação e mudança, desencadeando seu processo migratório que a conduz juntamente com seus filhos, do Estado do Pará para o Estado do Amazonas no entanto a travessia realizada de barco a partir de Itaituba, dura quatro dias e é marcada por dificuldades no deslocamento, no qual a Macabéa das Letras, única adulta responsável, tem que tomar cuidado e ser bastante cautelosa com suas crianças durante toda a viagem de barco, revelando a dureza material de sua travessia migrante.

De modo distinto, mas igualmente significativo, na narrativa da Macabéa Clariceana a morte da tia representa uma mudança comportamental em seu mundo simbólico e existencial, pois em vida, a tia de Macabéa, impunha sua religiosidade rígida, inflexível e associando continuamente as alegrias do mundo ao sentido de pecado.

Sua ausência física e existencial, proporciona novas experiências a Macabéa Clariceana como seu não comparecimento às missas e eventos religiosos em geral, que para ela não representavam nada: “[...] a sua beatice não lhe pegara: morta a tia, ela nunca mais fora a uma igreja porque não sentia nada e as divindades lhe eram estranhas” (Lispector, 2017 p. 62). Aqui, a morte rompe com o compromisso social da Macabéa Clariceana, com a morte da tia, ela não tinha mais que se deslocar até uma igreja, seus domingos agora eram gastos com seus passeios pelo da baía de Guanabara e pelo Porto da Praça Mauá.

Assim, em ambas as experiências, a morte se apresenta como um elemento modificador das trajetórias migrantes e sociais, representando novas práticas cotidianas, crenças e percursos físicos. As vivências dessas mulheres se transformam à medida em que são relacionados a novas formas de viver, evocando lutas íntimas modificadas pelas perdas de familiares, revelando a reconstrução do lugar em meio as tramas sociais.

Nesse sentido, ao longo de quase quarenta anos morando em Manaus, a Macabéa das Letras destaca:

Chegar em Manaus foi muito difícil, a viagem de barco com crianças pequena e teimosa como as minha, foi muito complicado, eu me lembro até hoje, foi quatro dia que demorou pra chegar aqui, eu não dormi, meus menino não dormia direito, quando um dormia, o outro acordava, aí eu ficava com medo de dormir, pegar no sono e Deus me livre um dos meu menino sair da rede e eu não vê, ou alguém roubar um deles, aí eu tomava café, mas tomava café como se fosse água, tomava até mais que água e outra coisa também, eu tava com parte do dinheiro da venda da minha casa na minha

mala, aí depois que eu fui enganada lá naquela Itaituba, vendi tudo e botei na cabeça que eu via embora, aí não confiava em nada, nem em amigo que trabalhava com meu marido, nem em vizinho, família lá eu não tinha, minha família é toda do Maranhão, pela minha mãe era pra mim voltar pro Maranhão, mas eu não queria voltar não, sabe, voltar me dava um sentimento de derrota, porque minha mãe havia me aconselhado a não me casar, a não ir embora de casa, meu pai ficou muito triste, quando eu inventei de me amigar com quinze anos, uma menina, era pra eu estudar mas pra mim eu ia ter um futuro diferente da vida de trabalho da minha mãe. Mas aí, né? Casei, enviuvei, e na minha mente eu só lembrava das histórias que meu marido falava lá do garimpo de Itaituba, meu marido foi garimpeiro lá, tu que é de lá, também se lembra que os homens da cidade toda, vão pro garimpo, mas meu marido gostava mesmo era das plantas, de flor, de mato, dos pés de fruta, aí ele ficou pouco tempo no garimpo e foi de lá que ele conseguiu o dinheiro pra comprar nossa primeira casa, aí ele me falava que no garimpo, é amigo roubando amigo, as mulheres roubam o ouro dos homens, é uma confusão, uma matança sem fim, briga, pessoa muito ferida, isso, quando não pega malária que é outra desgraça do garimpo, então, ele voltou de lá, ficou pouco tempo mas voltou cheio das histórias. Aí eu no barco nesses quatro dias, com meus três meninos e mais o dinheiro da venda da minha casa e do meu sítio na mala, que eu nem confiava em banco, na verdade, eu nem tinha conta no banco, eu rezava dia e noite pra ninguém roubar nosso dinheiro, nem pra nada acontecer com meus meninos, e quando eu tinha que dá banho neles, eu mandava o mais velho ficar espiando nossa mala, enquanto eu ia dá banho no menino do meio, quando a gente voltava do banheiro esse mais velho já tava brincando com outras crianças, correndo pelo barco. Enfim, foi uma agonia sem fim chegar em Manaus.

Mas o tempo passou eu sempre trabalhei em feira, desde do Maranhão, aí na Feira do antigo Vivaldo Lima aqui em Manaus eu conheci meu atual esposo, casamos e viemos pra cá, pra Zona Leste, nesse tempo eu morava no São Raimundo, e tamo por aqui até hoje, tive mais três filhos que nasceram em Manaus, mas a maior realização que essa cidade me deu, foi eu ter aprendido a ler e a escrever, eu era a melhor aluna da turma, moro perto de uma escola municipal, fiz o EJA estudei até o 7º. Ano mas esse ano eu parei porque eu tive que fazer uma cirurgia de catarata, então não dá pra ir pra escola, mas eu sinto falta da escola, das professoras, dos colegas da sala de aula, eu gosto muito de estudar, eu acho a profissão de professora muito bonita, é um dom mesmo, você ver jovens ensinando pessoas idosas como eu, nos ensinando a ler, a tabuada, o nome dos rios, o que aconteceu no passado, realmente é uma profissão que eu queria muito que pelo menos um dos meus filhos seguisse, eu iria falar toda orgulhosa, minha filha ou meu filho é professor (Macabéa das Letras, Jorge Teixeira. Manaus, 20 de fevereiro de 2025).

Nesse sentido, ao longo de quase quarenta anos de vivência em Manaus, a Macabéa das Letras descreve uma narrativa marcada por rupturas, deslocamentos e processos de reconstrução de si mesma, nos quais a experiência migratória se apresenta como um marco decisivo em sua trajetória. Seu relato evidencia como foi sua chegada a cidade de Manaus, os percalços enfrentados no percurso com seus filhos, as intensas dificuldades materiais e emocionais, ao longo da viagem de barco, realizada em condições precárias e sendo somente ela a responsável pela segurança dos três filhos pequenos, nos revelando um cenário de tensão constante, medo e vigilância, no qual o cuidado materno se intensifica diante da vulnerabilidade do deslocamento, o cansaço físico, a privação do sono e o consumo excessivo de café, como estratégia para se manter desperta, demonstram a dimensão corporal dessa experiência,

enquanto o receio de perder os filhos ou o dinheiro que carregava ressoa em um estado de permanente insegurança.

Esse quadro se agrava quando consideramos o contexto anterior à viagem, marcado pelo golpe financeiro sofrido em Itaituba no Pará, que comprometeu sua estabilidade econômica, sua confiança nas relações sociais e nas instituições formais, como o sistema bancário.

A experiência de ter sido enganada, produz uma ruptura na sua percepção do outro, fazendo surgir uma desconfiança generalizada, que se prolonga durante a travessia evocado por sua memória esse evento traumático.

Além disso, essa situação impacta profundamente sua relação afetiva com o lugar, pois Itaituba passa a ser apenas um lugar de passagem e de conquista material, sendo associada a sentimento de revolta, indignação e injustiça, revelando uma relação marcada pela topofobia, na qual o lugar é vivido a partir de experiências negativas e dolorosas.

Por outro lado, ao recusar o retorno ao Estado do Maranhão, sua terra de origem, a Macabéa das Letras manifesta uma dimensão existencial de sua escolha migratória, voltar para a casa de seus pais significaria, em sua percepção, assumir uma posição de fracasso diante das expectativas familiares e pessoais. Especialmente diante dos conselhos maternos que haviam sido dados para que ela não se cassasse tão jovem e que permanecesse na casa, devido a sua idade. Portanto, essa recusa de retorno é geográfica e simbólica, trata-se da negação de um retorno que representaria a invalidação de seu próprio projeto de vida. Assim, mesmo diante das adversidades, ela opta por seguir em frente, projetando em Manaus a possibilidade de reconstrução, autonomia e recomeço.

Ao se estabelecer na cidade, sua trajetória passa a ser marcada por continuidades e transformações, o trabalho em feiras, atividade que já desempenhava anteriormente, constitui como um elemento de permanência em sua experiência laboral, ao mesmo tempo em que possibilita a criação de novas redes de sociabilidade, que ocasiona o encontro com seu atual esposo e a constituição de uma nova família.

Contudo, é interessante percebermos a importância que a Macabéa das Letras atribui a educação em sua vida, que se evidencia como uma das experiências mais significativas em sua trajetória.

O acesso à escolarização por meio da Educação de Jovens e Adultos que lhe permite aprender a ler e escrever e também redefine sua relação com o mundo, com o conhecimento e consigo mesma.

A alfabetização, nesse sentido, assume um valor fortemente simbólico, representa autonomia, dignidade e a possibilidade de nunca mais ser enganada, como ocorrera no passado.

Dessa forma, a vivência da Macabéa das Letras revela que a experiência migrante envolve diversos aspectos da vida do ser migrante, sendo relacionada ao deslocamento físico entre lugares, construções complexas e subjetivas do sujeito, composta por perdas, medos, resistências e conquistas, entrelaçando diferentes sentimentos.

Sua trajetória evidencia como a memória do migrante é permeada por eventos marcantes como a morte, o engano, a travessia e o recomeço que transformam seus sentidos de pertencimento, suas relações com o lugar e suas projeções para o futuro. Ao aprender a ler e escrever e desejar esse mesmo caminho para seus filhos, ela reinscreve sua própria história e também projeta novas possibilidades de existência para as gerações seguintes, revelando a potência transformadora de sua experiência vivida.

3.3.2. Trajetória de Vida da Macabéa Insubmissa

A vida é muita curta pra gente ficar fazendo o que os outros quer, temos que viver nossa verdade, não temos que se acovardar não...
(Macabéa Insubmissa)

Essa colaboradora da pesquisa, assim como a Macabéa das Letras, migrou na vida adulta para Manaus, inclusive, trata-se de uma conterrânea, migrante de Imperatriz cidade que também nasci, o que aproxima nossos mundos de experiências.

Sua trajetória migrante foi marcada pela decisão de partir sozinha, realizando uma longa viagem de barco; do Maranhão se deslocou até Belém. Na capital paraense, pegou um outro barco que levou sete dias de viagem para chegar a Manaus, demonstrando coragem e determinação desde o início de sua trajetória migrante.

O motivo de sua migração conforme ela nos narra, está relacionado a desavenças familiares, especialmente após o pai impor que ela se cassasse, imposição que ela não aceitou, a convivência familiar após sua negativa se tornou difícil e bastante conflituosa, sua casa parecia não ser mais o seu lugar, o seu lar.

A respeito do sentimento vivenciado pelo sujeito no âmbito familiar de sua casa, Gaston Bachelard (2008), ressalta que a casa ultrapassa sua materialidade e se constitui como um

espaço privilegiado da intimidade, onde se constroem as relações mais significativas entre os sujeitos. O lar, além de um abrigo físico destinado ao repouso do corpo, é também um lugar onde os sujeitos constroem vínculos afetivos, memórias e sentidos de pertencimentos, é na casa que o sujeito deposita seus sonhos, suas lembranças, suas memórias e suas projeções, fazendo dela um verdadeiro refúgio da alma.

Nessa perspectiva, o lar configura-se como um espaço vivido, carregado de imaginação, afetividade e subjetividade. Gaston Bachelard (2008), ressalta:

O espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente entregue à mensuração e à reflexão do geômetra. É um espaço vivido. E vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades [...]. Por outro lado, os espaços de hostilidade mal são mencionados nas páginas que seguem. Esses espaços do ódio e do combate só podem ser estudados com referência a matéria ardentes, a imagens apocalípticas (Bachelard, 2008, p. 19).

Gaston Bachelard (2008), nos convida a compreender o espaço em todas as suas dimensões, para além de seus aspectos objetivos, reconhecendo-o como experiência sensível e existencial do ser. De acordo com o filósofo, o espaço vivido pode ser permeado por emoções, lembranças e conflitos, sendo constituído por aquilo que o sujeito sente, experiencia.

Em sua análise epistemológica, o autor enfatiza as experiências de abrigo e acolhimento do espaço vivido, mas também ressalta as características de hostilidade, dor e conflito que esse espaço vivido pode representar na experiência do sujeito. É nessa perspectiva existencial que podemos compreender a vivência migrante da Macabéia Insubmissa, o espaço que deveria simbolizar seu lar, um território de proteção, afeto e construção identitária, transforma-se na sua experiência de vida em um ambiente de tensão e opressão.

A casa de sua infância, torna-se um espaço de imposições, no qual a autoridade patriarcal se impõe de maneira rígida, regulando comportamentos e silenciando subjetividades, a ausência da intervenção materna, contribui para a intensificação do sentido de isolamento, fazendo com que o espaço doméstico perca sua função de acolhimento e passe a ser vivenciado como um lugar de conflito.

Nesse sentido, a casa da Macabéia Insubmissa se aproxima daquilo que Bachelard (2008), aponta como espaços de hostilidade, mesmo que ele ressalte que este não será o sentido central de suas reflexões filosóficas. Sendo esse um espaço vivido em seu sentido negativo, marcado por relações de poder e por uma ordem simbólica que nega a Macabéia Insubmissa sua plena existência.

Diante desse cenário, a migração se revela em diferentes nuances e perspectivas, sendo um deslocamento geográfico, físico e existencial e um gesto de desenraizamento, quando ela decide partir, preferencialmente para um lugar distante do Maranhão, a Macabéa Insubmissa busca reconstruir seu próprio espaço vivido, reinventando a ideia de lar a partir de sua autonomia e de seu desejo por liberdade.

Assim, a experiência migrante da Macabéa Insubmissa poder ser interpretada como um movimento de ressignificação espacial, ela abandona um espaço doméstico hostil para em um outro território, tentar reconstruir seu lugar e novas formas de pertencimento.

A migração, nesse contexto, é uma travessia física e simbólica de um processo de reconstrução de si, no qual o sujeito procura à sua maneira, recriar aquilo que Bachelard (2008), conceitua como essencial, um espaço onde seja possível habitar com o corpo, com a imaginação e com o afeto.

Após atingir a maioridade, a Macabéa Insubmissa se viu diante de um dilema: ou casava com o rapaz apresentado como seu noivo pelo pai, ou teria que ir embora.

A Macabéa Insubmissa optou pela segunda opção, decidindo migrar para o Amazonas, para Manaus, evidenciando um gesto de ruptura radical buscando viver longe de sua cidade de origem.

A escolha de seu trajeto nos revela sua tomada de posição existencial diante das normativas sociais que buscavam lhe demonstrar que devido a sua idade (dezoito anos), já estava no momento de se casar e constituir sua própria família, de acordo com as palavras do pai que são rememoradas por ela nesse momento.

Durante sua narrativa, a Macabéa Insubmissa, por vezes em determinados momentos, silencia, para de falar, há lembranças que a memória não permite dizer por completo, manifestando-se por meio de pausas e expressões que sugerem a presença de afetos não verbalizados.

Esses silêncios, em nossa percepção são significativos, podem constituir elementos de sua experiência vivida, simbolizando marcas de dor, conflitos e resistências, essas experiências não verbalizadas também são respostas ao diálogo.

A Macabéa Insubmissa apresenta-se como uma mulher que construiu para si uma posição de autonomia e de autoridade em seu espaço de trabalho, dona de um estabelecimento comercial, no qual ela emprega sete trabalhadores, todos homens, sendo por eles denominada de “A *Chefa*”, chamada dessa forma, como expressão de respeito e reconhecimento de seus funcionários.

Essa estrutura trabalhista evidencia um exemplo de inversão de expectativas sociais, onde a mulher é historicamente associada a posição de subalternidade no mundo do trabalho.

Nesse sentido, ao nomeá-la como Macabéa Insubmissa, buscamos destacar sua conduta de não se submeter as ordens do pai e por sua capacidade em subverter narrativas, afirmando-se como uma trabalhadora de comando e de protagonismo.

Desse modo, sua trajetória revela uma identidade em construção, marcada por escolhas que desafiam imposições familiares, sociais e comportamentais, com uma inserção ativa e transformadora no espaço laboral. Portanto, sua experiência migrante, se configura como um processo de (auto)afirmação de si.

A respeito de suas memórias e os acontecimentos que lhe convenceram que ela deveria partir de Imperatriz, ela relembra:

Eu já estava planejando há muito tempo ir embora de Imperatriz, pois eu vi como foi a vida das minhas irmãs mais velhas e queria que a minha vida fosse diferente, nem que pra isso eu tivesse que sair de lá. Papai fazia assim, quando a gente completava quinze anos, ele já começava a dizer que já sabia com quem a gente ia se casar. Eu tive festa de quinze anos, todas nós tivemos, tivemos aquele baile, aqueles vestidos grande, coroa na cabeça e tudo, aliás, acho que no meu Baile de Debutante, foi a única vez que vesti vestido na minha vida, eu não gosto de vestido, até quando eu ia a missa lá na nossa terra com minha família eu era praticamente a única mulher que ia de calça, lá é interior mesmo, as mulheres ainda costuma ir pra missa de véu na cabeça e tudo... pois é, voltando a minha Festa de Debutante, meu pai veio me falar na hora da valsa, que já tava escolhendo meu noivo, eu falei logo que no ia me casar não, que minha vida seria bem diferente da vida das minhas irmã.

Nós somos sete filha, tudo menina mulher, eu sou a caçula, e a mais revoltada, a que é mais teimosa e só faço aquilo que eu quero, meu pai ficou com muita raiva, que me largô sozinha na pista de dança, todo mundo percebeu, eu saí de lá também, não tava nem ligando que era meu baile de 15 anos, mas não era só meu baile, antigamente era assim, juntava diversas famílias que tinha menina que ia fazer quinze anos, aí juntava todo mundo dessa família, arrecadava dinheiro pra fazer essa festa que era um evento social muito importante na cidade, o Baile das Debutante, nós ia tudo parecendo noiva pro seu casamento, aí tinha o príncipe que dançava com a gente a valsa, em algumas cidades ricas, os organizadores contratava ator famoso esses de novela de televisão, pra dançar com as debutante, que era as menina que tava fazendo quinze anos, o nosso foi simples mesmo, mas foi muito bonito, muitas flores no clube da cidade, mesas enfeitadas, vestido bonito, tudo tava um capricho, mas cada menina que tava debutando escolheu um menino pra dançar, como eu não queria dançar com nenhum menino da escola, nem queria ser namorada de nenhum também, eu escolhi meu pai pra dançar a valsa comigo. Mas aí brigamos e acabou meu baile e começou minha luta, minha peleja com meu velho. Na verdade era essa a nossa vida, abaixar a cabeça e obedecer a tudo que meu pai ordenava, nossa casa não era mais um ambiente bom, a gente vivia fazendo o que ele mandava, trabalhando dentro de casa, porque trabalhar na roça era coisa de homem, quando meu pai descobriu que eu tinha aprendido a dirigir, ele me bateu, isso mesmo, eu apanhei porque ao invés de tá namorando com nosso vizinho, eu tava aprendendo a dirigir na Ford F-1000 deles, meu pai é assim, controlador, acho que ele era assim, porque ele era único homem numa casa com quase dez mulher. Na noite dos meus quinze anos, foi a primeira de muitas que eu desacatei uma ordem dele, e só não apanhei porque tava lá no meio do salão do baile (Macabéa Insubmissa, Jorge Teixeira. Manaus, 13 de março de 2025).

Desde muito cedo, a Macabéa Insubmissa pensava na possibilidade de deixar Imperatriz, motivada pela observação das trajetórias de vida de suas irmãs mais velhas, que tiveram seus destinos previamente determinado. Em sua convivência familiar, ao completarem quinze anos, as filhas passavam a ser alvo de arranjos matrimoniais conduzidos pelo pai, que assumia as decisões sobre a identidade do futuro cônjuge de suas filhas, decidindo com quem cada uma se casaria.

A celebração do baile de debutante, era um ritual de grande relevância social na cidade, simbolizando a passagem das meninas para a vida adulta, e suas inserções no sistema de expectativas sociais rigidamente estruturado. Vestidas com trajes que evocavam os ornamentos nupciais, as debutantes eram apresentadas à sociedade local, em um evento coletivo que reunia as diversas famílias, reforçando comportamentos e valores ligados ao casamento e à feminilidade.

Entretanto, nesse cenário de intensa normatividade social, a Macabéa Insubmissa se opõe as expectativas impostas, ao escolher o próprio pai como par para a valsa, recusando-se a dançar com pretendentes masculinos, ela já sinalizava sua recusa em aderir ao destino que lhe era reservado. O conflito geracional atinge seu ápice durante o baile, quando o pai lhe comunica que já havia escolhido seu noivo, e em breve ela seria apresentada como futura companheira a ele, a filha imediatamente confronta o pai e lhe declara que não aceitará sua imposição.

Esse episódio marca o início de uma relação conflituosa mais intensa entre pai e filha, caracterizada por disputas em torno da autoridade, da autonomia e dos papéis de gênero. No cotidiano doméstico, a casa deixa de ser seu espaço de acolhimento e passa a ser um ambiente de controle, no qual as filhas eram submetidas à obediência irrestrita e à divisão do trabalho seguia as normativas de gênero, impostas pelo pai, o espaço doméstico era território de trabalho das filhas, a roça, o campo, o ambiente externo, pertencia ao pai e aos genros, aos homens da família.

Outra experiência que a marcou bastante, foi a repressão que a jovem sofreu ao revelar a família que aprendera a dirigir, tendo aprendido a dirigir com o vizinho que lhe dera aulas em um carro grande, robusto e velho. Sabendo dirigir, ela poderia ajudar o pai e os cunhados no escoamento dos produtos da roça para serem comercializados na sede do município. Mas, ao revelar essa informação, o pai reage com violência ao descobrir que ao invés dela estar namorando com o vizinho, ela estava aprendendo a dirigir... interpretando essa atitude como uma violação das normas de gênero.

Nesse contexto, o desejo de migrar emerge como projeto de liberdade, como ruptura com um sistema de dominação patriarcal, que regulava seus comportamentos e limitava as características de sua existência.

Assim, ao atingir a maioridade, a permanência no lugar de origem passa a ser percebida como insustentável, e a migração se apresenta como uma estratégia de emancipação frente às imposições morais, sociais e familiares.

Vivendo em Manaus há vinte e sete anos, a Macabéa Insubmissa ainda enfrenta desafios para afirmar sua autoridade no ambiente de trabalho, especialmente por atuar em um espaço ainda muito relacionando ao universo masculino, no qual sua posição de liderança nem sempre é prontamente reconhecida. Uma das primeiras dificuldades que encontrou na Feira, foi ser levada a sério enquanto mulher que ocupa um lugar de comando, dando ordens e organizando o funcionamento do negócio.

Atuando no comércio atacadista de frutas e verduras, seu estabelecimento é marcado pela intensa circulação de mercadorias, pessoas e caixas de madeira e papelão empilhadas revelam a diversidade dos produtos comercializados contendo: abacate, tomate, cebola, alho, couve, abacaxi, mamão, melão, tangerina, laranja... produtos que são revendidos em grande escala a pequenos comerciantes da Zona Leste, que abastecem seus próprios pontos de venda a partir de sua banca. Nesse contexto, sua prática cotidiana exige firmeza, coordenar funcionários, negociar, estabelecer regras e muitas vezes, impor sua voz em meio ao ritmo acelerado da Feira.

Ela reconhece que parte dessa postura foi construída ainda no convívio com o pai, embora marcado por conflitos, esse relacionamento lhe ensinou a se impor diante dos outros, a expressar com clareza suas vontades e a sustentar sua posição. Segundo ela, essa experiência funcionou como uma espécie de preparação para lidar com as situações presentes em seu trabalho, especialmente no trato com funcionários e outros permissionários.

Há vinte anos, a Macabéa Insubmissa tornou-se proprietária do seu comércio, inicialmente, ela trabalhava no local como locatária, demonstrando desde cedo dedicação e habilidade para os negócios. Acordava de madrugada e se deslocava até a feira da CEASA para adquirir mercadorias, muitas vezes dirigindo sozinha ou acompanhada de um ajudante, responsável por carregar as pesadas caixas de produtos. Sua disposição para o trabalho, sua disciplina e senso de responsabilidade, chamaram a atenção do então proprietário, que passou gradativamente a lhe confiar maiores responsabilidades.

Em seu relato, ela destaca com gratidão a importância dessa relação, o antigo dono reconheceu seu esforço e sua capacidade, sendo que o próprio filho dele que era levado a Feira

para aprender o ofício, não demonstrava interesse nenhum em trabalhar no negócio da família. Diante desse comportamento do filho e o fortalecimento da confiança no trabalho da Macabéa Insubmissa, o proprietário expressou a família sua vontade, que quando ele morresse o ponto comercial deveria ser vendido para a Macabéa Insubmissa, o que depois se concretizou.

Hoje, consolidada como comerciante, a Macabéa Insubmissa construiu uma reputação respeitável na Feira, seu box é amplamente reconhecido pela qualidade dos produtos, sendo frequentemente lembrado pelos demais clientes e trabalhadores como o lugar onde se encontram as frutas e verduras mais frescas da Feira do Produtor.

Para ela, Manaus representa seu lugar de trabalho, seu lugar de vida, conquistas e também uma cidade marcada pela solidariedade e pela generosidade nas relações cotidianas. Essa percepção topofílica foi construída em sua vivência no local de destino, a partir das experiências vividas, como a generosidade do antigo patrão que se transformou em amigo e pensou em sua condição de mulher trabalhadora, não esquecendo da lealdade da Macabéa Insubmissa mediando para que ela se tornasse dona de seu próprio negócio, possibilitando assim, que ela obtivesse sua total independência econômica.

Em sua chegada a Manaus, uma multiplicidade de sentimentos passou a constituir seu cotidiano, sozinha em uma cidade desconhecida, ela se via distante da realidade que até então constituía sua vida, marcada pela convivência com os familiares no interior do Maranhão.

A ruptura com esse espaço de pertencimento revela-se significativa, especialmente quando lembramos, das palavras de Yi-Fu Tuan (2013, p. 177): “a cidade natal é um lugar íntimo [...] um mundo tão pequeno e familiar”. Ao desligar-se desse universo afetivo, a Macabéa Insubmissa passa a desbravar um novo mundo, uma realidade permeada por incertezas, receios e pelo medo do desconhecido.

Na sua realidade de vida, sentimentos topofóbicos passam a constituir sua experiência espacial. Surgem diversos questionamentos: Será que ela conseguiria superá-los? Será que venceria? Conseguiria mostrar ao pai, as irmãs e a mãe, a força de vontade que uma mulher tem? Esses questionamentos pareciam ser seus objetivos, guiando-a em meio ao desconhecido na cidade de Manaus, apoiando-se na fé em si mesma e em sua força de trabalho.

Com o passar do tempo, a vida em Manaus passa a lhe oferecer possibilidades de reinvenção, nos espaços de trabalho como a Feira, o Porto da Feira Manaus Moderna e no Porto da CEASA, a Macabéa Insubmissa reconhece a presença de outros sujeitos que assim como ela, optaram em traçar seus próprios caminhos, recusando aceitar passivamente as resoluções da vida.

Entretanto, viver sozinha em uma capital, sem o amparo familiar ainda lhe provoca em determinados momentos, sentimentos de vazio, tristeza e desamparo. Esses sentimentos foram mais intensos no período inicial de sua chegada, mas hoje em algumas ocasiões ainda persistem, mas manifestam-se em menor intensidade, sobretudo pela utilização da tecnologia em seu dia a dia, para manter contato com a família no Maranhão, ela ressalta que o celular é um grande aliado para amenizar a saudade de sua família, de acordo com a Macabéa Insubmissa:

Eu moro há muitos anos em Manaus, eu amo essa cidade, não gosto nem de ouvir os próprios amazonense falando mal de Manaus, aqui é muito bom se você quer trabalhar, vencer na vida, Manaus é esse lugar. No início, quando eu ainda morava em Imperatriz, eu ficava pensando em vim morar aqui e trabalhar no Distrito, e fiz assim quando cheguei eu trabalhei pouco meses em uma fábrica do Distrito, mas não gostei, aquele ambiente tudo fechado, a gente, os trabalhadores, sendo cobrado o tempo todo, na Fábrica eu me sentia presa, sem liberdade, então andando por aqui eu comecei a pensar em trabalhar na Feira, por que não?

Minha relação com a terra era de longa data, mesmo sem a permissão do meu pai, eu trabalhava arando a terra, capinando, enfeitando a frente da nossa casa com rosas pra minha mãe, afinal, uma casa com oito mulher tem que ter rosa, então parecia que a Feira tava me chamando, que aqui eu iria conseguir minha estabilidade, poder me sustentar e ser quem eu sou de verdade, ser verdadeira comigo mesma, não viver de mentira ou de aparência.

Pois minhas irmã foram seguir a palavra do meu pai, e hoje são infeliz, a gente ver o sofrimento estampado na cara delas, todas seguiram as ordens do pai, casar cedo, parir um monte de menino, viver pra casa e pro marido. Eu vim pra cá na intenção de ter uma vida diferente, de ser livre, ter minha liberdade.

Hoje, depois de quase trinta anos morando aqui em Manaus, eu ainda não consegui voltar lá em Imperatriz, não por falta de condição financeira, mas o meu sentimento até hoje não me permitiu voltar pra visitar minha família, e olha que hoje é bem mais fácil pra viajar de avião, mas eu não sei explicar é uma sensação de mágoa que toma conta de mim, e não me permite voltar lá, eu penso se eu voltar lá e ver como minha mãe e minha irmã vive pessoalmente, a raiva pode tomar conta de mim, e eu não conseguir me controlar, sabe? Eu tenho raiva ainda do meu pai, dos maridos das minhas irmã que não deixa as mulheres viver bem e feliz, da minha mãe eu tenho um pouco de mágoa também, porque ela nunca se impôs, então eu acho melhor eu ficar aqui na minha, no meu lugar, eu falo com elas todos os dias por vídeo chamada, agora mesmo, acabei de falar com minha mãe e é uma forma de matar um pouco a saudade. Claro que em nossa conversa por videochamada, eu sempre no final eu prometo que vou lá visitar, mas são promessas vazias da boca pra fora e eles sabe, então, vou ouvindo a voz delas, vendo cada uma, assim, por vídeo chamada, longe de corpo mas perto no sentimento e na emoção, vou vivendo a minha vida aqui nessa cidade que pra mim significa liberdade, viver aqui, significa ser dona do meu destino, por isso eu amo muito Manaus, não permito que falem mal nem do calor daqui... E assim eu vou levando a vida, trabalhando, conquistando o que é meu, mandando um dinheiro escondida pra minha mãe, pra minhas irmã, porque se meu pai ou o marido delas sabe, devolvem na hora, então fico aqui de coração aberto tentando viver sem mágoa, sem tristeza, sem rancor, mas é difícil, muito difícil, fico no meu canto que é melhor pra mim, contribuindo com essa cidade que eu escolhi viver (Macabéa Insubmissa, Jorge Teixeira. Manaus, 13 de março de 2025).

Apesar de habitar há quase três décadas em Manaus, a Macabéa Insubmissa nunca retornou a Imperatriz, sua ausência não se explica por limitações financeiras, mas por barreiras emocionais que estão enraizadas em seu ser, ela menciona sentimentos de mágoa e ressentimento em relação ao pai, aos maridos das irmãs e em menor intensidade em relação à própria mãe, a quem atribui a ausência de enfrentamento diante das imposições vividas.

Nesse contexto, desenvolveu o receio de que ao visitar a família e se deparar novamente com a realidade experienciada pelas mulheres, não consiga conter suas emoções, vindo a sofrer intensamente com esse reencontro.

Diante disso, ela estabelece uma forma alternativa de proximidade por meio de chamadas de vídeo, pelas quais mantém contato diário com a mãe, irmãs e demais familiares, ainda que reconheça a limitação nesse tipo de interação, ela o entende como uma alternativa para amenizar a saudade, preservando sua saúde mental, ao final das ligações telefônicas ela sempre promete que irá se programar para visitá-los, mas são promessas vazias que são verbalizadas apenas para acalantar a saudade da mãe e das irmãs, as mulheres que tanto ama.

Nesse entrelaçamento de distâncias e aproximações, a Macabéa Insubmissa (re)constrói sua vida em Manaus, em seu processo de adaptação à cidade, o sentimento de liberdade configura-se como elemento fundamental, permitindo-lhe olhar para sua trajetória com orgulho e reconhecer que vive em consonância com sua própria verdade.

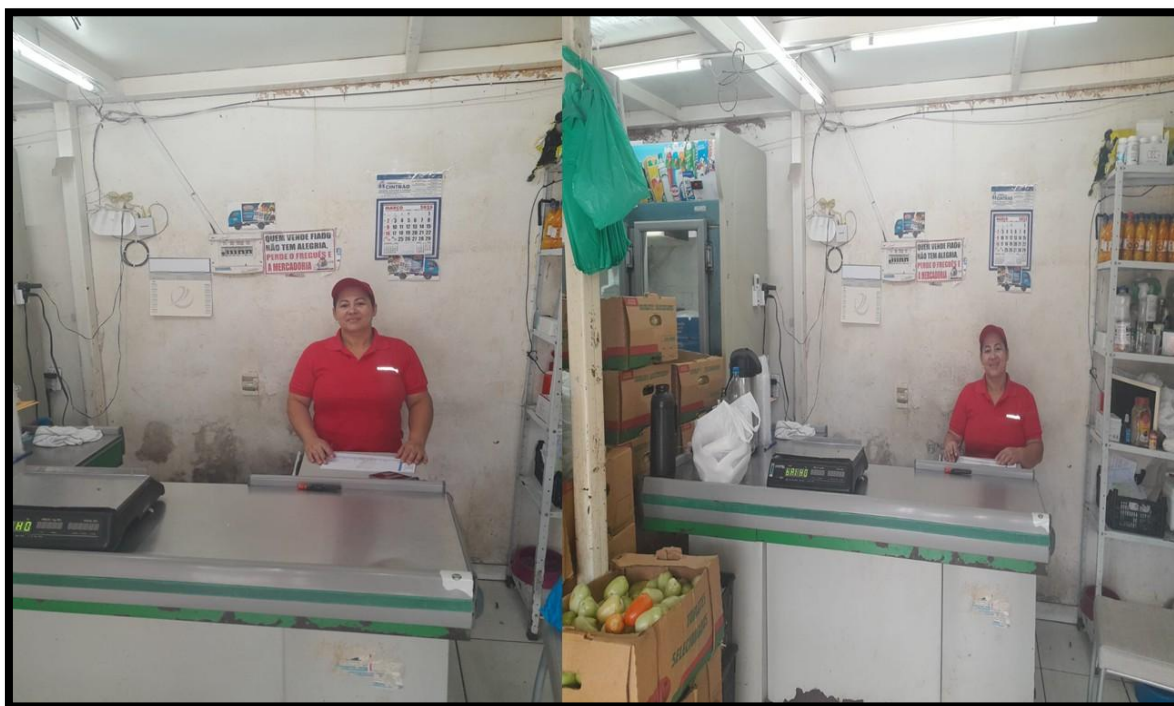
Trata-se de uma mulher que se afirma no mundo, ao perseguir seus objetivos e ideais de vida, revelando coragem diante das mudanças físicas e existenciais que marcam sua vivência migrante.

Nesse percurso tofófilo, de construção de sua geograficidade com Manaus, o trabalho sendo muitas vezes braçal, constitui-se como seu principal aliado, é por meio dele que consolida sua autonomia e reafirma sua condição de sujeito de sua própria trajetória.

Para ela, Manaus simboliza sua liberdade e a autoafirmação de seu ser, na medida em que é nesse lugar que constrói sua independência, mas ao mesmo tempo ela mantém vínculo com a família, inclusive enviando ajuda financeira discreta a família, a fim de evitar conflitos com as figuras masculinas que ainda exercem controle sobre elas.

Nos registros fotográficos abaixo mostramos a Macabéa Insubmissa (Figuras 29 e 30) em seu ambiente de trabalho:

FIGURA 29 – MACABÉA INSUBMISSA



Fonte: Acervo da Autora (2025).

FIGURA 30 – MACABÉA INSUBMISSA E SEUS FUNCIONÁRIOS



Fonte: Acervo da Autora (2025).

Dessa forma, ao experienciar dores silenciadas e conquistar seu espaço e sua liberdade existencial, a Macabéa Insubmissa segue em sua trajetória de luta, fortalecida na esperança por dias melhores.

3.3.3. Trajetória de Vida da Macabéa das Amarrações Amorosas

Quem anda pelas ruas e pela vida é que conhece a verdade (Macabéa das Amarrações Amorosas)

A colaboradora que conheceremos agora é natural do município de Faro, no Estado do Pará, localidade que no imaginário popular, é reconhecido como um lugar de pessoas com dons espirituais e mediúnicos. Essa dimensão simbólica permeia sua trajetória, pois ela realiza trabalhos ritualísticos voltados, especialmente para a obtenção de conquistas amorosas. Em razão dessa característica, optamos por chamá-la de Macabéa das Amarrações Amorosas.

Além dessas práticas, ela comercializa uma diversidade de produtos naturais, como folhas para chás, garrafadas, e outros remédios fitoterápicos. Em virtude da natureza de suas atividades, ela nos solicitou que não fossem realizadas fotografias de seu rosto, mas autorizou fazermos registros de sua banca (Figura 31):

FIGURA 31–BANCA DA MACABÉA DAS AMARRAÇÕES AMOROSAS



Fonte: Acervo da Autora (2025).

No que se refere à sua trajetória migrante, a Macabéa das Amarrações Amorosas, deslocou-se na idade adulta, do município de Faro para Humaitá, no Sul do Amazonas, onde passou a trabalhar em um garimpo ilegal localizado as margens do Rio Madeira, acompanhada de uma amiga.

Todavia, sua permanência nessa realidade foi por pouco tempo, a migrante nos relata que viver no ambiente do garimpo a afetou profundamente, sendo um ambiente marcado pela degradação ambiental, por experiências de violência direta e indireta constantes, sendo um local intensamente hostil, produzindo marcas traumáticas nela até os dias de hoje. Essas vivências constituem suas experiências tofóbicas, na medida em que ela associa o garimpo a sentimentos de medo, dor e rejeição (Tuan, 2012).

Diante dessa realidade, ela reuniu os recursos financeiros que tinha e no ano de 1999, migrou definitivamente para Manaus, onde começou a reconstruir sua vida. Durante os trabalhos de campo, essa colaboradora conversou diversas vezes conosco, demonstrando ser bastante comunicativa, embora em nosso primeiro contato, tenha duvidado que tivesse algo de relevante para nos falar que fosse auxiliar nossa pesquisa no entanto na última vez que estivemos com ela, sua mudança de perspectiva nos surpreendeu, especialmente quando nos falou: *“É vocês da Universidade estão certos, quem anda pelas ruas e pelo o mundo é que sabe a verdade”* (Macabéa das Amarrações Amorosas, 20 de março de 2025).

Sua reflexão evidencia a potência epistemológica das experiências vividas, e nos conduz a reconhecer a relevância da aproximação entre pesquisador e sujeito na construção do conhecimento. A partir dessa relação, torna-se possível não apenas ampliar a compreensão sobre a realidade experienciada, mas também diminuir as fronteiras entre a Universidade e a sociedade, reafirmando o sentido público e coletivo da produção científica.

Desse modo, é no encontro direto com o vivido, expresso nas práticas socioespaciais, nos gestos, nos comportamentos e nas narrativas, que se abrem possibilidade para a construção de reflexões de natureza epistemológica, intersubjetiva e ontológica.

No que se refere às entrevistas, a Macabéa das Amarrações Amorosas demonstrou-se receptiva à temática proposta, compartilhando aspectos significativos de sua trajetória migrante. Diferentemente, de outras colaboradoras, que migraram ainda na infância ou na adolescência, ela integra o grupo das que realizaram o deslocamento na fase adulta, assim como a Macabéa Insubmissa e a Macabéa das Letras. As narrativas das demais Macabéas de Manaus, nos revelam percursos marcados pela migração em contexto familiar, seja acompanhando pais e irmãos, como no caso da Macabéa do Cuidado Paterno, ou para residir na casa de familiares

que moravam na cidade de Manaus, como aconteceu com a Macabéa do Alvorecer, a Macabéa Infância Subtraída e a Macabéa do Fardo.

A respeito de seu mundo vivido e as experiências que a conduziu à migração para Manaus, a Macabéa das Amarrações Amorosas declara:

Saí de Faro porque eu queria viver outros ares, na verdade eu não me sentia pronta pra assumir meu dom, minha mediunidade, é algo muito sério e não é porque eu nasci lá na terra da macumba como os preconceituosos chama minha cidade, que significa que eu tenho poderes sobrenaturais, então, uma amiga minha que tem mais ou menos a mesma idade que a minha e eu, fomos rasgar o trecho como se diz, fomos procurar aventuras em outras cidade e noutros lugares.

A gente ouvimos falar que tinha muito ouro no Amazonas, em Rondônia e no Pará, então a gente resolveu ir tentar a vida em Humaitá no Amazonas, a gente ia trabalhar de cozinheira, mas chegando lá, tudo o que vimo e vivemo foi horrível, é muita miséria, quem lucra mesmo com esse negócio de ouro de garimpo, é só quem tem dinheiro, os empresário dono dos garimpo, porque o trabalhador que vai pra lá sonhando em conseguir riqueza só consegue dívidas, malária, e ainda corre o risco de ser morto, então lá eu vi coisas muito triste, principalmente em relação a natureza, isso me tocou muito, porque eu sou umbandista e católica, então, a gente se relaciona muito com a natureza, cada elemento da natureza significa um orixá, um guia, por exemplo tem a água doce que simboliza a orixá Oxum, tem a água salgada, a água do mar, simboliza a Iemanjá e por aí vai...

Na verdade, a nossa religião pelo menos pra gente os mais antigos não podemos ficar divulgando muito não, é algo muito pessoal, essa é a nossa diferença com os evangélicos, a gente não afirma que a nossa religião é melhor que a deles ou que todas as pessoas tem que aderir ela pra viver num paraíso, não, a gente aceita as pessoas como são. Então, até por isso eu te falei que não queria foto do meu rosto, porque esse negócio de ficar tirando foto e colocando na internet, fazendo propaganda do meu trabalho eu não gosto, é algo meu, sabe, por exemplo eu acho muito errado essas pessoa que se diz mãe e pai de santo que fica na internet se expondo, falando dos segredos da magia, esse nosso mundo espiritual, esse nosso mundo é um mundo à parte, eu não confio nesse pessoal não.

Então assim, nossa vida tem a ver com a natureza, tem um sentimento entre nós e a mata, os rios, os bichos, eles tão aqui não é à toa não, tem uma razão, quando eu vi o que os garimpeiro fazia lá no garimpo, poluindo o rio, matando os peixes com mercúrio, eu me senti tão mal, isso feriu meu sentimento, pois a mata, a natureza guia meus serviços, minha fé, mas naquele tempo eu ainda não tinha aceitado meu dom, foi então que eu resolvi seguir o que meus guias me falaram e saí de lá, eu devo respeitar a natureza e quando eu me vi ali, no meio daqueles garimpeiro tudo, assim que deu, vim me embora pra cá. A gente sempre deve se lembrar que a natureza é nossa casa, independente da religião que a gente acredita o homem tem que respeitar a natureza, isso é muito importante pra mim (Macabéa das Amarrações Amorosas, Jorge Teixeira. Manaus, 20 de março de 2025).

A vivência migrante da Macabéa das Amarrações Amorosas, nos descreve seu percurso existencial ligado a imagem espiritual que foi criada no imagético popular, a respeito do lugar onde nasceu e cresceu. Percebendo a relação contínua que as pessoas faziam devido ao seu lugar de nascimento, ela tenta se desvencilhar dessa relação, indo em busca de uma vida diferente da que se apresentava, viver sendo uma guia mediúnica para as pessoas. Essa nuance de sua vida nos faz recordar da personagem Madama Carlota, do livro *A hora da estrela*, a

vidente que tentou guiar a Macabéa Clariceana, dando-lhe conselhos e ensinamentos para que ela ressignificasse sua existência diante dos demais personagens da trama.

Tentando fugir do estigma criado para ela, a Macabéa das Amarrações Amorosas migra em busca de um destino diferente, mas acaba experienciando a desumanidade no espaço hostil do garimpo, segundo nos contou, as condições degradantes de trabalho e a intensa destruição ambiental provocaram em seu ser um profundo desconforto existencial. Sua experiência evidencia que sua existência é permeada por uma relação telúrica com a vida, sendo essa uma característica essencial em sua identidade.

As palavras da Macabéa das Amarrações Amorosas, evidenciam uma geograficidade intensamente entrelaçada à sua convicção religiosa, na qual os elementos da natureza são manifestações do sagrado. Na perspectiva dos ensinamentos umbandista, a Terra, a água, as matas e os demais elementos naturais constituem canais por meio dos quais os orixás se fazem presentes, orientando práticas, saberes e modos de existir.

Dessa forma, sua experiência com a Terra, se desenvolve através de uma vivência simbólica e espiritualizada, compreendida como território de forças, mediações e revelações. Essa compreensão, aproxima-se da perspectiva desenvolvida por Eric Dardel (2015), ao afirmar:

A geografia é mais do que uma base ou um elemento. Ela é um poder. Da Terra vêm as forças que atacam ou protegem o homem, que determinam sua existência social e seu próprio comportamento, que se misturam com sua vida orgânica e psíquica, a tal ponto que é impossível separar o mundo exterior dos fatos propriamente humanos.
a. A Terra, no universo mítico, é origem. Ela é a fonte da vida, é de onde os homens saem, assim como todos os seres e os contrários que eles vigiam toda a sua vida, é fonte das relações e das obrigações filiais (Dardel, 2015, p. 48).

Essa concepção ecoa na narrativa de vida da Macabéa das Amarrações Amorosas, na medida em que sua relação com a Terra se desenvolve a partir do sentido existencial proposto por Eric Dardel (2015). Mesmo vivenciando um cotidiano marcado pela violência e pela insegurança, a colaboradora desenvolve uma percepção crítica acerca da exploração dos recursos naturais, compreendendo essa dinâmica exploratória como predatória e socialmente desigual; em sua leitura de mundo, o ciclo de exploração do garimpo só beneficia os empresários e os compradores de ouro, enquanto os garimpeiros, as cozinheiras e demais trabalhadores, imersos naquele ambiente insalubre, acumulam dívidas, adoecimentos e constantes riscos à vida.

Diante dessa realidade, que interfere no equilíbrio da Terra e na dignidade humana, a Macabéa das Amarrações Amorosas, decide realizar um novo deslocamento, dessa vez, migrando para Manaus em busca de novas possibilidades de existência:

Aquela situação que eu vivia ali, me deixava triste e sem esperança, eu queria seguir meu caminho, seguir em frente, não queria voltar pra Faro, porque de lá eu já tinha vindo, lá no garimpo eu me lembro que tinha gente de tudo que era lugar, tinha muito moradores de Apuí também, que mais parecia gaúcho que amazonense, então eu comecei a guardar minha pepitas de ouro, mas num lugar muito secreto, não falava nem pra minha amiga que eu tava guardando ouro pra ir embora daquele lugar, e quando aparecia algum corpo? Ah! Eu ficava abismada como pra aqueles homem era normal aquilo, gente morta o tempo todo, eles só abria um buraco no chão e enterrava, aí que me bateu um desespero mesmo, ainda tinha o risco de ser atacado por bicho da floresta, onça, cobra, jacaré, e os índios também, era outro risco, porque, querendo ou não a gente tava explorando a terra deles, aí pronto, eu não dormia, conversava muito com minha amiga sobre esses perigos, e falava que um dia “talvez” eu fosse embora dali.

Eu me benzia o tempo todo, rezava demais, acho que eu nunca rezei tanto na minha vida, então, quando consegui juntar umas pepita de ouro, vendi e vim me embora pra Manaus, eu cheguei aqui em 1999, a data ficou na minha mente porque todo mundo falava que em 2000, o mundo ia se acabar, a gente íamos morrer, tinha uma história assim, então na virada desse novo mundo eu consegui sair daquele lugar e recomeçar minha vida em Manaus, e isso foi a melhor coisa que eu fiz, sinceramente. Minha amiga ficou por lá e depois soube que ela voltou pra Faro, no Pará. Do tempo que eu moro aqui em Manaus, eu fui duas vez lá em Faro, mas não senti nada de especial, meus pais morreram, meus irmão, cada um foi pruma banda, eu vim pra cá, um outro foi pro Maranhão, outro pra Palmas, outro pra Marabá no Pará, então assim, raiz lá em Faro não tenho mais não, eu sinto que meu lugar é aqui mesmo, em Manaus, sabe, claro que quando a gente diz que é paraense o povo daqui bagunça muito, mas muito mesmo, mas eu já sou uma senhora de cabelo branco, quando comecei a trabalhar aqui na feira meu cabelo ainda era preto, mas o tempo passa e com ele o sentimento da gente muda também, eu acho que o tempo ajuda a gente a se tornar mais sábio, a ter mais fé, não só nas forças espirituais mas na nossa força de vontade mesmo, no nosso querer vencer, porque foi assim que eu fui me adaptando a Manaus, chegar aqui foi fácil, morar sozinha que é difícil, no começo, mais depois a gente acostuma, então eu fui me acostumando com a minha sina, com o meu destino, aqui em Manaus eu tenho muitas amigas, tem mulher que vem das outras banda da cidade, até do Iranduba pra comprar minhas garrafada, minhas ervas pro chá, ou encomendar alguma simpatia pros marido delas, eu atendo a todas com muita atenção, eu ensino como elas faz pra reconquistar o amor do homem dela, então, eu tenho minha clientela fiel, e eu tenho fé no que eu faço e o meu trabalho é muito importante porque com ele eu fui me acostumando a morar aqui, as amizade da Feira também é muito bacana, no começo me apelidavam de macumbeira, mas eu não me ofendia não, mas depois quando viram que meus preparado são bom de verdade, passaram a me respeitar, e eu sigo aqui, como meus guias manda, ajudando a todos que vem aqui, porque ajudar os outros, conversar olhando nos olho das pessoa é muito bom, assim que eu recebo as pessoas, sei que hoje é tudo esse negócio de facebook, mais pra mim isso não funciona não, eu gosto da presença de verdade das pessoa, que adianta você ter mil amigo no facebook e na hora da precisão ninguém te acode? Ninguém te ajuda? Eu já recusei ter página na internet porque meu trabalho é assim, próximo da pessoa necessitada, como eu já te falei, eu não gosto desse negócio de ficar divulgando as simpatias, como faz as amarrações na internet, eu acho que esses aparelhos de tecnologia tira a magia das coisa, tem gente que faz tudo no celular, até ler livro, veja, eu gosto muito de ler, mais livro de verdade, que eu possa tocar, pegar, sentir o cheiro do livro, escola frequentei pouco tempo, mas eu aprendi a ler e a escrever, e graças aos livro eu falo com todo tipo de gente, do mais humilde ao mais rico, os livros me ajuda muito nisso, então eu

sigio a vida assim, trabalhando, ajudando as pessoas, lembrando de tudo que já sofri pra estar aqui, então eu valorizo tudo o que a vida me dá (Macabéa das Amarrações Amorasas, Jorge Teixeira. Manaus, 20 de março de 2025).

Diante dessa realidade, que compromete simultaneamente o equilíbrio da Terra e a dignidade humana, a Macabéa das Amarrações Amorasas decide realizar um novo deslocamento, migrando para Manaus em busca de outras possibilidades de existência e de (re)construção de si.

A narrativa apresentada evidencia que sua decisão vai sendo organizada no interior de sua experiência marcada pelo medo, pela violência e pela instabilidade. O garimpo, enquanto espaço vivido, revela-se como um lugar de constantes ameaças, sejam por resultados da própria dinâmica predatória da atividade, da banalização da morte ou dos riscos impostos pela floresta e pelos conflitos territoriais.

Nesse contexto, o acúmulo silencioso das pepitas de ouro simboliza sua estratégia de fuga, uma resposta existencial na esperança da partida que ela vai construindo em meio à adversidade. A chegada em Manaus em 1999, adquire uma dimensão simbólica singular, em um momento historicamente composto por narrativas apocalípticas acerca da virada do milênio, a Macabéa das Amarrações Amorasas não incorpora o temor coletivo, reinventando seu próprio mundo vivido, ressignificando o fim do mundo propagado como possibilidade de reinício.

A Macabéa das Amarrações Amorasas, decide mudar o seu mundo, seu lugar e acata a vontade que o destino lhe traçou, incorporando em seu cotidiano a mediunidade que o seu lugar de origem impregnou no seu ser, ao decidir abraçar essa concepção ela passa a incorporar os trabalhos espirituais e compartilhamento de experiências mediúnicas como missão de sua vida, assim, através de sua experiência novas possibilidades de mundo se mostram para ela, nessa relação do novo, de ir atrás dos perigos e riscos da existência, Yi-Fu Tuan (2013), nos diz:

Experienciar é vencer os perigos [...]. Para experienciar no sentido ativo, é necessário aventurar-se no desconhecido e experimentar o ilusório e o incerto. Para se tornar um experto, cumpre arriscar-se a enfrentar os perigosos do novo. Por que alguém se arrisca? O indivíduo é compelido a isso. Está apaixonado, e a paixão é símbolo de força mental (Tuan, 2013, p. 18-19).

Ao refletirmos sobre seu percurso migrante embasados no conceito de experiência desenvolvido por Yi-Fu Tuan (2013), compreendemos que o percurso da Macabéa das

Amarrações Amorasas se desenvolve, como um movimento ativo de enfrentamento do desconhecido.

Nesse sentido, sua migração pode simbolizar sua reinvenção existencial, na qual o risco, o medo e a incerteza constituem seu próprio mundo. A decisão de deixar o garimpo, ainda que permeada por inseguranças, revela sua força interior que a impulsiona a buscar outros horizontes, evidenciando aquilo que o autor denomina como uma espécie de “*paixão*” (Tuan, 2013, p. 19) pelo viver, uma energia que mobiliza o sujeito a romper com condições adversas.

Após essa experiência conflituosa, Manaus passa a se constituir como o lugar onde ela ancorou sua existência. Embora os primeiros momentos na cidade sejam marcados por dificuldades, como a solidão, a adaptação e episódios de preconceito por sua origem paraense, observamos ao longo do tempo, a construção do vínculo afetivo da Macabéa das Amarrações Amorasas com a cidade e com isso o surgimento do sentido de pertencimento em seu ser.

Esse sentimento ocorre gradualmente, à medida que a Macabéa das Amarrações Amorasas estabelece relações, consolida seu trabalho e afirma sua identidade no cotidiano de Manaus. Sua atuação na Feira, por meio das ervas, garrafadas e práticas espirituais revela sua estratégia de sobrevivência e materialização de sua geofricidade, na qual saberes, fé e experiência se entrelaçam.

Assim, Manaus se torna seu lugar topofílico, sendo nesse território que ela reconstrói sua trajetória, transforma o sofrimento em aprendizado e consolida sua missão de ajudar outras mulheres compartilhando conhecimentos e fortalecendo vínculos.

Ao afirmar que seu lugar está em Manaus, a colaboradora revela que seu pertencimento existencial está enraizado nas experiências que o tempo lhe proporcionou vivenciar nesta cidade, seu percurso evidencia por meio da experiência uma abertura para o novo, para novas possibilidades de mundo que se revelam, lhe permitindo viver e atribuir significado a sua existência.

E assim, a Macabéa das Amarrações Amorasas vai consolidando sua vida nessa cidade, e como ela nos diz: “*lhe deu a certeza de que ela tem o dom de perceber a verdade da vida*” (Macabéa das Amarrações Amorasas, 20 de março de 2025).

As narrativas de vida das Macabéas de Manaus demonstram significativa capacidade de resistência em meio à invisibilidade existencial, às discriminações territoriais e às experiências de topofobia. Por meio do trabalho cotidiano nas Feiras, e com suas estratégias de economia e negociação, essas mulheres constroem percursos de reinvenção, inclusive, muitas delas

tornaram-se proprietárias de seus estabelecimentos, consolidando sua presença e atuação no espaço da cidade de Manaus.

Dessa forma, além de protagonistas de suas próprias histórias, elas tornaram-se fundamentais na construção desta pesquisa, contribuindo de maneira significativa para a compreensão das relações entre lugar, experiência e existência.

Assim, nos encaminhamos para a última Travessia desta tese, na qual estabelecemos correlações entre Geografia Literária, realidade do mundo vivido e *A hora da estrela*.

QUARTA TRAVESSIA:
MACABÉA CLARICEANA ECOA NAS MACABÉAS DE MANAUS

Pelo menos o futuro tinha a vantagem de não ser o presente, sempre há um melhor para o ruim (Lispector 2017, p. 70).

4ª. TRAVESSIA: MACABÉA CLARICEANA ECOA NAS MACABÉAS DE MANAUS

Chegamos no momento final desta pesquisa, na quarta e última Travessia. Nesse momento de finalização, é também um momento de reflexão, de percebemos os objetivos que traçamos ao pensar nessa temática de reflexão, os objetivos que foram alcançados e também o que ficou para depois e não conseguimos desenvolver plenamente.

Como afirmamos na introdução da tese, o sujeito de nosso estudo são as mulheres, visto que dialogamos com o livro *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, por meio da narrativa de uma jovem migrante e relacionamos essa narrativa com o cotidiano da cidade de Manaus, identificando e dialogando com outras “Macabéas”, portanto, esta pesquisa esteve centralizada na experiência migrante das mulheres.

Nessa perspectiva, evidenciamos o deslocamento físico e existencial de meninas-mulheres que migraram em busca de um lugar para habitar e ressignificar como lar. Assim, a experiência migrante é a temática que nos fez perceber os dramas existenciais da Macabéa Clariceana que migra ainda na juventude para o Rio de Janeiro, e das Macabéas de Manaus, que em sua maioria realizaram o deslocamento para a capital amazonense ainda na adolescência.

Essa reflexão nos conduz à abordagem da Geografia Literária, nesse percurso epistemológico, Eduardo Marandola Jr. e Livia de Oliveira (2009), consideram:

Mas pensar a relação Geografia-Literatura não é apenas aproximar dois campos do conhecimento. Envolve aproximar duas visões de mundo que, enquanto tais possuem suas especificidades, virtudes e limitações. Uma aproximação simplista reduziria o potencial compreensivo de uma à outra. Quer dizer: ler literalmente a Geografia ou ler cientificamente a Literatura, numa transposição de discursos, produziria deformações e reduções, diminuindo assim a riqueza da interação e a sua permeabilidade (Marandola Jr.; Oliveira, 2009, p. 488).

Assim sendo, procuramos estabelecer um diálogo entre esses campos, nos voltando para as múltiplas formas pelas quais o ser se relaciona com o lugar, buscando identificar o sentido do ser-no-mundo. Nessa perspectiva, ao dialogarmos com a Macabéa Clariceana e as Macabéas de Manaus e suas reconstruções de mundo, evidenciamos que as experiências migrantes narradas na Literatura podem se reverberar nas trajetórias concretas da vida, demonstrando uma dimensão existencial na qual a Literatura encontra ressonâncias no vivido.

Diante disso, buscamos evidenciar como os conceitos fundamentais desta pesquisa como geograficidade, lugar, experiência e mundo vivido, se manifestam nas trajetórias dessas mulheres migrantes. Portanto, esta Travessia se constitui como um ponto de encontro entre a Geografia Literária e a realidade do mundo da vida, mediado pela relação do ser migrante com a cidade de destino.

Assim, nesse momento de finalização da pesquisa, buscamos refletir nas similaridades entre o mundo vivido da personagem de Clarice Lispector e as experiências de vida das Macabéas de Manaus, para isso também refletimos em alguns conceitos bachelardianos, como *ressonância* e *repercussão*. Todavia, é importante ressaltar que a reflexão nesses conceitos foi desenvolvida com um sentido de aproximação interpretativa, reconhecendo-os como formas de acesso a um encontro subjetivo das experiências de mundo do ser migrante.

Nesse contexto, evocamos a concepção filosófica de Gaston Bachelard (2008) que ao refletir sobre a imaginação poética destaca a noção de “consciência sonhadora”. Essa perspectiva nos permite compreender a capacidade criadora do devaneio como elemento constitutivo da experiência humana.

Ao direcionarmos essa concepção para o sujeito de nossa pesquisa, entendemos que o ser migrante é antes de tudo, um sonhador. Em seu ser habita essa “consciência sonhadora” (Bachelard, 2008, p. 4), que o impulsiona em direção a novos lugares e à construção de novos lares, permitindo a construção de laços existenciais em outras cidades, esse sentimento possibilita que o sujeito se reconheça como pertencente “daqui” e não de “lá”.

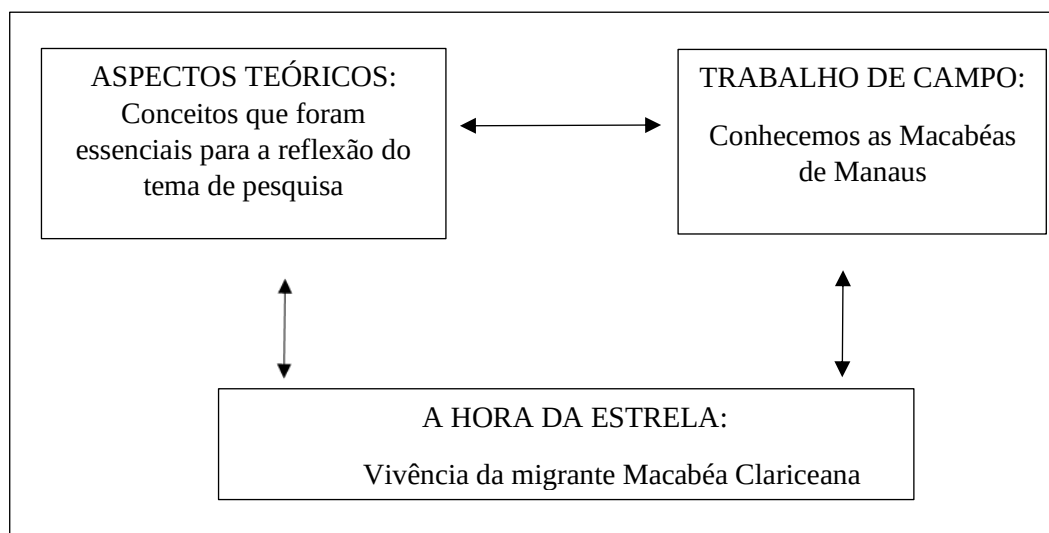
Nesse sentido, interpretamos o desenvolvimento do sentimento de pertencimento à cidade de destino como uma manifestação do plano subjetivo do ser migrante, transformando-se em uma reposta simbólica ao acolhimento recebido.

Ao inserir-se nesse novo espaço, trabalhar e conquistar aquilo que almejava desde sua chegada, o migrante constrói vínculos que enraízam sua existência no lugar, esse comportamento nos foi evidenciado como na fala da Macabéa da Infância Subtraída (2025): *“Gosto de Manaus porque aqui nasceram meus filhos; aqui foi onde consegui comprar minha casa própria, gosto daqui porque é aqui que eu ganho a vida, é aqui que eu vivo e me sinto bem; é aqui que é meu lugar”*.

Essas afirmações revelam a geograficidade do ser migrante em relação a Manaus, expressando um recomeço que embora tenha sido marcado por dificuldades, resultou na construção de uma forte ligação com a cidade que os acolheu.

As colaboradoras desta pesquisa evidenciam, processos de reinvenção de si, mediados pela experiência vivida no espaço urbano. Desse modo, conduzimo-nos a um momento essencial da pesquisa, no qual articulamos a Geografia Literária, o trabalho de campo, a obra *A hora da estrela*, as memórias e narrativas de vida das Macabéas de Manaus, como pode ser observado no quadro a seguir:

QUADRO II: PILARES DO DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA



Organização: Elaborado pela Autora (2026).

Como demonstramos, a pesquisa foi desenvolvida a partir de múltiplas metodologias e abordagens, ancoradas em uma base epistemológica sustentada por referenciais teóricos que nos possibilitaram refletir sobre conceitos geográficos, filosóficos fenomenológicos e existenciais, conforme destacamos na Primeira Travessia desta tese.

Imergindo na Literatura clariceana para estabelecermos uma relação entre o espaço geográfico da cidade do Rio de Janeiro e o espaço geográfico da cidade de Manaus, nos deslocamos ao Porto da Manaus Moderna na busca e no reconhecimento das Macabéas de Manaus.

Diante disso, essencialmente guiadas pelos conceitos de *geograficidade*, *topofilia*, *topofobia* e *lugar* percebemos no cotidiano da vida, que esses são mais que conceitos, são vivências e realidades que se concretizam na vida dessas Macabéas.

4.1. GEOGRAFIA LITERÁRIA E A VIVÊNCIA MIGRANTE

Ao adotarmos uma perspectiva de análise que articula dois campos do conhecimento e do pensamento humano: a Geografia e a Literatura, elegemos uma obra que tem uma narrativa, que se aproxima de uma experiência de mundo que nos é familiar, a vivência de uma jovem migrante na cidade grande.

A reconstrução do lugar na vivência migrante orientou diversas reflexões no decorrer da pesquisa, conduzindo-nos a perceber a vivência migrante em seus aspectos subjetivos e nas experiências que constituem sua existência. Essa abordagem constitui uma Geografia voltada ao humano, como nos lembra, Yi-Fu Tuan (1985):

A Geografia Humanística procura um entendimento do mundo humano através dos estudos das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar (Tuan, 1985, p. 143).

Nesse sentido, a Geografia Humanística evidencia as vivências e as relações humanas, bem como as expressões e manifestações da cultura, evidenciando conceitos fundamentais como *lugar* e *paisagem*. Em nossa pesquisa, as categorias *espaço* e *lugar* nos conduziram em nosso percurso interpretativo da vivência migrante.

Assim, inicialmente ao considerarmos a experiência migrante, compreendemos que ao chegar a uma nova cidade de moradia, o sujeito logo se depara com um *espaço*, estranho e desconhecido. Com o tempo, esse espaço pode ser ressignificado e transformado em lugar, mas à medida que a pesquisa foi sendo desenvolvida, percebemos que essa transformação não ocorre de forma linear ou necessariamente positiva, o migrante pode experienciar o lugar como ignorado ou rejeitado, atribuindo-lhe a dimensão de “*não-lugar*”, conforme discutido por Edward Relph (1978), ou como um lugar topofóbico conforme as reflexões de Yi-Fu Tuan (2012).

Assim, o lugar não se restringe a experiências agradáveis, podendo também ser marcado por vivências de rejeição e sofrimento. Essa condição manifesta-se, por exemplo, na experiência relatada pela Macabéa das Ervas da AM, que enfrentava situações vexatórias de cunho xenofóbico, por sua condição de migrante em Manaus.

Diante disso, essa migrante resiste às discriminações incorporando em si uma identidade territorial amazonense. Sua postura revela uma resposta singular à experiência de topofobia: um mecanismo de defesa que ao longo do tempo, contribui para a reconstrução de si mesma,

não por acaso somente após sucessivos encontros que ela foi nos confidenciar ter nascido em São Luís, no Maranhão, evidenciando a complexidade de sua relação identitária.

Nesse entrelaçamento entre o ser, o meio e os outros sujeitos, o próprio subconsciente parece oferecer estratégias de enfrentamento, possibilitando que o migrante se reconstrua diante das adversidades. De modo semelhante, a Macabéa Clariceana buscou inserir-se no Rio de Janeiro, reinventando formas de pertencimento em um lugar que lhe foi em muitos aspectos hostil, seus passeios dominicais ao cais do porto tornaram-se momentos de reconexão e ressignificação existencial, como expresso na narrativa literária: “O cais do porto chegava ao coração de sua vida” (Lispector, 2017, p. 107).

A partir da vivência da Macabéa Clariceana, percebemos o sentido de lugar como dimensão fundamental da existência, mesmo sendo experienciada por tensões e desencontros, a personagem queria pertencer aquela cidade e na hora de sua morte, lembrou-se do cais do Porto, do lugar em que era feliz. A cidade grande, embora sonhada e vivenciada, revela-se para a Macabéa Clariceana, uma cidade inconquistável (Lispector, 2017, p. 105).

A personagem Macabéa morava naquele lugar, mas não o habitava, não conseguindo fazer parte dele em sua plenitude, não se enraíza, por mais que tente se integrar ao cotidiano urbano, a cidade parece rejeitar Macabéa continuamente, sua existência no Rio de Janeiro é de *não-lugar*, parecia que a todo momento aquela cidade lhe demonstrava que ali não era seu lar.

Nesse contexto, a Literatura se configura como um campo de diálogo com a vida, permitindo refletir sobre experiências concretas de deslocamento, as palavras de Clarice Lispector/Rodrigo S.M., parece ressoar na realidade da vida, quantos migrantes partem em busca de um lugar idealizado e não conseguem se inserir no destino almejado? Quantos projetam seus sonhos em uma cidade e diante das adversidades se veem obrigados a retornar para sua cidade de origem?

Entretanto, é fundamental destacar que esta pesquisa se concentrou prioritariamente, na análise do sujeito migrante que escolheu migrar, não nos concentramos em migrantes que tenham sido obrigados a se deslocar. A maioria das Macabéas de Manaus entrevistadas no decorrer do trabalho de campo, realizaram a migração de forma intencional, movidas por sonhos, desejos e expectativas de transformação de vida.

Mas dentre as colaboradoras destacamos as exceções: a Macabéa do Cuidado Paterno e a Macabéa das Ervas da AM, que migraram ainda na infância, portanto, não tinham autonomia para decidir sobre seu deslocamento. Ainda assim, as demais colaboradoras, mesmo em idades jovens, especialmente na adolescência expressaram vontade própria de migrar, evidenciando

que seus deslocamentos foram impulsionados por aspirações pessoais, como a continuidade dos estudos e a busca por inserção no mundo do trabalho.

Nesse sentido, a Macabéa do Fardo emerge como uma expressão significativa dessa migração desejada e projetada, ao deslocar-se para Manaus, seu objetivo era cursar Enfermagem e trabalhar na área da saúde.

Embora sua trajetória tenha seguido outros caminhos, seu modo de existir e trabalhar revela a permanência simbólica dessa vocação. Ao comercializar tubérculos, frutas e legumes cuidadosamente lavados e higienizados, ela não apenas organiza suas mercadorias, mas materializa em sua prática cotidiana, um cuidado com o outro.

A atenção dedicada à limpeza e à apresentação dos produtos ultrapassa uma exigência simplesmente estética ou comercial: trata-se de uma ética do cuidado que ressignifica sua atenção. Ao zelar pela qualidade dos alimentos que comercializa, a Macabéa do Fardo reafirma, mesmo que fora dos moldes institucionais da área da saúde, seu compromisso com o bem-estar dos sujeitos que consomem seus produtos.

Assim, sua prática pode ser compreendida como a expressão de uma vocação que persiste e se reinventa, revelando que o cuidado com a saúde pode manifestar-se em múltiplas formas no mundo da vida.

Dessa maneira, ao relacionarmos a experiência da Macabéa Clariceana com as vivências das Macabéas de Manaus, evidenciamos que os projetos pré-migratórios, mesmo que alterados e reconfigurados ao longo da trajetória, não se anulam. Parecem permanecer como forças latentes que se transformam e se atualizam, encontrando novas formas de manifestação no cotidiano desses sujeitos, portanto, trata-se, de compreender a migração como um processo dinâmico de ressignificação do existir.

Através de nossa perspectiva interpretativa e epistemológica percebemos essas singularidades comportamentais e sociais, valorizando o sujeito em sua experiência vivida e em sua relação subjetiva com o mundo.

Para isso, nos aproximamos de múltiplas linguagens produzidas pelo próprio sujeito, reconhecendo que as formas de compreensão do mundo não estão relacionadas apenas as metodologias clássicas da ciência. Entre essas linguagens, destacamos a arte, entendida como expressão da subjetividade humana, materializada pela imaginação criadora de seu autor, ao construir tramas, narrativas e enredos, o fazer artístico traduz uma visão de mundo singular, revelando dimensões universais da existência.

É nesse sentido que a Literatura se apresenta como uma perspectiva privilegiada de compreensão da experiência humana. Como afirmam Marandola Jr. e Gratão (2010):

Uma das grandes virtudes da literatura é a sua capacidade de ir do particular em direção ao universal. O drama humano, a história de uma cidade, os detalhes de um conflito não se limitam à trama de significado e sentidos que estão encetados em si próprios. Sua força reside no que aquelas narrativas específicas carregam do sentido universal de seus temas, conflitos e entendimento (Marandola Jr.; Gratão, 2010, p.7).

A Literatura pode revelar temas, conflitos e sentidos compartilhados pela humanidade, como a experiência da migração fenômeno social que é realizado em diferentes tempos, por povos, civilizações, comunidades, sociedades e pelo indivíduo, mantendo-se atual e recorrente até os dias de hoje.

Analizando a narrativa literária de reflexão desse trabalho nos rememoramos a singularidade de seu título: *A hora da estrela*, como discutimos na segunda Travessia desta tese, não remete a um momento de brilho, triunfo ou esplendor, pelo contrário, a estrela simboliza a inevitabilidade da condição humana: todos, em algum momento terão a sua “*hora da estrela*”, interpretada como o momento da morte (Lispector, 2017, p. 62).

Contudo, para determinados sujeitos, essa hora se antecipa de maneira cruel, especialmente para aqueles marcados pela invisibilidade social, pela ausência de vínculos afetivos e pela inexistência de redes de apoio, são sujeitos que vivem à margem, desprovidos de amparo familiar, de reconhecimento social e de oportunidades concretas de transformação de suas vidas.

Nesses casos, a existência parece ser conduzida por sucessivas experiências de precariedade e consequente abreviação, na qual a vida se anuncia breve e permeada por privações, dificultando a realização de expectativas de felicidade. Isso não é vitimização como aponta alguns, mas é a realidade da vida de muitos, uma realidade marcada pelas desigualdades.

Em meio a devaneios, sonhos, e imaginação, a poética do existir se impõem com sua aspereza e dureza de um mundo indiferente que se revela desprovido de compaixão para muitos sujeitos migrantes empobrecidos, como aconteceu com a Macabéia Clariceana.

Assim, ao relacionar Literatura e experiência vivida, compreendemos que a narrativa de Macabéia ecoa nas múltiplas Macabéas que habitam o mundo real, com suas trajetórias

singulares que compartilham marcas de invisibilidade, resiliência e (re)existência na cidade de destino.

Nessa concepção relacional entre Literatura e a vida, ao pesquisarmos a interface da Geografia com a Literatura, mais especificamente a Geografia Literária, constituímos um campo que busca resgatar a centralidade do humano na produção do conhecimento geográfico. Como afirmam Eduardo Marandola Jr. e Lúcia Helena Gratão (2010 p. 9): “Os estudiosos desta abordagem vêm resgatando o valor humano da ciência geográfica, reformulando princípios do humanismo [...] buscando reaproximar a Geografia das Humanidades”.

Foi nesse contexto que essa pesquisa se desenvolveu, buscando compreender as experiências de mundo do ser, suas experiências de reconstrução do lugar, especialmente na dimensão tofófica e sua geograficidade com a cidade de destino. Essas experiências emergem tanto do trabalho de campo quanto através da narrativa de *A hora da estrela*, simbolizando uma (inter)relação entre o mundo vivido e a narrativa literária.

Portanto, o diálogo entre Geografia Humanista Cultural e a Literatura, nos conduz a uma interpretação mais intensa da subjetividade das experiências de mundo. Refletindo nas experiências de mundo ouvidas durante o encontro com as Macabéas de Manaus, percebemos que suas experiências são permeadas por devaneios, sonhos, encontros e desencontros que constituem a tessitura do seu existir.

Nesse sentido, reafirmamos novamente que os sujeitos migrantes não podem ser reduzidos a números ou a dados demográficos estatísticos; eles são portadores de histórias, afetos, memórias e diversas visões de mundo. Reconhecê-los nessa complexidade é também um gesto que reafirma a necessidade de desenvolvermos uma ciência geográfica sensível às narrativas e às múltiplas formas de habitar e significar o mundo.

4.2. SER MIGRANTE E A CIDADE: ESPAÇO DE EXCLUSÃO

Compreendemos a cidade como uma construção socioespacial marcada por relações de poder, desigualdades e disputas simbólicas, sendo um espaço onde se entrecruzam práticas cotidianas, experiências vividas e processos de inclusão e exclusão que definem quem pode pertencer a esse lugar.

Nesse sentido, no mundo vivido do ser migrante a cidade frequentemente emerge como um campo de possibilidades, sendo imaginada como o lugar ideal para se viver. Podendo ser percebida como um espaço de oportunidades, no qual o esforço individual, o trabalho e a

determinação conduziriam à conquista de melhores condições de vida e à reafirmação da existência.

Essa imagem, construída no imaginário do ser migrante, sustenta a ideia de que haveria lugar para todos na cidade, mas quando o migrante passa a viver na cidade essa imagem se desfaz, especialmente quando se trata da trajetória de vida do migrante empobrecido na cidade grande, cuja vivência lhe revela a face excludente desse espaço.

Ao tentar se fazer “gente do lugar” (Dardel, 2011, p. 50) o sujeito migrante passa a compreender que a cidade está longe de ser um espaço solidário ou empático, a cidade se apresenta como uma porção do espaço geográfico que exige processos de constante reinvenções de si.

Dessa forma, para pertencer a cidade de destino, o migrante muitas vezes precisa reconstruir seu próprio mundo, ressignificar sua existência e adaptar-se às dinâmicas impostas por uma lógica urbana que muitas vezes, o invisibiliza. Assim, o pertencimento deixa de ser uma condição dada e passa a ser uma conquista incerta marcada por tensões e precariedades.

A Literatura por sua vez, ao representar a cidade como cenário de múltiplas narrativas clássicas e contemporâneas, reforça e problematiza esse imaginário, em alguns momentos, a narrativa literária constrói a imagem da cidade como um espaço idealizado e em outros evidencia sua condição de campo de relações desiguais, onde o individualismo se intensifica.

Nesse contexto, é necessário retomarmos a reflexão de Júlio César Suzuki (2010) ao analisar a obra *A rosa do povo*, de Carlos Drummond de Andrade, que considera:

É exatamente na cidade moderna que este indivíduo é mais marcado pelo esfacelamento. É onde o poder de transmissão de uma mensagem que seja útil aos outros se torna cada vez menos comum (Suzuki, 2010, p.246).

A reflexão de Júlio César Suzuki (2010) nos aponta, que na cidade moderna o indivíduo se encontra mais fragmentado, e a troca de experiências torna-se cada vez mais rara, revelando as dificuldades das relações sociais no espaço urbano.

Essa dinâmica se manifesta comumente no cotidiano da cidade contemporânea, onde os sujeitos transitam apressados, imersos em suas próprias rotinas, raramente se reconhecendo mutuamente.

Parecendo prever esse cenário de indiferença e anonimato no espaço urbano, Clarice Lispector evidencia a exclusão existencial na figura da personagem Macabéa. Na narrativa literária, o narrador-personagem, Rodrigo S. M. capta em um instante fugaz o sentimento de

perdição perceptível no semblante da nordestina, revelando, sem que ela precise dizer uma só palavra a sua vivência sofrida. Quando Rodrigo S. M. reconhece Macabéa como uma conterrânea, o narrador revela que há saberes que emergem da experiência de vida, como ele mesmo expressa em sua afirmação “quem vive sabe, mesmo sem saber que sabe” (Lispector, 2017, p. 48).

Essa afirmação encontra eco nas narrativas ouvidas em campo. Desse modo, ao relacionarmos Literatura e experiência empírica percebemos que a cidade, enquanto espaço geográfico vivido, é agente ativo na produção de subjetividades, podendo tanto acolher quanto excluir, integrar ou fragmentar os sujeitos migrantes.

Assim, em meio a intensos sentidos de exclusão que são experienciados pelo ser migrante, o sujeito deslocado busca na cidade de destino, elementos capazes de religá-lo simbolicamente ao seu lugar de origem. Esses elementos operam como manifestações intermediárias da memória e do afeto, permitindo ao migrante habitar, ainda que de forma subdividida, um espaço de pertencimento que já não é plenamente acessível.

Nesse processo, emergem nuances de devaneio e realização que se entrelaçam na constituição de sua experiência existencial. Essa dinâmica relacional pode ser compreendida a partir da reflexão de Gaston Bachelard (2008).

Para filósofo, o devaneio é: “uma instância psíquica que muitas vezes se confunde com o sonho” (Bachelard, 2008, p.6) na vivência migrante, o devaneio e a vontade de reconstrução do lugar podem revelar a criação de vários elementos simbólicos, no qual o sujeito reconstitui esses símbolos em seu cotidiano na cidade de destino, criando vínculos afetivos e com significado.

Nessa perspectiva, a narrativa da Macabéa do Fardo evidencia de maneira subjetiva esse movimento de reconexão com o lugar vivido. Ao mencionar um elemento físico primordial para o ser amazônico, ela revela sua geograficidade com o Rio: “*o Rio Negro me lembra de minha terra natal, a casa dos meus pais era bem próxima ao Rio*” (Macabéa do Fardo, 2025).

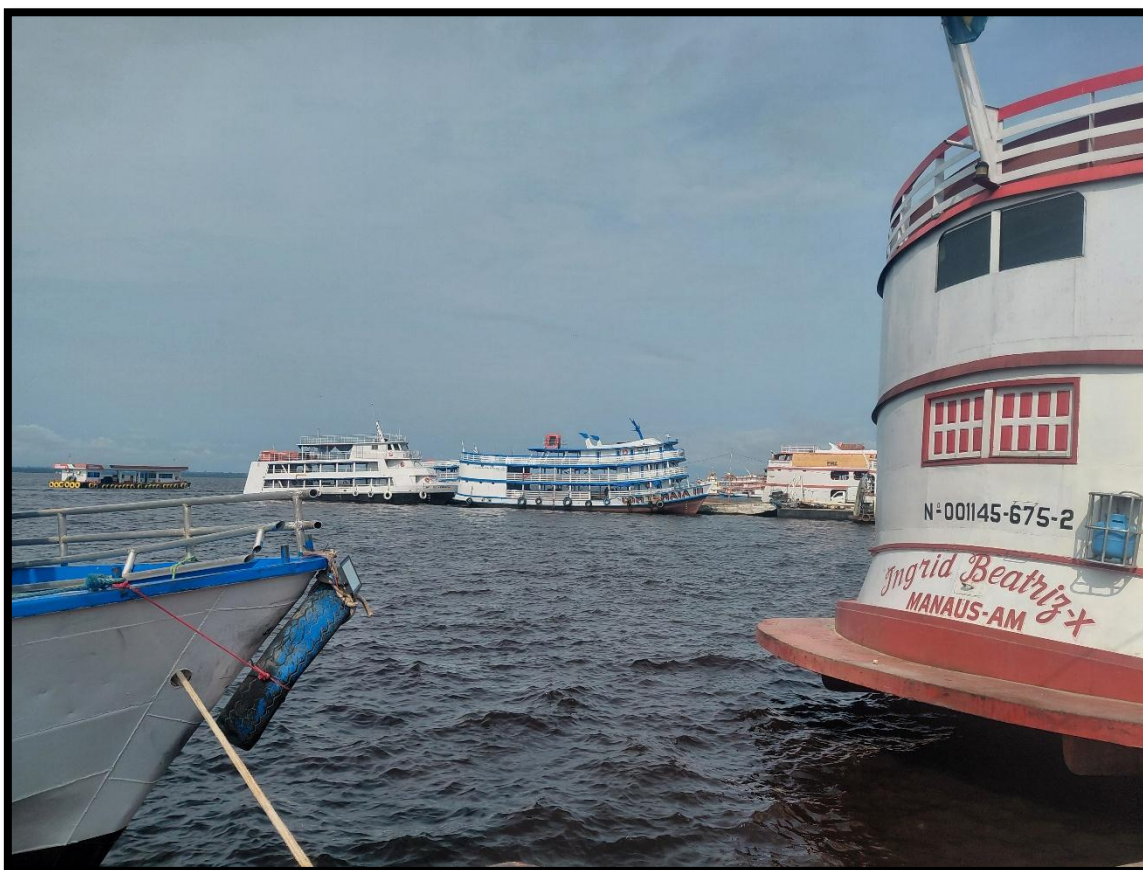
As palavras da Macabéa do Fardo revelam, de modo subjetivo, sua profunda relação telúrica com as águas doces dos Rios do Estado do Amazonas. Sua experiência evidencia uma geograficidade marcada por vínculos simbólicos e afetivos, materializados na paisagem do Rio Negro, nas imediações do Porto da Manaus Moderna.

Em sua narrativa de vida, ao conquistar a casa própria, a colaboradora orientou sua escolha pela possibilidade de contemplar ainda que à distância, o curso das águas do Rio Negro. Essa decisão revela que a proximidade visual com elemento da paisagem da cidade de Manaus,

lhe permite no cotidiano urbano, reviver memórias de sua infância, dos banhos nos igarapés durante os passeios dominicais realizados na companhia dos pais, dos irmãos e dos primos.

A contemplação do Rio Negro, do porto da cidade e do fluxo constante de embarcações inter-regionais (Figura 32) que se deslocam a montante e a jusante, constitui uma imagem vivida, carregada de significados que a faz lembrar de sua terra natal sendo para ela uma paisagem vivida.

FIGURA 32 – BARCOS NO PORTO DE MANAUS/AM



Fonte: Acervo da Autora (2024).

Através da paisagem, a Macabéa do Fardo projeta suas lembranças, afetos e experiências, transformando sua vivência urbana em um lugar de memória e imaginação. Assim, sua experiência migrante evidencia que mesmo diante das adversidades e trajetórias de exclusão que podem marcar a vivência migrante, o sujeito é capaz de produzir formas singulares de pertencimento, nas quais o devaneio, a memória e a geograficidade se integram na construção de sentidos para a existência.

Nesse contexto, compreendemos que a criação simbólica dos lugares também constitui uma dimensão fundamental da narrativa literária, visto que às vezes os escritores descrevem suas próprias vivências nas páginas de suas tramas, apresentando espaços e lugares que constituíram seu próprio mundo vivido.

Conforme destaca Lúcia Helena Gratão (2010, p. 310):

A inspiração da arte é – pulso, impulso – um pressentir de linguagens. A criação artística espelha a visão pessoal do artista, da mesma forma que a criação científica reflete a visão pessoal do cientista. O cientista necessita tanto da criatividade quanto o artista (Gratão, 2010, p. 310).

Essa compreensão permite afirmar que tanto a arte quanto a ciência são permeadas por processos criativos, nos quais a experiência individual se converte em linguagem e interpretação de mundo.

Ao direcionarmos o olhar para o mundo vivido de Clarice Lispector, percebemos que determinados espaços e experiências que fazem parte da obra *A hora da estrela*, também constituíram o mundo vivido da escritora, assim, alguns elementos espaciais parecem dialogar diretamente com suas vivências, evidenciando como a escrita literária pode operar como um espelho sensível de sua trajetória.

Nesse cenário, Teresa Montero (2019), nos aponta para a relevância da Praça Mauá na experiência de mundo de Clarice Lispector, destacando que esse espaço urbano do Rio de Janeiro, possivelmente adquiriu centralidade simbólica por ter sido uma das primeiras paisagens contempladas pela escritora ao chegar à cidade:

Quando Clarice Lispector desembarcou no porto do Rio, em 1935, é bem possível que tenha ficado fascinada ao ver a baía de Guanabara. Cercada de belos edifícios como o palacete de D. João VI, chamava a atenção na praça Mauá o recém-inaugurado Edifício A Noite (1929), um marco para a arquitetura brasileira, o primeiro arranha-céu da América Latina [...].
Em 1942, sete anos após sua chegada, Clarice retornou à praça Mauá para trabalhar como jornalista no terceiro andar deste imponente edifício (Montero, 2019, p. 33).

Dessa forma, a inserção da Praça Mauá na narrativa pode ser compreendida como uma ressonância do vivido pela autora, projetada na trajetória de Macabéa. Como observa Teresa Montero (2019) a referência ao cais e à região portuária indica o quanto esse lugar a marcou, tornando-se um ponto de ancoragem simbólica tanto para a escritora quanto para sua personagem.

Historicamente, as praças urbanas desempenharam papel central na dinâmica das cidades e nas relações sociais, especialmente ao longo do século XX, transformando-se em espaços de circulação, encontro e permanência, época na qual diferentes ritmos e experiências cotidianas se entrecruzavam.

Nesse sentido, seja como lugar de chegada, de passagem ou de permanência, a Praça Mauá adquire simbologia afetiva que ultrapassa sua materialidade, sendo revelada como um espaço significativo na experiência de Clarice Lispector e na construção do universo de Macabéa.

É nesse cenário marcado por fluxos, deslocamentos e presenças anônimas que emerge a figura da personagem Macabéa, uma jovem desprovida de reconhecimento existencial. Seu mundo vivido é imerso na indiferença da cidade grande, revelando a condição de inúmeros sujeitos anônimos que ocupam o espaço urbano, vidas que carregam consigo a dimensão de experiências silenciosas e que muitas vezes passam despercebidas.

4.3. Ressonância e repercussão na vivência migrante: Macabéa Clariceana ecoa nas Macabéas de Manaus

A vivência migrante se constitui como um fenômeno complexo, sendo possível ser descrito a partir de múltiplas perspectivas e linguagens. Como em minha pesquisa de mestrado, na qual refleti a migração na cidade de Manaus a partir das manifestações culturais, me concentrando nos gêneros musicais ouvidos na cidade que são característicos de outros Estados e cidades do Brasil, relacionando a popularidade dessas músicas com a presença migrante na capital do Amazonas.

Ao retomarmos o fenômeno da migração agora no doutorado, o interpretamos sob outra perspectiva, direcionando nosso olhar com ênfase na Literatura, percebendo-a como um campo de compreensão da experiência migrante. Elegendo a narrativa de *A hora da estrela*, como uma narrativa que nos conduz à reflexão ontológica sobre a vivência do ser migrante na cidade grande.

A narrativa literária, em nossa concepção é um meio de revelar experiências de mundo, muito embora sejam construídas no plano da imaginação de seus autores, que tornam visíveis trajetórias marcadas por perdas, deslocamentos e reinvenções, como na experiência de mundo do sujeito migrante.

Ao aproximarmos a experiência da Macabéa Clariceana das narrativas de vida de mulheres migrantes em Manaus, evidenciamos uma correspondência simbólica e existencial.

Essa aproximação nos permite identificar vivências semelhantes que revelam as desigualdades sociais no espaço urbano, reforçando a análise literária como chave interpretativa para a compreensão das múltiplas formas de habitar e sentir o mundo.

As Macabéas de Manaus, migraram em busca de melhores condições de vida, impulsionadas por sonhos de realização acadêmica, realização profissional e pessoal.

No entanto ao chegarem à cidade, muitas dessas meninas-mulheres se depararam com uma realidade adversa, sendo inseridas em exploração de trabalho doméstico em residências de terceiros.

Quando relataram essas condições para à família que permaneceu no interior do Amazonas, frequentemente não encontravam acolhimento, compreensão ou outra alternativa para sua permanência na capital Manaus, tendo que ouvir de seus pais a naturalização dessas explorações de suas mãos de obra, como sendo parte inevitável da vida.

Essa perspectiva nos foi revelada em campo por mais de uma Macabéa, quando elas escreviam para seus pais no interior relatando sua situação, eles apenas respondiam para se acostumarem, pois, a vida é assim mesmo... Esse discurso, evidencia a naturalização da exploração do trabalho feminino desde sua juventude, que direciona para as mulheres o trabalho doméstico.

As Macabéas de Manaus, assim como a Macabéa Clariceana tinham que permanecer dentro de casa, fazendo o trabalho doméstico, essas jovens e adolescentes tiveram que assumir responsabilidades laborais sem remuneração alguma, muitas vezes sem reconhecimento verbal de seu esforço.

O trabalho desempenhado era compreendido como obrigação, pelo fato de residirem na casa de parentes, como tias, madrinhas, tios ou conhecidos que lhes “*davam alimentação e um teto para dormir*”, em troca de seus serviços domésticos.

Essas relações revelam uma dinâmica de exploração e subalternização, nas quais o cuidado e o trabalho doméstico são desvalorizados e invisibilizados. Diante de vivências imersas na exploração, em violência simbólica e na subjugação, as meninas-mulheres ouvidas durante o trabalho de campo, foram obrigadas a fortalecer seu próprio ser, experienciando a solidão, a dor, o silenciamento e a tristeza da cidade grande.

Optando por não retornar às suas cidades de origem, permanecendo em Manaus; algumas Macabéas romperam seus vínculos afetivos com suas famílias que permaneceram no interior do Estado.

A vivência da Macabéia do Alvorecer ilustra essa trajetória, embora ela seja natural de Manacapuru, município geograficamente próximo a Manaus ela se recusa a ir visitar a mãe, que ainda mora na comunidade de origem.

Esse distanciamento existencial na relação social de mãe e filha revela que a proximidade territorial não aproxima a relação afetiva das duas, demonstrando que o laço afetivo foi desfeito e se encontra imerso em ressentimentos, silenciamentos e em experiências não-ditas. A Macabéia do Alvorecer continua morando em Manaus, pois é nesse lugar que construiu sua existência e redefiniu seu sentido de lugar e pertencimento.

Ao relacionarmos a narrativa literária de *A hora da estrela* com as experiências vividas pelas Macabéas de Manaus, percebemos um sentido ontológico em suas trajetórias. Suas vivências migrantes, imersas em dimensões subjetivas, afetivas e simbólicas nos revelam espaços de ressonância e repercussão, conforme proposto por Gaston Bachelard (2008, p. 7): “as ressonâncias dispersam-se nos diferentes planos da nossa vida no mundo; a repercussão convida-nos a um aprofundamento da nossa própria existência”.

Nesse contexto, a experiência da Macabéia Clariceana ecoa nas narrativas de vida das Macabéas de Manaus, criando identificações e reconhecimentos, repercutindo nas existências do ser-no-mundo.

Nesse sentido, a Literatura e o mundo da vida se entrelaçam, nos permitindo compreender o fenômeno da migração para além de um deslocamento espacial, nos revelando esse movimento como uma experiência existencial marcada pela dor, pelo ressentimento, pela reinvenção e também pela resistência.

Em nossa reflexão a narrativa literária ecoa na realidade da vida, como nos aponta Paul Ricoeur (2010, p. 172): “Os efeitos da ficção, efeitos de revelação e de transformação, são essencialmente efeitos da leitura. É através da leitura que a literatura retorna à vida, isto é, ao campo prático”. Assim, a Literatura permite ao leitor se deparar com a experiência do outro, reconhecendo as dimensões da própria existência. Portanto, a ficção não se opõe à realidade, mas nos oferece novas possibilidades de compreensão do mundo vivido.

Nesse movimento da ficção indo de encontro com a realidade da vida, a Literatura tem essa simbologia de nos trazer em suas páginas um mundo, embora as narrativas ali presentes

sejam ficcionais, pode ter feito parte da realidade de alguém. A Literatura demonstra ser uma ferramenta capaz de nos conduzir a novos mundos, a novas perspectivas e muitos desafios.

Assim como a Macabéa Clariceana essas mulheres frequentemente têm seus sonhos subtraídos, a escola que não se concretiza, a infância interrompida, o trabalho que se impõe precocemente.

No entanto mesmo diante dessas adversidades, persiste nelas uma força silenciosa, sustentada pela esperança, como uma possibilidade de resistência e continuidade do existir.

Dessa forma, a Literatura emerge do cotidiano, recriando e ressignificando acontecimentos por meio da *mimese*, entendida por Benedito Nunes (1992): “onde os artistas e criadores buscam retratar a realidade por meio de suas obras”. Quando lemos, além de termos contato com um enredo, temos contato também com um campo de significações, signos e símbolos que nos conecta ao outro e ao mundo.

Ao final desta Travessia, compreendemos que Macabéa é uma personagem que com sua presença ressoa para além da Literatura, ecoando nas múltiplas existências que habitam o mundo da vida. Em meio a dor e a esperança, a invisibilidade e o desejo do ser, sua história, assim como a das Macabéas de Manaus nos convoca para olharmos as formas frágeis da existência, percebendo que há um sopro de vida que resiste as agruras do viver.

ESTAÇÃO FINAL DAS MACABÉAS

A presente pesquisa teve o objetivo de compreender como se desenvolve a relação do ser migrante com a cidade e de que maneira esse sujeito transforma o novo lugar de moradia em um lugar topofílico. Para isso, concentrou-se nas narrativas de vida de mulheres migrantes, refletindo sobre suas experiências em diferentes contextos.

Inicialmente partiu-se da narrativa da literatura brasileira, por meio da personagem Macabéa, a quem nos referimos ao longo da tese como Macabéa Clariceana, tendo em vista tratar-se de uma personagem da escritora Clarice Lispector. Em seguida, relacionamos a vivência migrante dessa personagem com as experiências de outras mulheres migrantes na cidade de Manaus. Assim, este estudo correlacionou Literatura, Geografia e o mundo da vida.

Ressalta-se que ao desenvolvermos um diálogo correlacionando Geografia, Literatura e a realidade da vida, nos propomos encontrar as “Macabéas de Manaus” no cotidiano da cidade. Assim, durante o trabalho de campo identificamos as Macabéas de Manaus: mulheres migrantes do interior do Estado do Amazonas e de outros Estados e cidades do Brasil que se deslocaram para a capital amazonense.

Portanto, o desenvolvimento do trabalho de campo na pesquisa foi mais que um procedimento metodológico, esse momento constitui um gesto de afeto, de reconhecimento e valorização das trajetórias de mulheres migrantes, que assim como a personagem clariceana, vivenciaram deslocamentos marcados por perdas, desafios e reinvenções. Também foi uma demonstração de gratidão à cidade de Manaus, que me acolheu e possibilitou a construção de minha própria trajetória de vida.

Nesse percurso, romper com uma abordagem exclusivamente bibliográfica e documental significou reconectar-me com a cidade em sua materialidade e dimensão vivida, onde percorri espaços escutando narrativas, reconhecendo a presença dessas mulheres migrantes no cotidiano da cidade. Dessa forma, foi possível perceber que as Macabéas também estão presentes nas feiras, nas ruas e nos espaços de trabalho, reinventando-se continuamente.

No decorrer da pesquisa as categorias geográficas *espaço* e *lugar*, foram fundamentais para a reflexão, permitindo-nos compreender as múltiplas formas de relação do ser migrante com a cidade, em alguns momentos marcados pela topofobia e em outros, marcados pela topofilia.

Lançando o olhar para a obra *A hora da estrela*, percebemos que a Macabéa Clariceana também sonhava fazer da cidade do Rio de Janeiro seu lugar topofílico. Entretanto, a cidade

maravilhosa reservou para ela apenas a exclusão, a xenofobia, a invisibilidade social e existencial, imergindo sua vivência migrante na topofobia.

Qual o lugar do migrante empobrecido? Esse sujeito não pode sonhar? Por meio da literatura clariceana e da experiência de mundo de Macabéa, parece-nos que não. A narrativa da personagem nos apresenta uma existência imersa em privações, experienciando somente no final do romance uma efêmera possibilidade de pertencimento e realização, marcada pela expectativa de encontro com a topofilia e a construção de sua geograficidade, que é abruptamente interrompida com sua morte.

O desfecho de Macabéa Clariceana evidencia a dureza da vida, a dureza de uma realidade que muitas vezes nega aos sujeitos migrantes empobrecidos a possibilidade de concretização de seus sonhos.

Em nossas reflexões a alagoana tornou-se protagonista, sua vida, suas dores, sua invisibilidade, e sua tentativa de reação diante de sua vivência dramática silenciada na cidade dos sonhos.

Macabéa ao se colocar no mundo tenta ir atrás de respostas para sua vida, seguindo os conselhos da colega de trabalho, Glória, vai a uma consulta médica que lhe de concede uma triste constatação, estava com princípio de tuberculose. Com esse diagnóstico Macabéa tenta obter um bálsamo para sua alma, embora tivesse apenas dezenove anos e devesse dispor de todo o vigor, saúde e alegria, sentia-se triste, desolada e cansada.

Assim, sem esperança para seu corpo físico ela se desloca até o bairro de Olaria, na Zona Norte do Rio de Janeiro, em busca de melhores previsões, indo a uma consulta mística com Madama Carlota.

Ao adentrar aquele espaço se percebe em um ambiente diferente, com decoração exótica e com diversos quadros de Jesus pendurados nas paredes. A cartomante mostra-se uma pessoa gentil, amigável e extremamente carinhosa, aquela forma de tratamento era algo nunca experienciado pela Macabéa Clariceana, que ouve da boca vermelha carmim da Madama Carlota que o futuro enfim lhe sorria. Sua vida seria perfeita, concretizaria todos os seus sonhos, se casaria com um gringo abastado que lhe cobriria de joias, luxo e viagens pela Europa, seu destino estava traçado, os astros o havia mostrado.

Macabéa teria uma vida plena, repleta de alegrias e boas experiências no entanto ao sair da consulta, ao atravessar a rua, a nordestina foi coberta pela morte, sendo atropelada por um carro importado, falecendo ali no meio da rua, atrapalhando o trânsito.

Clarice Lispector/Rodrigo S.M., concede ao seu leitor um pouco de esperança para Macabéa, quando parece que a migrante enfim vai encontrar seu lugar topofílico na cidade do Rio de Janeiro, a realidade lhe toma seu único bem e o mais precioso: a vida.

Foi no encontro da Geografia com a Literatura que identificamos uma possibilidade de compreender o mundo vivido do ser migrante. A obra *A hora da estrela*, nos revelou ser uma narrativa sensível capaz de nos aproximar da dimensão subjetiva do existir.

A trajetória da personagem Macabéa marcada por invisibilidades, silenciamentos e precariedades, nos provocou uma profunda inquietação, tornando-se ponto inicial de nossa reflexão acerca da vivência migrante no espaço urbano.

As trajetórias de vida das Macabéas de Manaus nos revelam que elas chegaram na capital com sonhos e esperanças: estudar, trabalhar, prosperar, obter uma formação técnica, exercer uma profissão e, posteriormente, retornar às suas comunidades interioranas no Amazonas. Entretanto, ao serem recebidas nas casas de parentes, tornaram-se mão de obra destinada à exploração do trabalho doméstico.

Assim, ao experienciarem a vida na cidade grande, as Macabéas de Manaus passaram a relacionar a cidade com vivências topofóbicas, desenvolvendo sentimentos de repulsa em relação a esse espaço e atribuindo à experiência migratória a interrupção de seus sonhos e de seus planos para o futuro.

Foi o que aconteceu com a Macabéa da Infância Subtraída, que aos doze anos de idade, teve de cuidar dos serviços domésticos da casa da tia e de todos os seus primos. O futuro sonhado de cursar o Magistério no Instituto de Educação do Amazonas e tornar-se Professora ficou para trás. Ao comunicar à mãe, por meio de cartas, o sistema de exploração a que estava sendo submetida na casa da tia e ressaltar que somente podia frequentar a escola após concluir todas as tarefas domésticas, não conseguiu sensibilizá-la. A mãe apenas respondeu que a filha deveria se contentar, pois a vida de uma mulher é assim mesmo...

A naturalização da exploração da mão de obra de meninas-mulheres parece estar entranhada no cerne familiar, especialmente na normalização de um comportamento social interiorano em que meninas, ainda menores de idade, são enviadas para a casa de parentes ou conhecidos dos pais, na capital, para trabalhar. Muitas delas permaneceram nessas condições sem receber qualquer pagamento ou recompensa financeira por seus serviços, tendo acesso apenas à alimentação e à moradia.

Todavia, embora a experiência migrante dessas mulheres tenha sido inicialmente marcada pela exploração, pela ruptura e por vivências topofóbicas, o tempo revelou-se um

elemento fundamental para a transformação de sua relação com a cidade. Foi ao longo de suas trajetórias que as Macabéas de Manaus puderam ressignificar suas experiências migrantes e gradativamente, desenvolver vivências topofílicas na capital amazonense.

Contudo, esse processo de transformação, não se fez presente na trajetória de Macabéa Clariceana, visto que ela não teve tempo suficiente para ressignificar sua experiência na cidade do Rio de Janeiro, pois faleceu aos dezenove anos de idade.

No decorrer de nossas reflexões buscamos compreender, interpretar, descrever, refletir sobre o mundo vivido do ser migrante, que nos conduziram ao encontro com sujeitos que muitas vezes têm suas existências relacionadas a dados estatísticos. Ao dar voz às suas narrativas, evidenciamos experiências marcadas por interrupções educacionais, inserção precoce no trabalho, desigualdade de gênero e vulnerabilidades sociais, ainda assim, essas trajetórias são marcadas por resistência, coragem e reinvenção.

As narrativas das Macabéas de Manaus nos revelam uma pluralidade de experiências nas quais o sofrimento não anula a capacidade de ressignificação da vida. Histórias de retomada de estudos, de inserção em atividades laborais significativas e de reconstrução da autonomia, demonstram que o lugar pode ser (re)construído.

A conquista da alfabetização, por exemplo, ultrapassa o domínio da técnica da leitura e da escrita, simbolizando uma libertação, uma autonomia existencial como na experiência de vida da Macabéa das Letras.

Todavia, o trabalho na Feira emerge como elemento central na constituição das existências das Macabéas de Manaus, além de ser um meio de subsistência, é também uma forma de se inserirem no cotidiano urbano e construírem vínculos sociais. A escolha de permanecer ativa, trabalhando, mesmo experienciando a velhice cronológica, evidencia o desejo de pertencimento e participação na vida da cidade.

As memórias compartilhadas por essas mulheres, muitas vezes imersas em silenciamentos e dores, revelam um princípio de cuidado e de resistência, como nos expressou a Macabéa da Infância Subtraída: *“Se tem uma coisa que o sofrimento me ensinou, foi não causar sofrimento aos outros”*. Essa afirmação sintetiza a simbologia dessas trajetórias de vida, que mesmo diante das adversidades, produzem sentidos e valores.

Dessa forma, compreendemos que essas mulheres, embora, frequentemente se percebam como “simples”, são portadoras de uma profunda poética da existência. Suas narrativas evidenciam que a Literatura pode se manifestar através da oralidade, da memória e na experiência vivida.

Por fim, reconhecemos que as Macabéas de Manaus também são protagonistas desta pesquisa, contribuindo de maneira fundamental para a construção do conhecimento aqui apresentado. Suas histórias revelam, mesmo diante de contextos adversos que é possível reconstruir a vida, estabelecer vínculos e desenvolver o sentido de lugar e de pertencimento.

Em meio à dores e esperanças, suas trajetórias afirmam a beleza do existir e a capacidade humana de ressignificar o mundo, fazendo da cidade de destino seu lugar topofílico.

REFERÊNCIAS:

- ALMEIDA, M. G. de. Os cantos e encantamentos de uma geografia sertaneja de Patativa do Assaré. In: Marandola Jr. E.; Gratão, L. H. B. (orgs.). **Geografia e Literatura: Ensaio sobre geograficidade, poética e imaginação**. Londrina: EDUEL, 2010. 354 p.
- BACHELARD, G. **A poética do espaço**. Tradução Antônio de Pádua Danesi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BOSI, E. **Memória e sociedade: Lembranças de velhos**. 2ª. ed. EDUSP, São Paulo, 1987.
- BUTTIMER, A. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, A. **Perspectivas da Geografia**. 2ª. Ed. São Paulo: DIFEL, 1985.
- BRITO, F. **As migrações internas no Brasil: um ensaio sobre os desafios teóricos recentes**. Belo Horizonte: UFMG Cedeplar, Set. 2009. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/6227031.pdf>. Data de Acesso: 2024.
- BROSSEAU, M. Geografia e literatura. In: CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z., **Literatura, Música e Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.
- CANAL CLARICE LISPECTOR. **A matéria Clarice – José Miguel Wisnik**. Youtube, 2017. Disponível em: <<https://youtube.com/watch?v=PmAKOgaej04&t=2124s>>. Acesso: 02/02/26.
- CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Tradução: Maria Ferreira. São Paulo: Contexto, 2023.
- CANVA. **Canva: Canva para Professores** Secretaria de Estado de Educação, Desporto e Lazer do Amazonas. SEDUC/AM. 2026. Disponível em: <https://www.canva.com>. Acesso: dezembro de 2025.
- CARNEY, G. Música e Lugar. In: CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z., **Literatura, Música e Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.
- CAVALCANTE, T. V. **Geografia Literária em Rachel de Queiroz**. Fortaleza: Edições UFC, 2019.
- CORRÊA, R.L. CASTRO, I. N. GOMES, P.C.C; (Org.). Espaço: Um conceito-chave da Geografia. In: **Geografia: Conceitos e Temas**. 8º ed. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2009.
- CHRISTOFOLETTI, A. As Perspectivas dos Estudos Geográficos. In: CHRISTOFOLETTI, A. **Perspectivas da Geografia**. 2ª. Ed. São Paulo: DIFEL, 1985.
- DARDEL, E. **O homem e a Terra: Natureza da realidade geográfica**. Trad: Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- Entrevista de Clarice Lispector à Tv Cultura, Programa **Panorama Especial**, 1977. Disponível em: < https://cultura.uol.com.br/videos/5101_panorama-com-clarice-lispector.html>. Acesso em: 09/07/2024.

FERNANDES, F. M. **Tristes Fins de Policarpo Quaresma**: Brasil entre ficções geográficas no sertão/litoral. 2017. 347 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 5ª. Ed. Positivo: Curitiba, 2014.

FREITAS, R. A. de. **Lugaridades Topofóbicas na trajetória de Macabéa**. Rio de Janeiro: UFRJ Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2022.

GEORGE, P. **Geografia da População**. São Paulo/ Rio de Janeiro: DIFEL. Difusão Editorial S.A. 1978.

GOTLIB, N. B. **Clarice**: Uma vida que se conta. 5ª. Edição. São Paulo. Ed. Ática, 1995.

GRATÃO, L.H. B. Por entre becos e versos – a poética da cidade vi(vi)da de Cora Coralina. In: MARANDOLA JR, E.; GRATÃO, L. H. B.; (orgs.). **Geografia e Literatura**: Ensaio sobre geograficidade, poética e imaginação. Londrina: EDUEL, 2010. 354 p.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução: Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2006.

HOEFLE, S. W. Epistemologia e Teoria Cultural In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Geografia Cultural uma Antologia**: Volume I. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

HOLZER, W. Mundo e Lugar: Ensaio de Geografia Fenomenológica. In: MARANDOLA JÚNIOR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L.; **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia e fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014.

LINS, O. **Lima Barreto e o Espaço Romanesco**. São Paulo: Editora Ática, 1976.

LISPECTOR, C. **A Hora da Estrela**: Edição com manuscritos e ensaios inéditos de Clarice Lispector. 1º ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

LISPECTOR, C. **Clarice e Outros Escritos**. MONTERO, T. MANZO, L. (Org.). Rio de Janeiro. Editora Rocco Digital, 2005.

MARANDOLA JR., E.; Lugar enquanto Circunstancialidade. In: MARANDOLA JÚNIOR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L.; **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia e fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014.

MARANDOLA JR., E.; GRATÃO, L. H. B. Geograficidade, Poética e Imaginação. In: MARANDOLA JR., E.; GRATÃO, L. H. B.; (orgs.). **Geografia e Literatura**: Ensaio sobre geograficidade, poética e imaginação. Londrina: EDUEL, 2010. 354 p.

MARANDOLA JR., E.; DAL GALLO, P.M. Ser migrante: Implicações territoriais e existenciais da migração. **Revista Brasileira de Estudos de População**. Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 407-424, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://recep.org.br/revista/article/view/108/pdf_102>. Acesso em: 15/01/2025.

MARANDOLA JR., E.; OLIVEIRA, L.; Geograficidade e Espacialidade na Literatura. **GEOGRAFIA**. Rio Claro, v.34, n. 3, p. 487-508, set.-dez. 2009. Disponível em: <<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/4795/3949>>. Acesso em: 05/07/2025.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.

MELLO, J. B. F. O Triunfo do Lugar Sobre o Espaço. In: MARANDOLA JÚNIOR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L.; **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia e fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014.

MIGRANTES INTERNOS EM MANAUS. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em: < <http://ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 2026.

MONTERO, T. **O Rio de Clarice**: Passeio afetivo pela cidade. 1ª. Edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MONTEIRO, C. A. F. **O Mapa e Trama**: Ensaio sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas. Florianópolis. Editora da UFSC, 2002, 242, p.

NOGUEIRA, A. R. B. **Percepção e representação gráfica**: A “Geograficidade” nos Mapas Mentais dos comandantes de embarcações no Amazonas. Manaus, EDUA 2014.

NUNES, B. **O Drama da Linguagem**: Uma leitura de Clarice Lispector. 2ª. Ed. São Paulo; Editora Ática, 1992.

OLIVEIRA, L. de. O Sentido de Lugar. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L.; **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia e fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014.

POLLAK, M. **Memória e identidade social**. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

RELPH, E. Reflexões Sobre a Emergência, Aspectos e Essência de Lugar. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (Organizadores). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia e fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014.

RELPH, E. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**. V.4, n.7, p.1-25, 1979.

RICOEUR, P. **Tempo e Narrativa** volume III. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2014.

SAUER, C. O. **A Morfologia da Paisagem**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Organizadores). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

SILVA, D. da. **Migração e Música**: Memórias afetivas revividas pelas canções dos lugares. 1ª Edição. São Paulo: Dialética, 2022.

SILVA, W. B. **Ecos da Periferia:** Vozes que narram Histórias da Comunidade Valparaíso-Manaus/AM. Dissertação de Mestrado Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Universidade do Estado do Amazonas (UEA). 2025/125 p.

SILVA, S. A. da. Migrantes na cidade de Manaus: processos de inserção na metrópole e mudanças socioculturais. In: SILVA, Sidney Antonio da. **Migrantes em contextos urbanos:** uma abordagem interdisciplinar. Manaus, EDUA 2010.

SORRE, M. **Geografia.** Januário F. Megale (Org.). Tradução: Januário F. Megale, Maria Cecília França e Moacyr Marques. São Paulo: Ed. Ática, 1984.

SOUZA, J. A. de. **O Espaço Romanesco em Narrativas Ficcionalis de Paulo Jacob:** Topoanálise e Geograficidade. 2012. 288. f. Tese (Doutorado Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia – Universidade Federal do Amazonas (UFAM) Manaus, 2021.

SUZUKI, J. C. Geografia e Literatura: Abordagens e Enfoques Contemporâneos. Revista do **Centro de Pesquisa e Formação.** Nº. 5. Set. 2017. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4246745/mod_resource/content/1/J%C3%BAlio%20C%C3%A9sar%20Suzuki%20- pdf. Acesso: junho/2025.

SUZUKI, J. C. O Poeta, a cidade e o esfacelamento do indivíduo na modernidade: uma leitura de “A rosa do povo”. In: MARANDOLA JR., E.; GRATÃO, L. H. B.; (orgs.). **Geografia e Literatura:** Ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação. Londrina: EDUEL, 2010. 354 p.

THOMPSON, P. **A voz do passado** – História Oral. 2. edição. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia:** Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: EDUEL, 2012.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar:** A Perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: EDUEL, 2013.

TUAN, Yi-Fu. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (Organizador). **Perspectivas da Geografia.** 2^a. Ed. São Paulo: DIFEL, 1985.

ANEXOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS- UFAM
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS-IFCHS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA-DEGEO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA-PPGEOG
DOUTORADO ACADÊMICO EM GEOGRAFIA

COLABORADORAS: MACABÉAS DE MANAUS

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

- ✦ Onde você nasceu?
- ✦ Faz quanto tempo que você mora em Manaus?
- ✦ Por que você veio para Manaus?
- ✦ O que você sente por Manaus?
- ✦ Foi fácil ou difícil se acostumar a viver em Manaus?
- ✦ Você conhece outras feirantes que sejam naturais do interior do Amazonas, ou de outras cidades do Brasil?

REGISTROS AFETIVOS VIVENCIADOS NO DECORRER DA CONSTRUÇÃO DA PESQUISA:

FIGURA 33—MOMENTO DE DIÁLOGO COM O SERVIDOR DO IBGE/MANAUS, SR. ADJALMA NOGUEIRA JACQUES



Fonte: Acervo da Autora (2023).

FIGURA 34—MOMENTO DE DIÁLOGO COM A BIÓGRAFA DE CLARICE LISPECTOR, PROFA. DRA. TERESA MONTERO



Fonte: Acervo da Autora (2024).

FIGURA 35–MOMENTO DE DIÁLOGO COM O PROF. DR. EGUIMAR FELÍCIO CHAVEIRO



Fonte: Acervo da Autora (2024).

FIGURA 36–MOMENTO DE DIÁLOGO COM O PROF. DR. FELIPE MOURA FERNANDES



Fonte: Acervo da Autora (2024).

**FIGURA 37– ENCONTRO COM A VIVÊNCIA DE CLARICE LISPECTOR:
HALL DO PRÉDIO ONDE A ESCRITORA MOROU**



Fonte: Acervo da Autora (2024).

**FIGURA 39– ATIVIDADE DE CAMPO DO SIMPÓSIO INTERNACIONAL
GEOGRAFIA LITERATURA E ARTE, CONDUZIDO POR TERESA
MONTERO**



Fonte: Acervo da Autora (2024).

FIGURA 40 – ATIVIDADE DE CAMPO DO SIMPÓSIO INTERNACIONAL GEOGRAFIA LITERATURA E ARTE, CONDUZIDO POR TERESA MONTERO



Fonte: Adriana Carvalho Silva, 2024.

FIGURA 41 – MOMENTO DE DIÁLOGO COM MACABÉA DA INFÂNCIA SUBTRAÍDA



Fonte: Acervo da Autora (2024).

FIGURA 42 – MOMENTO DE DIÁLOGO COM MACABÉA DO CUIDADO PATERNO



Fonte: Acervo da Autora (2024).

Figura 43 – REGISTRO DA SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DA TESE DE DOUTORADO COM A BANCA EXAMINADORA



Da esquerda para a direita: Dalila da Silva (Autora); Profa. Dra. Adriana Silva (UFRRJ); Prof. Dr. Jamescley de Souza (SEMED/Manaus); Profa. Dra. Amélia Nogueira (Presidente); Profa. Dra. Paola Santana (UFAM); Prof. Dr. Marcos Castro de Lima (UFAM). Fonte: Acervo da Autora (2026).